

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

ISABELLE DE LUNA ALENCAR NORONHA

FUNDAÇÃO CASA GRANDE - MEMORIAL DO HOMEM KARIRI: COTIDIANO,
SABERES, FAZERES E AS INTERFACES COM A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

João Pessoa
2008

ISABELLE DE LUNA ALENCAR NORONHA

FUNDAÇÃO CASA GRANDE - MEMORIAL DO HOMEM KARIRI: COTIDIANO,
SABERES, FAZERES E AS INTERFACES COM A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Dissertação apresentada ao programa de Pós-
Graduação em Educação Popular,
Comunicação e Cultura, da Universidade
Federal da Paraíba, para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cláudia Engler Cury

João Pessoa
2008

N852f Noronha, Isabelle de Luna Alencar.

Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri:
cotidiano, saberes, fazeres e as interfaces com a educação
patrimonial / Isabelle de Luna Alencar Noronha. - - João Pessoa:
UFPB, 2008.

270f. : il.

Orientadora: Cláudia Engler Cury.

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE, Programa de Pós Graduação
em Educação Popular, Comunicação e Cultura.

1.Educação. 2. Educação não-formal. 3. Patrimônio cultural
4.Fundação Casa Grande- Ceará. 5. História Oral.

UFPB/BC

CDU: 37(043)

ISABELLE DE LUNA ALENCAR NORONHA

FUNDAÇÃO CASA GRANDE - MEMORIAL DO HOMEM KARIRI: COTIDIANO,
SABERES, FAZERES E AS INTERFACES COM A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Dissertação apresentada à Universidade
Federal da Paraíba, como requisito final para
obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cláudia Engler Cury

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA - UFPB

Profa. Dra. Mauricéia Ananias

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

Profa. Dra. Ana Maria Iório Dias

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

A todos e todas que sem perder a capacidade de sonhar trabalham em favor da construção de uma sociedade menos injusta.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre complicado, pois corremos o risco de cometer injustiças, esquecendo nomes. Então, inicio agradecendo a todos e a todas que contribuíram direta ou indiretamente com esta pesquisa e passo a nomear aqueles e aquelas que foram fundamentais neste processo:

O meu marido Tiago Noronha, por tanta dedicação, amizade, amor e cumplicidade. Esta conquista é nossa!

À minha orientadora, a professora doutora Cláudia Cury, que me acolheu com carinho, orientou-me com seriedade e competência e me deu sua amizade. Não existem palavras que possam traduzir tanto apoio e dedicação. Obrigada!

À professora doutora Mauricéia Ananias, pelas muitas vezes que me acolheu, pela amizade, carinho e valiosíssimas contribuições a este trabalho.

À Professora doutora Ana Iório Dias que gentilmente aceitou o nosso convite e muito contribuiu com este trabalho, participando da banca avaliadora.

Aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, Antônio Carlos e Adelaide, agora também ao professor Charlton, pela segurança e competência com a qual conduzem este curso e pelos saberes compartilhados.

À Rosilene, secretária do curso, sempre ajudando todo mundo, desempenhando sua função com competência, eficiência e respeito ao outro. Obrigada pelo apoio, carinho e amizade.

A Alembert e Rosiane, por me abrirem as portas da Fundação Casa Grande, permitindo que esta pesquisa fosse realizada em seu interior.

Aos meninos e meninas, funcionários, especialmente a Charmene, pais e amigos da Fundação Casa Grande e também às pessoas da comunidade de Nova Olinda. Sem a ajuda de vocês, não seria possível a realização deste trabalho. Valeu a convivência!

À minha família, Getúlio, Inês, Magdala, Renato e Erlane, pela compreensão e por tantas vezes que me ajudaram, divido esta conquista com vocês.

Aos meus sogros, Lirêda e Valdemar, pelo apoio afetivo e intelectual. Obrigada!

Ao meu cunhado, Rafael Noronha.

À Margarida, Abenildo, Poliana, Paulo André, Paulo Henrique e Luana por tantos momentos agradáveis e por todas as vezes que me prestaram ajuda nessa cidade que vocês me apresentaram e que aprendi a amar.

Aos meus colegas de turma, especialmente a Rita Cristiana, Sandra, Cristiane, Vivian, Fernando, Geisio, Mônica, Marijane, por tantos momentos de aprendizado comum. Levarei um pouco de cada um de vocês comigo. Afinal, crescemos juntos/as.

Aos amigos Ewerton, Guilherme, Cláudia e Clécia, valeu o apoio que me deram.

Aos meus colegas professores da URCA, especialmente a Clara, Zuleide e Maria Isa.

Por todos e por tudo, agradeço a Deus!

Deve ter alamedas verdes
A cidade dos meus amores
E, quem dera, os moradores
E o prefeito e os varredores
E os pintores e os vendedores
As senhoras e os senhores
E os guardas e os inspetores
Fossem somente crianças.”

(A Cidade Ideal – Composição:
Enriquez/Bardotti/Chico Buarque de Holanda)

RESUMO

A presente pesquisa discute as práticas educativas da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, uma organização não-governamental - ONG, que trabalha com educação, comunicação, arte e cultura no interior do estado do Ceará. Compõe-se de um estudo bibliográfico e etnográfico, tendo por referencial teórico-metodológico a História Oral. No decorrer desse trabalho, procurou-se entender como uma ONG, que tem por peculiaridade o fato de ser gerida por crianças, adolescentes e jovens protagonistas dos processos de ensino e de aprendizagem que desenvolvem, conseguiu, ao longo de seus quinze anos de existência, constituir-se como um consistente projeto educativo, atraindo para si os olhares do mundo. Para tanto, foi necessária uma incursão no complexo mundo das ONGs e também nas políticas nacionais e estaduais de incentivo à cultura. Localizamos as interfaces da educação não-formal na Fundação Casa Grande, com a educação patrimonial, posto que a ONG trabalha com a cultura local, pesquisando, valorizando e cuidando da arqueologia da região do Cariri Cearense. A educação patrimonial presente nos saberes e fazeres cotidianos da Fundação Casa Grande propicia aos meninos e meninas o desenvolvimento de um sentimento de pertença que, ao longo de suas vidas, pode se traduzir em práticas de cidadania consciente e atuante na preservação do patrimônio material e imaterial na região do Cariri cearense.

Palavras-chave: educação não-formal, patrimônio cultural, Fundação Casa Grande.

ABSTRACT

The following research paper discusses the educational practices of Casa Grande Foundation – Homem Kariri Memorial, a NGO that works with education, communication, art and culture in the countryside of Ceará State. It consists of a bibliographical and ethnographical study, whose theoretical-methodological referential is the Oral History. During this work, it was searched to understand how a NGO, like Casa Grande Foundation, which is known for the fact that is managed by children, teenagers and young, who are protagonists of their teaching and learning processes, got the success as a consistent educational project, attracting the eyes of the world for it, over its fifteen years of existence. For this, an incursion was necessary in the complex world of NGOs and in the national and state policies of incentive to culture. We locate the interfaces of non-formal education in Casa Grande Foundation, with the patrimonial education, because it works with the local culture through researches, valorization and caring of Cariri Region Archeology, in Ceará. The patrimonial education in the everyday Casa Grande Foundation's knowledge and creations propitiate the development in boys and girls the feeling of making part a place, which can be reflected in practices of conscious and active citizenship for the preservation of immaterial and material patrimony in Cariri Region, Ceará, throughout their lives.

Keywords: Non-formal education, cultural patrimony, Casa Grande Foundation.

LISTA DE SIGLAS

ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais
ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações
ANDI – Agência Nacional de Notícias dos Direitos da Infância.
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.
CEMPRE – Cadastro Central de Empresas.
CEP – Rede de Experiências em Comunicação, Educação e Participação.
CEPP- Centro de Estudos de Políticas Públicas.
CETS – Centro de Estudos do Terceiro Setor.
COOPAGRAN – Cooperativa de Pais e Amigos da Casa Grande.
DC – Diário de Campo
ECA – Escola de Comunicação e Artes/USP
FCG – Fundação Casa Grande.
FEC – Fundo Estadual de Cultura.
FGV – Fundação Getúlio Vargas.
FICART – Fundo de Investimento cultural e Artístico
FLONA – Floresta Nacional do Araripe
FNC – Fundo Nacional de Cultura.
GIFE – Grupos de Institutos, Fundações e Empresas
HQs– histórias em quadrinhos
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
ICMS - Imposto sobre operações relativas à circulação de mercadorias e sobre prestações de serviço de transporte interestadual e intermunicipal e de comunicação.
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano.
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educação.
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
MEC – Ministério da Educação.
MinC- Ministério da Cultura.
MPB – Música Popular Brasileira
NCE – Núcleo de Comunicação e Educação/USP

ONG – Organização Não-Governamental.

ONU – Organização das Nações Unidas.

PARC – Programa de Assessoria das Rádios Comunitárias do Ceará.

PIB - Produto Interno Bruto.

PNPI – Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

PRONAC – Programa Nacional de Apoio a Cultura.

REDUCOM - Rede de Educação pela Comunicação

SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância.

URCA – Universidade Regional do Cariri

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. FUNDAÇÃO CASA GRANDE – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI.....	32
1.1. Entre contos e olhares a história se faz	32
1.2. As organizações não-governamentais e a educação não-formal: um sobrevôo no chamado terceiro setor	40
1.3. As conquistas: crianças, espaços e parceiros.....	51
2. CASA GRANDE, ESPAÇO EDUCATIVO NÃO-FORMAL	79
2.1. Os espaços de aprendizagem: Memória, Comunicação, Artes e Turismo	90
2.2. Aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser na FCG.....	122
2.3. As relações da Casa Grande com a cidade e a comunidade de Nova Olinda.....	129
3. EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E AS INTERFACES COM O PATRIMÔNIO CULTURAL.....	136
3.1 A FCG como bem cultural: local de salvaguarda e de difusão de valores culturais	136
3.2 A aprendizagem através de projetos e as interfaces com a educação patrimonial	166
3.3 Educação, identidade e cultura: ser um “menino” ou uma “menina” da FCG.....	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
REFERÊNCIAS	191
APÊNDICE	211
ANEXOS	214

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho de pesquisa é refletir sobre as práticas educativas da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, uma Organização Não-Governamental situada em Nova Olinda no interior do Ceará.

A escolha da Fundação Casa Grande deu-se em virtude do nosso envolvimento profissional com esta instituição, possibilitado ao longo de seis anos, durante os quais mantivemos constantes visitas com os nossos alunos da graduação em Pedagogia, da Universidade Regional do Cariri – URCA.

As visitas possibilitaram, além do conhecimento da Fundação Casa Grande e da experiência educativa nela realizada, a perspectiva de municiar os futuros pedagogos no trabalho com os conteúdos do ensino de História (história local e do cotidiano e história das organizações populacionais) e com as diversas possibilidades de metodologias de ensino (estudo do meio, leitura e interpretação de fontes), no Ensino Fundamental, conforme as orientações especificadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Objetivavam ainda uma formação profissional dos pedagogos que levasse em conta a articulação entre a educação formal, informal e não-formal nos seus contextos educacionais de atuação.

Segundo Gohn (2005), a educação não formal, até os anos 1980, foi tida como um campo de menor importância tanto entre os educadores quanto para as políticas públicas. Foi a partir dos anos 1990 que ela passou a ter destaque em decorrência das mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho. Também contribuíram para a configuração de um novo campo para a educação não-formal. Além dos estudiosos, as agências e organismos internacionais, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. Para estes organismos internacionais, o conceito de educação não-formal está atrelado ao conceito de educação ao longo de toda a vida e/ou educação permanente. Sendo o princípio de educação permanente pedra angular na constituição de uma “cidade educativa”, expresso no Relatório da UNESCO coordenado por Edgar Faure (1972), e publicado, há mais de trinta anos, com o título “Aprender a Ser”. Tal princípio de educação ao longo da vida e/ou educação permanente foi retomado no Relatório “Educação: um Tesouro a Descobrir”, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, também da UNESCO, sob a coordenação de Jacques Delors (2000), conforme podemos acompanhar nas citações abaixo:

Em vez de se delegar poderes a uma estrutura única, verticalmente hierarquizada e constituindo um corpo distinto no interior da sociedade, são todos os grupos, associações, sindicatos, coletividades locais, corpos intermediários que devem encarregar-se, pela sua parte, duma responsabilidade educativa... (FAURE, 1972, p. 248-249)

A educação ao longo de toda a vida não é um ideal longínquo, mas uma realidade que tende, cada vez mais, a inscrever-se nos fatos, no seio de uma paisagem educativa complexa, marcada por um conjunto de alterações que a tornam cada vez mais necessária. Para conseguir organizá-la, é preciso deixar de considerar as diferentes formas de ensino e aprendizagem como independentes umas das outras e, de alguma maneira, sobrepostas ou concorrentes entre si, e procurar, pelo contrário, valorizar a complementaridade dos espaços e tempos da educação moderna. (DELORS, 2000, p. 104)

Assim, uma das metas dos organismos internacionais é o estabelecimento de vínculos entre as instituições da sociedade civil e as escolas da rede oficial, visando ao atendimento de crianças em situações de “exclusão social”. Em termos de ideais educativos, os objetivos expressos nos relatórios supracitados coadunam-se e são úteis a um projeto de desenvolvimento nacional dependente, mesmo em tempos históricos diferenciados, mas não dão conta do universo conceitual da educação não-formal.

Em Afonso (1989), encontramos que a educação não-formal é definida como aquela que, embora tenha uma estrutura e uma organização e possa levar a uma certificação, difere da educação formal (escolar) e informal (que inclui todas as experiências de vida), no que diz respeito à flexibilidade quanto ao tempo, conteúdo, agrupamentos por faixas etárias e ao local.

Para Gohn (2005), a educação não-formal designa um processo com quatro campos ou dimensões: envolve a aprendizagem política dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação para o trabalho, a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitem os envolvidos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados à solução de problemas coletivos cotidianos; aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal em espaços e tempos diferenciados.

Com essas conceituações, propusemo-nos, nesta pesquisa, a estudar as ações educativas da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, que é um espaço de educação não-formal em que a prática disciplinar faz-se presente como força propulsora de suas ações. Várias questões foram surgindo à medida em que a pesquisa foi se desenvolvendo, como, por exemplo: como disciplinar, se a educação não-formal, conforme os autores acima citados, implica em relações mais flexíveis com relação ao tempo e aos processos de ensino e de aprendizagem? Parece uma equação matemática de difícil resolução. O fato é que, ao imergirmos no cotidiano da Fundação Casa Grande, percebemos que suas práticas educativas são engendradas a partir do que chamaremos inicialmente de “eixo disciplinar”.

Constatamos ao longo nosso percurso, que as práticas educativas da Fundação Casa Grande estavam atreladas aos preceitos da educação patrimonial, que para o Instituto do Patrimônio Histórico e artístico Nacional – IPHAN, consiste em um “processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural”. No contexto do Cariri Cearense e mais especificamente na cidade de Nova Olinda, este trabalho se efetiva na citada ONG imbuído de características: econômica, cultural e educativa.

Vários fatores instigaram-nos na tentativa de desvelar as práticas educativas da Fundação Casa Grande. O primeiro deles é o fato de que, gerida por crianças, jovens e adolescentes, esta ONG mostra-se como um consistente projeto que engloba educação, comunicação e cultura num espaço dinâmico em que a criatividade pode germinar e frutificar com velocidade e segurança entre seus membros.

É inevitável não compararmos o espaço educativo da Fundação Casa Grande com a escola da Ponte¹, que o prof. Rubem Alves (2006) classificou como “A escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir”. Com a poesia que lhe é própria na escrita, ele descreve as práticas educativas da Escola da Ponte, destacando que nelas estão presentes o “sentimento de pertença” a uma comunidade, a ética que “silenciosamente” perpassa as relações de ensino e de aprendizagem. Enfatiza que os conteúdos são construídos no dia-a-dia a partir das necessidades e interesses do educando, de maneira que o saber flui nas relações não hierárquicas entre aqueles que fazem esta escola:

“Estou a escrever um texto para os miúdos” – foi o que ela disse. Na escola da Ponte é assim. As crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. Isso não é exceção. É rotina do dia-a-dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão aprendendo valores. (ALVES, 2006, p. 43).

A “rotina do dia-a-dia” da Fundação Casa Grande mostra semelhanças com a experiência portuguesa supracitada e vai além, principalmente no que concerne ao protagonismo infantil. A primeira grande impressão do visitante é deparar-se com crianças e jovens no comando de ações que, convencionalmente, seriam próprias de adultos, tais como apresentar programas de rádio ou organizar pessoas no teatro, filmar e editar vídeos, escrever e editar revistas em quadrinhos...

¹ Situada na Vila das Aves (Conselho de Santo Tirso) Portugal

A primeira grande surpresa que espera o visitante da Ponte é a aparente subversão de um conjunto de mecanismos e rituais que nos fomos habituando a associar à organização e ao funcionamento de uma escola. Na Ponte, tudo ou quase tudo parece obedecer à outra lógica. Não há aulas. Não há fichas ou testes elaborados pelos professores para a avaliação dos alunos. Não há manuais escolares e, menos ainda, manuais únicos para todos os alunos. Não há toques de campainha ou de sineta. Em certos momentos, o observador mais distraído até poderá supor que, naquela escola, não há professores, de tal modo eles se confundem com os alunos ou são (ou parecem ser) desnecessários... (ALVES, 2006, p. 17)

A citação acima nos remete à incredulidade ou à admiração. Alves (2006) fala de uma instituição escolar, mas, como imaginar uma escola assim? A Fundação Casa Grande causa impacto semelhante. Estamos falando, no entanto, de uma organização não-governamental (ONG), em que tudo parece funcionar com uma lógica invisível, uma mão oculta engendrando um espaço que não pára de crescer e de se modificar.

Dos “meninos”² e “meninas” que freqüentam e/ou freqüentaram a Fundação Casa Grande ao longo de sua existência, muitos cresceram junto com ela e, por algum motivo, permaneceram. Hoje, são jovens, alguns universitários, outros formados, que continuam a construir, com trabalho e dedicação, seus espaços coletivos de aprendizagem. Outros, por motivos diversos, não continuaram, resolveram ou foram instigados a seguir por outros caminhos, no entanto, por certo período de tempo, imprimiram na Casa suas existências e também foram marcados por ela.

A Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri abriga um museu, uma rádio FM, aparelhos televisivos com ilha de edição, laboratório de Internet, alojamentos, pousadas domiciliares, um teatro, um parque, uma editora, DVDteca, gibiteca, biblioteca, discoteca. Trabalha com educação patrimonial e funciona com o apoio do Estado (Governo Federal e Estadual), da UNESCO, do UNICEF, dentre outros parceiros nacionais e internacionais e se apresenta como uma “Escola” de “Gestão Cultural” e de “Comunicação para a Meninada do Sertão”.

A sua estrutura arquitetônica e educacional foi/está sendo construída ao longo dos seus quinze anos (completados em dezembro de 2007). Escolhemos algumas fotos feitas pela pesquisadora para ajudar/apresentar ao leitor o espaço sobre o qual nos debruçamos ao longo da pesquisa:

² É assim que são chamadas as crianças, adolescentes e jovens que freqüentam a FCG independentemente de sexo ou idade.

a) Espaços Externos:



Foto 01 - Vista externa da Casa Grande que abriga o memorial do Homem Kariri - arquivo pessoal da pesquisadora - 09/03/2007.



Foto 02 - Vista externa do 1º grupo escolar da cidade – espaço incorporado à ONG, em que, atualmente, funcionam a DVDteca, Gibiteca, Biblioteca e a Escolinha de Iniciação – arquivo pessoal da pesquisadora – 16/04/2007.



Foto 03 - Vista externa do Teatro Violeta Arraes - arquivo pessoal da pesquisadora – 16/04/2007.

b) Espaços internos:



Foto 04 - Vista interna do parque de diversões – arquivo pessoal da pesquisadora – 16/04/2007.



Foto 05 - Vista interna do pátio coberto. Do lado contrário ao parque, podemos observar: alojamentos, sala da editora e internet – Arquivo pessoal da pesquisadora – 05/07/2008.



Foto 06 - Espaço da lojinha vista do interior do pátio coberto - Arquivo pessoal da pesquisadora – 16/02/2008.



Foto 07 - Vista interna do Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas - arquivo pessoal da pesquisadora – 26/09/2007



Foto 08 - Vista interna do museu: Memorial do Homem Kariri - arquivo pessoal da pesquisadora 22/08/2007



Foto 09 - Vista interna do Laboratório de informática - arquivo pessoal da pesquisadora – 26/10/2007



Foto 10 - Espaço interno da sala da TV, ilha de edição – arquivo pessoal da pesquisadora - 16/02/2008



Foto 11 - Espaço interno da gibiteca – arquivo pessoal da pesquisadora – 16/02/2008



Foto 12 - Vista interna: entrada da rádio – arquivo pessoal da pesquisadora – 05/07/2007

As fotografias (01-12) buscam trazer para o leitor, inicialmente, a idéia do ambiente em que esta pesquisa insere-se. O local abriga ainda uma biblioteca, uma sala de cinema para pequenos grupos e DVDteca, dentre outros espaços, indicando que, neste lugar educativo, o lúdico (espaços de lazer) e o conhecimento (espaços de pesquisa) entrelaçam-se e se encontram, o que nos leva a imaginar o quanto pode ser significativo em termos de possibilidade de experiências qualitativamente positivas para quem dele usufrui.

O espaço permite-nos perceber, mesmo que parcialmente, a cultura de quem o habita, e pode muito dizer sobre a prática e os preceitos educativos que o permeiam. Na visão de Frago e Escolano (2001), o espaço escolar é parte do currículo oculto da instituição, sendo dotado de significados. Ele pode impor, por exemplo, leis, como as organizações disciplinares. Para Foucault (1987), a disciplina procede, em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço, utilizando algumas técnicas como a cerca, a clausura, a regra das localizações funcionais e a posição na fila. A preocupação com o espaço no âmbito educativo não é recente. Anísio Teixeira (2000), ao criar na Bahia o Centro Educacional Carneiro Ribeiro³, pensou em um espaço que, aliado a outros meios, pudesse proporcionar uma educação integral. Freinet (2001), quando pensou na construção de uma “escola para o povo”, também idealizou seus espaços, como mobiliário, iluminação e material de trabalho, inclusive para a realização de oficinas, posto que este autor ressalta, em sua obra, a importância de não desvencilhar trabalho manual de trabalho intelectual.

É no espaço familiar, nas residências que a criança vive suas primeiras experiências culturais. sendo de grande importância no seu desenvolvimento físico e mental. É no espaço social que se constroem as relações e as instituições que também ensinam. Vigotsky (1991) argumenta que todo aprendizado é necessariamente mediado, é interagindo com o meio físico e social que a criança aprende.

Como apreender a dinâmica do espaço da Fundação Casa Grande? Como compreender e teorizar suas práticas educativas? Um ambiente tão amplo exige do pesquisador/pesquisadora uma definição de critérios, o que só se fez possível a partir de um mergulho no ambiente pesquisado, com visitas constantes e permanência no local em pousada domiciliar.

³ Inaugurado em 21 de outubro de 1950. Sugerimos para aprofundamento do tema a leitura de “Uma Experiência de Educação Integral”, de Teresinha Eboli. Mais recentemente (década de 1980), dentre outras experiências, têm-se as construções dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) no Estado do Rio de Janeiro.

A Fundação Casa Grande situa-se numa pequena cidade de área de 289,4 km², com uma população de 10.752 habitantes, dos quais 5.072 residem na zona rural. Segundo dados do INEP/MEC (2006), Nova Olinda possui 25 escolas, sendo 16 na zona rural, 09 escolas na zona urbana, das quais três pertencem à iniciativa particular. Sua taxa de analfabetismo, entre a população de 15 anos ou mais, é de 34,2% e, de 10 a 15 anos, 11,8% não possuem creches. A cidade possui ainda 400 alunos matriculados na pré-escola, que são 14, sendo 02 na zona urbana. Tais dados demonstram ser o município essencialmente rural.



Foto 13 - Vista da entrada da cidade de Nova Olinda - arquivo pessoal da pesquisadora – 16/02/2008

A maioria das famílias vive basicamente do trabalho da agricultura de subsistência e/ou do trabalho nas indústrias de gesso. Outrossim, o artesanato é uma atividade presente no município, sendo, por vezes, a única fonte de renda da família ou a complementação desta. Os pais dos meninos que freqüentam a Fundação Casa Grande não fogem desta realidade, tendo também outras profissões, como a de professores, pedreiros e garis.

A maior cidade com a qual Nova Olinda faz ligação é o Crato, a 43 Km de distância, o sistema de transporte são as “topiques”, carros de lotação dos próprios habitantes ou de cidades vizinhas como Araripe e Potengi.

A participação nas atividades da Fundação Casa Grande está atrelada à participação escolar, isto é, o grupo social que freqüenta a Casa (crianças, adolescentes e jovens) deve obrigatoriamente estar matriculado na rede formal de ensino. O período de tempo que os grupos passam na Fundação Casa Grande depende do ensino formal. Quem estiver na escola pela manhã vai para o projeto à tarde e quem estuda à tarde vai pela manhã, no entanto, o espaço é ocupado até a noite. Inclusive, há membros que dormem lá.

Em conferência realizada no Museu de Arte, em São Paulo, no ano de 1995⁴, Hobsbawm, fazendo referência a sua obra “A era dos extremos”, relacionou os problemas de se escrever o tempo presente, dentre eles um nos é particular, que é “o padrão geral de nossas idéias sobre o nosso tempo que se impõe em nossas observações”. Superá-lo é um dos desafios propostos, já que o recorte temporal se fez na década de 1990 quando se iniciou a história da fundação até o tempo presente.

Assim, o trabalho aqui proposto/desenvolvido volta-se às experiências e vivências dos indivíduos que participam e constroem as práticas educativas no cotidiano da Fundação Casa Grande. Tais práticas revelaram ao longo do percurso de nossa pesquisa um vínculo com a região do Cariri cearense estabelecido via educação patrimonial

A variedade e multiplicidade dos saberes e fazeres da Fundação Casa Grande são construídos cotidianamente em meio ao contexto no qual a ONG está inserida.

De acordo com Damasceno (2003) é da esfera do cotidiano que deriva todo saber, seja “de experiência feito”, seja científico, todos brotam do saber empírico,

Face à sua profunda inserção histórica, a vida real constitui o germe de toda atividade humana, pois é neste contexto que emerge as grandes decisões, as ações importantes, seja dos movimentos sociais, seja das esferas de governo. Encontra-se também nas relações sociais, que têm lugar na vida cotidiana a matriz primeira do processo de produção do saber. (DAMASCENO, 2003, p. 49)

Os sentidos dos saberes, no entanto, são construídos a partir de uma cultura, envolve valores e interações sociais, que se constituem em motor da aprendizagem prática e do desenvolvimento de teorias. Assim, observamos que a construção de saberes significativos não pode se dá no vazio de teorias e de práticas, mas na relação teórico-prática em que os atores sociais se movem.

No caso específico da Fundação Casa Grande, no contexto do Cariri cearense, ao tempo em que meninos e meninas aprendem e praticam também, teorizam o seus fazeres.

Tomados como objeto de análise, na seleção do corpo documental, foram utilizadas, nesta pesquisa, as seguintes fontes impressas: revistas e jornais de circulação local, estadual, nacional e internacional; documentos da instituição, trabalhos acadêmicos que tiveram como foco de análise a Fundação Casa Grande, leis e decretos oficiais. As fontes digitais consultadas foram: *site* da Fundação Casa Grande, *sites* de organismos governamentais - Ministério da Cultura (MinC), Ministério da Educação (MEC), Instituto Nacional de Estudos

⁴ Revista Novos Estudos, N.º 43, tradução de Heloísa Buarque de Almeida. Texto: “O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo” – Eric. J. Hobsbawm.

e Pesquisas Educacionais - INEP e *sites* de Organismos Internacionais - UNESCO, UNICEF. As fontes iconográficas tomadas como referência são: registros presentes na própria instituição, signos e símbolos que ajudam na melhor compreensão da história do objeto de estudo. Como fontes orais, utilizaram-se grupos de discussão, entrevistas semi-estruturadas (ver roteiro no apêndice A) e a utilização do diário de campo (D.C.), dentre outras.

Inicialmente optamos por entrevistar dezessete pessoas, que dentre outros aspectos deveria ter ou ter tido uma atuação significativa na/ou em relação à Fundação Casa Grande: os fundadores, prefeito; ex-prefeito; padre⁵; funcionários e ex-funcionários; duas crianças da ONG, duas crianças que por algum motivo já não pertenciam a ONG; dois pais que tiveram seus filhos na ONG, dois que ainda estavam com seus filhos na ONG e pertenciam/pertencem a Cooperativa de Pais e Amigos da Fundação Casa Grande- COOPAGRAN; professores da rede municipal que ensinam aos meninos e meninas da ONG; adolescentes e jovens da ONG, bem como dois ex-integrantes. Fomos cumprindo a nossa escolha ao tempo em que inserimos novos atores sociais a serem entrevistados: o diretor do UNICEF, José Paulo de Araújo, que encaminhou as primeiras ações da ONG junto a este órgão; alunos do curso de comunicação da UFC; conversamos informalmente com funcionários do IPHAN. Tivemos a oportunidade de participarmos de grupos de discussão com uma multiplicidade de professores da cidade e de professores de outras cidades (próximas e distantes), informalmente, procuramos a comunidade local, em vários estabelecimentos comerciais e fomos percebendo quanta riqueza este contato informal trazia a nossa pesquisa: cada conversa, cada olhar, cada gesto que ao logo da nossas idas e vindas à cidade de Nova Olinda foram se descortinando no percurso estabelecido.

Alberti (2004) considera que a função do roteiro é auxiliar o entrevistador, no momento da entrevista, a localizar, no tempo, e a situar os entrevistados com relação ao tema investigado. O roteiro não se configura então como um questionário. Tomamo-lo de forma aberta e flexível. A referida autora também ressalta a importância de se manter, durante a entrevista, um “caderno de campo”, local em que podem ser registradas as razões que levaram o pesquisador a escolher o entrevistado, suas contribuições e as impressões que a entrevista deixou. Tomamos este “caderno” como Diário de Campo (DC) e ele permaneceu conosco por todo o percurso investigativo.

⁵ O padre a época da construção da Fundação Casa Grande, que inclusive, descobrimos, doou os primeiros equipamentos para a rádio difusora da ONG, já não estava em Nova Olinda conversamos então com o atual pároco.

Lopes e Galvão (2001, p. 82), ao tratar da importância da escolha das fontes, alertaram que “a totalidade das fontes é inapreensível, nunca se saberá se se acharam todas as fontes, nunca se saberá se todas foram perdidas”. O amplo universo da Fundação Casa Grande a ser pesquisado impôs o nosso primeiro, e acreditamos, maior desafio, que foi selecionar o grupo de entrevistados, os grupos de discussão, os jornais a serem lidos, os produtos educacionais a serem analisados. Havíamos feito para o projeto de pesquisa uma pré-seleção de fontes, mas, no percurso da pesquisa, enquanto o objeto ia se descortinando, fomos alterando a nossa seleção prévia.

Como recursos para a pesquisa, inicialmente, optamos por gravar as entrevistas, as conversas informais, as reuniões. Faltava, no entanto, os olhares e os gestos dos interlocutores, que, muitas vezes, falam mais que palavras e entonações. Passamos, então, a utilizar também uma filmadora e uma câmara digital fotográfica.

Os recursos áudio-visuais e visuais possibilitaram infinitos olhares sobre o real e os motivos que nos levaram à inclusão destes residem na possibilidade de chegarmos ao mais próximo possível da complexidade do cotidiano, permitindo percebermos detalhes significativos que atendessem aos objetivos desta pesquisa: conhecer a história da Fundação Casa Grande; identificar as suas práticas educativas não-formais que, depois, percebemos, estavam permeadas por práticas disciplinares, e que também poderiam ser identificadas como práticas de educação patrimonial, devido à articulação dos fazeres com a cultura local. Quando falamos em “cultura local”, estamos enfocando temporal e espacialmente determinadas características culturais que fazem parte de um determinado grupo étnico, que, por sua vez, não está dissociada de uma identidade nacional engendrada também historicamente.

Em nossa primeira experiência com o vídeo, entregamo-lo a um menino (10 anos) que, junto a outras crianças, deveriam apresentar a Fundação Casa Grande a pessoas que não poderiam ir até lá e queríamos que estas pessoas a conhecessem. Sem hesitar, puseram-se a filmar todos os recantos, demonstrando certo “orgulho” do que elas/eles estavam filmando/mostrando, que não era nada além daquilo que faziam no dia-a-dia, era tão-somente a “Casa” em que “moravam”.

Concordamos com Fernandes (2001, p.127) que, embora “fotografar” e filmar sejam atos conscientes e subjetivos, as interpretações de quem vê ou interpreta o produto (foto, filme) não podem deixar de levar em conta que a máquina intermedeia o olhar sobre uma parte do real e, de certa forma, molda-o enquanto o registra. Portanto, fotografar, filmar, registrar alguns ângulos das diversas dimensões do real são uma forma de associar

acontecimentos e fatos não desvencilhados do olhar de quem os produz e, assim, tomamos estes recursos no transcurso desta pesquisa.

Os jornais como fontes documentais que trabalham com o tempo presente, que é também tempo passado, trazem como vantagem, na sua utilização, a periodicidade com que as informações são tratadas, narradas e editadas cotidianamente. Matos e Vieira (2001), no entanto, ponderam o fato de toda imprensa agir no campo político-ideológico, enfatizando que o pesquisador precisa desvendar o lugar social de onde cada jornal fala, para um melhor aproveitamento do seu discurso. No caso deste projeto de pesquisa, o desvendar significa construir/reconstruir a história da Fundação Casa Grande, cuja imprensa, ao que percebemos, teve/tem um papel fundamental nesse processo.

Dentre outros autores, buscamos em Montañó (2007) a discussão sobre terceiro setor e questão social; em Gohn (2005, 2007,) o debate sobre movimentos sociais e educação, também, os conceitos de educação não-formal que são apresentados ainda, a partir dos estudos de Afonso(1989); outra categoria de análise utilizada foi a disciplina que teve aporte teórico nos escritos de Foucault (1987); a educação do trabalho proposta por Freinet (1998, 2001) para quem educar as crianças do povo é ajudá-las a sair da condição de proletária; Muñoz (2004) nos trouxe conceitos de protagonismo e de participação cidadã na pedagogia da vida cotidiana; fizemos uso do Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (DELORS, 2000), fruto da década de 1990, em que as ONGs passam a desfrutar de prestígio e força junto aos órgãos de desenvolvimento humano nacionais e internacionais, este documento traz os conceitos de “aprender a aprender”, “aprender a fazer”, “aprender a conviver” e “aprender a ser”; finalmente, Meihy e Holanda (2007) nos ajudaram a trilhar os caminhos da História Oral.

Na opção pela metodologia da História Oral, imperou, no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, o respeito ao outro, no estabelecimento de limites e diálogos éticos. Pinto e Park (2001, p. 100) consideram que a discussão sobre Ética e História oral é relevante, posto que diversos estudos “acabam imbricando em problemas éticos, seja em função da metodologia, seja porque o relacionamento com o informante trouxe mal-entendidos e descontentamento...”

Considerando que a busca de compreensão dos fatos é uma tarefa complexa, que exige do pesquisador uma postura curiosa e, ao mesmo tempo, comedida, praticou-se o exercício de controlar-se para escutar o que o outro tem a dizer, evitando precipitar-se em julgamentos que a realidade aparente explicita. A escolha da oralidade, aliada a outras fontes, deu-se por esta

ter o poder de retratar, através da fala, das lembranças e esquecimentos, aspectos que talvez não sejam possíveis com outras fontes.

Percebemos, em nossa imersão na Fundação Casa Grande, o quanto o recurso da História Oral era fundamental, posto que muito do que planejávamos descobrir estava nas vozes das pessoas que viviam/vivem em Nova Olinda e que, por meio da narrativa, contam suas histórias, compartilham suas lembranças. Percebemos ainda que estas práticas davam-se de forma mais espontânea quando o aparato tecnológico (gravador, vídeo) não estava presente, daí a necessidade do Diário de Campo (DC) como recurso da memória do pesquisador.

Nas conversas informais e nas entrevistas formais, os depoimentos recolhidos exigem, no entanto, um tratamento cuidadoso no retomar das falas, no entrecruzamento das mesmas e da percepção do não-dito, afinal

Os factos históricos marcam de modos diferentes os indivíduos que os vivem: as memórias sobre um facto podem conter lembranças de situações vividas em diferentes níveis pela testemunha. É essa memória individual que queremos utilizar como fonte para esclarecer traços importantes do passado. O recurso à memória não dispensa os cuidados de verificação da consistência interna do depoimento, avaliando erros, omissões ou imprecisões; o confronto, a contextualização e a análise de conteúdo são indispensáveis para tornar patente utilidade da pesquisa oral. (VIDIGAL, 1995, p. 481).

O autor supracitado elencou os problemas que a condução de entrevistas e a oralidade podem suscitar: as reações das testemunhas (entre colaboração e hostilidade); as intromissões do entrevistador, o envolvimento emocional com o tema. Vivenciamos tais problemas, pois, ao adentrar no universo pesquisado com o olhar de quem já o conhece, devido às experiências anteriores não desvencilhadas, levamos os nossos pré-conceitos que, no exercício da pesquisa, foram dando lugar a outros olhares. Ao passo em que as dificuldades foram surgindo, as tentativas e os modos de solucioná-las também apareciam. Problemas físicos, como a distância a ser percorrida diariamente (86 km), entre a Chapada do Araripe até a Fundação Casa Grande, e a própria inserção no ambiente, as tentativas do fazer-se “de casa”, tornar o ambiente natural e, na naturalidade, perceber a busca, tudo é muito complexo, o envolvimento emocional chegou a ser inevitável, mas precisou ser dosado. Ressaltamos que no caso da ONG sempre houve a disponibilidade de seus membros em nos passarem as informações solicitadas.

O lugar social de onde falo é de professora que ao logo de oito anos, usufrui dos espaços educativos da Fundação Casa Grande como local de formação dos pedagogos, que

por vezes, chegam à universidade sem conhecer o potencial educativo da região do Cariri cearense. Nosso objetivo sempre fora habilitar tais profissionais na condução de processos educativos escolares e não escolares, portanto, o nosso olhar é de quem admira o projeto.

Em consonância com os objetivos, metodologia e referencial teórico proposto, os capítulos da presente dissertação estão organizados da seguinte forma:

No primeiro capítulo, debruçamo-nos sobre a história da Fundação Casa Grande, buscando compreendê-la sob o olhar da mídia, de seus membros e da sociedade que a circunda, desvendando sua história, bem como adentramos no complexo mundo das ONGs e das políticas de Estado que as fizeram prosperar com mais rigor a partir da década de 1990.

No segundo capítulo, enfocamos a “Casa Grande” como um “espaço educativo não-formal”, procurando apreender “os espaços de aprendizagem” (memória, comunicação, artes e turismo) e de “aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser” dentro e fora da Fundação Casa Grande, enfim, as práticas educativas do seu cotidiano permeadas de educação patrimonial.

No terceiro capítulo, “educação não-formal e as interfaces com o patrimônio cultural”, desenvolvemos a questão de “A Fundação Casa Grande como bem cultural: local de salvaguarda e de difusão de valores culturais”, e buscamos entender como a educação patrimonial perpassa os fazeres cotidianos da Fundação Casa Grande, que continuamente se utiliza da metodologia de projetos.

Esperamos que o leitor percorra conosco os caminhos ao longo da pesquisa doravante.

1. FUNDAÇÃO CASA GRANDE - MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

Este capítulo aborda a história da Fundação Casa Grande buscando compreendê-la sob o olhar da mídia, de seus membros, e da sociedade que a circunda. Para tanto, adentra no debate sobre o complexo mundo das ONGs e das políticas de Estado que as fizeram prosperar com mais rigor a partir da década de 1990.

1.1 Entre contos e olhares a história se faz

Esta Casa é tão bonita, quanto a gente que a habita, desde a porta da cozinha até a sala de visita.

Moraes Moreira⁶

Conhecer um pouco da história da instituição pesquisada faz-se necessário quando se busca o entendimento de suas práticas educativas. Assim, para começar a contar/recontar a história da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, reportamo-nos à canção de Moraes Moreira que foi adotada como hino desta ONG e se encontra gravada em pedra no seu interior, buscando retratar que a Casa Grande é um espaço “aberto”, “acolhedor” e “bonito”.

Tarefa um tanto complexa que nos leva ao seguinte questionamento: como contar/recontar uma história tão contada, lida e explanada em muitos e diversos meios de comunicação falada e escrita e também em trabalhos acadêmicos? Como contar, re-contar uma história em construção? O caminho seguido foi inicialmente ouvir e ler as versões disponíveis. Na impossibilidade⁷ de abarcar todas as produções acerca da Casa Grande, optamos pela leitura de trabalhos, jornais e revistas catalogados na própria Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, doravante denominada apenas FCG.

História é tempo passado, mas é também tempo presente. Na vida, encontramos-la em suas diferentes expressões: fontes orais e escritas, edificações materiais e imateriais, em resquícios de civilizações que se perderam no tempo. Percebemos, então, que os impressos, de

⁶ MORAES, Moreira. *Essa Casa*. São Paulo: Ariola, 1982. 1 dico.

⁷ As impossibilidades dizem respeito ao tempo que nos é disponibilizado para a realização da pesquisa, e a grande produção de artigos sobre a FCG, o que pode ser constatado através de pesquisa no www.google.com.br e também no site da ONG: www.fundacaocasagrande.org.br.

forma geral, não dariam conta da história de vida pulsante da FCG. Assim, esta descoberta levou-nos em direção à História Oral.

Segundo Meihy e Holanda (2007), a História Oral inicia-se com a elaboração de um projeto e continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. Assim, consideramos que a História Oral perpassa toda a realização desta pesquisa: elaboração do projeto; gravação das entrevistas; estabelecimento do documento escrito e sua seriação; transcrição e textualização das entrevistas; análise das entrevistas; e, por fim, a sua devolução à comunidade/sociedade pesquisada.

O primeiro desafio que nos foi colocado pela História Oral diz respeito ao emaranhado de relações que a FCG comporta. Foi preciso, então, selecionar o grupo a ser entrevistado e ir compondo a nossa “rede”, isto porque logo percebemos que todos que a habitam ou circundam são importantes e têm algo relevante a ser dito.

Assim, como uma artesã, uniram-se pedaços de tecidos com cores e formas variáveis, mas com igual importância na pesquisa, que deram vida a um tema e transmitiram uma mensagem. Fomos, na tessitura desta pesquisa, unindo fatos e acontecimentos descritos em fragmentos de jornais, revistas e documentos, falas e testemunhos orais, contando/re-contando a história da FCG, não em busca da “verdadeira” história, por acreditarmos que a verdade é sempre uma construção e depende de revelações que podem ou não ocorrer, mas em busca de sabermos como a antiga tapera, que já abrigou de índios a fazendeiros, tornou-se um marco referencial de educação no interior do sertão nordestino.

A história da FCG está presente em quase todos os jornais do país e também na imprensa internacional, abordada sob os mais diferentes objetivos (noticiar fatos e acontecimentos, falar do trabalho dos seus fundadores, matérias sobre educação e sobre cultura, matérias que abordam o potencial turístico do Cariri cearense), e nas inúmeras entrevistas dadas pelos seus fundadores, Alemberg Quindins⁸ e Rosiane Limaverde⁹.

Igualmente, esta história também está registrada nos trabalhos acadêmicos já realizados sobre a FCG, Azevedo (2005), Acioli (2000), Oliveira (2002) e em artigos publicados em meios científicos: Olinda (2003, 2005, 2006). Esta história confunde-se com a história de vida de seus “habitantes”, de seus fundadores e da própria cidade que a abriga. Ela não seria uma “novidade”, em termos de objeto de investigação, no entanto, queremos explorá-la a partir do entrecruzamento de diversos olhares: habitantes, comunidade local e imprensa. Buscamos

⁸ Músico, pesquisador, radialista e arte-educador;

⁹ Graduada em História, pós-graduada em História do Brasil, com Mestrado em Arqueologia e, atualmente, cursando Doutorado nesta mesma área; música e arte-educadora.

reconstituí-la sob outro ângulo com o objetivo de explorar suas práticas educativas não-formais. Começamos, então, chamando a atenção a um aspecto que, de alguma forma, sempre aparece nos artigos que fazem referência à FCG e é muito forte entre seus membros: a idéia de “Casa”,

“Os cidadãos da *Casa Grande*” (Jornal O POVO, Fortaleza, CE, 12/10/1999)

“A *Casa* dos sonhos” (Jornal do Cariri, região do Cariri, 03/10/1999)

“Da *Casa Grande* para o mundo” (Jornal do Cariri, 14/07/1998)

“Quem manda nesta *casa*” (Jornal O POVO, Fortaleza, CE, 07 a 13/08/2005)

“A Casa onde mora a Cultura” (Jornal do Comércio, Recife, 09 de abril de 2006)

Nascemos/crescemos em espaços organizados, como hospital, casa, escola, cidade e assim por diante. No entanto, o espaço da casa, residência, marca-nos por toda a vida com impressões positivas e/ou negativas. É em casa que temos o nosso primeiro contato com o mundo, que aprendemos a andar e a comer sozinhos, que vamos adquirindo, no contato com o outro (familiar ou não), por um processo de educação informal, a nossa cultura, que se mostra primeiramente na fala, no nomear objetos e ações. Desenvolvemos a comunicação, aprendemos sobre alimentação, sobre modos de vestir e de conviver.

O espaço da casa educa por meio de uma educação informal, carregada de significados, presente nas relações e no modo como as coisas organizam-se. Tudo possui uma dimensão pedagógica, que ensina como conceber o mundo, aponta a que classe pertencemos, o modo como devemos ser e nos comportar. Assim, o nosso meio está sempre a nos falar e, dialeticamente, nós falamos através dele.

Ao ser concebida como “Casa” ou “Casa Grande”, como é conhecida nacional e até internacionalmente, esta organização não-governamental que estamos pesquisando, formalizada institucionalmente em 1992, traz embutida em sua denominação a idéia de “universo próprio”. No sentido mais comum, uma casa significa abrigo, local em que o ser humano está protegido das intempéries do tempo e das influências externas, proteção buscada pelo homem desde as cavernas. Como diz G. Bachelard (1974), “a casa é o nosso canto do mundo, nosso primeiro universo, um cosmos e até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela”. Atualmente, há crianças, jovens e adultos que vagam pelas ruas e estradas sem rumo e destino, desprovidos desse “abrigo” primordial, a casa, local para onde se pode voltar. Sabemos que nem todos podem conceber uma casa como local de conforto e abrigo pelas condições precárias e até mesmo pela violência doméstica. De qualquer forma, a pesquisa tem indicado que a “Casa Grande” é vista no sentido de “porto seguro”.

Quem participa da FCG (crianças, jovens, adolescentes e adultos) pertence-a da mesma forma que por ela é pertencido. Isto implica, simbolicamente, mútua responsabilidade, afetividade e troca com a “Casa”.

Para a organização deste capítulo, além do arcabouço documental e das fontes orais, buscamos “entrar” nesta Casa. o que significa, segundo Junker (1971), observar as pessoas “*in situ*”, isto é, descobrir onde elas estão e permanecer com elas. Com tais ações, buscamos uma observação íntima e uma descrição ética do cotidiano da FCG.

O tema “Casa Grande” remete ao antigo cenário das grandes fazendas, descrita na clássica obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*. O espaço físico da FCG já foi sede de uma fazenda. Foi a partir dela, conforme a historiografia local, que a cidade originou-se. Portanto, parece que não estamos falando de qualquer casa, mas do espaço da Casa Grande com seus significados, que tem sido “re-significada” por seus “novos donos”.

Em um quadro exposto na FCG, encontramos que, em 1717, no lugar da “Tapera de água saída do mato¹⁰”, dos índios Kariri-Kariú, numa das três datas de terra da sesmaria do Riacho Kariús, no período da civilização do couro, às margens da estrada das boiadas, no cruzamento das três estradas que ligavam a Paraíba ao Piauí, Crato - Inhamuns e Inhamuns - Pernambuco, deu-se início a construção da “Tapera de água saída do mato”, feito em taipa no chão batido, entrecruzada sem paredes laterais.

As matas foram derrubadas e transformadas em pastos, surgindo as fazendas. Da “Tapera de água saída do mato”, que pertenceu aos índios e deu abrigo a comboieiros que nela encontravam um bom lugar de descanso e local para dar água aos animais, ergueu-se a Casa Grande da Fazenda Tapera. Desta casa de fazenda nasceu e se desenvolveu o povoado de Tapera, que deu origem à cidade de Nova Olinda.

Ao entrarmos na FCG, percebemos haver um cuidado especial com a história construída/preservada/reproduzida da ONG, que se mostra aos visitantes e seus habitantes nas fotografias, expostas em quadros por todo o seu espaço. Tais fotografias incluem, além de todo processo de restauração da Casa, personagens locais com traços indígenas, galeria de visitantes famosos (entre eles o ex-ministro da Cultura - Gilberto Gil) e também anônimos que contribuíram, de alguma forma, com a edificação do lugar. Igualmente, há fotos dos lugares da região que guardam as lendas que foram catalogadas e até editadas em histórias em quadrinhos pela ONG. Há, ainda, fotos das escrituras rupestres existentes na Chapada do Araripe, dos meninos da Casa em apresentações com a banda, acontecimentos extraordinários

¹⁰ Tapera em Kariri significa *casa velha*. Kariú, era o nome do riacho que passava perto da casa, significa *água saída do mato*. (ACIOLI, 2002, p. 12).

ou em situações do dia-a-dia, dos pais dos meninos, dos prêmios recebidos pela ONG¹¹, dentre outras. Aferimos que as disposições das fotografias, como recurso iconográfico, falam por si, transmitem uma mensagem, ensinam.

A história também está presente nas inúmeras matérias sobre a FCG e nas entrevistas dadas por seus fundadores e demais pessoas que formam o seu universo educativo.

As obras frutificam-se das experiências de vida, é o contexto que gera os textos e, possivelmente, também as ações. Na busca de construir a história da FCG, através de fontes orais e escritas, encontramos que ela começou a nascer, quando um de seus fundadores, Alemberg Quindins, tinha nove anos de idade e foi morar com o pai em Miranorte. Na época, era Goiás e atualmente pertence ao Estado do Tocantins:

A gente morava num lugar que... ficava entre o Araguaia e o Tocantins. A professora olhava no mapa: “Olha, a gente mora mais ou menos aqui”. Daí seja esse o espírito da Casa Grande: de saber a importância de constar no mapa do país. Em Miranorte, o mundo não era ali. Eu ia para a estrada ver os meninos que vinham de Belém ou Brasília. Ia para me instruir, ver o povo falando do mundo, porque eu mesmo não morava no mundo.¹²

Pelo depoimento acima, o diretor, ao tempo em que resgata a sua história de vida, tenta enfatizar a importância da FCG em uma cidade pequena, que fica no interior do sertão nordestino, situada distante dos grandes centros urbanos, que, por tais características, por vezes, não oferece possibilidade de trabalho, de ascensão cultural e outras formas de lazer aos seus habitantes. Este fato foi marcante nos depoimentos de outros habitantes da FCG, explicitando para eles que esta ONG supre as ausências de uma diversão mais cultural da cidade de Nova Olinda.

Do Cariri cearense, Alemberg levou as lendas que ouviu em sua infância mais tenra, em Tocantins. Ele afirma, segundo a entrevista citada, que conheceu índios e conviveu com as tribos Xavantes e Xeréns. Com uma infância simples, longe dos grandes centros urbanos, realizou muitas peripécias de criança (desenvolveu sua criatividade), criando cinema e

¹¹ Citamos algumas premiações: Summer of Goodwill New York Time Warner -1996; Prêmio UNICEF: Criatividade Patativa do Assaré - Projeto mais criativo e melhor projeto de educação - 2002; Comenda da Ordem do Mérito Cultural, do Ministério da Cultura do Brasil- 2004; “Esta empresa tem responsabilidade cultural” Secretaria da Cultura do Ceará – 2006; Troféu Cidadão, de Responsabilidade Cultural - Secretaria da Cultura do Ceará- 2006; Prêmio Fellow Empreendedor Social Ashoka - 2002; Prêmio Cláudia Editora Abril - 2002; Troféu Chapéu de Couro, Jornal do Cariri – 2000; Diploma de Cavaleiro da Ordem do Mérito Cultural - Ministério da Cultura do Brasil - 2004; Troféu acorde Brasileiro - Governo do Estado do Rio Grande do Sul e Medalha do Mérito Farroupilha, concedida pela Assembléia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul – 2007.

¹² Alemberg Quindins. Entrevista concedida ao Brasil, Almanaque de Cultura Popular, Ano 8 – Novembro de 2006. Nº 91, Andreato – Comunicação e Cultura.

revistas como brincadeira e trabalho, já que isto lhe deixava alguma renda¹³. Adulto, envolvido com arte, trabalhou em um museu na cidade do Crato. Já casado com Rosiane, por um tempo, serviu à Marinha (para poder conhecer o mundo).

Foi a arte que o fez voltar-se às lendas da região do Cariri cearense. “Resolvi resgatar as lendas que ouvia quando criança e fazer, anos depois, uma pesquisa musical”. Desta pesquisa musical, realizada com a sua mulher, Rosiane Limaverde, resultou parte do acervo material e imaterial dos índios Kariris, que se encontra hoje na Fundação Casa Grande, e vários prêmios conquistados em festivais, cujas canções retratavam “lendas” e “causos” da região. Tais prêmios, conforme apreendemos das reportagens lidas, significaram recursos financeiros à Fundação Casa Grande, e acrescentamos também, propagandísticos e intelectuais. A pesquisa demonstrou que as andanças do casal pelo Brasil difundiram, ao tempo em que despertaram, o interesse das pessoas pela experiência desenvolvida, incluindo aí intelectuais que não vinham/vêm apenas conhecer, mas contribuir com o projeto¹⁴.

Bom, na realidade a gente já vinha compondo, participando de Festivais e sendo premiado. Chegou um momento em que começamos a conhecer Centros Culturais, pessoas que faziam trabalhos que a gente achava interessante. Tivemos vontade de fazer um nicho cultural na nossa região também. Um lugar onde a gente pudesse promover Cultura e guardar todas as nossas experiências adquiridas com a pesquisa musical e com a história indígena. A princípio, a gente pensou no Crato, só que na época o Crato não nos pareceu um bom lugar por uma série de razões logísticas. Como o Alemberg é de Nova Olinda, e a gente estava um pouco mais próximo desse município, porque ele tinha sido chamado para dar uma assessoria à Prefeitura de Nova Olinda, nos deparamos com a casa em ruínas, a Casa Grande, que era da família de Alemberg. Então, ele começou a relembrar quando era criança, que brincou naquela casa, da história daquela casa e veio à idéia de conseguir a casa com a família e fazer a restauração. Eu participei de todo esse processo: de entrar na casa, de ir junto à família, de sonhar com a casa sendo restaurada, de estar junto, estive sempre presente... (Rosiane Limaverde, entrevista concedida em 14/12/2007 no escritório da Fundação em Crato).

A reforma da casa, almejada pelo casal, tinha por objetivo transformá-la em um museu e nela ir pondo o acervo coletado em suas pesquisas musicais pelos sertões. O futuro/atual museu receberia/recebe estudiosos e pessoas interessadas nos artefatos indígenas e nas lendas da região que foram catalogadas pelo casal. A luta por recursos para restauração da Casa e também pela concessão dos herdeiros veio desde o início da Fundação.

Na composição do museu, além das peças do casal, há artefatos que foram/estão sendo doados pela comunidade, ou seja, o Memorial do Homem Kariri constitui-se num referencial

¹³ A “renda” a que a entrevista citada remete são palitos de fósforos que os colegas pagavam para assistir ao cinema que ele fazia, que consistia no que chamamos de didática de “teatrinho de sombras”, técnica de ensino.

¹⁴ Os meninos e meninas contaram-nos que das oficinas que lá são realizadas muitas são dadas pelos amigos de Alemberg, que nada cobram.

para a região, posto que as pessoas, quando se encontram diante de algum artefato arqueológico, levam-no à FCG, que, após estudá-lo, ao expô-lo em seu acervo, reverencia a pessoa que o encontrou e em que condições estava a peça resgatada. Quando não há disposição de contribuir com o acervo por parte do possuidor de determinado artefato arqueológico, ao saberem da existência de algum artefato, a FCG vai à busca do seu possuidor e tenta convencê-lo, através do diálogo, da importância do artefato e de sua conseqüente preservação para a história. Trata-se de uma forma de “educação patrimonial”, que leva o indivíduo a compreender a importância sociocultural do artefato, numa relação interativa entre FCG e região do Cariri cearense, “possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para proteção e valorização desses bens”.

Na entrevista concedida em 14/12/2007, Rosiane contou-nos que, enquanto a Casa era restaurada, eles cuidavam do aspecto legal. Ela e o marido desenhavam o que seria o Estatuto da FCG em casa, nas horas livres do almoço e à noite. Informou que a cópia do estatuto do Memorial Pe. Cícero¹⁵, em Juazeiro do Norte, inicialmente, serviu de modelo na construção do estatuto da FCG, mas diz que, hoje, ele já tem a “cara da fundação”.

No anexo A, podemos observar o projeto inicial de restauração da Casa Grande e de criação do Memorial do Homem Kariri, com dois objetivos explícitos: “Instituir a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri” e “resgatar o patrimônio de Nova Olinda, através da restauração e tombamento da Casa Grande da Fazenda” (fls 2). Ele traz também as fotografias da casa em ruínas e o organograma, no qual podemos perceber, a partir do olhar do presente (anexo AB), o quanto este foi modificado, com os espaços, instrumentos e experiências adquiridas ao longo dos anos. Podemos perceber, também, a ampliação regional do segundo objetivo e o quanto a Casa Grande cresceu em espaço territorial e cultural. Para os seus fundadores e outros habitantes, as conquistas foram acontecendo com muito trabalho, mas de forma natural, sem causar impactos.

O Memorial Pe. Cícero é um museu e a FCG nasceu para ser um museu e se transformou também em uma escola de Comunicação. Assim, observamos que a FCG, em seus muitos ambientes e práticas educativas, busca resgatar a “cultura” do homem Kariri na região do Cariri cearense e também desenvolver projetos educativos. Segundo o seu estatuto,

¹⁵ Memorial Padre Cícero: reúne fotos, documentos e objetos históricos que ajudam a contar a história do Pe. Cícero Romão Batista, o chamado “santo do sertão”, bem como da cidade que o abriga, Juazeiro do Norte.

Art. 2º - A Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri tem por finalidade:

- III – Pesquisar, preservar, coletar, juntar em acervo, comunicar, exhibir e publicar para fins científicos, de estudo e recreação, a cultura material e imaterial do homem Kariri e de seu ambiente;
- IV – Estabelecer registro e cadastramento do Patrimônio Cultural da região do homem Kariri, com fins de cuidar do acervo arqueológico e ecológico;
- V – Servir de instrumento de evolução para as artes e a cultura do homem Kariri;
- VI – Formular e incentivar projetos nas áreas de arte e cultura, educação, meio ambiente, saúde e desenvolvimento social e tecnológico.

O artigo citado resume a amplitude do trabalho proposto/realizado na FCG, pois cada inciso representa uma área de atuação que em si já abriga muitos e diferentes elementos: Arqueologia, Ecologia, Antropologia, Tecnologia, Educação, Comunicação. Esta constatação levou-nos a situar o desenvolvimento de nossa pesquisa em suas práticas educativas, por considerarmos que são elas o eixo aglutinador de suas propostas e ações.

Desde a sua concepção, a FCG consolidou-se como uma Organização Não-Governamental com objetivos expressos de atuação na área de Educação, Comunicação e Cultura. O cenário político-educacional dos anos de 1990 foi marcado pelo advento de novos atores sociais no campo da educação. O terreno fertilizado pela redemocratização do país abriu espaços para realização de parcerias entre Estado e sociedade civil organizada. Campanhas de voluntariado foram incentivadas através da mídia e, com tantos problemas evidenciados após longos anos de Ditadura Militar (reforma agrária, violência contra a mulher, preocupações com o meio-ambiente, com a fome, dentre outras questões de cunho social), proliferaram-se, tendo diversos objetivos, as organizações não-governamentais, algumas interessadas no desenvolvimento de um bom trabalho social, atuando basicamente com educação não-formal.

A pesquisa nos jornais sobre as conquistas da FCG demonstrou que o trabalho do jovem casal encontrou amparo legal nas políticas nacionais de incentivo à cultura. Em 1992, data oficial do nascimento da FCG, a idéia das ONGs já estava posta no cenário nacional. Assim, compreender as forças propulsoras que edificaram as ONGs nos anos 1990 é necessário, porque a FCG foi engendrada neste cenário. Isto nos levou a uma pesquisa bibliográfica em que autores analisam o advento do chamado “terceiro setor”.

1.2 As organizações não-governamentais e a educação não-formal: um sobrevôo no chamado terceiro setor

A educação tornou-se central para o desenvolvimento econômico. De maneira geral, a escola, no entanto, parece não estar respondendo adequadamente aos anseios da modernidade e, cada vez mais, são enaltecidos, em discursos políticos nacionais e internacionais, novos campos de aprendizagem, como os informais: mídia, os cyber espaços, dentre outros; e os não-formais: movimentos sociais, sindicais, as igrejas e, como campo privilegiado e relativamente novo, têm-se as organizações não-governamentais que atuam mais basicamente onde há a omissão do Estado ou atrelada a este na co-responsabilização de funções.

Na década de 1970, Ivan Illich escreveu o livro *Sociedades sem escolas*. Sua idéia estava em consonância com o desenvolvimento das comunicações. Para este autor, a escola perderia a função de *locus* da aprendizagem, porque a aprendizagem estaria difusa no tecido social de diversas maneiras. Assim, ele defende que a aprendizagem humana resulta, em sua maior parte, da participação aberta do sujeito em situações participativas, não necessitando, portanto, de manipulação da escola, instituição a que tece duras críticas, valorizando as situações educativas não-formais.

Lembramos Illich (1976), não por concordarmos com este autor, mas apenas para ressaltar que este debate em torno de práticas educacionais não-formais e informais não é recente, como tão pouco, as críticas ao caráter “reprodutor” da escola. No entanto, consideramos que a escola, como instituição formal de ensino é necessária à construção de uma sociedade menos injusta. Por vezes, é só na escola que a maioria de nossas crianças tem a oportunidade de conviver e adquirir uma cultura mais elaborada, o que é, em nossa sociedade, condição de cidadania. Assim, defendemos a articulação de saberes formais, não-formais e informais no desenvolvimento integral do educando, e a escola “do povo” como *locus* privilegiado de difusão de conhecimentos que sem desvencilhar tais saberes, promove emancipação.

Afonso (2002) considera que a crescente visibilidade social dos campos da educação não-formal e informal não é separável das representações e dos discursos em torno da chamada “crise da educação escolar”. Para ele, embora esta crise não seja recente, ela assume, na atualidade, contornos diferenciados, associados às “condições atuais de expansão e internacionalização da economia capitalista num contexto de hegemonia ideológica neoliberal”.

Há, inclusive, na atualidade, um movimento designado de *Homeschooling*, cuja tradução literal é *home* = lar, casa + *schooling* = escolarização. Na nossa língua: educação domiciliar, "aprender fora das escolas institucionalizadas", "aprender em casa". Este vem sendo criticado por educadores do mundo inteiro que consideram a escola um espaço não só de aprendizagem de conteúdos específicos, mas de socialização e vivência cidadã. Mesmo não sendo permitido pela legislação brasileira¹⁶, têm surgido, em âmbito nacional, casos de pais que entram na Justiça para adquirir o direito de seus filhos estudarem "em casa".

Paralelo a esta situação, surgem, cada vez com mais rigor no cenário nacional, ONGs cujo objetivo é atender, por meio de ações filantrópicas (que podem ser de educação, alimentação, arte...), crianças e/ou jovens em "situação de risco". É o que Gentili (2001) designa de "filantropia pedagógica", justificando que, por um lado, a sociedade reconhece a importância e a profundidade da crise educacional e as condições de exclusão escolar na qual se encontram grandes segmentos da população. Por outro, acrescenta que, no Brasil, o progressivo abandono da responsabilidade pública, neste campo, torna a filantropia empresarial uma atividade bem vista e valorizada pelos consumidores.

Montaño (2007) observa que a contínua desresponsabilização do Estado para com as políticas sociais tem gerado proliferação de ONGs e o advento do chamado "terceiro setor" que conceituaria tais organizações:

O termo é constituído a partir de recortes do social em esferas: o Estado ("primeiro setor"), o mercado ("segundo setor") e a "sociedade civil" ("terceiro setor") Recorte este, como mencionamos, claramente neopositivista, estruturalista, funcionalista ou liberal, que isola e autonomiza a dinâmica de cada um deles, que, portanto, desistoriciza a realidade social. Como se o "político" pertencesse à esfera estatal, o "econômico" ao âmbito do mercado e o "social" remetesse apenas à sociedade civil, num conceito reducionista. (Montaño, 2007, p. 53)

Nem todos os autores, no entanto, concordam com Montaño (2007). Gadotti (2000) associa as ONGs aos "novos movimentos sociais" e destaca a importância destas na busca de alternativas concretas que influenciam a abertura de sistemas de ensino na reestruturação curricular e mudanças de mentalidades. Gohn (2005) considera que o termo "terceiro setor" tem uma conotação político-ideológica e está associado ao conjunto de atividades das ONGs, fundações e movimentos sociais que se apresentam com fins públicos não voltados para o lucro. Landim (2002), discutindo as múltiplas identidades das ONGs, critica as políticas

¹⁶ Segundo Boudens (2001), o *homeschooling* conta com apoio oficial e legislação própria nos seguintes países: Austrália, Japão, Nova Zelândia, Canadá, África do Sul, Reino Unido e Estados Unidos. Disponível em: <apacche.camara.gov.br/portal/arquivos/Camara/internet/publicações>. Jan. 2001. Acesso – 15/04/2008.

neoliberais, enfatizando que a adoção do termo “terceiro setor” visa a quebrar o caráter questionador dos movimentos sociais,

Acrescente-se o fato de que o cenário atual, no qual a idéia se afirma, é propício a interpelações quanto à sua funcionalidade, quando está em jogo o desmonte dos direitos e a diminuição da responsabilidade do Estado com relação às políticas sociais. De fato, freqüentemente, terceiro setor é utilizado, implícita ou explicitamente, para produzir a idéia de que o universo das organizações sem fins lucrativos é uma espécie de panacéia que substitui o Estado no enfrentamento de questões sociais – como na resolução do problema do emprego, por exemplo. (Landim, 2002, p. 43)

Para Gohn (2005), com o apoio do poder público, as ONGs passam, em muitos casos, a incorporar um comportamento de parceria com o Estado, dentro do espírito da filantropia empresarial, atuando em problemas como “crianças em situação de risco”, “pessoas portadoras de necessidades especiais”, “educação de jovens e adultos” e outros, como, por exemplo, a Fundação Airton Senna, os programas de Educação e Cultura, apoiados pelas agências bancárias (Banco do Nordeste do Brasil, Bradesco, etc.) e as estreitas relações destas instituições com o Banco Mundial, que financia as políticas de agências internacionais, como a UNESCO e o UNICEF. De uma maneira geral, para esta autora, as ONGs objetivam o desenvolvimento de projetos para a integração social e, na maioria das vezes, são adversas às ideologias de esquerda, estando ou não integradas às políticas neoliberais.

Consideramos que o novo voluntariado empresarial ou não, não deve substituir o Estado, mas não devemos esperar que o Estado tenha solução para tudo. Em alguns casos a parceria Estado e ONG, pode frutificar em boas ações para a comunidade, os dados desta pesquisa tem revelado que a FCG indica esta direção.

Em apenas 35 anos de emancipação política, por volta de 1992, Nova Olinda, como muitas cidades do sertão nordestino, tinha/tem uma vida pacata, vivia/vive da agricultura de subsistência, que utiliza predominantemente o trabalho familiar, e o comércio é bastante restrito.

Hoje, a cidade está com 50 anos, o cenário mudou, principalmente no entorno da FCG, que, segundo os mais antigos, era tudo alagado por causa de um açude. Neste espaço, atualmente, funcionam o Teatro Violeta Arraes - Engenho de Artes Cênicas, que pertence à FCG e se encontra também no entorno, assim como a Prefeitura Municipal, muitas casas e praça. No entanto, algumas coisas permanecem quase como inalteradas, segundo a memória das pessoas e as fontes consultadas. As ruas não são asfaltadas, com exceção daquelas que pertencem às CE-275 e CE-292, que cortam a cidade e ligam o Cariri às zonas oeste e norte

do Estado do Ceará e aos Estados do Pernambuco, Piauí e Maranhão. A agricultura continua sendo a base econômica, muito embora a cidade tenha indústrias de extração de gipsita e de cerâmica. A gipsita é uma riqueza natural da Região do Cariri, assim como o calcário. Ambos são explorados para a fabricação de gesso e cimento.

O Hotel Municipal foi fechado. No antigo prédio, hoje, funciona a Prefeitura Municipal. As opções de hospedagem são casas de família que os moradores transformaram em pousadas, fornecendo café, almoço, lanche, jantar e dormitórios. Há, também, as pousadas domiciliares da Cooperativa de Pais e Amigos, da Fundação Casa Grande (COOPAGRAN), das quais falaremos mais adiante. A feira local acontece, aos Sábados, até o meio-dia. Há mercados, soverterias, padarias e farmácias. Nas comemorações dos 50 anos (2007) de emancipação política, foi inaugurada a Tapera Cultural, um espaço de venda do artesanato local.

Algumas famílias vivem do artesanato (principalmente em pedra calcária, que é extraída da Chapada do Araripe) como complementação de renda ou único meio de sobrevivência. Alguns são famosos, como o Sr. Expedito Seleiro. Seu artesanato em couro transformou-se em atração turística, sendo considerado Mestre da Cultura pelo Governo do estado¹⁷.

Pessoas na calçada, festas religiosas com a presença do Pau da Bandeira¹⁸, credices populares, como a fé nas rezadeiras, que afugentam “quebrantes”, tiram engasgos, havendo algumas tão poderosas que até colocam o “osso no lugar” quando este é quebrado ou torcido. Há, ainda, várias histórias misteriosas de lugares mal-assombrados¹⁹, castelos encantados e outras lendas. Algumas foram catalogadas pela FCG e podem ser conferidas em seus quadros no interior do Museu.

Mas, há também os cultos africanos, terreiros, palcos de danças e rituais. Existem ainda aqueles moradores que seguem a Igreja Batista²⁰ e a Igreja Universal do Reino de Deus.

¹⁷ A lei estadual Nº 13.351, de 22 de agosto de 2003, ação pioneira no Ceará, assegura mensalmente aos Mestres da Cultura tradicional popular receber auxílio financeiro pago pelo governo estadual mediante empenho. Tais mestres têm por compromisso não deixar morrer a tradição cultural do povo cearense, como, por exemplo, as bandas cabaçais, reisados, artesanatos em couro e renda, dentre outros. Os municípios de sete regiões do Estado beneficiados, em 2005, receberam um total de R\$ 65.280,00, traduzindo este valor em salários mínimos da época (R\$ 300,00) temos um total em torno de 218 salários pagos. *Site*: www.secult.ce.gov.br acesso em 27/01/2008.

¹⁸ Tradicionalmente, as festas dos santos padroeiros das cidades da região do Cariri são abertas com as festividades do “Pau da Bandeira”, mastro erguido em frente à Igreja Matriz, que portará a bandeira do santo, a mais famosa delas, sendo um patrimônio cultural nacional. Trata-se da festa do Pau da Bandeira de Santo Antonio, em Barbalha. Reza a tradição que as moças que nele pegarem casarão. Curiosamente, em Nova Olinda, este ritual também é realizado para um santo, no caso, São Sebastião e a festa acontece no mês de janeiro.

¹⁹ A “Casa Grande”, por seu estado de abandono, era considerada “mal-assombrada” pela população local.

²⁰ Inclusive, uma mãe me contou que seu filho deixou a FCG porque virou “crente” e teve que optar o que fazer do seu tempo, não foi possível conciliar horários.

Nesta paisagem multicultural, a Fundação Casa Grande foi-se edificando, imprimindo características do entorno no qual se encontra, ao tempo em que foi definindo sua identidade. “Ela não nasceu Casa Grande, ela se fez Casa Grande”, segundo nos relatou a primeira funcionária da instituição²¹, enfatizando as suas conquistas locais e nacionais.

Nova Olinda, como tantas outras cidades brasileiras, sofre, com a ausência de políticas públicas mais consistentes na área da saúde e educação. Esta cidade já chamou a atenção da União em virtude de portar o IDH mais baixo do Brasil. Encontramos esta informação num fragmento²² de jornal (sem especificação de data).

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) varia de 0 a 1 e sintetiza o PIB *per capita*, a taxa de alfabetização de adultos, a taxa bruta de escolarização em todos os níveis e a esperança de vida ao nascer. Atualmente, os dados do IDH (quadro 1) refletem uma situação que ainda precisa ser melhorada:

QUADRO 1 – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – NOVA OLINDA – CEARÁ

Índice	Nova Olinda	Ceará	Brasil
IDH	0,630	0,684	0,752
População	12.077	7.430.661	169.799,170
População rural	5.684	2.115.343	31.845.211
População urbana	6.393	5.315.316	137.953.964
Área	290 Km ²	146.348 Km ²	8.531.507 Km ²
Densidade demográfica	41,60	50,77	19,90
Taxa de alfabetização	65,79%	72,98%	85,76%
Renda per capita	R\$ 91,72	R\$ 156,70	R\$ 297,85
Esperança de vida	64,56%	67,84%	69,04%

FONTE: Ministério da Cultura, programa Cultura Viva. Disponível em: <www.cultura.gov.br>; Acesso em: 07/03/2008.

²¹ Entrevista concedida em 08 de outubro de 2007, sala da prefeitura de Nova Olinda.

²² Durante a nossa busca, encontramos, no acervo da FCG, recortes de jornais praticamente sem nenhuma identificação. Segundo os meninos são os mais antigos, quando eles não sabiam da importância do registro da fonte e apenas recortavam a notícia.

Tais dados demonstram uma tamanha disparidade social, ao que Dowbor (2001) vem a observar que a sociedade organizada tem tentado trabalhar na diminuição dos efeitos das desigualdades socialmente geradas.

O terceiro setor ainda é pouco conhecido e compreendido no Brasil. O seu surgimento é relativamente recente, e a sua dinâmica está diretamente ligada ao fato que nem a burocracia estatal, nem o mundo da empresa privada respondem adequadamente às nossas necessidades. O resultado foi que as pessoas interessadas em preservar o meio ambiente, em melhorar as escolas, em melhorar a qualidade de vida, foram se organizando, arregaçando as mangas e enfrentando diretamente o problema. (DOWBOR, 2001, p. 43).

Gohn (2005) afirma que o eixo articulatório que passou a fundamentar os movimentos nos anos 1990 é dado pelo princípio da “identidade” e da “solidariedade”, sendo esta identidade “mais complexa”, não se limitando às questões de classe e abrangendo cor, raça, sexo, nacionalidades, idade, herança cultural, religião, etc.

Inúmeras formas de sociabilidade existentes no interior da sociedade civil, desenvolvidas historicamente segundo valores e tradições culturais, e que não se organizaram como movimentos sociais, emergiram na cena pública dos anos 90 como forças vivas e atuantes, formando, com as novas redes associativas do terceiro setor (de composição sociopolítica de caráter plural e pouco ideologizadas), um novo campo de força democrática na sociedade. (GOHN, 2005, p.88-89)

Este fato é colocado em dúvida por Montañó (2007), para quem a tal *complexidade* dos atuais movimentos não consegue ir além dos sintomas superficiais, despolitizando e desmobilizando os pobres.

Diante do exposto, fica claro que tratar sobre o terceiro setor e ONGs não é uma tarefa fácil. No atual momento histórico, este tema aglutina e divide opiniões e a sociedade cobra do governo maior controle sobre estas organizações, que têm se multiplicado vertiginosamente e têm movimentado a economia nacional através de suas cooperativas.

Ao abordar um pouco o complexo mundo das ONGs, é preciso esclarecer que o foco do nosso trabalho é a ação educativa “não-formal”. Esta privilegiadamente acontece no campo das ONGs, mas não apenas nele.

No mapa do terceiro setor, desenvolvido pelo Centro de Estudos do Terceiro Setor (CETS), da Fundação Getúlio Vargas (FGV)²³, encontramos que o mesmo é formado por organizações que são sem fins lucrativos e que, por lei ou costume, não distribuem qualquer excedente que possa ser gerado para seus donos ou controladores; são institucionalmente

²³ Indicamos consulta ao site: www.mapa.org.br, no qual existem mais de 5.500 organizações cadastradas em todo o Brasil, sendo 64 delas no estado do Ceará. Dados referentes ao ano de 2007. Acesso em 18/04/2008

separadas do governo, são autogeridas e não-compulsórias. Tal definição pode ser contestada a partir de Montaño (2007)

Efetivamente, para além das diferenças entre as diversas organizações, uma questão é real e só pode ser determinada com certo nível de generalização: o conjunto de organizações e atividades que compreendem o chamado “terceiro setor”, para além dos eventuais objetivos manifestos de algumas organizações ou da boa intenção que move o ator solidário e voluntário singular, termina por ser instrumentalizado pelo Estado e pelo capital, no processo de reestruturação liberal, particularmente no que se refere à formulação e implementação de uma nova modalidade de trato à “questão social”, revertendo qualquer ganho histórico dos trabalhadores nos seus direitos de cidadania. (MONTAÑO, 2007, p. 19)

O referido autor critica os motivos que levam a ação do Estado a beneficiar determinadas ONGs enquanto nega seu apoio a outras. Ele analisa o terceiro setor como um produto inserido na reestruturação do capital, buscando a desmistificação de seu conteúdo ideológico.

Sentimos dificuldade em saber quantas organizações o Brasil possui, pois as informações são escassas e dispersas. Estima-se, segundo Montaño (2007), que existem cerca de 400 mil organizações não-governamentais registradas e cerca de 4 mil fundações (os dados são de 2000). Park e Fernandes (2005) apontam que, conforme dados do IBGE/IPEA/ABONG/GIFE, há 276 mil instituições privadas e sem fins lucrativos, que empregam 1,5 milhões de pessoas e movimentam R\$ 17,5 bilhões em salários e remunerações. Os dados referem-se ao ano de 2005. Acrescente-se, porém, que, em vários *sites*²⁴ que tratam do assunto, os números também não se coadunam, nem há clareza conceitual²⁵ quanto aos termos “terceiro setor”, “economia social”, “voluntariado” e outros a estes relacionados.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE realizou, em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, pesquisa sobre as Entidades de Assistência Social Privadas sem Fins Lucrativos. Utilizou-se como base o Cadastro Central de Empresas – CEMPRE, do IBGE, onde foram identificadas e

²⁴ Citamos apenas alguns *sites* na internet: www.rbrasil.org.br com 82 organizações filiadas; <www.portaldovoluntario.org.br> têm cadastro de 44.272 voluntários; <www.filantropia.org.br> mais de 4.850 entidades cadastradas; <www.rits.org.br> 12.170; <www.mapa.org.br> mais de 5.500. Muitos outros *sites* podem ser encontrados para os mais diversos objetivos de consulta, evidenciando inclusive o quanto este “setor” está crescendo consideravelmente desde os anos de 1990.

²⁵ Gohn (2005, p. 73-76) coloca que o termo tem significados múltiplos devido a sentidos históricos diferenciados: nos Estados Unidos corresponde a associações voluntárias”, aqui entram as Fundações criadas para gerir recursos destinados a obras sociais ou bens de espólios; na Inglaterra vem da tradição das *Charrities*, caridade aqui entra a filantropia e o “mecenato”; na América Latina surgem as ONGs cidadãs e militantes, principalmente atuação contra o regime militar imposto nos anos 1960/70.

quantificadas 33.076 entidades relacionadas ao grupo Assistência Social, das quais 16.089 declararam-se como prestadoras de serviços de assistência social e abrangidas pela política pública sob responsabilidade do MDS. Assim, segundo o IBGE²⁶, os principais serviços realizados pelas entidades pesquisadas são aqueles que visam à socialização, aos cuidados com a família e ao desenvolvimento socioeducacional das pessoas atendidas. Sobressaíram as menções feitas aos serviços que executam atividades recreativas, lúdicas e culturais²⁷ (5.947 entidades), os que realizam atendimento sociofamiliar²⁸ (5.933 entidades) e os que fazem atendimento socioeducacional²⁹ (5.859 entidades), dentre estas e outras, pode-se citar, ainda, o protagonismo destas instituições, na luta pelos direitos humanos, direitos das mulheres, jovens, infância, terceira idade, etnias, cultura, política, patrimônio cultural, reforma institucional etc., temas com forte presença no cenário público nos últimos anos, importando lembrar que uma entidade pode englobar diferentes objetivos, sobrepondo ações.

O programa Rumos: Educação Cultura e Arte 2005-2006, do Itaú Cultural³⁰, que valoriza ações educativas de natureza não-formal, teve mais de 200 projetos mapeados em vários lugares do Brasil. Tal iniciativa vale ser ressaltada por sua abrangência nacional, pelas ações educativas e de respaldo social que promovem junto aos projetos premiados, mas segue a política de classificação tão criticada em meios acadêmicos.

Considerando um quadro muito indefinido com relação a dados precisos sobre as ONGs, podemos dizer que, para a nossa pesquisa, o que interessa é perceber que, de algum modo, todas as ONGs abrangem a questão educativa, seja no cuidado com o meio ambiente, com a organização familiar, com os produtores rurais, os artesãos, os artistas populares, etc. As Fundações e ONGs são criadas e passam a existir com objetivos expressos de suprir determinada carência social, que é também uma carência cultural, onde a ausência do Estado se faz presente. Agindo em parcerias com as ONGs, entretanto, o Estado intervém e se torna presença financeira e intelectual, dando vida ao que foi chamado pela antropóloga Ruth

²⁶ Sugerimos leitura da obra “As entidades de assistência social privadas sem fins lucrativos no Brasil – 2006” disponível em: <www.ibge.gov.br>.

²⁷ Ações estratégicas com brincadeiras, jogos, histórias, dramatização e artesanato buscando desenvolver habilidades, atividades, formas de expressão e de relacionamento.

²⁸ Conjunto de atividades de atendimento ao grupo familiar em situação de vulnerabilidade social, possibilitando às famílias a construção de vínculos sociais e a participação em projetos coletivos.

²⁹ Atividade dirigida a um grupo de pessoas visando ao desenvolvimento de competências ou de compreensão acerca de um tema de interesse geral ou específico.

³⁰ Oliveira (2008) aponta que o Banco Itaú, por seu centro cultural (Itaú Cultural), está entre os maiores bancos do país que se beneficiam com as leis de incentivo fiscal.

Cardoso (ex-primeira-dama do país) de “novo voluntariado social”, quando do lançamento do programa de governo “Comunidade Solidária”³¹.

Na região do Cariri cearense, também há um grande número dessas organizações. Encontramos, na Fundação Araripe³², o registro de 138 entidades, entre ONGs, associações e fundações. Elas surgem em favor das mais diversas reivindicações, como as anteriormente citadas: meio-ambiente, cultura popular, educação, esporte... Embora não considerando esta relação como “certa”, pois os dados também se apresentam de forma confusa, tomamo-la para efeito de pesquisa pelo fato de que por todas elas (ONGs, fundações, associações...) perpassam um sentido educativo, que se encontra nos seus diferentes objetivos e maneiras de ensinar e aprender, no fazer educação.

Em 2000, algumas ONGs, da Região do Cariri, que trabalham com educação, comunicação e cultura, tentaram unir-se em rede através da REDUCOM – Rede da Educação pela Comunicação. O local do encontro foi a Fundação Casa Grande. Jornais locais, estaduais e nacionais noticiaram o fato³³.

A REDUCOM é fruto de uma aliança entre o Instituto Aírton Sena e a Embratel que, no ano de 1999, lançou o programa “cidadão 21”, cujo objetivo central era mudar o enfoque dado ao jovem no Brasil. De problema social - as drogas, a violência, o desemprego -, ele passaria a ser parte da solução dos desafios sociais do país. Uma das ações originadas foi identificar as melhores iniciativas desenvolvidas pela sociedade brasileira nesse campo e assim promover a socialização dessas experiências. Para tanto, a estratégia adotada foi a criação da REDUCOM.

Numa entrevista concedida ao jornal do Cariri, Viviane Senna identificou os objetivos da rede, ressaltou o envolvimento das sociedades organizadas na construção de “pontes” entre mundo empresarial, governo e ONGs que pudessem fazer do Brasil um país melhor.

³¹ A Comunidade Solidária foi criada no início do governo Fernando Henrique Cardoso, em 1995, como um instrumento para promover a participação cidadã e novas formas de diálogo entre o Estado e a Sociedade civil.

³² Fundação para o Desenvolvimento Sustentável do Araripe – FUNDAÇÃO ARARIPE - www.fundacaoararipe.org.br. A lista em questão foi concedida por *e-mail* através da funcionária responsável.

³³ Vejamos algumas manchetes: “Encontro reúne ONGs na região do Cariri” (Jornal do Cariri, 21/09/2000); “Cariri, ligado na Juventude” (Jornal do Cariri, 05/11/2000); Rede de Comunicação será lançada dia 18” (O POVO, Fortaleza, 06/11/2000); “Comunicação para educar” (Jornal do Cariri, 07/11/2000); “O projeto cidadão XXI educa crianças e jovens através da Comunicação” (Jornal do Cariri, 12/11/2000); “Cadeias de ONGs integram iniciativas pela educação” (O POVO, Fortaleza, 17/11/2000) “Ligado na Juventude” (Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, 18/11/2000); “Fundação Casa Grande é sede de encontro” (O Povo, Fortaleza, 18/11/2000); “Educação pela via da Comunicação” (Jornal do Cariri, 15/11/2000); “Preparando o Jovem do Século XXI” (Jornal do Cariri, 18/11/2000); “Jovens do Cariri aprendem a arte da Comunicação” (Jornal O POVO, Fortaleza, 21/11/2000); “ONGs no Cariri se reúnem no lançamento da Reducom” (Jornal de Negócios do Cariri - 05/12/2000).

Esse programa começou então como uma aliança entre nós, Instituto Airton Senna e Embratel, e nós convidamos algumas experiências existentes no país, com, justamente jovens, feito pelas ONGs, *como a do Alemberg*, para somar esforços nessa direção. Então, nós damos apoio técnico e financeiro para esse grupo de organizações, que nós convidamos para trabalhar em rede. E formamos uma Rede de Educação pela Comunicação – REDUCOM” (Viviane Senna, entrevista concedida ao Jornal do Cariri, Domingo, 12/11/2000, p. 4)

Um ponto fundamental é que nós não estamos fazendo isso isoladamente. Em 12 cidades brasileiras estão acontecendo discussões exatamente como as realizadas aqui. Isso, de certa forma, serve para forçar uma mudança na grade curricular da rede de ensino, mostrando que a comunicação é um interessante vetor na formação de jovens e adolescentes” (Alemberg, entrevista concedida ao jornal do Cariri, 21/09/2000)

De uma forma geral, os jornais evidenciaram o reconhecimento do trabalho da FCG ao ser escolhida para sediar o encontro e promover a articulação, mediada pelo Instituto Airton Senna, entre as ONGs da região do Cariri cearense. Evidenciaram também a força que estas instituições detêm na sociedade contemporânea.

Perguntamos a Rosiane sobre a construção dessa “rede de ONGs” na região,

É uma coisa que a gente tentou uma época, que a gente fez. Já fizemos algumas ações em comum... mas... .na realidade... o que acontece é que a maioria dessas ONGs ainda tem o pé muito preso nas políticas locais... aí se enfraquecem muito rápido. A gente tem a sorte de ter conseguido uma independência maior, de ter tido uma visão de não se atrelar. Mas o que acontece, muitas vezes, com essas ONGs aqui da região é que elas ficam muito dependentes ainda. Aí, quando muda alguma coisa, as pessoas desistem, desanimam... Isso interfere muito no trabalho das instituições. (Rosiane, entrevista concedida em 14/12/2006)

A tentativa de união de redes de ONGs é objetivo das instituições que buscam fortalecer-se coletivamente em nível local. Segundo o depoimento acima, neste caso, ela não se efetivou devido às “questões de disputas políticas locais”.

Em âmbito nacional, percebemos que, efetivamente, as ONGs, fundações e/ou associações fortalecem-se em ações comuns, lançam propostas, editais, realizam seminários, encontros de jovens e outras ações, quase sempre financiados também por capital estrangeiro. Citamos dois exemplos: o “Festival de Jovens Realizadores de Audiovisual do Mercosul”, do qual a FCG participou, na sua segunda edição, em 21 de outubro de 2005, com o vídeo documentário “Pingo”, de Samuel Macêdo. O evento foi idealizado pela ONG Aldeia e teve por objetivo central promover ações de comunicação e educação e recebeu o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD.

Recentemente, em Maio/Junho de 2008, uma jovem da FCG participou do “2ª Mostra Brasil Juventude Transformando com Arte”, que fez parte da programação do Programa Juventude Transformando Com Arte. É concebido e realizado pelo Centro de Estudos de

Políticas Públicas (CEPP), instituição sem fins lucrativos com sede no Rio de Janeiro, que atua desde 1991 na formulação, pesquisa e avaliação de políticas públicas e projetos sociais, nas diversas áreas, entre elas, arte e cultura. Teve como patrocinadores a Petrobras, via Lei Rouannet, e a Light, utilizando a Lei de Incentivo do ICMS. Também recebeu apoio da Fundação Avina e da Fundação Kellogg.

Rosseti-Ferreira (2005) expôs os resultados de uma pesquisa feita pelo UNICEF-Brasil no segundo semestre de 2002 com nove organizações que trabalham com a tríade “educação, participação e comunicação” na formação de crianças e jovens que protagonizam suas ações. Das nove organizações pesquisadas, integrantes da Rede CEP – Rede de Experiências em Comunicação, Educação e Participação, que tem como proposta central inserir práticas comunicativas no ensino em várias partes do país, evidencia-se que duas delas (Comunicação e Cultura; Movimento de Organização Comunitária) foram fundadas antes de 1990 e têm, em sua origem, alguma relação com movimentos sociais de esquerda. O Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP) também tem lideranças que trabalham com movimentos populares desde os anos 1970,

Já as cinco organizações mais jovens – Aprendiz, Casa Grande, Cipó, Oficina de Imagens e Uga-Uga – são diretamente vinculadas ao fenômeno Terceiro Setor. Sua institucionalização seria inviável sem disponibilidade de recursos privados para o desenvolvimento de ações no campo social, o que ocorreu notadamente a partir de meados dos anos 1990. (ROSSETI-FERREIRA, 2005, p. 23).

A iniciativa do UNICEF, concernente aos ideários de formação das cidades educadoras da UNESCO, teve por objetivo a luta pela transformação de tais projetos em política pública, para que eles pudessem expandir-se e atingir um número maior de pessoas.

Para Bebbington (2002), em termos empíricos, uma ONG deve ser analisada em dois contextos: o “histórico” e o “político-econômico”, que explicariam grande parte dos sentidos, dos objetivos e das ações da ONGs.

Posto isso, as ONGs deveriam ser analisadas em três níveis: o nível da organização como tal, seus objetivos formais e suas ações tal como descritas no discurso formal da instituição; o nível dos indivíduos que são ativos dentro e em torno das ONGs; o nível das redes sociais que sustentam a organização e através das quais os indivíduos da ONG atuam. (BEBBINGTON, 2002, p. 109)

A FCG trabalha com educação não-formal, comunicação e cultura. No discurso de seus membros, ela é “apolítica”, o que não quer dizer, ao que podemos inferir, que sua ação seja

neutra, pois todo ato educativo é sempre um “ato político”, seja ou estando ele em qualquer ambiente formal, informal ou não-formal. A educação com suas práticas está sempre a serviço da edificação de um determinado tipo de sociedade ou da perpetuação do modelo social vigente.

1.3 As conquistas: crianças, espaços e parceiros...

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho que nem se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisa de rasa importância.

Guimarães Rosa

A opção pela metodologia da História Oral para esta pesquisa deu-se também pelas múltiplas possibilidades que esta apresentou ao pesquisador. Sua força, conforme Prins (1992), advém da extensão e da inteligência com que muitos tipos de fonte são aproveitadas para operar em harmonia. Assim, utilizamos também jornais, revistas, fotografias, dentre outras fontes documentais, nesta complexa tarefa de desvelar a história da FCG. Inicialmente, contava apenas com a primeira sala e funcionava de Quarta a Domingo. A primeira funcionária da Casa Grande contou que Alemberg lutou muito, trocou favores com o então prefeito Dr. Alencar, para conseguir verba para a restauração da casa, fez shows, no entanto, não foi compreendido, pois o prefeito seguinte Dr. José Alves de Lima (falecido) chegou a proibir o funcionamento da Casa.

Ele achou que a Casa Grande não ia servir em nada para Nova Olinda. Não era necessidade, então pediu a extinção da Casa Grande e foi uma luta muito grande nessa época, uma luta mesmo, foi uma luta de guerra, pra se conseguir segurar a Casa Grande aberta. (ex-funcionária da Fundação, entrevista concedida em 08 out. 2007).

Emocionada, falou que viveu situações muito perigosas, recebendo inclusive ameaças físicas. Contou que a Casa Grande nasceu para ser um museu e que foi formada uma diretoria na qual havia dois funcionários. As dificuldades financeiras e o não repasse de verbas da Prefeitura fizeram com que ela ficasse sozinha, realizando o trabalho “mais por amor do que

por dinheiro”. Disse que as crianças gostavam dela e sempre que abria a casa, elas chegavam e varias brincadeiras eram criadas para “passar o tempo”, pois as visitas, na época em que a Casa foi inaugurada, não eram constantes. Hoje, a FCG só fecha durante a noite, as visitas acontecem diariamente. Constatamos isso com a pesquisa de campo. Há sempre uma escola, um grupo de turistas interessados ou pessoas isoladas querendo conhecer o lugar, equipes de televisão em busca de reportagens (foto 14), professores que ocupam o espaço do teatro para exibir filmes aos seus alunos, ou no parquinho, levando seus alunos para brincar.

De surpresa, chegou uma equipe da TV Verde Vale (local) aqui, para fazer uma pequena reportagem da FCG, as crianças saíram avisando umas as outras, o repórter me falou que aproveitou a viagem a Santana do Cariri, onde irão cobrir o lançamento do projeto Geopark Araripe e parou aqui, porque sempre teve vontade de entrevistar os meninos e conhecer a casa. Com muita autonomia, as crianças receberam a equipe e apresentaram todo o projeto. Imediatamente, os meninos da bandinha de lata montaram-na no pátio e, sem a menor vergonha, tocaram e cantaram enquanto a TV filmava. (D.C. 02/08/2007)

Por volta das 10h, chegou um grupo grande de turistas, entre eles pessoas da Bélgica, Hungria, Holanda, Kolsko e Estocolmo, alguns com dificuldade de expressão, pois só falavam inglês e francês, estão apenas para conhecer o projeto e foram trazidos por uma freira de Juazeiro do Norte. (D.C. 16/08/2007)

Chegou um ônibus com estudantes (turmas de 5ª e 6ª séries) e professores da cidade de Mauriti. Segundo uma das professoras, foi feita “uma prévia em sala de aula sobre o que os alunos iriam encontrar na FCG. No retorno, eles irão estudar a cultura local”. (D. C. 27/09/2007)

A forma como os visitantes são recebidos, a qualquer hora do dia³⁴ e sem um agendamento prévio, demonstra o quanto as crianças são organizadas e autônomas diante do trabalho que executam.

Cotidianamente, meninos e meninas participam das ações da FCG desde a geração de idéias, planejamento, execução e avaliação de atividades, mas, não apenas isso, coletivamente, eles apropriam-se dos resultados dos fazeres, aprimorando-se culturalmente.

Também tivemos a oportunidade de ver visitantes da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (foto 15), escolas estaduais e particulares dos estados da Paraíba e Piauí, indicando que a FCG tornou-se um local de pesquisa, como está registrado em seu estatuto: “Oferecer um ponto de apoio para pesquisadores”.

³⁴ A FCG está aberta aos visitantes de 08:00 às 17:00 h.



Foto 14 - Meninos explicam o funcionamento da editora à equipe de TV - Arquivo pessoal da pesquisadora – 28/07/2007.



Foto 15 – Na editora menino e menina explicam aos visitantes da UFCG o processo de edição das histórias em quadrinhos – Arquivo pessoal da pesquisadora 26/09/2007

Ainda segundo a antiga funcionária, havia, no início da história da FCG, apenas uma televisão que, apoiada sobre cadeiras, era posta no terreiro da casa para passar filmes. Depois, Rosiane passou a dar aulas a essas crianças, iniciando a escolinha de comunicação.

O depoimento do Sr. José Paulo de Araújo³⁵ a seguir e as fotografias 16 e 17 ajudam na compreensão dessa história,

Quando cheguei aqui, tinha um grupo de crianças logo na entrada da Casa Grande e só existia a casa velha, a Casa Grande, não tinha mais nada e, aonde hoje é o depósito da lojinha, era uma sala minúscula, tinha um metro por metro, funcionava a tal rádio que era uma amplificadora. Era um microfone, um amplificador e colocava duas caixas de som no teto da Casa Grande, então, além disso, eles tinham uma biblioteca, tinham um museu e eles faziam histórias em quadrinhos de um lado, e do outro tinham as plantas medicinais numa horta. Basicamente, era isso e os meninos vinham basicamente para brincar, para jogar peão, bila e tudo mais, bom essa é a primeira imagem que me ficou da Casa Grande. É uma imagem absolutamente impactante porque os meninos estavam muito livres, assim todas as crianças estavam muito livres, não era na escola normal, porque você sentia uma energia própria das crianças, nada institucionalizado. Essa é a primeira imagem que eu tenho da Casa Grande. (José Paulo de Araújo, entrevista concedida em 16/02/2008)



Foto 16 – Crianças brincam no terreiro da FCG - Revista Mandacaru, Dezembro de 1995. Arquivo pessoal da pesquisadora – 20/12/2007

³⁵ Funcionário do UNICEF, atualmente chefe do programa Comunicação UNICEF Botswana.

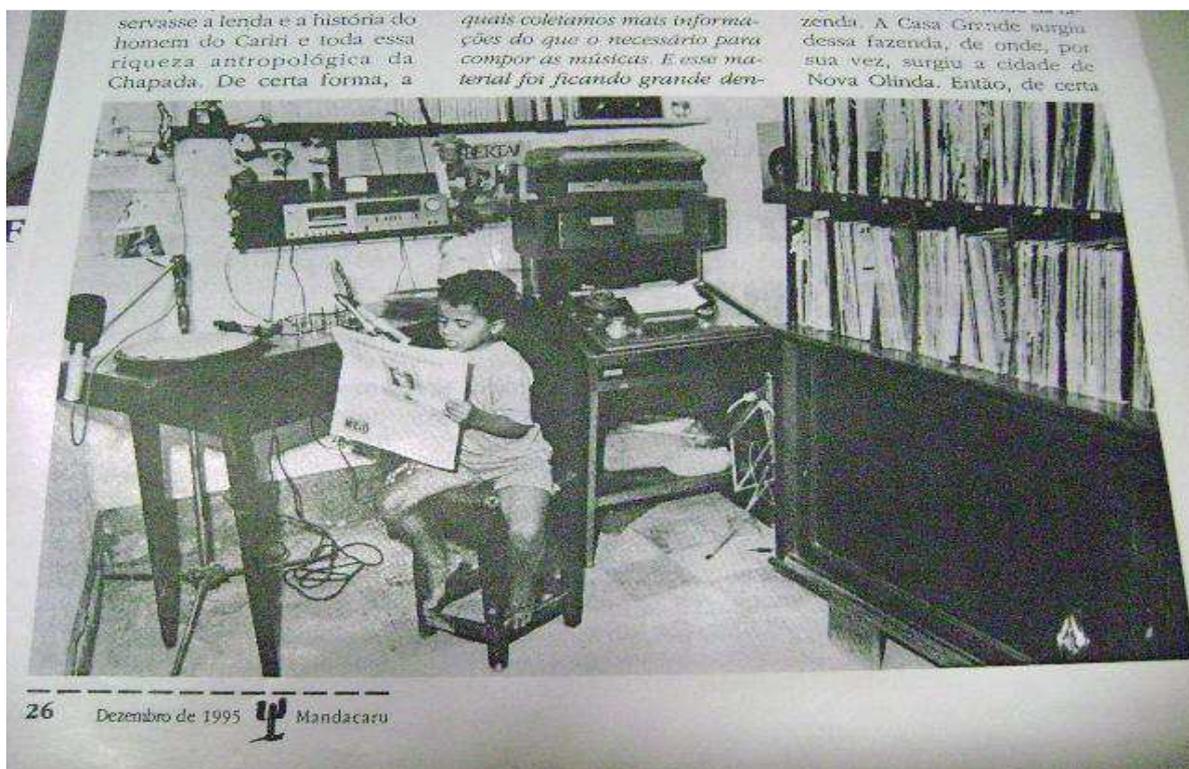


Foto 17 - Menino apresenta programa de rádio - Revista Mandacaru, dezembro de 1995, arquivo pessoal da pesquisadora - 20/12/2007.

Percebemos, pela entrevista citada e a fotos números 16 e 17, o quanto as crianças que, inicialmente, brincavam livres, já chamavam a atenção daqueles que trabalhavam, de alguma forma, com educação e o quanto é impossível não estabelecer um contraponto da escola formal com a Fundação Casa Grande. A expressão “era uma escola diferente”, enfatizada na fala do João Paulo, associada aos vários depoimentos e falas que chamam os “meninos” e “meninas” de alunos da FCG, mas que, acrescentam, lá eles não fazem provas, são livres, gerando inclusive a sensação em alguns pais de que lá “eles perdem tempo”. É uma concepção um tanto generalizada no senso comum de que “só se aprende na escola” e pode explicar que a educação não-formal não se efetiva desvincilhada desta concepção, daí possuir na sua não-formalidade aspectos formais, que analisaremos mais detalhadamente no capítulo 2 desse trabalho.

Rosiane disse-nos que a FCG não foi à busca de crianças. Elas foram chegando e ocupando os seus espaços. O que pode denotar, inicialmente, deslumbramento, mas com uma análise mais detalhada, revelar ações de protagonismo infantil.

Pensado para adultos, o casal (Alemberg e Rosiane) pretendia edificar um centro cultural para trabalhar com a juventude, no entanto, a reforma chamou a atenção das crianças,

elas passaram a ir vê-la sempre, era a novidade da pequena cidade. Começaram a ocupar o terreiro da casa, realizando brincadeiras e observando o ir e vir de pessoas. Este fato chamou a atenção do fundador, que percebeu que, de tanto ouvi-lo explicar sobre o local, as crianças já repassavam as informações e “encantavam” os visitantes. Era o início do que veio a ser posteriormente a Fundação Casa Grande. Algumas destas crianças ainda estão na FCG, sentem-se orgulhosas de terem praticamente nascido junto com o projeto. Elas aprenderam ao ritmo da vida sem seguirem a um programa educacional pré-estabelecido.

A escolinha, segundo a sua fundadora, foi a forma encontrada para “sistematizar” as atividades destas crianças e “despertar nelas o desejo de voltar”, não tinha por objetivo “instruir”. As atividades eram realizadas de forma simples, porque não havia recursos para materiais didáticos (papéis, canetas, lápis coloridos e outros).

Então eu comecei a juntar a meninada e fazer algumas atividades. Eles foram gostando daquela novidade e voltando. Então, a gente foi sistematizando as ações. Quando a gente conseguiu a amplificadora com o padre, iniciamos já o projeto piloto da rádio, estabelecemos que a escolinha ia ser sempre no sábado à tarde. Daí começou mesmo a coisa da rotina, da escolinha acontecer uma vez por semana. Eu, por um bom tempo, fiquei fazendo esta escolinha. As crianças iam também durante a semana, mas, no Sábado à tarde, tinha uma dedicação maior, uma programação especial. Depois eu voltei a trabalhar no Crato e voltei a ir só ao final de semana para Nova Olinda, mas continuou a coisa da escolinha. Acho que, nos primeiros cinco anos, a escolinha foi minha responsabilidade direta, isso foi uma coisa que eu não consegui mais fazer. As outras meninas vieram, na seqüência fazendo, não foi mais como eu fazia, mas como elas estavam podendo fazer. Hoje, eles estão lá todo dia, todas as tardes eles estão, às vezes, tem aquelas atividades, às vezes, não tem, às vezes, é só brincadeira, mas tem esse nome de escolinha. Esta seria uma reunião informal de todos os meninos que estão chegando à Casa Grande. A idéia da escolinha inicial foi essa, de reunir todos aqueles meninos que estão, ou indo, pela primeira vez ou há pouco tempo, à Casa Grande, independente de idade e tamanho, não tinha isso. Ali a gente ia brincar, conversar, cantar e falar sobre o museu e fazer atividades que despertassem neles a vontade de voltar à Casa Grande. O objetivo da escolinha foi/é esse despertar neles a vontade de voltar de novo para a Casa Grande... (ROSIANE, entrevista concedida em 14/12/2007 no escritório da FCG em Crato)

A idéia de incluir as crianças nas atividades foi a forma encontrada de lhes “despertar a vontade de voltar” e “administrar a presença delas” na Casa Grande. Esta ação fez desse projeto uma iniciativa única, com um modelo educacional que foi se constituindo de acordo com as necessidades locais, o envolvimento da comunidade e as idéias infantis.

Quando a gente inaugurou a Casa Grande, tinha a expectativa de trabalhar com a juventude da cidade, com os jovens. A gente achava que ia fazer um trabalho bem legal com a edificação de um centro cultural na cidade. Só que a juventude estava muito perdida nessas histórias de bebidas, dos forrós, dessas coisas. Então, não se interessou tanto, e a gente se deparou com a meninada, muito danada por sinal, e que a gente tinha que administrar, porque os meninos soltos na rua, sabe como é? Em Nova Olinda, a gente costuma dizer que não tem criança de rua, tem criança na rua.

Então, as crianças eram realmente na rua e, naquele tempo, há quinze anos, parece que ainda era mais na rua do que hoje. A cidade era menor, não sei. O que eu sei é que era, mas era tanto do menino que não tinha quem desse vencimento, era muito menino mesmo. (ROSIANE, entrevista concedida em 14/12/2007 no escritório da FCG em Crato)

O depoimento acima vai ao encontro do falado por Alemberg, em entrevista concedida à revista Mandacaru, em 1995, abaixo citada, e às várias vozes daquelas crianças que, hoje, são os jovens da FCG, os quais afirmam ter encontrado, neste espaço, o apoio de que precisavam para se desenvolver, onde podiam exercer cidadania e se preparar para o mercado de trabalho. Essa consciência de preparar melhor o filho para o futuro (mercado de trabalho) e resguardá-los da rua também esteve presente no depoimento de alguns pais de meninos e meninas da FCG.

E a gente só fez o quê? Lapidar, pegar as crianças e começar o trabalho de lapidação e de orientação através da arte, para que elas entrassem nesse universo da mitologia, da arqueologia que a Casa Grande vem trabalhando. À gente não pediu às crianças para mostrar os quadros, elas é que começaram a mostrá-los aos visitantes, a pegar a vassoura e varrer... Terminamos trabalhando só com as crianças e o tempo todo elas puxando a gente. Ainda hoje, puxam agora, querem montar um conjunto e a gente vai atrás de conseguir equipamento para elas. (ALEMBERG entrevista concedida à Revista Mandacaru, Dez. 1995).

As crianças (hoje jovens) também enfatizaram, em suas diversas falas, que elas iam até a Casa Grande, muitas vezes, até “saindo de casa às escondidas” dos familiares, porque gostavam de estar na Casa Grande, de ver o movimento de pessoas em torno daquela casa que antes era “abandonada”, bem como, apreciavam falar com os visitantes.

Chama atenção esse “lapidar” ao qual o diretor se referiu no depoimento acima, ele pode estar relacionado ao processo disciplinar a que os meninos e meninas são submetidos, o que para Foucault (1987) procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Tal concepção vai de encontro aos objetivos do Relatório Delors que concebe a educação como um “investimento econômico, social e humano a longo prazo” (p. 199).

Quando perguntamos ao diretor da ONG sobre as normas ele nos explicou que elas acontecem em “sentido de mão dupla”, como se na institucionalização da norma todos aprendessem.

Há normas sim, o menino chega às sete horas da manhã, organiza o seu setor. Se ele chega atrasado tem uma planilha para anotar, que eu vejo quando chego ao final de semana, então ele vai ter que dizer porquê chegou atrasado... Se colocamos um menino para ser coordenador do museu e outros não lhe atendem é porque ele não formou liderança, é preciso desenvolver nele esta capacidade...um adulto é para ser

respeitado e uma criança também, neste sentido todos devem respeitar as normas. (ALEMBERG, entrevista concedida em 03/12/2007 no escritório da FCG em Crato)

Essa normatização não impede a criação livre e espontânea de meninos e meninas. Podemos apreender do contato com os jovens e idealizadores da FCG que as atitudes das crianças, ao serem consideradas e incorporadas na ONG, contribuíram muito com o que estava sendo gestado na cidade de Nova Olinda naquele momento. Esta parceria continuou e continua ainda hoje. As crianças (novos habitantes) e os jovens (1ª geração) continuam opinando e sendo escutados. Tal fato lembra-nos Muñoz (2004), quando, propondo a “pedagogia da vida cotidiana”, apresenta as crianças, adolescentes e jovens como portadores de idéias frescas, novas, capazes de provocar mudanças. Este autor adverte que, quando, num país, suas crianças, adolescentes e jovens não são ouvidos, perde-se algo em torno de 30% ou 50% das idéias de cidadania. Não precisamos de uma análise mais detalhada para concluirmos que este potencial, de fato, é desperdiçado em nossa sociedade e no mundo.

O Brasil e as crianças do Brasil acontecerão um dia; serão um “não sei onde” definido após um “depende de”. A incompletude natural da criança é projetada como metáfora da nação inconclusa, e a peculiaridade da nação inconclusa é o recurso argumentativo com o qual a história social da infância torna-se depositária dos exemplos de um cotidiano no qual tudo é fratura, fragmento e dispersão. (FREITAS, 2006, p. 253)

Ressalte-se o número de crianças que, sem as mínimas condições de sobrevivência, sequer chegam à idade adulta. Segundo dados do UNICEF³⁶, em 2006, pela primeira vez na história recente, o número total de mortes anuais de crianças menores de 5 anos caiu abaixo de 10 milhões – ficando em 9,7 milhões. Esse número representou uma queda de 60% na taxa de mortalidade infantil desde 1960, mas tal estatística não se faz digna de comemoração.

Ocupando os espaços da FCG, as crianças passaram a dar idéias, estas, analisadas por seus diretores, foram frutificando ações e moldando o ambiente educativo que hoje está formado/em formação.

A pesquisa mostrou-nos que o tempo que as crianças passavam na Fundação despertava nos pais preocupações das mais diversas ordens, como, por exemplo, achavam que elas estavam perdendo tempo porque iam lá só para brincar. Este pensamento foi se modificando ao longo dos anos, ao menos para aqueles pais que souberam entender o que os filhos queriam

³⁶ Relatório: SITUAÇÃO MUNDIAL DA INFÂNCIA 2008. Disponível em: www.selounicef.org.br. Acesso em 30/05/2008.

de fato e passaram, então, a apoiá-los. Consideramos que, aqui, a FCG tem sua nova conquista: os pais das crianças.

Voltando à questão do fechamento da Fundação, Cláudia Parente aponta, em reportagem ao Jornal do Comércio (Recife), de 09 de agosto de 1998, que a “prefeitura que havia firmado um convênio para doar cinco salários mínimos mensalmente, pedia a extinção do projeto antes da primeira doação”. Acioli (2002) afirmou que o fato ocorreu devido às “reclamações dos pais”, mas que a questão foi contornada. Que reclamações seriam estas? Na cidade, tentamos interrogar algumas pessoas, porém, sem sucesso. Uma coisa que ficou evidente na fala das pessoas e do diretor da ONG é que as disputas políticas pelo poder local são muito acirradas. Encontramos, em dois momentos distintos, depoimentos de Alemberg sobre o fato ocorrido:

Na época, a gente tinha uma amizade boa com o prefeito Zé Alencar. A prefeitura, então, restaurou a casa de meu avô, que tava em ruínas e foi a primeira casa da cidade. A minha família doou a casa. Resolvi fazer uma ONG porque já vinha de uma experiência do museu do Crato, um museu público... fui diretor de lá por cinco anos. (Fonte: jornal O POVO, Fortaleza, 09/11/1996)

Eles entendiam que porque a prefeitura deu dinheiro para restaurar, eles tinham que pegar o prédio de volta. Eu disse que não. Na época eu andava com uma câmera de filmar o tempo todo porque existia uma ameaça de entrarem na Casa Grande pra agressão...Então, foi um momento até bom. Bom por quê? Porque a gente começou lá debaixo, começou sem nenhum apoio.” (Fonte: Revista Entrevista, edição 11, outubro de 1999)

Para concluirmos este episódio, gostaríamos de registrar as suas marcas em um atual jovem da FCG, que está lá desde pequeno,

Teve uma época que quiseram fechar a Casa Grande, foi uma das barras mais... que a gente passou aqui. Problemas políticos aqui dentro da cidade, até hoje isso é assim, uma coisa acirrada, as pessoas não abrem. Não têm mentalidade. De repente, eles quiseram fechar a Casa Grande e foi situação aqui. Acho que foi o vexame maior que a gente passou. Eu não me lembro bem porque eu era muito pequeno, ta entendendo? Lembro de Alemberg correndo pra lá e pra cá, foi... É igual a TV aqui que lacrou, quase a gente fica doido. Alemberg responde processo na justiça coisa e tal. Naquela época que quiseram fechar a Casa Grande, a gente era muito pequeno e vendo aquela situação. Uma coisa que não ia fazer mal a ninguém, ta entendendo? Só ia trazer... Só ia somar dentro da cidade... e, de repente, você passar por aquela situação que... mas foi uma coisa que passou... a gente superou... e hoje você vê assim ... hoje, o projeto tem a referência não só na cidade, mas no mundo.. (entrevista concedida em 19/10/1997 na FCG/Nova Olinda).

Em seu depoimento, permeado de falas entrecortadas, podemos perceber que o fato causou indignação, mas também modificou o pensamento do menino sobre política e políticas.

A TV, da qual o jovem fala, foi lacrada, após duas semanas de funcionamento como teste. O jornal Folha de São Paulo, de 11 de julho de 2001, página E1, criticou o fechamento da TV Comunitária pela ANATEL, destacou a história da fundação, disse que a idéia da televisão foi das próprias crianças. Alemberg a pôs em prática com a ajuda da Secretaria de Ação Social do Governo Cearense,

A idéia é tão absurda, que um órgão oficial impede o funcionamento de um projeto financiado por outros. Além do governo do Estado, que contribuiu com a Casa Grande, o BNDES, segundo Alemberg, já prometeu liberar uma verba para instalação de uma ilha completa de TV digital. (Alemberg, Folha de São Paulo, 11/07/2001, p. E1)

Absurdo ou não, a TV continua lacrada, mas a luta pela sua restauração também continua. A imprensa local, estadual e até nacional deu ênfase ao caso, destacou inclusive que Alemberg foi preso na Polícia Federal e foi aberto inquérito. “Não tenho vergonha de ser preso ou condenado por estar tentando educar. Eu não posso educar, mas o Leão Lobo pode mostrar dois cavalos transando na TV” (Depoimento de Alemberg ao Jornal O POVO, sexta-feira, 24/09/1999, p. 9A). Este jornal traz ainda depoimentos do então gerente da ANATEL, da região do Ceará, Piauí e RN, Joaquim Borges, que disse ser o lacre um procedimento normal devido à falta de licença. Em um jornal regional, encontra-se a seguinte nota: “durante o depoimento, Alemberg ressaltou que não tinha autorização para o funcionamento da emissora, mas declarou que a ONG encaminhou um pedido de liminar à Justiça Federal para regularizar a situação” (Jornal do Cariri, Cidades, Juazeiro do norte, 26 de setembro de 1999, p. 4).

O Jornal Diário do Nordeste, de 20/11/1999, p. 4, informou acerca da reunião de Alemberg com Pimenta da Veiga, conseguida com a ajuda do, à época, Senador Lúcio Alcântara para tentar reabrir a TV, que continua lacrada. Se a televisão não foi reaberta, eles conquistaram o direito de produzir seus documentários em vídeos populares, pois, de posse dos aparelhos, eles continuam fazendo vídeos, divulgando-os no Centro Cultural Banco do Nordeste e no Teatro Violeta Arraes, em dias de show ou apresentação de cinema.

Em 13 de dezembro de 2005, deu-se a concessão de rádio educativa. Verificamos que todo o trabalho da rádio é feito pelos “meninos” e quem os auxilia são os bolsistas do Curso de Comunicação, da Universidade Federal do Ceará - UFC.

Refletindo a questão do lacre imposto à TV e a demora da legalização da rádio educativa, que já vinha funcionando como difusora desde o início da FCG, encontramos, em Meksenas (2002), que o processo de democratização dos meios de comunicação está atrelado

ao conflito existente entre o poder institucional da comunicação (que tem o seu maior expoente na televisão e atende aos objetivos empresariais de mercado na formação da opinião pública) e o poder popular da comunicação (tecido nas práticas dos movimentos sociais e das ONGs). Neste, a opinião pública passa a existir como ator político, representando a sociedade civil frente ao Estado. Neste campo,

O combate às rádios não-legalizadas e a morosidade na legalização de algumas delas deve-se a dois fatores: 1) A democratização da comunicação pelo reconhecimento das rádios comunitárias é visto como ameaça a uma fonte rentável do clientelismo político, presente no antigo modelo de concessões e sob o controle do poder político patrimonial; 2) Os grandes grupos empresariais que integram o poder institucional da comunicação opõem-se à expansão de rádios não-comerciais. Apesar desses limites, as rádios comunitárias começaram a conquistar espaços na sociedade civil. (MEKSENAS, 2002, p. 191)

Outra conquista foi a incorporação do prédio do externato XV de Novembro, que foi construído em 1948, tendo sua sede definitiva em 1950, sendo inaugurado dez anos depois em 1960, funcionou até 1972. Desde então abandonado, foi sendo deteriorado pela ação do tempo. O prédio estava em ruínas, quando foi doado pelo Governo do Estado do Ceará à Fundação Casa Grande, em 1997, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura nº 12.464, de 29 de junho de 1995 (Lei Jereissati). Integrado à FCG em 1998, este prédio tinha por objetivo ser a sede da Escola de Comunicação da Meninada do Sertão.

Através da Lei Jereissati, conseguiram recursos para a TV (que falta o transmissor para transmissão local) e a aquisição de um prédio vizinho à Casa Grande, onde funcionou a primeira escola de Nova Olinda, com área de 1200 m², que servirá para ampliação da ONG. (Recorte do Jornal O POVO Fortaleza, Ceará, Sábado 06/09/1997, p. 18A)

Os fatos coadunados na composição da história da FCG podem apresentar ao leitor uma aparente naturalidade de ações, no entanto, a escuta das falas, o olhar aguçado vão demonstrando um elemento inerente ao processo, a luta constante por recursos, reconhecimento e legitimação de ações no trabalho conjunto, que envolve, além dos fundadores, crianças e jovens e a comunidade local, o caminho foi se construindo no caminhar e deixando suas marcas,

Uma coisa que marcou muito a gente foi a queda do muro da Casa Grande, a gente derrubou quando conseguiu a escola, significou crescimento, desenvolvimento, abertura de espaço. É como se a gente fosse para o outro lado do mundo, porque a gente teve condição de mostrar que a gente podia crescer. (Jovem, entrevista concedida em 15/04/2008).

As Leis de Incentivo à Cultura vieram algum tempo após a criação do Ministério da Cultura (MinC), em 1985. Segundo Cury (2002), foi a Lei Sarney, de 1986, que inaugurou o período das Leis de Incentivo Fiscal para a Cultura. A referida autora citou parte do prefácio do livro *Projetos Culturais* (1998) em que o então Ministro da Cultura, Francisco Weffort, afirmou que:

Essas leis vieram viabilizar a parceria entre o artista ou produtor cultural, o patrocinador e o Estado na realização de um projeto cultural. O primeiro contribui com o trabalho criativo, o segundo, com os meios para a sua concretização na forma de um produto cultural, e o terceiro, com estímulo - na forma de incentivo fiscal - para que a sociedade participe do processo. (apud CURY, 2002, p. 79).

A Lei Rouanet 8313, de 23 de dezembro de 1991, garantiu a destinação de verbas para o setor cultural, instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura – PRONAC, que será implementado pelos seguintes mecanismos: Fundo Nacional de Cultura - FNC, Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficart) e Incentivo a projetos culturais.

Recentemente, o Decreto nº 5.761, de 27 de abril de 2006, regulamentou a Lei supracitada, estabelecendo a sistemática de execução do PRONAC,

Art. 1º. O Programa Nacional de Apoio à Cultura - PRONAC desenvolver-se-á mediante a realização de programas, projetos e ações culturais que concretizem os princípios da Constituição, em especial seus arts. 215 e 216, e que atendam às finalidades previstas no art. 1º e a pelo menos um dos objetivos indicados no art. 3º da Lei no 8.313, de 23 de dezembro de 1991.

Salientamos que legislar sobre cultura é competência concorrente da União (que o faz sobre normas gerais), Estados e Distrito Federal (que legisla de forma suplementar), conforme artigo 24, inciso IX, da Constituição Federal. Se Leis Federais e Estaduais são de competências concorrentes, elas, no entanto, não diferem muito em seus moldes, seguindo todos os parâmetros constitucionais. Assim, a Lei Estadual de Incentivo à Cultura, número 12.464³⁷, do Estado do Ceará, foi criada em 29 de junho de 1995, e teve por objetivo beneficiar projetos culturais nas seguintes áreas: Editoração, Fotografia, Cinema, Vídeo, Música, Artes Plásticas e Gráficas, Artes Cênicas, Artesanato e Folclore, Filatelia e Numismática, Literatura, Patrimônio Histórico e Artístico, Pesquisa Cultural e Artística. A

³⁷ Revogada por meio da Lei Nº 13.811, de 16 de agosto de 2006, o Governo do Estado do Ceará criou o Sistema Estadual de Cultura (SIEC) com a finalidade de integrar o Sistema Nacional de Cultura, que é um complexo de normas que visam regular a união de esforços nas esferas federal, estadual e municipal, através de ações conjuntas, sendo ainda, tal legislação, fundamento legal para a celebração de convênios e repasse de recursos entre as diversas esferas de governo e outras organizações, para fins de articulação, gestão, informação e promoção de políticas públicas de cultura. Fonte: www.secult.ce.gov.br, acesso em 28/01/2008.

Lei Jereissati³⁸ criou também um fundo para incentivo e financiamento de atividades culturais tradicionalmente não absorvidas pelo mercado formal. O Fundo Estadual de Cultura (FEC) financia especialmente projetos na área de patrimônio, produções de grupos populares e associações comunitárias.

O trabalho do jovem casal, dos amigos e, sem dúvida, das crianças, encontrou amparo no panorama nacional e no arcabouço legal que ajudou a fortalecer a ONG (através de suas parcerias³⁹) e a fez crescer. Assim, a FCG, amparada legalmente com o estabelecimento de parcerias, ganhou os espaços do antigo grupo escolar.

Tendo como princípio respeitar a singularidade local, que o fundador da FCG chama de a leitura “antropológica” do lugar, o prédio foi restaurado conforme estrutura original. Na primeira sala, foi feito um memorial, erguido com fotografias que fazem menção ao conteúdo ensinado e à formação da sua primeira professora, com o diploma concedido pela Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, em 19 de novembro de 1943.

As fotos a seguir apresentam o Educandário em três momentos: a primeira (Foto 18) data de sua edificação, conta a história da construção, na década de 1950, só funcionando de 1960 a 1972, quando foi fechado e entrou em processo de decomposição, encontrando-se em estado de abandono (Foto 19), quando foi adquirido pela FCG em 1997. A foto 20 mostra o prédio restaurado, tal como se encontra hoje, parte da FCG, com sua história e memória preservada.

³⁸ A Lei nº 13.400, de 17/11/2003, criou o Conselho Estadual de Cultura do Ceará, a quem compete emitir parecer sobre os planos anual e plurianual, da Secretaria da Cultura, e de suas entidades vinculadas, assim como as diretrizes gerais relativas aos incentivos estaduais à cultura, principalmente os do Fundo Estadual da Cultura.

³⁹ Atualmente, são parceiros da FCG conforme quadro exposto em seus domínios: Mobilização: Fundação Ávina; Circulação de espetáculos: SESC, Banco do Nordeste; Infraestrutura: governo do Estado, BNDES; Fortalecimento pedagógico: Governo federal, UNESCO, WA KELLOGG Foundation. Encontramos, no entanto, outros parceiros que não estão expostos em quadro, como exemplos, citamos a URCA e a UFC.

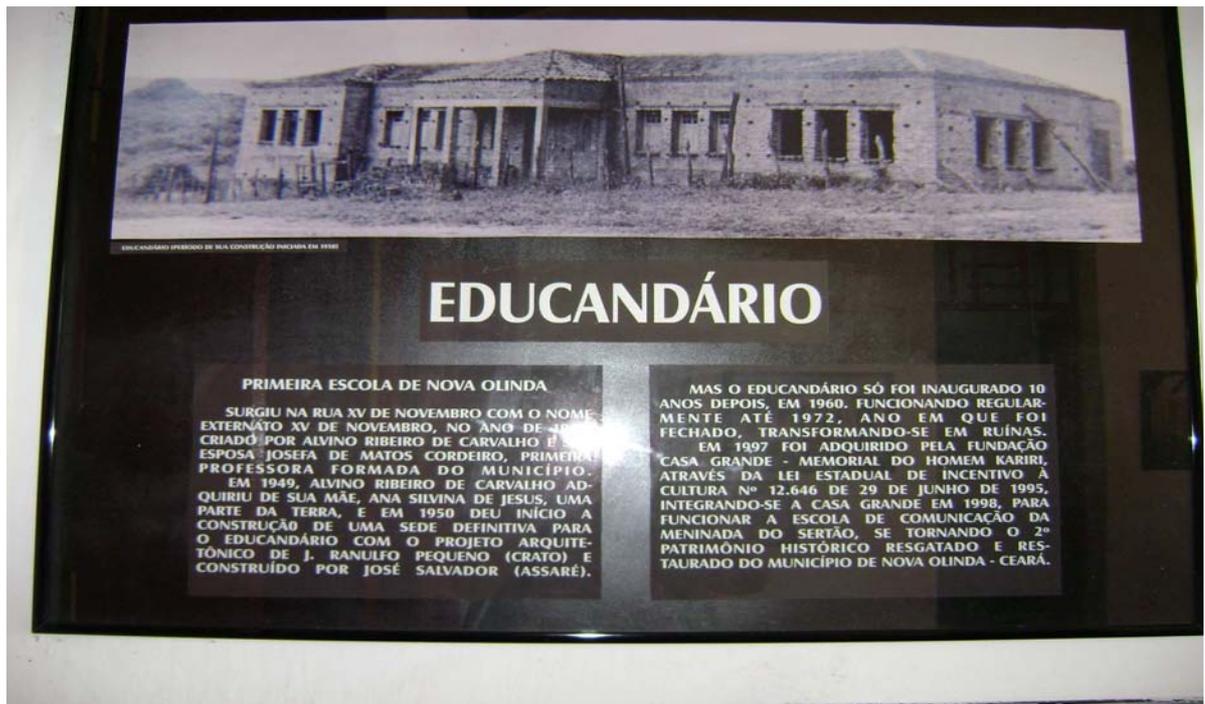


Foto 18: Histórico do educandário. Foto do prédio no momento de sua construção - década de 1950. Reproduzido a partir de quadro exposto na própria ONG (arquivo pessoal da pesquisadora 16/04/2007)



Foto 19 – Prédio deteriorado pela ação do tempo, quando foi adquirido pela FCG. Reproduzido a partir de quadro exposto na própria ONG – Arquivo pessoal da pesquisadora 16/04/2007.



Foto 20 – Prédio do educandário XV de Novembro – Arquivo pessoal da pesquisadora – 16/04/2007.

Na restauração, além do resgate do patrimônio edificado, houve a salvaguarda do patrimônio imaterial que se constitui na construção da história educacional na cidade de Nova Olinda. Foi erguido no prédio do Educandário um acervo fotográfico que conta com a construção da escola que formou e diplomou sua primeira turma, no dia 10 de dezembro de 1949, e de sua fundadora, Josefa de Matos, que concluiu seus estudos na Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte e foi também secretária de Educação em Nova Olinda.

A Escola Normal Rural, de Juazeiro do Norte, foi a primeira do Brasil no gênero, sua missão era:

- 1º) Inocular no espírito das crianças o amor à terra, mãe carinhosa, sempre pronta a produzir o necessário ao sustento de seus filhos.
- 2º) combater indiretamente o urbanismo, tendência nefasta que priva os campos de quem os cultiva, engrandecendo despropositadamente as cidades, com evidente prejuízo do desequilíbrio econômico da coletividade.
- 3º) Criar na mente das novas gerações que se educam a consciência ruralista, isto é, a convicção exata e segura de que o nosso futuro, o futuro da nossa gente, está na solução dos problemas rurais, única fonte de grandeza da nacionalidade. (PINTO, 1939, p. 104 apud VIEIRA, 2002, p. 191).

Esta história, que pode despertar interesse de estudiosos, ainda merece ser melhor desenvolvida e pesquisada. Pelo relato do autor supracitado, podemos observar que uma das missões das “escolas normais rurais” era a valorização da vida campal com o explícito objetivo de fixação do homem à terra. A FCG corrobora com esta questão, à medida que é

comum, nas pequenas cidades do interior do Nordeste, o deslocamento de pessoas para grandes centros urbanos, onde buscam melhores perspectivas de vida. A FCG oferece àqueles que dela participam a opção de ficar.

Hoje, o dia está bem interessante, conversei muito com uma senhora de apenas 24 anos, que tratou da questão da “permanência”, cresceu na FCG, formada em Letras, já fez especialização. Dá aulas no Estado como professora temporária, confessa que teve um tempo que quis ir embora, buscar melhores condições de trabalho (o que a cidade não oferece) em outro lugar, teve oportunidade inclusive de sair do país, no entanto, ficou, considera que não quer mais sair, que seu lugar é em Nova Olinda. Ela já não está na FCG, mas faz parte da COOPAGRAN, conta que seu irmão, que também cresceu com ela na FCG, hoje, tem um bom emprego, na cidade vizinha, Crato, que conseguiu através de concurso. Outra jovem, que também participava da conversa e compartilhava das mesmas angústias, disse já ter participado da FCG. Hoje, ela e outros jovens universitários da cidade têm a sua própria fundação, a IDSS, que luta pela preservação do meio ambiente. (D.C. 28/08/2008).

Tal fato segue em contraposição a dois pressupostos correntes na mídia e no senso comum: o primeiro é o de que a juventude “não sabe o que quer”, de que o jovem do sertão, cabisbaixo ou “moralmente machista”, não tem idéias ou opiniões próprias que o façam orgulhar-se de sua cultura; a segunda é de que o Nordeste seco não oferece condições de vida e que as pessoas, tal como os nômades, nos primórdios da história da humanidade, precisam se deslocar para continuar a viver. Os depoimentos acima, aliados a outros, apontam numa outra direção. No entanto, enfatizamos que a falta de emprego, condição de cidadania na sociedade capitalista, ainda é fator impulsionador de migrações na cidade de Nova Olinda, mas que alguns dos jovens que participam da FCG podem optar, e indica que a vivência na ONG possibilita o advento de novas ações na comunidade.

Em 2003, surgiram as pousadas domiciliares com o apoio da Fundação Vitae, SEBRAE e Fundação Interamericana, partindo da idéia de turismo solidário sustentável. Os visitantes hospedam-se na casa dos meninos da Casa Grande, convivem com suas famílias, compartilham culturas.

Aos 14 anos de existência, em 2006, a Fundação organizou sua gibiteca com o apoio do Criança Esperança/UNICEF/Rede Globo. O local possui cabines individuais para leitura e um rico acervo de obras nacionais e internacionais, obras raras como a coleção dos quarinhos Tex. Pode-se ler Maurício de Sousa e HQs da Walt Disney e ainda livros infanto-juvenis e juvenis, além das produções de gibis da própria instituição.

Anos antes, em 2002, foi erguido o teatro. A construção teve o apoio do Governo do Estado do Ceará, BNDES, Criança Esperança, UNICEF e Instituto Airton Senna. Os jornais locais e estaduais acompanharam o fato, dia-a-dia, em suas reportagens, a partir de

07/12/2002 até 20/12/2002. Sem dúvida, um grande acontecimento: a conquista de um espaço para realização de peças teatrais, em que cidades maiores, como Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha não dispõem de tal estrutura.

Em 19 de dezembro de 2002, deu-se a inauguração do Teatro Violeta Arraes - Engenho de Artes Cênicas, em terreno doado pela Prefeitura. A arquiteta, Maria Eliza Costa⁴⁰, foi trazida do Rio de Janeiro pela então reitora da Universidade Regional do Cariri, Violeta Arraes, que deu nome ao teatro. A construção também foi pensada, respeitando a singularidade e história local, “Teatro Violeta Arraes, Engenho de Artes Cênicas”, para simbolizar a grande estrutura dos antigos engenhos que, outrora, geravam a riqueza da região através da cana-de-açúcar. Eles já não existem em Nova Olinda. São partes da tradição de grandes senhores de engenho que ostentavam poderio político e econômico. Traços de uma época que foi traduzida de forma romântica nos romances e livros didáticos (de cunho tradicional), e imortalizada nos tombamentos das grandes casas de fazenda, (muitas viraram museus) tais políticas implicam na consagração da memória dos poderosos, tal como foi construída a história tradicional, com objetivos expressos de encarar a história como determinismo e não como construção.

Uma reportagem do jornal “O Povo”⁴¹ retrata o porquê da palavra “engenho”. Diz que esta palavra, no sertão, designa o estabelecimento destinado à “cultura da cana”, carrega uma faculdade inventiva, com talento, habilidade, destreza, saber e sutileza e que o diretor da Fundação, com isso, quis resgatar as raízes do Cariri e também quis homenagear Violeta Arraes por sua grande contribuição à instituição e por sua história⁴².

Foi a arquiteta que disse: “Alemberg, você vai desenhar o teatro que você pensa, depois eu transformo isso em projeto arquitetônico”. Eu disse: “bem, se nós vamos fazer um teatro no sertão, então, eu vou perguntar ao sertão qual é o teatro que ele quer. Peguei uma moto e entrei sertão a dentro, comecei a ver casas de farinha, engenhos, paiol de guardar legume, as entradas das casas. Desse contexto fiz o desenho. Ela transformou o meu desenho em arquitetura. O resultado é que este é um teatro que não tem problema da pessoa andar por cima dos bancos. “É à prova de menino”, aqui, quando afastamos os bancos, este centro vira um teatro de arena, as nossas manifestações folclóricas, tipo reisado e maneiro pau, são feitas nesse centro. O povo fica em volta, em círculo. Essas coisas a gente costuma fazer respeitando a ordem antropológica. O custo desse teatro é zero, porque, se eu não ligar nada aqui,

⁴⁰ Filha do arquiteto, Lúcio Costa, um dos projetistas de Brasília ao lado de Oscar Niemeyer.

⁴¹ Jornal O Povo, Fortaleza, Ce, Domingo 24 de novembro de 2002. p. 1.

⁴² Irmã de Miguel Arraes, governador do Recife à época do Golpe Militar, década de 1960, Violeta Arraes tinha dupla nacionalidade por ser casada com um francês, assim, pôde abrigar em sua casa, na França, pessoas refugiadas do Regime Militar, dentre eles o atual presidente Luis Inácio Lula da Silva e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, artistas, como Caetano Veloso e Gilberto Gil, também foram hóspedes seus. A influência da ex-reitora da URCA e ex-secretária de Cultura do Estado do Ceará abriu portas à FCG nas políticas públicas. Quando do seu falecimento em 17/06/2008, AFG divulgou um nota em que se diz “órfã de sua madrinha”.

eu não tenho que estar todo o dia passando aspirador de pó. Tais como nas casas do sertão, o menino pega uma lata d'água, molha, varre e pronto. Isso aí é a relação entre o homem, o ambiente e a formação de uma cultura. (Alemberg, palestra aos professores da rede municipal de Sobral, 27/07/2007).

Destacamos, no depoimento acima, a “relação homem, ambiente e cultura”, relação esta que pode indicar como as conquistas da FCG foram se naturalizando e sendo naturalizadas ao espaço do qual ela faz parte. Para auxiliar nossa reflexão, trazemos uma foto da visão interna do teatro (foto 21), que expõe um tacho (onde o mel do engenho é fabricado) e uma engenhoca (simbolizando o local em que a cana é moída). A imagem ensina sobre a economia de uma época, as grandes produções de rapadura do Cariri cearense, que começaram a entrar em decadência com o advento das usinas, quando passou a ser mais rentável aos fazendeiros e agricultores vender a sua produção canavieira.



Foto 21 – Vista interna do Teatro com artefatos (Tacho, pá, engenhoca) que justificam o seu nome de “engenho” – Arquivo pessoal da pesquisadora –05/07/2008.

Em 2004, a Fundação Casa Grande passou a ser Ponto de Cultura do MinC⁴³, foi contemplada com Internet banda larga conectada ao MinC e demais pontos de cultura espalhados pelo Brasil.

⁴³ Em 2008 a FCG passou a ser “Pontão de Cultura”. Segundo os dados do MinC, existem, hoje, no Brasil, mais de 30 **Pontões de Cultura**. Eles são criados em regiões onde há maior concentração de Pontos de Cultura e têm a função de articular as atividades das unidades regionais.

O Ponto de Cultura é parte do Programa Cultura Viva⁴⁴, do MinC, e a participação efetiva-se via estabelecimento de edital divulgado pelo Ministério da Cultura, havendo a inclusão do projeto, o Ponto recebe,

...até 185 mil reais, em parcelas semestrais, para investir no prazo de dois anos e meio, conforme projeto definido pelo próprio Ponto; 50 bolsas do Programa primeiro Emprego, do Ministério do Trabalho e Emprego, no valor de 150 reais, para jovens de 16 a 24 anos. Cada bolsa tem a duração de seis meses. Findo o prazo, outro jovem é selecionado. O jovem ganha para desenvolver o projeto do Ponto e freqüentar cursos que o capacitem para gerar renda própria a partir da cultura, e melhor exercer sua cidadania;

Parte do incentivo recebido na primeira parcela, no valor mínimo de 20 mil reais, deverá ser utilizado para aquisição de equipamento multimídia em software livre (os programas serão oferecidos pela coordenação), composto por microcomputador, mini-estúdio para gravar cd, câmera digital, ilha de imagem e o que seja importante para o Ponto. Os equipamentos conectam-se por meio de Internet banda larga, tecendo uma grande rede de Pontos espalhados pelo Brasil e pelo exterior, na qual circularão imagens, sons e produtos – base de um sistema de produção material e imaterial compartilhada.⁴⁵

São 646 pontos espalhados por todo o Brasil. A FCG está entre eles, contemplada na área de cinema, como “produção de vídeo”, cujo objetivo é a “capacitação de jovens para produção de cinema e vídeo; desenvolvimento de atividades e produtos sócio-educativos com linguagem áudio-visual.”

Lendo sobre isso nos Jornais Diário do Nordeste, Fortaleza, 03/10/2004, Jornal do Cariri, 19/12/2004, perguntamos aos meninos que ficam na editora um pouco mais sobre o assunto. Um deles falou-nos que são os computadores que estão na sala (três), mas “são tão lentos que, em alguns horários, é impossível o acesso devido ao fluxo” (D.C. 03/09/2007). No entanto, consideramos que a conquista foi válida, a partir do depoimento de outro jovem, que afirma ter sido um dos bolsistas beneficiados do programa Ponto de Cultura, do MinC, tornando-se um dos agentes de cultura viva. Conta que, inclusive, esteve presente na reunião de avaliação do programa em São Paulo, para contar sua experiência,

A gente teve todo um planejamento sobre o projeto. Nós não sabíamos nem o que era isto, mas tivemos que fazer um planejamento financeiro. O que leva a entender que aqui é uma escola que cabe tudo. Aprendemos sobre os recibos de prestação de conta, sobre movimento de caixa, de quanto entrou, de quanto saiu, qual é o lucro, qual é o débito, a gente aprendeu tudo isso. Fizemos tudo na ponta do lápis. No final, tivemos que prestar contas do planejamento feito. Expôr como investimos aquele dinheiro que recebemos. Eu investi, potencializei a minha indústria de sabonete, meu comérciuzinho. Acabou a bolsa e o meu comércio está aí, eu estou vivendo dele. Sim! Abri uma poupança, aprendi a tirar dinheiro, movimentar o caixa, essa coisa toda. (Jovem grupo de discussão, 25/10/2007)

⁴⁴ Portaria n.º 156, de 06 de julho de 2004, que revoga a Portaria n.º 525 de 18/12/2003.

⁴⁵ Informações disponíveis no site: www.cultura.gov.br – Acesso em 13/07/2007

O depoimento indica que, no processo de parceria, Estado e ONG, o trabalho levado com seriedade atingiu os objetivos propostos e ensinou mais que conceitos matemáticos como o trabalho com planilhas financeiras. O aprendizado foi além, como, por exemplo, os meninos e meninas vivenciaram a importância do planejamento na realização de uma atividade, compreenderam a necessidade do investimento de recursos, de pensar no futuro, dentre outras possibilidades que ainda poderão ser criadas pelos envolvidos.

Por volta de 1992, José Paulo Araújo, que trabalhava como oficial de comunicação do UNICEF-Brasil no Ceará e no Rio Grande do Norte, ouviu falar da FCG por acaso, instigado, conforme nos relatou, em entrevista concedida em 16/02/2008 na FCG, pela curiosidade, entrou em contato com Alemberg e veio conhecer o projeto.

Contou, como já relatamos, que ficou admirado com a liberdade das crianças que ocupavam a área, jogando bala, pião, brincando enfim, e perguntou a Alemberg “o que ele desejava do projeto?” Ao que, segundo ele, Alemberg respondeu que queria apenas uma antena para ampliar o alcance sonoro da rádio. Do encontro nasceram a amizade e uma parceria, que levaram o projeto da rádio para Angola e Moçambique, na África, via UNICEF,

A nossa relação, a minha relação com Alemberg e com a Casa Grande, e a relação do UNICEF com a Casa Grande, começou a ter outros laços. O UNICEF pediu o apoio da Casa Grande em alguns projetos pontuais, como, por exemplo, foi feito um livro, um *in comic books*, histórias em quadrinhos e um vídeo⁴⁶ sobre o tabagismo. Um dia, eu estava conversando com Alemberg lá em Guaramiranga e eu disse: Berg, a Casa Grande, *ela tem que sair um pouco mais de Nova Olinda, essa idéia tua é um pouco maior do que Nova Olinda*, então tu tens que dar uma ampliada nesse processo, na tal escola de comunicação... e Berg tomou essa parada. Essa foi uma relação muito forte que teve entre a Casa Grande e minha pessoa; e a outra entre o Unicef/Brasil com a Casa Grande foi o fato de que o Unicef incorporou, dentro do selo Unicef, a questão da participação infantil. Então, de certa forma, divulgou a idéia do protagonismo infantil, da participação das crianças para todos os municípios, inicialmente no Ceará, agora já em todo o Nordeste. Outra coisa também muito importante foi o fato de que Alemberg foi fundamental quando a gente começou tanto em Moçambique como em Angola os programas de rádio de criança para criança. A gente levou porque ninguém desses países acreditava que seria possível, e era. Foi necessário um sonhador como Alemberg e Rosiane para transformar essa idéia de que criança não tem só que receber informações, como a educação bancária que o Paulo Freire denunciava. O que o Alemberg fez foi conseguir provar primeiro para mim, porque eu não acreditava que criança pudesse fazer programa de rádio independente de adulto, e depois para esses dois países: Angola e Moçambique. Para esses países, Alemberg levou a experiência e isso daí quebrou, rompeu paradigmas e fez com que o pessoal desses dois países acreditasse que seria possível ter uma participação infantil mais real. (José Paulo Araújo entrevista concedida em 16/02/2008, na FCG Nova Olinda)

⁴⁶ Revista e vídeo: “Todos contra o Fumo”, a história envolveu a comunidade e foi edificada a partir da lenda local da Caipora, que foi re-significada. (NORONHA, CURY, 2007)

O depoimento um tanto longo ressalta quatro pontos que queremos chamar a atenção: a questão da parceria com o UNICEF/Brasil, que possibilitou a produção de um gibi e um documentário contra o tabagismo, que, posteriormente, foi trabalhado na rede formal de ensino, concretizando uma das formas de integração entre ensino formal e não-formal⁴⁷; a entrega do “Selo UNICEF” ao município, no caso, Nova Olinda, o que deixa uma evidência perante as políticas públicas, constituindo-se numa conquista que atrai, além dos olhares do mundo, recursos financeiros que podem/devem reverter-se em verbas para a melhoria das condições de atendimento a infância no município que o recebe⁴⁸; o fato de a Fundação Casa Grande expandir-se para além dos limites de Nova Olinda e Brasil, através do intercâmbio com Angola e Moçambique, possibilitou que a experiência da rádio, feita por crianças, fosse copiada em tais países. Ao fazer um programa de rádio, as crianças desenvolvem, além da comunicação, da iniciativa, da oralidade e da criatividade, um sentimento de auto-estima, “eu estou fazendo”, “eu sou capaz”. Encontramos, durante a pesquisa, que este intercâmbio entre países via UNICEF foi noticiado em jornais nacionais e africanos:

Os programas produzidos e apresentados pelas crianças e adolescentes da Fundação Casa Grande, em Nova Olinda, estarão sendo divulgados pela Rádio Moçambique, na África. Em Nova Olinda, a Rádio Casa Grande FM também transmitirá programação cultural moçambicana.” (Jornal O POVO, Fortaleza, CE, Sábado, 06 de Julho de 2002, p. 14).

Nos países de língua portuguesa, é crescente a adesão à participação ativa de crianças nos meios de Comunicação. No Brasil, há duas FMs comandadas por crianças, sendo que uma se transformou em Escola de Comunicação para crianças. Nesta escola, que fica na pequena cidade de Nova Olinda (10 mil habitantes), crianças ensinam a outras como lidar com os meios de comunicação. (Jornal DEMOS, Maputo –África, 26 de junho de 2002, quarta-feira, p. 2)

⁴⁷ Segundo dados do UNICEF o material sobre prevenção ao tabagismo foi distribuído para mais de 550 mil crianças e adolescente em escolas no Ceará (Relatório sobre a situação Mundial da Infância, 2003)

⁴⁸ Na ocasião da entrega do selo, a FCG, que concorreu com outros 59 projetos do Estado, recebeu o Prêmio “Criatividade Patativa do Assaré”, promovido pela Federação dos jovens empresários do Estado do Ceará (FAJECE) como projeto mais criativo, segundo os critérios de originalidade, direcionamento para o lazer e não para trabalho da criança, envolvimento com a comunidade e relação custo-benefício. (Diário do Nordeste. Fortaleza, Regional, p. 3, 30 jun 2000).



Foto 22 - Quadro exposto na FCG/escritório do Crato - Arquivo pessoal da pesquisadora – 14/12/2007.

O intercâmbio favoreceu mais que a difusão do projeto de rádio educativa. Toda a visita dos africanos à FCG foi documentada em vídeo e em fotografias e, para aqueles que tiveram acesso ao material e aos encontros, esta experiência permitiu, entre falas e práticas, que os saberes de jovens de diferentes culturas fossem compartilhados.

Seus “meninos”, assim como os projetos da FCG, ganharam o mundo. Um deles foi à França, em 2004, participar de intercâmbio cultural. Outro representou o Brasil em 1998, nos jogos da Boa Vontade, realizados na sede da ONU em Nova York. Ganhou medalha, competindo com 35 crianças de todo o mundo. Na época, ele tinha 15 anos, coincidência ou não, ele ficou por igual período na instituição e é considerado como um dos “primeiros meninos da casa”. Ele conta que viu a Casa Grande crescendo, o primeiro convênio, os primeiros livros que chegaram para a biblioteca.

Aqui, na Casa Grande, conheci tanta coisa, tanta gente. O período que estive aqui foi bom demais, conheci São Raimundo Nonato, Rio de Janeiro, aldeias de índio em Tocantins, Mato Grosso, São Paulo, Fortaleza, Rio Grande do Norte, vários lugares. Fui para os Estados Unidos, representando o Brasil em 1998. Foi um tanto de canto e uma experiência bem boa. (Jovem, entrevista concedida em 27/09/2007 na FCG)

As viagens são provenientes de intercâmbios entre ONGs, entre ONGs e Estado ou entre ONGs e parceiros. Elas sempre têm um propósito, que podem ser: apresentações artísticas (bandinha e banda); troca de experiências, elaboração de documentários, por exemplo, a visita à aldeia de índios foi uma iniciativa do MinC, que tinha por objetivo fazer

documentários em comemoração aos 500 anos do Brasil; ou de trabalho: a visita a São Raimundo Nonato foi para ajudar na realização de um trabalho de Arqueologia.

Consideramos que uma criança e/ou jovem que tem oportunidade de viajar, conhecer espaços, localidades, paisagens diferenciadas, consegue entender melhor de Geografia e História. Mais uma vez, portanto, salientamos a importância de integração entre a educação formal, informal e não-formal no desenvolvimento da criança, jovem e adulto. Acrescentamos, porém, que tais experiências são restritas, não conseguem abarcar muitas crianças, dentre as que participam da FCG acontece uma seleção que está ligada às aptidões e ao trabalho que o jovem vem desenvolvendo dentro da Fundação, como, por exemplo, se ele trabalha com filmagens, já está mais preparado para realizar documentários.

Participar da FCG também implica em estar matriculado na rede oficial de ensino e nela ter boas referências (assiduidade, disciplina, boas notas) e dedicar-se muito às atividades da FCG. Há, ainda, o incentivo à continuidade dos estudos. O jovem supracitado, que nos concedeu a entrevista, disse-nos que, por causa de sua vivência na Fundação Casa Grande, gostaria de ser arqueólogo. No entanto, isto não foi possível por limitações financeiras, que o impossibilitaram de realizar este sonho em outro local, posto que a região não oferece este curso. Hoje, ele faz Topografia e Construção Civil, trabalha em uma empresa de extração de gipsita, mas diz que todos o conhecem como sendo “da Casa Grande”, mesmo já não estando lá efetivamente.

Como falamos anteriormente, o menino da FCG pertence à Casa como por ela é pertencido. É uma questão de identidade. Ele não deixa de ser porque saiu, passa a ser ex-menino, ou seja, o estigma o acompanha.

Inicialmente, tocando em uma banda produzida com latas, atividade que fazia parte do cotidiano de crianças nos pequenos interiores, principalmente no carnaval, os meninos passaram⁴⁹ a tocar em uma banda de verdade, esta, em 2006, fora convidada a dar Show em Berlim, Alemanha, na 18ª Pop Komm, feira internacional de shows, negócios e discussões sobre a música.

Agora, vivenciam, pela primeira vez, uma viagem ao exterior, a convite de produtores da Pop Komm que estiveram este ano em Nova Olinda, assistiram ao show dos meninos e não tiveram como deixar de trazê-los à Alemanha. Em Berlim, os meninos participarão de uma oficina em uma escola pública, falando sobre a música do Brasil, mostrando vídeos e publicações produzidos na Casa Grande, tocando e trocando idéias sobre realidades distantes, mas não intocáveis entre si. (Jornal Diário do Nordeste, sexta-feira, 22 de setembro de 2006, p. 6).

⁴⁹ Este “passaram” implica em dedicação e trabalho, dedicação dos meninos em aprender, e da ONG em angariar recursos para obtenção dos equipamentos.

Em 2000, uma jovem da casa esteve em Brasília para participar do encontro “Os jovens na mídia: o desafio da AIDS – camisinha, uso indevido de drogas e mudanças de comportamento” por ocasião do programa de rádio de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, reconhecido pelo Programa das Nações Unidas para a AIDS – UNAIDS, que mantém uma rede de contatos com ONGs do mundo inteiro. O encontro foi promovido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), Ministério da Saúde, Unesco e Unicef:

-Viaja, teve um tempo que ela viajou ara Brasília. Ai, minha Nossa Senhora! Quase que eu morria, pitoquinha, sozinha. Eu disse “Ai, minha Nossa Senhora!!! Essa eu não vejo mais não!” Eu pensava que ela ia entrar num canto errado e não sair mais.

- Mas por que a senhora deixava ela ir?

- Porque Alemberg mandava. Era ordem. Mas, graças a Deus, esses meninos da Casa Grande têm é sorte, porque, graças a Deus, viajam e nunca aconteceu nada. Eu estava conversando com Toinha, a mãe de João Paulo, ela disse: “Neguinha, acho que é Deus que protege esses meninos da Casa Grande” e eu disse: “É mesmo”. Porque, graças a Deus, até hoje essa menineira corre, pula, e brinca ali, mas nunca aconteceu negócio grave, não é? Porque do jeito que o tempo está, não é?” (Mãe de jovem, entrevista concedida em 24/10/2007 em sua residência)

Além da “ordem”, há uma clareza, por parte dos pais, de que tais experiências serão importantes para os filhos, de que, se não fosse a Casa Grande, talvez seus filhos não tivessem tais oportunidades. Percebe-se também que há cuidado e planejamento por parte da ONG para que tudo ocorra normalmente bem. Isso inclui crédito, confia-se que as crianças, jovens e/ou adolescente agirão com a mesma responsabilidade com a qual cuidam da FCG. Este fato pode estar relacionado ao cotidiano da FCG, à autogestão que realizam, o que implica em organização, zelo com a Casa, consigo e com o outro e também com as sanções disciplinares.

A idéia de viajar, conhecer “outro lugar” permeiam o imaginário das crianças da FCG, nem todas conseguem, mas elas sonham com isto, desejam ser escolhidas. A “escolha” efetiva-se de acordo com o objetivo da viagem e com o que o menino ou menina faz na FCG, incluindo sua desenvoltura na realização de ações e comportamento. Constitui-se num estímulo à sua permanência na ONG. É uma relação de poder-saber que Revel (2005) se referindo a Foucault explica como uma “exigência da disciplina”,

O poder não pode disciplinar os indivíduos sem produzir igualmente, a partir deles e sobre eles, um discurso de saber que os objetiva e antecipa toda experiência de subjetivação. A articulação poder/saber(es) será, portanto, dupla: ‘poder de extrair dos indivíduos um saber, e de extrair um saber sobre esses indivíduos submetidos ao olhar e já controlados’.” (REVEL, 2005, p. 78)

A Fundação Casa Grande tornou-se conhecida no país através de emissoras de televisão, jornais e revistas. O primeiro deles foi o “Brasil Legal”, em 1996, quando tinha apenas quatro anos de existência. A apresentadora doou uma antena parabólica à instituição e o fato foi notificado também pela mídia impressa, em vários jornais de alcance local, estadual e nacional.

O Programa Ação/Rede Globo⁵⁰, de 05 de agosto de 2000, sob a coordenação de Serginho Groissman (apresentador), trouxe debates sobre a FCG, envolvendo Beth Formagini (produtora de cinema), Henri Gervaseau, Guel Arrais (cineastas) e Ana Mae (arte-educadora),

A abordagem geral da matéria, que será apresentada no programa, foi o trabalho desenvolvido na Casa Grande, utilizando-se dos meios de comunicação, como veículos educadores na formação e desenvolvimento das capacitações das crianças em situação de risco (Jornal do Cariri, sexta-feira, 04/08/2000).

A reportagem acrescentou ainda que, segundo Alembert, “as pessoas da região, vendo o programa debatido por pessoas de respaldo nacional, podem vir a contribuir mais com a FCG no aspecto financeiro e no trabalho voluntário”.

Park e Fernandes (2005) colocam, em relação ao trabalho voluntário que a mídia age em consonância com as tendências políticas, econômicas, sociais e educacionais, que a maior constatação disso está no fato de o Jornal Correio Popular, em Campinas/SP, dedicar, desde 2001, uma página semanal a iniciativas relacionadas à educação não-formal. Esta tendência parece ser nacional.

O cinema também tem posto estas iniciativas em evidência. As autoras supracitadas exemplificam o fato com o polêmico filme de Sérgio Bianchi (2005), *Quanto vale ou é por quilo?*:

Embora o filme não seja resultado de exaustivas pesquisas, ele se baseou em fragmentos da realidade e de documentos para criar a narrativa fílmica que tem por objetivo ‘provocar, expondo as contradições’. Para Bianchi, o filme ‘não é contra ONG. É contra o grande uso do mendigo e da criança abandonada como mercadoria. Isso é assustador. (PARK, FERNANDES, 2005, p. 12)

Um filme mais recente que abordou esse assunto é o também polêmico *Tropa de Elite*, de José Padilha. Originalmente, seria um projeto de documentário sobre um fato real (como o

⁵⁰ Em setembro de 2008 a FCG voltou a ser apresentada no Programa Ação da Rede Globo. Este programa tem como foco apresentar experiências de voluntariado que acontecem no Brasil, inclusive no site www.acao.globo.com, pode-se ser encontrado o “mapa do voluntariado”, é o terceiro setor, estampado no mapa do Brasil. O programa tem uma boa repercussão na comunidade, principalmente para aqueles que efetivamente estão na FCG.

caso do ônibus 174/RJ), porém, ele mostrou a ação de uma ONG atuante no morro “sobre a licença do tráfico”, indicando que, superficialmente (com ações humanitárias, passeatas e roupas brancas), não se resolvem problemas estruturais da sociedade, tais como a violência e a dependência química.

Podemos dizer que se os filmes mencionados marcam as ONGs pela crítica do desvio de verbas e a condescendência aos poderes locais. Um outro filme *Amor sem Fronteiras*, (EUA, 2003) de Martin Campbell, sensibiliza, indicando que o trabalho das ONGs pode fazer diferença social. O filme conta a história de um romance entre uma *socialite*, funcionária da ONU, e um médico atuante de uma ONG em países devastados pela guerra, pelo narcotráfico, pela fome e pelas doenças (como fazem os médicos/as da ONG “Médicos sem fronteiras”, que tentam levar saúde e conforto aos necessitados do mundo, abdicando muitas vezes, de suas próprias vidas). Transmite a idéia da importância da ajuda humanitária a populações sem expectativa de vida digna, mas também denuncia a corrupção.

Lembramos também, o documentário: “Doutores da Alegria – O Filme”, que mostra a ação de uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que tem por missão levar, através da arte do palhaço, alegria e esperança às crianças e seus familiares em ambientes hospitalares por todo o Brasil.

A grande mídia detém um grande poder de formação da opinião pública, seduz, através da perfeita reprodução (por vezes maquiada) de imagem e som, sendo responsável por eleger e ou destruir políticos, desmistificar conteúdos ideológicos ou imprimir ideologias de ação nas pessoas, enfim, seu alcance é planetário, como diz Afonso (2002). Infelizmente, na sociedade em que vivemos, o que não aparece na mídia simplesmente não existe.

O fato é que, conforme relatamos anteriormente, o panorama político dos anos 1980/1990 propiciou o desenvolvimento do chamado terceiro setor. Neste cenário, algumas ONGs foram criadas, fortaleceram-se e/ou tomaram outra direção em suas atuações. Muitas delas, com objetivos de educação e cultura, desenvolvendo a educação não-formal.

As escutas informais e formais, vistas em jornais, nos trabalhos acadêmicos, foram demonstrando o quanto a FCG cresceu em seus quinze anos de existência, o que nos instigou a perguntar a um de seus idealizadores o que facilitou esse crescimento e as maiores dificuldades encontradas no percurso,

Bom, o que facilitou foi a perseverança mesmo, de acreditar que aquilo que a gente estava fazendo era e é uma coisa importante, primeiro, para nós mesmos, porque a gente começou sem nada, era só com a casa e a boa vontade. Sem recursos. Hoje, eu vejo as pessoas, às vezes, chegam lá na Casa Grande e dizem assim, “como é que eu faço para arranjar recursos pra fazer um projeto desses?” Aí eu digo: já está

começando da forma errada, porque já quer o recurso para poder fazer o projeto. Não é bem assim, existe a coisa doação, de acreditar que é possível, de acreditar no sonho que vem a se realizar, a se concretizar. No espaço das salas da Casa Grande, já coube tudo que existe nela hoje. Todas aquelas idéias que hoje estão espalhadas naqueles laboratórios, com aqueles equipamentos caros. Ali, havia biblioteca, rádio, o esboço da TV. Ali, funcionava a escolinha, já tinha o Museu, a cozinha, a gente já recebia as pessoas, já alojava do jeito que a gente estava podendo. Tinha o campeonato de futebol no espaço minúsculo que, hoje, tem aquela bougainville e era o campo maior do mundo para os meninos. Já tinha o parquinho no terreiro da Casa Grande. Então, tudo já funcionava no mínimo espaço que a gente tinha e funcionava. Era a maior maravilha do mundo e, naquele momento, a gente estava satisfeito com aquilo, até acreditando que as pessoas já vinham visitar e já vinham ver aquilo, vamos dizer assim, aquele protótipo de tudo aquilo que a gente estava querendo expandir. (Rosiane, entrevista concedida em 16/12/2007 na FCG/Crato)

Rosiane contou-nos que os novos espaços, de forma muito natural, foram dando amplidão aos projetos que já existiam: editora, rádio, TV. Para a idealizadora, eles não foram criar coisas novas para alocar nos espaços, mas foram aperfeiçoar as ações e melhor as sistematizar. Para tanto, inclusive, criaram um escritório no Crato, local de suas residências, constituíram uma Secretaria, através da qual se poderia melhor administrar os recursos que foram chegando, ou seja, segundo ela, houve a necessidade de profissionalizar e institucionalizar melhor a FCG.

Para José Paulo de Araújo (UNICEF), é impossível, hoje, pensar a cidade de Nova Olinda sem a Fundação Casa Grande. E seu crescimento deveu-se, em grande parte, ao trabalho idealista de seus fundadores,

Já virou patrimônio, ou seja, ela já se incorporou dentro da cidade. Depois, eu acho que tem a coisa do louco e do sonhador... os grandes passos, as grandes mudanças, tudo acontece porque existem pessoas meio malucas, que sonham além do normal. Eu acho que muitas ONGs sonham naquela coisinha do dia-a-dia, onde é que pode receber o financiamento, aqui não. Uma vez, Alemberg me disse: “José Paulo, eu faço os projetos e o dinheiro é que vem até os projetos”, quer dizer, ele não faz os projetos pensando no dinheiro, mas o dinheiro corre atrás dos projetos. Aqui, eles estão divulgando a brincadeira, a cidadania. (José Paulo Araújo, entrevista concedida em 16/02/2008, na FCG/Nova Olinda)

Usufruindo da política educacional e cultural posta pela iniciativa dos governos estadual e federal, a FCG prosperou, foi e está se construindo ao longo de 15 anos, cotidianamente, com o trabalho de seus fundadores e dos demais atores sociais que dela fazem parte, assim como com o incentivo da mídia e dos organismos de fomento nacionais e internacionais. No seu percurso, evidenciam-se o estabelecimento de uma teia de relações e uma paisagem material (rádio, editora, teatro, aparelhos televisivos, espaço, museu, biblioteca, gibiteca, DVDteca, parque, laboratório de informática, pousadas domiciliares e cooperativa) e imaterial

(cultura), cenário que pode vir a se constituir como um universo que pode denotar práticas educativas não-formais, permeadas por práticas disciplinares. Evidenciamos, ainda, a presença de ações de educação patrimonial, das quais trataremos no terceiro capítulo.

2. CASA GRANDE, ESPAÇO EDUCATIVO NÃO-FORMAL

A lição social: todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes são companheiros numa mesma aventura. Todos se ajudam. Não há competição. Há cooperação.

Rubem Alves

A educação, pensada como fator de desenvolvimento individual e social, é consenso entre os estudiosos. Por isso, reafirmá-la pode parecer que estamos insistindo em um truísmo, no entanto, queremos chamar a atenção para o fator “processo”. A educação é processo, o que significa que ela está sempre em construção. Sua ação é constante e sucessiva, acompanha o ser por toda a vida. O objeto da educação, no entanto, é cultural; são as formas de viver de cada sociedade que, de forma geral, explicitam as suas formas de ser e fazer educação, daí a intrínseca relação entre educação e cultura que Damasceno (2003, p. 30) chama de “conteúdo substancial do trabalho educativo”, seja ela escolar (formal) ou social (informal e não-formal).

Conforme Silva (2003), a cultura envolve cinco aspectos: é prática de significação, é prática produtiva e criativa, dá-se através de relações sociais e, principalmente, relações sociais de poder, além de produzir identidades sociais e particulares.

Com Foucault (1987) aprendemos a ver que o poder está disseminado nas relações, não é algo que alguém possa pegar como propriedade. Neste sentido, consideramos que a cultura (saber), estando permeada de relações de poder, nunca é apenas consumo passivo.

Os significados, os sentidos recebidos, a matéria significante, o material cultural são, sempre, embora às vezes de forma desajeitada, oblíqua, submetidos a um novo trabalho, a uma nova atividade de significação. São traduzidos, transpostos, deslocados, condensados, desdobrados, redefinidos, sofrem, enfim, um complexo e indeterminado processo de transformação. (SILVA, 2003, p. 19-20).

Parafraseando Saviani (1991, p. 15), afirmamos que o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo. Então, como se efetiva este processo no cotidiano da FCG?

Nesse capítulo, investigamos as práticas educativas que acontecem no cotidiano da FCG, nos espaços conquistados, edificados e em edificação, dos quais tratamos no capítulo 1. Para tanto, aportamo-nos em Celestin Freinet, que desenvolveu uma pedagogia do trabalho,

afirmando que apenas esse é realmente formador, em Foucault, com seus estudos sobre disciplina, saber e poder, no Relatório *Educação: um Tesouro a Descobrir*, da UNESCO, e na Pedagogia da vida Cotidiana, proposta por Muñoz (2004).

A metodologia da História Oral serviu-nos de guia. A textualização de falas faz-se presente não como validação de fatos, mas como vida pulsante que alimenta sonhos, esperanças, vontade de crescimento, frustrações, projetos e amizades.

A FCG dispõe de um ambiente privilegiado para a finalidade educativa, com museu, rádio FM devidamente autorizada⁵¹, uma gibiteca, biblioteca, DVDteca, brinquedoteca, laboratório de TV e vídeo, editora, laboratório de internet, alojamentos e pousadas domiciliares, loja de produtos locais, teatro, pátios, parque de diversões (todo feito em madeira). Cada um desses espaços oferece uma gama de múltiplas possibilidades de aprendizado. Tal constatação nos colocou diante de um impasse: como seria possível abordá-los separadamente?

Tal questão fez-nos pensar na criança, no menino e/ou menina da FCG que, ao tempo em que é recepcionista do museu, é integrante da banda de lata, trabalha com filmagens e edição de vídeo, também brinca no parquinho, faz programa de rádio, lê gibis ou livros para atualizar seu *blog* na internet, compartilha conversas informais com os visitantes que, esporadicamente, hospedam-se em sua casa (pousada domiciliar) ou chegam à FCG, assiste teatro, cinema, shows musicais, entrevista cantores/as e artistas que, de modo geral, atuam no teatro da FCG, participa de cursos que, por vezes, chegam à fundação através de parceiros e amigos dessa ONG, e ainda está na escola formal. É possível desvencilhar seu cotidiano e analisar tais espaços e práticas separadamente?

Acreditamos que não, pois elas concretizam um coletivo processo educativo em construção, cuja abstração é praticamente impossível de ser feita. O sujeito que aprende utiliza o corpo, o intelecto e a emoção, não necessariamente ordenando sentimentos e conhecimentos, mas os agregando. Para a nossa pesquisa, consideramos, no entanto, não ser uma tarefa fácil compreender tais práticas,

...pois a prática é algo fluido, fugidio, difícil de limitar até mesmo na educação formalizada em que há uma estrutura que tenta aprisioná-la. Ela é extremamente complexa, implica valores, idéias, hábitos pedagógicos em uma coletividade que expressa o mundo. (NORONHA; CURY, 2007, p. 4)

⁵¹ Lei 9.612, aprovada em fevereiro de 1998, dispõe de artigos que regulamentam a radiodifusão comunitária sob condições restritas, como, por exemplo, de potência e participação da sociedade civil.

Na prática educativa formalizada, que acontece nos bancos escolares, os conhecimentos são organizados e seguem a lógica do mais fácil ao mais complexo, do concreto ao abstrato, ela é engendrada num arcabouço legal que lhe dá legalidade e sistematização, mas que também considera como legítima outras formas de práticas educativas, como as que acontecem na FCG, assim, a Constituição da República Federativa do Brasil, se expressa,

Art.205.: A educação, direito de todos e *dever do Estado e da família*, será promovida e incentivada com a *colaboração da sociedade*, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988).

Em consonância a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB (9.394/96), dispõe,

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos *movimentos sociais e organizações da sociedade civil* e nas *manifestações culturais*.

Art. 2º A educação, *dever da família e do Estado*, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
X - valorização da experiência extra-escolar; (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 1996).

Os artigos supracitados da Constituição e da LDB respaldam o que afirmamos anteriormente. Ambas as leis reconhecem os processos educativos que acontecem no campo da educação não-formal, nas “manifestações culturais”, mas não os regulamentam, perguntamos então: quais as formas da educação não-formal e quais princípios ela segue?

Como a educação não-formal é um campo em construção, acreditamos não ter respostas para tantas questões relevantes, no entanto, encontramos em Afonso (1989) algumas características que devem compor os trabalhos na linha de uma educação não-formal: apresentar caráter voluntário; promover a socialização; visar ao desenvolvimento; preocupar-se com a mudança social; ser pouco formalizado e ter pequena hierarquia; favorecer a participação; proporcionar a investigação e projetos de desenvolvimento; ser uma forma de participação descentralizada.

Para “fins didáticos”, Gohn (2005, p. 101-102) agrupa em dois tipos os campos da educação não-formal: o primeiro refere-se àquele que se “convencionou chamar de educação

popular”. Com isso, ela dá destaque à educação de jovens e adultos que acontece fora do ambiente/estrutura escolar. Outro campo seria a educação “gerada no processo de participação social”, em ações coletivas não voltadas para o aprendizado de conteúdos da educação formal”, como é o caso da FCG.

Outra consideração importante é que educação não-formal não tenta complementar, substituir ou concorrer por princípio com a educação formal, e que ela pode captar recursos de fontes plurais, mas a educação formal deve ser pública, laica, de qualidade pedagógica e mantida pelo Estado, neste sentido,

Nossa principal preocupação é com a falência do Estado de Bem-Estar Social, que pode determinar uma desobrigação gradativa e total das funções governamentais relacionadas às políticas públicas. Essa falência pode, facilmente, levar à adoção de propostas “barateadas” de formação para um público considerado em “situação de risco social”, dando a idéia equivocada de que a educação não-formal pode ser uma alternativa de educação para determinados grupos sociais. (PARK; FERNANDES, 2005, p. 10)

Para que isso não ocorra, é necessário desnudar esse complexo mundo da educação não-formal e considerá-la em constante articulação com os campos de educação formal e informal na perspectiva da promoção de construção de uma educação de boa qualidade em todos os níveis e modalidades em que ela aconteça.

Assim, quando nos propomos a pesquisar o ambiente educativo da FCG, algumas questões foram evidenciadas: quais as práticas educativas presentes na FCG e quem as produz? A serviço de que e de quem tais práticas educativas acontecem? Como acontecem? Que relações estabelecem com o local?

Ao imergirmos no universo educativo da FCG, a primeira constatação é a de que todas as suas atividades estão intrinsecamente relacionadas ao mundo do trabalho. Um jovem falou-nos “a gente tem o 100 canal⁵² para entregar ao BNB e tem que cumprir metas...” continuou a dizer que, todos os anos, eles planejam o que vão conseguir no ano seguinte e colocam estas metas em um quadro fixado na entrada da casa. Em outras palavras, ele me disse que o trabalho ali realizado era “sério” e “formal”, questionando o fato de o nosso trabalho abordar práticas educativas “não-formais”. Para o jovem, “não-formal” designa algo de pouco valor e eles detêm uma responsabilidade “muito grande” na manutenção da FCG.

⁵² 100 canal é a produção de um vídeo de curta duração feito/editado pelos meninos (em geral, pequenas entrevistas com artistas ou pessoas da terra, ou até mesmo lugares como a “feira” de Nova Olinda), que é exibido antes da apresentação de sessões de cinema ou shows artísticos no Teatro Violeta Arraes e no Centro Cultural do Banco do Nordeste em Juazeiro do Norte.

Percebe-se uma nítida distância de discursos. O que a academia tem designado como “não-formal” é questionado pelo fazer diário de indivíduos que ocupam fundações que requerem organização de seus saberes e fazeres, bem como o estabelecimento de prazos nas suas ações.

A educação não-formal, ao menos enfaticamente presente em discursos pedagógicos, é um fenômeno do nosso tempo. Conceituá-la é uma tarefa complexa. Nesta perspectiva, Garcia (2005) busca discutir a educação não-formal numa abordagem filosófica. Em Gilles Deleuze, para quem o conceito origina-se a partir de um problema, e pode ser utilizado para explicar determinada situação em várias ocasiões. A autora questiona-se sobre qual acontecimento é o da educação não-formal.

Pode ser a busca de uma outra dimensão educacional, que se diferencia sem a preocupação de negar a educação formal. A educação não formal não tem, necessariamente, uma relação direta e de dependência com a educação formal. É um acontecimento que tem origem em diferentes preocupações e busca considerar contribuições vindas de experiências que não são priorizadas na educação formal. (GARCIA, 2005, p. 27)

Afonso (1989, p. 78) considera que,

Por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas presentes no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

Na perspectiva dos autores com os quais dialogamos para a elaboração deste capítulo, concluímos que a FCG configura-se como um campo de educação não-formal. É uma ONG que, nas suas formas de educar, obedece a uma estrutura e organização própria, mantém flexibilidade nos conteúdos de aprendizagem. A questão disciplinar, no entanto, está presente como um baluarte e/ou como uma fragilidade em seus fazeres.

Verificamos, durante a pesquisa, que os jovens, de fato, cuidam, administram e desenvolvem idéias de projetos na FCG. Neste sentido, consideramos que, neste ambiente, a educação se faz com o uso de saberes acumulados, com o conhecimento construído durante a própria prática das atividades e com muita disciplina.

Falar em disciplina é sempre adentrar em um universo teoricamente controverso: comumente, nas instituições escolares, os professores queixam-se de “falta de disciplina”. As

disciplinas também comportam as matérias específicas de cada área do conhecimento escolar. Disciplinarizar, então, pode ser entendido tanto como forma de organizar/classificar as ciências quanto como domesticar os corpos e as vontades.

Foucault (1987, p. 177) define disciplina como um tipo de “poder”, uma modalidade para exercê-lo, que comporta um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos, como uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia. A tática é a forma mais elevada da prática disciplinar, constitui-se na arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, um conjunto de mecanismos em que o produto das diferentes forças se encontra ampliado por sua combinação.

Na FCG, todos têm suas atribuições, no entanto, os “gerentes” (da gibiteca, da internet, do museu, do teatro...) todos, meninos e meninas de cada espaço, são “responsáveis” diretos por estes, embora todos se cobrem mutuamente pelos seus afazeres. Os maiores, por vezes, determinam quem faz o quê e quando.

São 14:30h, neste momento, os meninos e meninas estão limpando os espaços da FCG, lavam as paredes com esponja, água e sabão, umedecem o chão com água “para poder varrer”, como nos disse uma criança, “limpamos porque ta sujo e sempre fazemos isso”. Limpam como se fosse brincadeira, gritam em busca de materiais, trocam os sacos dos lixeiros (lixossauros) e também “vigiam uns aos outros”. Como uma criança que, enquanto conversava comigo, foi indagada por outro menino: “Você já limpou sua parte?”, respondeu “já”, e o outro disse, “vou ver”, pouco tempo depois, retornou e o chamou.” (D.C., 02/08/2007)

O gerente da editora avisa, arrumando a sala, que vai chegar uma escola aqui, provavelmente de um sítio próximo e que cada gerente terá que explicar seu espaço e o que faz para os alunos. Neste momento, a gerente do laboratório de informática (10 anos), me diz que eu poderei utilizar o computador em outra hora porque agora ela vai limpar. (D.C. 22/08/2007)

“Já está se aproximando do período da Mostra SESC, o festival que acontece todos os anos aqui e, hoje, estou indo ao SESC pra uma reunião à noite e já estou fazendo umas planilhas aqui. (jovem)

- Só vai tu?(indagou outro jovem)

Ele respondeu que não e indicou o nome de outros três meninos e continuou: “até lá vai ter reuniões pra gente gerenciar tudo direitinho”.

(Reunião do Conselho Cultural, dia 08/09/2007, na FCG)

Enquanto pesquisávamos na sala da gibiteca, “um menino (9 anos) encantou-se com um livro e pôs-se a lê-lo sentado no chão. A gerente (uma adolescente, 14 anos) do local chegou, depois de alguns momentos, disse ao garoto que ele tinha que “lavar as mãos antes de ler”. Era “regra”. A leitura, então, foi interrompida, não valendo nem os meus argumentos, nem os da criança, de que a “sua mão estava limpa” (D.C.27/07/2007). A criança não retornou à

leitura. Posteriormente, a criança, repreendida, repetiu a ação com outra criança que estava vendo um filme na DVDteca. Percebe-se a internalização das normas por parte dos meninos e meninas. Para eles tais ações são necessárias para não “desorganizar o ambiente”, nem “estragar o material”. No entanto, as ações repreensivas por vezes faz com que o menino e/ou menina deixe a FCG por sentir-se humilhado e/ou não respeitado em sua ação, sendo também, incapaz de ir contra o estabelecimento da norma,

O “gerente” responsável pelo setor tem direito de decisão. Se existe alguma dúvida de atuação, eles buscam a ajuda dos meninos e meninas maiores. Encontramos, numa visão foucaultiana, que é como se o “direito” que não legitima poder pudesse pôr em funcionamento procedimentos de sujeição: as regras, as normas, a vigilância e a punição, que produzem corpos dóceis e capazes.

O gerente da gibiteca e o da DVDteca agiram com base nas normas estabelecidas, pois tudo na FCG é normatizado, cada espaço contém suas regras de funcionamento que devem ser cumpridas, os meninos organizam a rotina e controlam os acessos aos ambientes através dessas normas e de planilhas (de organização e uso de material; de frequência dos meninos, do roteiro de atividades da rádio, de horário da recepção, dentre outras).

Nas “normas da gibiteca para os leitores”, encontramos que cada item refere-se ao cuidado físico com o objeto a ser manuseado. É uma forma de educar, de ensinar como proceder, usufruindo do material sem, no entanto, danificá-lo, mas refere-se também à formação do leitor. O ler em silêncio (item 05), respeitar a leitura do vizinho (item 06), meninos e meninas compreendem que isso se faz necessário para manter a ordem. O “gerente”, termo próprio do mundo do trabalho, tem por missão garantir que tais normas sejam cumpridas. Para tanto, não importa se o gerente tem 6 anos e o leitor, 14. Obedecendo a uma lógica diferente, o cargo é que gera legitimidade de ações. Da mesma forma, as regras devem ser devidamente seguidas nos demais espaços da FCG.

Com relação à gibiteca, no período da pesquisa, observamos que algumas carteirinhas estavam sendo confeccionadas com fotos e identificação, tudo feito pelos próprios meninos e meninas com muita organização; que as revistas e os livros são guardados em saquinhos plásticos, que “as protegem da poeira e não as danificam”. Resumidamente, as normas fazem referência às ações de postura (artigos 01; 05 e 06), de cuidados com o material (artigos 07 a 14) e de organização do ambiente (02; 03; 04; 15).

Segundo Zabala (1998), as normas, no processo educativo, são apreendidas em diferentes graus:

Num primeiro grau, quando se trata de uma simples aceitação, embora não se entenda a necessidade de cumpri-la (além da necessidade de evitar uma sanção); em segundo grau, quando existe uma conformidade, que implica certa reflexão sobre o que significa a norma e que pode ser voluntária ou forçada; e, em último grau, quando se interiorizam as normas e se aceitam como regras básicas de funcionamento da coletividade que regem. (ZABALA, 1998, p. 47).

Trazendo a reflexão citada para a nossa análise, a pesquisa pôde afirmar que o grau de apreensão das normas na FCG é o último a que Zabala (op. cit.) se refere, isto é, eles internalizaram-na e acreditam em sua importância na organização dos fazeres da FCG.

As primeiras planilhas, conforme nos foi dito por um dos meninos, foi trazida pelo diretor. A seguir, eles foram criando as novas planilhas conforme iam/vão surgindo as necessidades de organização.

Numa concepção foucaultiana, o sujeito é também constituído por “práticas disciplinares”, das quais surge um tipo de saber, “organizado em torno de uma norma que possibilita controlar os indivíduos ao longo de sua existência”. Esta norma é a base do poder, é a forma do poder/saber. O poder do tipo disciplinar, que “sujeita” o indivíduo e, ao mesmo tempo, “objetiva-o”, o saber que dele resulta serve para examinar a conduta, qualificar, corrigir, induzir à normalidade, à sanidade.

Compreendemos, portanto, que a lógica que perpassa as práticas da FCG evidencia que tudo é normatizado, expressamente através das planilhas, dos avisos ou rotineiramente, como acontece com o ritual de apresentação da FCG aos visitantes, o roteiro, embora não seja escrito, é internalizado pelos meninos e meninas e acontece sempre da mesma forma, do memorial à lojinha, passando por todos os programas: memória, comunicação, artes e turismo.

Os meninos e meninas convivem bem com a chegada dos visitantes, pois a FCG recebe constantemente pessoas de todos os lugares: pesquisadores, turistas, artistas que utilizam os espaços da casa, da cidade e/ou do Teatro Violeta Arraes, na realização de shows musicais, peças teatrais, laboratório de estudo para produção de filmes⁵³, documentários, livros⁵⁴ e peças teatrais⁵⁵.

⁵³ O filme “A Máquina” (2006), de Jorge Falcão, diretor pernambucano, levou os atores (protagonistas) a conhecer/conviver na cidade de Nova Olinda como laboratório na composição de seus personagens.

⁵⁴No momento, há uma outra pesquisadora na FCG, do estado de São Paulo, em busca de subsídios para escrever um livro sobre a região do Cariri.

⁵⁵ “O homem provisório”, peça teatral, do diretor paranaense Cacá Carvalho, teve como casa e laboratório a cidade de Nova Olinda, que ele classificou como “um sertão fora do óbvio”, externando sua admiração pelo projeto e pela região do Cariri cearense. (Entrevista, em 21/11/2006, Jornal Diário do Nordeste). Apenas como ressalva, enfatizamos não haver participação de atores locais nem no filme, nem no teatro, no entanto, os meninos convivem com estes profissionais, que ficam hospedados em suas casas ou na própria FCG e, segundo eles, procuram sugar seus conhecimentos, vão perguntando, observando e aprendendo a fazer.

Trabalhos anteriores a este, de cunho científico, já foram/são realizados lá. Como exemplo, Acioli (2000), Azevêdo (2005) e Oliveira (2002), que também realizaram suas pesquisas sobre a FCG. A primeira (2000) apresenta a Casa Grande como um projeto de educomunicação. Os outros dois (2005) estiveram interessados em desvelar as atividades da rádio educativa Casa Grande FM como uma rádio comunitária.

Para Soares (1990), a educomunicação absorve seus fundamentos dos tradicionais campos da Educação, da Comunicação e de outros campos das Ciências Sociais, superando, desta forma, as barreiras epistemológicas impostas pela visão iluminista e funcionalista de relações sociais que mantêm os tradicionais campos do saber isolados e incomunicáveis. Trata-se, na verdade, de uma perspectiva de análise e de articulação em permanente construção, levando-se em conta o contínuo processo de mudanças sociais e de avanços tecnológicos pelos quais passa o mundo contemporâneo. Trazendo as contribuições teóricas de Soares (1990) para nossas reflexões, aportamo-nos também em Acioli (2000), que nos diz:

... concluo que a Fundação Casa Grande pode ser definida como um projeto de educomunicação, por possuir as características de educação para os meios de comunicação; da autogestão, ou gestão de um ecossistema educacional; da intermediação tecnológica no processo educativo e da reflexão epistemológica presente neste trabalho. (ACIOLI, 2000, p. 56)

Azevedo (2005), em seu trabalho de pesquisa, constatou, dentre outros aspectos, que a rádio Casa Grande FM não possui características de “rádio comunitária” e Oliveira (2002), em sua pesquisa, enfatizou o caráter educativo não formal da rádio Casa Grande FM, considerando que a mesma, “como uma rádio comunitária”, prima pela qualidade musical de seus programas, andando na contramão da “cultura massificada”.

Nossa pesquisa, embora não tendo por objetivo a resolução do impasse acima referido, constatou que a “Rádio Casa Grande FM, a rádio que educa”, tem por objetivo a “formação de ouvintes”. No Estatuto da FCG, artigo 2º, parágrafo III, está escrito, com relação aos programas nela veiculados: “fica proibida a utilização de palavrões, incentivos ao consumo de drogas, uso de violência e músicas de sentido pejorativo”. Assim, constatamos, em nossos estudos, que a rádio busca educar, através do que eles consideram ser “a boa música”, com valorização dos compositores/cantores locais, “programas de jazz”, “baú do Raul”, “forró pé-de-serra”, “som da rua” e o programa infantil “submarino amarelo”, que são basicamente musicais.

A participação da comunidade na rádio limita-se a pedidos de músicas, o que pode evidenciar distância da comunidade com relação aos fazeres na ONG, por não haver

intercâmbio de serviços. Durante a programação na rádio, há todo um horário de funcionamento, normas de como cuidar do material a ser manuseado. A pesquisa mostrou também que, na rádio, em meio às normas, há o espaço criativo, os meninos pesquisam na internet fatos interessantes sobre a música que vai ser tocada e os informam aos ouvintes. Contam curiosidades, oferecem músicas aos visitantes, conversam e o repertório musical fica por conta de cada apresentador. Com isso, eles desenvolvem um hábito musical não condizente com a programação de rádios comerciais e/ou da outra rádio comunitária⁵⁶ da cidade.

A “profissionalização” dos meninos e meninas, locutores e radialistas, fica a cargo de um convênio que existe entre a Casa Grande e o curso de Comunicação Social, da Universidade Federal do Ceará, através do PARC – Programa de Assessoria das Rádios Comunitárias do Ceará -, criado em 1987, que trabalha com todo tipo de mídia. O PARC, atua junto à Casa Grande desde 1994. Aferimos que há, no entanto, um aprendizado contínuo, que resulta da experiência cotidiana de que aquele que já realiza determinada função na rádio transmite a sua experiência ao menino ou menina “aprendente”. Numa relação que determina em que a autonomia é vivenciada nos processos de participação. Percebe-se uma maior valorização dos meios (ações desenvolvidas) do que os resultados. Isto se explica, por exemplo, no fato de que falar gramaticamente correto não é uma obrigação, no entanto, com a busca que empreendem para compor seus programas (pesquisas sobre os artistas, músicas, formas de apresentação musical), meninos e meninas vão aprimorando o seu falar, enriquecendo o seu vocabulário.

Os estudantes do convênio supracitado, quando chegam de Fortaleza, ensinam aos “meninos da Casa Grande” questões técnicas, como a impostação de voz. Eles também ajudam na editoração de revistas em quadrinhos. Presenciamos a visita de dois deles, um nos contou:

Essa já é a terceira etapa do trabalho. No primeiro momento, discutiu-se a história das histórias em quadrinhos: como foi que surgiram; depois, a gente discutiu oficina de roteiro. Foi a parte mais de escrita, elaborando histórias; e, agora, a gente está tendo mais a parte de criação de história com desenho, estudo de perspectiva, de paisagem, criação de cenário, entre outras coisas. É gratificante trabalhar com os meninos da Casa Grande porque são pessoas que aprendem muito rápido o que a gente tem a discutir com eles, é isso! (Moacir, estudante de Comunicação UFC⁵⁷)

⁵⁶ Com o *slogan* “Nova Olinda FM, essa rádio é nossa”, pertence a políticos locais, e, ao que aferimos, constituiu-se inicialmente como fator de disputa na concessão do direito de operacionalização como rádio comunitária, com a Casa Grande FM. Ambas lograram êxito no pleito, seguiram, no entanto, caminhos diferenciados.

⁵⁷ Entrevista concedida em 04/08/2007 na FCG (sala da editora).

Os estudantes destacaram que gostam de trabalhar com os meninos da FCG, porque eles são “muito disciplinados” e “aprendem rápido”. Constatamos que vários fatores contribuem para esta aprendizagem: a união entre conhecimento teórico e prático é um deles. Há, ainda, os fatores motivacionais e quantitativos. As oficinas são formadas por um número limitado de meninos. Estes têm por missão, cotidianamente, transmitir o que aprenderam àqueles que não estiveram presentes nas oficinas. A motivação advém da necessidade de execução daquilo que foi apreendido, um sentido prático que liga o aprendizado ao mundo do trabalho e seguem os princípios da autogestão, autonomia e cooperação, propostos por Freinet (1998), que defende que o aprendizado deve se efetivar a partir de ações que sejam necessárias, e gere a produção de bens úteis aos aprendizes. Tais bens podem ser de natureza material e/ou imaterial, posto que este teórico não desvincilha trabalho manual de intelectual. Para Freinet, a disciplina e a autoridade resultam do trabalho organizado.

Trazendo as contribuições teóricas acima, consideramos os espaços de aprendizagem da FCG como socializadores e criativos. Neste, a construção do conhecimento efetiva-se numa união teoria e prática, em que o próprio processo de viver juntos educa, amplia e ilumina a experiência, estimula e enriquece a imaginação.

2.1 Os espaços de aprendizagem: Memória, Comunicação, Artes e Turismo

A FCG funciona em dois locais, a sede, em Nova Olinda, e no escritório, na cidade do Crato. Geralmente, os seus fundadores/diretores ficam no Crato, de onde cuidam também da parte mais burocrática da instituição. Lá, encontramos as fichas dos “meninos” que a frequentam.



Foto 23 - Fichas individuais de acompanhamento – Arquivo pessoal da pesquisadora

Consideramos interessante expormos as fotografias acima, porque foi através desse material que descobrimos que a FCG apresenta uma organização (ao menos no aspecto burocrático) semelhante ao de uma instituição escolar. Cada “menino” tem a sua pasta, onde se encontram a ficha de matrícula, “solicitação de matrícula de autônomo”, no caso do menino ser um maior de idade ou “termo de matrícula de dependente”, para menores que precisam da autorização dos pais. Também localizamos um “termo de licença do uso de imagem” para dependentes e autônomos, tudo registrado em cartório, ficha de acompanhamento pedagógico, e descobrimos também que há um currículo que, de alguma forma, organiza as aprendizagens.

O acompanhamento pedagógico, de 1998 a 2000, foi realizado por uma professora da rede estadual do ensino de Nova Olinda, estabelecendo mais uma forma de integração entre os campos formal e não-formal de educação. A referida professora cumpria sua carga horária na FCG. Ela nos explicou que ia até a escola, observava o comportamento das crianças, conversava com os professores a respeito da aprendizagem deles e também acompanhava a resolução dos exercícios de casa. Este trabalho foi retomado em fevereiro de 2008.

As fichas de acompanhamento pedagógico, que encontramos no escritório em Crato, são compostas de nove páginas e foram preenchidas pelos meninos, segundo a funcionária, de forma livre, tanto que, em algumas delas, há questões que não foram respondidas. As questões buscam identificar a origem dos meninos, o que os trouxe à FCG, como concebem os programas de Memória, Comunicação, Artes e Turismo e, como um *curriculum vitae*, organizam os eventos em que os meninos e meninas já representaram a FCG, as oficinas que participaram, sendo estas realizadas na FCG ou em parceria com ela. Também é tratada a questão comportamental e disciplinar, sob o item: “ocorrências (suspensão e advertências)”, com espaços para o menino e/ou menina expor a data da ocorrência, o motivo e a data do retorno à FCG.

Aferimos que tais fichas, além de identificar o menino e/ou menina da FCG e de acompanhar o seu desenvolvimento, compõem, no acervo da ONG, o amparo legal que possibilita, por exemplo, a veiculação de imagens. A FCG trabalha com autogestão. Neste sistema, as práticas que levam em conta a autonomia e o respeito por si mesmo e pelos outros devem estar/estão em constante construção. Daí o acompanhamento da conduta dos meninos dentro e fora da ONG mostrar-se de fundamental importância aos seus membros.

A funcionária da secretaria contou-nos que, hoje, estas fichas já não são utilizadas. O acompanhamento pedagógico está sendo feito através das postagens que os meninos e meninas realizam nos seus *blogs*, no *site* da FCG.

Com relação ao currículo, não tivemos acesso a este. Rosiane informou-nos que o mesmo está sendo reestruturado e que não havia nem um exemplar do antigo que pudéssemos ver. No entanto, ela falou-nos que ele refere-se ao que o menino tem a desenvolver em cada programa (Memória, Comunicação, Artes e Turismo), que, agora (em 2007/2008), serão agrupados em dois laboratórios: de conteúdo (locais onde os meninos e meninas adquirem saberes elaborados) e de produção (locais em produzem, desenvolvendo suas criatividade a partir do que aprenderam). Para tentarmos uma melhor compreensão, trazemos o seguinte depoimento de Alemberg, que cita os diversos programas da Fundação como matérias a serem aprendidas.

O primeiro é o programa de Memória, que vem dessa leitura geográfica e cultural do homem aqui do Cariri. Na Arte, eles assistem o que há de melhor no cinema: Tarkovsky⁵⁸; Bergman⁵⁹; Feline⁶⁰; Pasoline⁶¹, dentre outros diretores, o que os

⁵⁸ Andrei Arsenyevich Tarkovsky (1932-1986), russo

⁵⁹ Bergman, Ingmar (1918-), sueco

⁶⁰ Fellini, Federico (1920-1993), italiano

⁶¹ Pasolini, Pier Paolo (1922-1975), italiano

aproxima de um diálogo de nível, de uma conversa de qualidade com pessoas que, por exemplo, estudam Cinema em qualquer lugar do mundo. Da mesma forma com a Música, o princípio é ver coisas iguais, ver coisas que são padrões de qualidade em cada campo, para depois poder produzi-las e comunicá-las através da história em quadrinhos, da rádio e da TV (ALEMBERG, entrevista concedida em 03/12/2007, no escritório da FCG em Crato).

As “matérias” da FCG, às quais seu diretor faz alusão, são partes do seu projeto educativo, contêm uma intencionalidade, mas não há hierarquização entre elas. Percebemos, no cotidiano, nas falas e na observação das fichas, que todas têm o seu grau de importância, cumprem substancialmente uma proposta pedagógica (embora não recebam esta designação) diferente da educação escolar, muito embora possa haver semelhanças em sua organização burocrática.

Tais semelhanças consistem na forma como as ações organizam-se: as fichas de matrícula; o uso do fardamento (do qual falaremos no capítulo três); há uma ficha de frequência, em que o rigor do horário de chegada é controlado pelos próprios meninos. Atrasos e ausências, quando não justificados, podem levar à perda da farda (o que já não acontece na escola). Pelo que entendemos, a farda não é do menino e/ou menina, é dada por empréstimo e com ele/ela permanece enquanto estiverem frequentando a FCG e a “souberem honrar”. Outra diferença é com relação aos conteúdos, embora a FCG incentive, por exemplo, a leitura e a escrita através de suas ações, não está preocupada em trabalhar, por exemplo, os conteúdos da “língua portuguesa”.

Segundo Rosiane, a Casa Grande não tem um “modelo pedagógico definido”,

Porque a Casa Grande nasceu de uma forma muito intuitiva, ninguém foi pesquisar Paulo Freire, nem Piaget, nem não sei quem, para criar modelo pedagógico, para criar uma fundação ali, a gente não fez isso. Depois é que as pessoas vieram e foram encontrando Paulo Freire, foram encontrando não sei quem, não sei quem, não sei quem, dentro do que a gente foi fazendo, mas a gente não tem um compromisso com esses pensadores. De ter que rezar a cartilha de um ou de outro, a gente não tem esse compromisso, nosso compromisso é com a nossa filosofia. (Rosiane, entrevista concedida em 14/12/2006)

A relação teórico-prática, embora negligenciada no depoimento acima, é revelada no cotidiano da ONG, em que tudo é muito planejado, executado e teorizado. A pesquisa demonstrou que a concepção de formação humana está calcada nos Pilares da Educação para o Século XXI, que objetiva a formação do homem produtivo, que sabe “aprender”, ou seja, pesquisar, buscar conhecimentos; que saiba “fazer”, se posicionar e buscar alternativas para resolver problemas, lições de trabalho que formam e são capazes de superar a situação de marginalidade; que saiba “conviver”, aceitar a si mesmo e ao outro como ele é, dentro de uma

linha clara de limites que impõe o respeito as normas, a disciplina, a Casa; e finalmente que saiba “ser” numa noção de “desenvolvimento humano sustentável” (DELORS, 2000).

Ao que esta pesquisa pode apreender a filosofia da FCG é seu modo de pensar a vida, o conhecimento e o aprendizado, que foi sendo posta em prática ao longo dos seus quinze anos e se aproxima com as dimensões informais, não-formais e formais da educação.

Achei muito interessante o que eu ouvi Alemberg dizer, eu gostei e até anotei, ele disse assim: a Casa Grande, ela não tem pedagogia, ela tem, filosofia. Então, na verdade, ela tem um pensamento, uma forma de pensar a vida, uma forma de pensar o conhecimento, uma forma de pensar o aprendizado e essa forma de pensar é que ela foi colocando em prática com a participação dos meninos. Com os meninos participando de todo o processo, então é assim, eles têm, ao mesmo tempo, uma disciplina, uma disciplina bem rígida, com horário de chegada, com coisas a que eles respondem, as responsabilidades deles por determinadas coisas, setores. Então, eu acho assim que isso aí é uma coisa muito forte no processo educativo da Casa Grande, essa coisa da disciplina. (Rosiane, entrevista concedida em 14/12/2006).

Encontramos em Franco (1986, p. 40) uma definição de disciplina que parece estar de acordo com a “filosofia da FCG”, pois, para esse autor, disciplina significa “uma regra de vida” que está posta na capacidade de “comandar a si mesmo”, de “se impor aos caprichos individuais, às veleidades desordenadas” (como os meninos tentam fazer). Significa também a “consciência da necessidade livremente aceita”, na medida em que “é reconhecida como necessária para que um organismo social qualquer atinja o fim proposto”. Assim, a disciplina da FCG está relacionada aos seus objetivos maiores e a sua prática pedagógica mantém um compromisso com a cultura local. Chamamos a atenção para o fato de que, durante o período de pesquisa, nos depoimentos e nas conversas informais, na maior parte das vezes, a FCG é o sujeito da ação, é como se ela tivesse vida própria, independente de seus membros.

A leitura cultural do homem Kariri está no museu como o único local em toda a região do Cariri cearense (também paraibano e pernambucano) onde se pode encontrá-la. Aliás, tivemos a oportunidade de registrar uma visita de índios à FCG, em que um cacique, emocionado, chorou, expressando, num misto de alegria e tristeza (em virtude dos irmãos kariris mortos), a sua felicidade de encontrar um lugar assim.

Como nas fotos a seguir, que mostram os meninos e meninas recebendo a visita de índios à FCG no Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas, os índios emocionaram-se ao dar depoimentos (Foto 23) e também dançaram (foto 24) compartilhando suas tradições:



Foto 23 – Enquanto uma índia da tribo Tremembé discursa, outro índio filma, os “meninos” filmam, fotografam e registram, escutam e aprendem. Arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007.



Foto 24 – Índios dançam no Teatro Violeta Arraes – Arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007.

Em mais um registro, temos o depoimento de um cacique (foto 25), e uma menina da FCG, descendente de índios, entre os índios (foto 26):



Foto 25 – Depoimento do cacique – arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007



Foto 26 – Menina da FCG entre índios – arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007

Os museus, como afirmou Oliveira (2008), são espaços privilegiados da construção da memória e da identidade. Na FCG, o Memorial do Homem Kariri constitui este espaço. Meninos, meninas e visitantes percebem as mensagens propostas pela exposição e constroem novas significações a partir delas nos espaços da editora, da rádio e nos encontros, como os que ilustramos acima. Assim, consideramos que, para os meninos e meninas da FCG, além de toda a organização do museu, o encontro acima registrado significou inúmeras possibilidades de aprendizagem, desmistificando a idéia de índios, posta pelos livros didáticos e re-significando todo o acervo do memorial.

O museu da Casa Grande traz a história dos índios kariri-karius, é cuidado e administrado pelos meninos e meninas e faz parte do primeiro estágio daqueles que buscam a FCG receber os visitantes do museu. Esta tarefa constitui-se para eles a principal e mais importante de suas atividades. Seguindo a metodologia da educação patrimonial, da qual trataremos no terceiro capítulo, eles vão aprendendo com os outros a receber os visitantes, a explicar o acervo de cada sala. De início, tem-se a impressão de que eles “decoram o texto”, de que o aprendizado é superficial, mas, após uma análise detida, consideramos que o mesmo é também substancial, pois é no esforço “de decorar” para poder “ser recepcionista” que ele/ela vai internalizando saberes nas conversas com os visitantes, que vão perguntando, por exemplo, sobre as peças, assim como no contato com crianças mais antigas na ONG. Este é o tipo de aprendizagem que demanda o que Muñoz (2004) chamou de “nove cês”: comunicação (capacidade de comunicar-se consigo mesmo e com o entorno), para meninos/as o mais importante é a “comunicação”, ela é que possibilita o aprendizado; conhecimento (de si mesmo e do entorno social) é o que meninos/as buscam; conflito (medos, desejos, angústias, perguntas, respostas... se nada disso existir, nada está interessando, pois os conflitos fazem parte da descoberta do conhecimento, do diálogo consigo e com o entorno), para os meninos/as está relacionado as opções que fazem, as responsabilidades que assumem, aos desafios cotidianos da ONG; cocredibilidade (está relacionado ao como lidar com os conflitos, gerando credibilidade nas próprias ações); complicidade (fazer, adquirir amigos e enriquecer-se no convívio com o outro); colaboração (co-laborar, de laborar de trabalhar com o outro); compromisso, co-responsabilidade e constância. A “constância” acontece com frequência nos depoimentos de meninos e meninas e está atrelada à disciplina no desenvolvimento dos fazeres cotidianos. Acrescentamos que,

Desse modo, no contexto dos museus, a ação educativa pode apresentar-se como facilitadora e provedora de um processo prazeroso de ensino/aprendizagem, inserido em uma ação cultural mais ampla, estando essa centrada na interação entre visitantes e os objetos ou ambiente foco da exposição. (FRONZA-MARTINS, 2005, p. 431).

O museu da FCG possui seis salas: a do “Coração de Jesus”, supracitada, que também honra o Kariuzinho, índio de madeira exposto em uma redoma no centro da sala, personagem da infância do fundador, e os diretores da instituição; a sala denominada **Etnia**, que contém fotos de crianças com características indígenas, uma máscara esculpida em madeira que os índios usavam em rituais e festas, e muitas informações escritas sobre tudo que está exposto; a sala dedicada à **Mitologia** mostra histórias contadas pelos mais velhos habitantes da região e fotos de lugares encantados com suas respectivas lendas, ao meio, encontra-se uma igaçaba (urna funerária dos índios). Os mitos e lendas da região expressam-se através dos lugares sagrados e santuários espalhados por todo o vale que circunda a Chapada do Araripe. São histórias transmitidas através da comunicação oral, que nos falam de encantados e encantamentos.

Num sentido mais amplo, mito tanto se refere a personagens sobrenaturais, como a objetos extraordinários ou regiões fantásticas, que existem na mentalidade de tribos e povos. Eles sempre contêm símbolos de sentido oculto ou manifesto, que coordenam os anseios e temores humanos com os grandes fenômenos sobrenaturais. (MEGALE, 2003, p. 49)

A quarta sala abriga **Artes Rupestres**, em fotografias e histórias, mostrando pinturas de índios e também uma panela, que serviam para cozinhar e guardar alimentos; as gravuras rupestres do Cariri são encontradas em formas de incisões⁶² e pinturas nos abrigos rochosos ao sopé da Chapada do Araripe e nos afloramentos rochosos no vale. A quinta é **Arte Cerâmica**, contendo os cachimbos produzidos pelos índios da região e, ao centro, uma tigela cuja pintura foi feita com espinho de mandacaru, com tinta vermelha e preta. O homem-kariri dominou o fogo e construiu artefatos cerâmicos que expressavam suas necessidades: domésticas, ritualistas e artísticas; a sexta sala é dedicada à **Arte Lítica**, as evidências encontradas na pedra lascada e na pedra polida indicam o estágio da cultura da pré-história do homem-kariri, que polia pedras para construir utensílios de uso doméstico. Esta sala dividia-se em três tipos de pedras: a artística, em forma de pequi, a mística, parecida com mão de pilão e a terceira, a ritualística, que são as machadinhas. Este acervo conta a história dos

⁶² Incisões são gravuras incisadas nas pedras; pinturas são gravuras desenhadas nas pedras.

primeiros habitantes da região do Cariri, os índios Kariris. As crianças cuidam, administram e recebem os visitantes que, diariamente, adentram “a casa”.

É neste ambiente que eles aprendem a recepcionar os visitantes, aliás, segundo o seu fundador⁶³, este discurso é comum aos habitantes da FCG, sendo o mais alto cargo da Casa Grande o de melhor recepcionista,

A escola de comunicação da Casa Grande não é para formar jornalistas. É para que, através da comunicação, eles tenham uma noção da diversidade das formas de ver as coisas. O mesmo acontece com os outros programas; Na Casa Grande, não tem músicos, editores. Lá, todo mundo é recepcionista. E o grau mais alto na Fundação é o de bom recepcionista. Estamos lá para receber as pessoas. (Alemberg entrevista concedida ao Almanaque de Cultura Popular, 08/11/2006)

É também no museu que acontecem as reuniões semanais. Este é, para eles, o principal lugar da FCG, “porque foi lá que tudo começou”, um simbolismo que indica, conforme os depoimentos, respeito à história do lugar para poder dar continuidade às ações. Está intimamente relacionado ao fato de conhecer as origens, para não perder a dimensão do crescimento.

O memorial é um lugar que, assim que você chega à Casa Grande, cruza aquela porta, você sente uma energia dentro de você, é uma coisa que flui naturalmente. Não é à toa que aquelas reuniões que a gente faz seja naquela sala do coração de Jesus, porque ali é onde tudo começou, é o eixo que faz com que essas rodas estejam sempre circulando. Conhecer a história da gente, saber essa origem, o valor de cada item desse que eu estou falando e que eu citei. Assim, esta sala é fundamental. Você entra lá no memorial, você está estudando, conhecendo que isso aqui vai ser tudo consequência de lá. Por isso que a gente costuma dizer que o grau, o maior grau aqui da Casa Grande, é o de ser um bom recepcionista, porque o memorial, onde as pessoas são recebidas, está ligado a tudo isso que é a Casa Grande. (Jovem, 25 anos, entrevista concedida em 19/10/2007).

Há toda uma constituição simbólica que unifica o grupo da FCG, uma memória coletiva compartilhada, que convive, ao tempo em que se preserva da influência externa.

Participamos de algumas destas reuniões, presididas pelo Conselho Cultural⁶⁴, sempre às 13h, às segundas-feiras: os meninos organizam-se em círculo e tratam de assuntos da

⁶³ Entrevista documentada no Almanaque de Cultura Popular em 08 de novembro de 2006.

⁶⁴ Conforme o Estatuto da Fundação Casa Grande, o Conselho Cultural é constituído de cinco membros indicados pela diretoria, dentre os jovens beneficiados pelo trabalho da Fundação Casa Grande que tenham acima de 18 anos. Há também o Conselho Científico. Este, segundo Roseane, seria composto por ela própria, na parte de Arqueologia, Violeta Arraes, na área de Psicologia, e Maria Eliza Costa, na área de Arquitetura e Artes. Seriam pessoas que contribuíssem com o projeto e mantêm com o mesmo um vínculo afetivo, mas este Conselho ainda não está constituído de fato. Ela enfatizou que foi necessário para o funcionamento da FCG, primeiramente constituir o Conselho Fiscal e o Cultural.

semana, planejam as atividades e mutirões de limpeza, definem quem vai fazer o quê, quem não está vindo e o porquê, enfim, assuntos relacionados ao dia-a-dia da instituição.

Helinho dirige a reunião, inicia, dizendo que “toda segunda-feira tem reunião uma hora da tarde” e que “hoje, vamos aqui falar da parte da limpeza”, a seguir começou a citar os nomes de quem limparia o quê. Disse para Guilherme que quem chegar atrasado e justificar, tudo bem, mas a limpeza tem que fazer. “O que a gente tem de fazer essa semana, é, por exemplo, uma equipe vai dar continuação no catálogo; outra, a gravação do 100 canal do catálogo; Depois, fala da gravação do 100 canal, que vai ser gravado da bandinha, “a gravação da bandinha vai ser um rodízio: vai ser com cada menino saindo de casa e pegando as imagens. O sistema de rodízio se deu porque tem uns meninos querendo participar (ele havia pensado inicialmente em fazer só com três meninos), então, “vai ter um rodízio da pessoa, que vai ficar no som, e da pessoa que vai ficar auxiliando na produção. Como, por exemplo, vai ser um dia eu, Guilherme e Rivaldo, vai ser um dia. Eu, Jenfte e Samuel, vai ser outro dia. Depois, eu, Naninha e Monise. Este rodízio é para todos terem a oportunidade de saber como é uma gravação de vídeo. Esta vai ser uma oportunidade boa para aprender. A gente vai fazer assim, a primeira pessoa que foi escala foi eu, Rivaldo e a pessoa que vai ser gravada é Artur. Vai ser lá na casa dele. Amanhã, eu já vejo quem serão os outros três, eu, mais um e Rodrigo, depois tem Iêdo e nós vamos vendo aí.” “Tem uma coisa que a gente observou, é que, lá na TV, apareceu uns gatos e eles estão entrando dentro do forro e fazendo uma festazinha, então é o seguinte: tem que destelhar o canto da TV aqui, e o outro canto, aí a pessoa que vai lá destelhar, tem que tanger o gato, pro gato sair do telhado”. (D.C. reunião, 08/09/2007)



Foto 27 - Meninos em reunião. Arquivo pessoal da pesquisadora – 08/09/2007.

Acompanhamos várias destas reuniões, conforme ilustramos em fotografias (fotos 27 e 28). A reunião supracitada (08/09/2007) fala da edição do “100 canal”. Cada menino que toca na bandinha de lata será filmado no seu cotidiano pelos seus colegas que, ao passo que fazem

e acompanham as gravações, vão aprendendo a elaborar roteiros, filmar e também ser atores de suas próprias vidas, numa unidade teórica/prática. Uma ação de protagonismo infantil/juvenil, que, ao tempo em que contribui para o *marketing* da ONG, desenvolve a autoestima e o saber daqueles envolvidos no projeto. Na fala dos meninos e meninas, percebemos também o cuidado com a inclusão, ou seja, o planejamento feito para as gravações pode ser modificado se os meninos e meninas presentes quiserem nele se incluir. Para tanto, segundo eles, a “responsabilidade” é fundamental. O que denota, aliado aos depoimentos e experiências vivenciadas, que o “fio condutor” das ações dos meninos e meninas da ONG é a “disciplina” e cada um é inteiramente responsável por suas ações.

Eles dizem que, se um “menino” ou “menina” gostar de filmar, ele “deve procurar quem lhe ensine e manifestar sua vontade, não esperar que outros lhe chamem, se não, vão ficar apenas nos trabalhos manuais”. Tal observação foi feita a partir do depoimento de uma menina que disse que a colega “não viria mais”, porque não ia ficar “só recebendo gato⁶⁵ dos outros”, numa expressão popular que revela que a autoridade e a disciplina geradas e as condutas dos processos educativos da ONG, por vezes, podem levar meninos e meninas ao abandono(temporário ou definitivo) do projeto.



Foto 28 - Meninos e meninas em reunião – Arquivo pessoal da pesquisadora - 22/10/2007

⁶⁵ “gato” expressão popular que significa reclamações.

Da reunião participam aqueles/aquelas que, efetivamente, são da FCG. A pesquisa evidenciou que, durante os encontros, os meninos e meninas vão aprendendo a ouvir e só falar quando o outro conclui a sua fala. Eles expõem suas opiniões, revelam traços do cotidiano, tratam de questões que devem ser resolvidas no coletivo, como a solução para algum problema, de estrutura física ou não, que está interferindo nos trabalhos. Praticam a avaliação de suas ações, a partir de questionamentos como, por exemplo: “como alguém que não está fazendo algo direito pode melhorar?” O que indica que os momentos das reuniões são, efetivamente, um espaço de vivência cidadã, em que crianças, jovens e adolescentes participam com suas vozes, discutindo temas comuns do cotidiano da FCG, propondo novas ações e assumindo seus lugares nos trabalhos coletivos. Quando acabam as reuniões semanais, todos seguem as suas devidas funções, para cumprir as tarefas de organização e limpeza que lhes são próprios (Foto 28).

Para aqueles que, efetivamente, são da FCG, o espaço para brincar existe quando não há tarefas a cumprir. No entanto, eles parecem, com seriedade, divertir-se enquanto trabalham, seja consertando a calha do telhado, limpando o ambiente, escoando a água da chuva ou organizando os livros na biblioteca. Para aqueles que não são da FCG, os espaços do parque estão sempre abertos. O uso nos laboratórios efetiva-se a partir de horários pré-definidos.



Foto 28 - A hora da limpeza – Arquivo pessoal da pesquisadora - 22/10/2008

No contexto da FCG, a vontade da criança é sempre enfatizada, é a “constância” já referida anteriormente. “Ela/ele tem que querer”, “ninguém pode obrigar um menino/menina a ir para a FCG”. Essa ação, como primeira exigência da criança, adolescente e/ou jovem, entrega-lhe a responsabilidade pelo seu desenvolvimento e permanência na ONG. Explica, de certa forma, o fato de havermos encontrado, em muitas famílias, uma situação comum em que, de um determinado número de irmãos, uns são da FCG, outros não, que eles justificam com a frase “ele/ela não conseguiu se adaptar”. O que a pesquisa constatou é que ser um menino e/ou menina da FCG implica em responsabilidades que, às vezes, as crianças não querem ou não podem assumir.

O fato de “não querer” está associado às suas preferências de vida, o de “não poder”, com os afazeres domésticos ou laborais, ou seja, as responsabilidades que assumem, desde a tenra idade, de cuidar do irmãozinho mais novo, de ajudar a mãe ou de ir à lavoura com o pai, impossibilitando o cumprimento dos horários postos pela FCG.

As que conseguem e/ou querem ficar usufruem de inúmeras possibilidades educativas que constantemente se renovam, como a iniciação musical que se efetiva, primeiramente, com a participação na bandinha de lata, onde os meninos e meninas aprendem ritmos e brincam de ser artistas.



Foto 29 - A banda de lata “Os Cabinha” – momento de descontração - Arquivo pessoal da pesquisadora 14/11/2007.

“Cabinha” é como são chamados os meninos do sertão no dialeto local. A bandinha é uma grande diversão para o público e para as crianças, mas se torna algo sério para aqueles que querem seguir carreira e aprender a tocar instrumentos de verdade. A primeira geração da “bandinha de lata” já galgou este patamar.



Foto 30 - Show dos meninos da Casa Grande com um cantor mineiro no teatro Violeta Arraes – Arquivo pessoal da pesquisadora 28/07/2007.

A bandinha de lata “Os cabinha”, digamos, “oficial” que já gravou CD, atualmente é formada por cinco meninos (entre nove e onze anos), mas todos podem participar e aprender a tocar, desde que se interessem por isso.

A banda dos Meninos da Casa Grande já foi uma banda de lata. Hoje, eles trabalham com instrumentos profissionais e já deram shows pelo Brasil e no exterior, como mencionamos no capítulo I.

Uma questão interessante que esta pesquisa tem procurado salientar é que o que os meninos aprendem na FCG, de alguma forma, incorpora-se como uma atividade própria deles mesmos, que pode ou não gerar um recurso pessoal. Como observamos, o caso de um dos meninos que aprendeu a arte da fotografia, comprou uma máquina profissional e as pessoas da cidade o procuram quando precisam tirar fotos para realizar inscrição no processo vestibular,

tirar documentos ou por algum outro motivo. Outro aprendeu a resolver problemas de informática ligados ao uso do computador e presta assistência técnica aos comerciantes locais.

Em uma conversa informal com os meninos, eles falaram ter uma banda independente da FCG e que tentaram colocá-la como atração na festa da Vaquejada do município, mas não conseguiram, queixaram-se de que a prefeitura não oferece oportunidade aos artistas da terra e consideraram também, que o estilo musical deles não é o que o público da Vaquejada quer ouvir. (D.C. 27/09/2007)

O que indica que, na FCG, eles adquirem um tipo de cultura musical que não é a evidenciada pela cultura de massa veiculada pela mídia. “Eu me criei ouvindo na Casa Grande Chico Buarque e Maria Betânia, talvez se eu não tivesse tido a oportunidade, eu tivesse hoje outro tipo de cultura”, disse-nos uma jovem professora, ex-menina, que admite respeitar na sua profissão o saber que o seu aluno traz de casa, porque, segundo ela, “uma pessoa que passou a vida inteira ouvindo *funk* não aprenderá a gostar de MPB de uma hora para outra”, o que não a impede de despertar neste aluno a vontade de conhecer mais e ampliar seus saberes. Na sua prática docente, ela associa os saberes escolares e a sua experiência de vida na FCG. Neste sentido, a pesquisa evidenciou o quanto é impossível dissociar a FCG do seu entorno, porque ela trabalha com os filhos da terra (cidade), que, ao permanecerem ou não nela, interferem de alguma forma no seu cotidiano.

Bandas de latas são muito comuns aqui na região do Cariri cearense, principalmente no período carnavalesco. Constitui-se numa forma de crianças se divertirem, desenvolvendo a criatividade na confecção dos instrumentos que são feitos a partir de materiais recicláveis, como lata e papelão. Os “cabinhas” da banda de lata tocam com a orientação dos meninos que já tocam na banda profissional, vão aprendendo ritmos e compondo músicas. Por várias vezes, tivemos a oportunidade de presenciar os ensaios da bandinha de lata e também de conversar com os meninos que dizem sempre “nós fizemos” essa música, esse gibi ou esse determinado produto, indicando um caráter coletivo e cooperativo nas aprendizagens,

A música, para além de sua difusão pelos meios de comunicação de massa – rádio e tevê, principalmente – que, infelizmente, a cada dia, tendem a pensar mais no dinheiro que ganham com a música e menos na qualidade musical e artística, o que se aplica também às grandes produtoras musicais –, está presente na história e na vida das pessoas na forma de cantigas de ninar, cantigas de roda, na expressão da religiosidade do povo (nos hinos, por exemplo), nas antigas cantorias de trabalho que marcavam o ritmo das atividades dos trabalhadores. Está também nas atividades com finalidades de diversão, de dança e, também por isso, não faz sentido que a escola deixe de se aproveitar de toda essa experiência cultural para favorecer as aprendizagens das crianças, adolescentes, jovens e adultos. (PADILHA, 2007, p. 51).

O contato dos meninos da Casa Grande com a música dá-se também nos shows que constantemente acontecem no Teatro Violeta Arraes e na “Rádio Casa Grande FM”, com o *slogan* “a rádio que educa”. Constatamos, com a pesquisa participante, que a rádio da FCG proporciona uma educação musical. O seu objetivo expresso é a formação de ouvintes, não sendo veiculadas notícias, nem da própria instituição, como, por exemplo, poderiam divulgar que uma de suas jovens foi à cidade de Sobral dar um curso de Histórias em Quadrinhos aos professores da rede municipal, mas não o fizeram. A rádio apenas toca músicas (MPB, *reggae*, *rap*, forró pé-de-serra, de artistas regionais e nacionais, músicas internacionais e infantis) intercaladas com vinhetas produzidas pelas crianças a partir de situações vividas no cotidiano da FCG, tipo “Cala a boca lupião⁶⁶, eu quero ouvir a rádio casa grande FM tocar”! Pudemos deduzir, a partir das nossas conversas informais, dos depoimentos de Alemberg e de fragmentos de jornais e de revistas, que esta é mais uma forma de proteção contra a política local,

Nós não trabalhamos com programas jornalísticos porque o jornalismo, nessa região, está muito ligado aos fatos políticos e, no interior, tem duas calçadas e, muitas vezes, quem não comunga de uma, comunga da outra e não é aceito na outra. Então, para tirar isso da nossa porta... (depoimento de Alemberg a OLIVEIRA, 2002, p. 159)

Política à parte, constatamos que a rádio é um espaço educativo em que as crianças e jovens brincam de ser radialistas, “com mais uma seqüência musical...”, escutam músicas, ampliam o repertório cultural, e até brincam dentro do estúdio. No programa infantil “Submarino Amarelo” (foto 31), por exemplo, as crianças ouvem histórias infantis e, por vezes, dançam, tudo com muita responsabilidade no cumprimento de horários, na organização do ambiente e dos materiais de uso. Se, por um algum motivo, falta este cuidado, o assunto é tratado na hora e também retomado nas reuniões do conselho,

...um dos meninos disse ser necessário que as pessoas assumam compromissos, cumpram os horários dos programas. Citou o exemplo de um dos meninos, cujo programa não foi ao ar, mas que ele havia avisado. Há normas que também devem ser cumpridas, tomar banho antes de ir para a rádio, fazer o programa, pegar direito no CD (tem CDs sumindo), tem que chegar à rádio 10 minutos antes do programa. Um dos meninos explica que este é um exercício de pontualidade, que eles vão precisar nos trabalhos deles. (D.C., Reunião do Conselho Cultural 18/10/2007)

⁶⁶ Um cachorro que às vezes faz barulho.



Foto 31 - Crianças brincam durante o programa Infantil Submarino Amarelo - arquivo pessoal da pesquisadora - 26/09/2007.

Na rádio, assim como no museu, os meninos desenvolvem a oralidade na comunicação que estabelecem com o outro. A rádio não é muito visitada pela comunidade, mas as pessoas ligam pedindo músicas. O museu, no entanto, é palco de constantes visitas, é dele que surge a maioria das histórias contadas nas revistas em quadrinhos que são feitas na editora. A personagem central é o índio Kariuzinho, que fica na redoma, no centro da primeira sala do memorial. Nas histórias em quadrinhos, é ele que faz o transporte dos meninos da Casa Grande aos locais que eles querem conhecer/explorar.

A prática da HQs na FCG sempre existiu desde o seu início (fotos 32 e 33), no entanto, com os modernos programas de computador: *Photoshop* e *Corel Draw*, ela se aperfeiçoou.



Foto 32 - Revista N.º 01, de 1998, ilustrada pela primeira desenhista da FCG - arquivo pessoal da pesquisadora 14/11/2007.

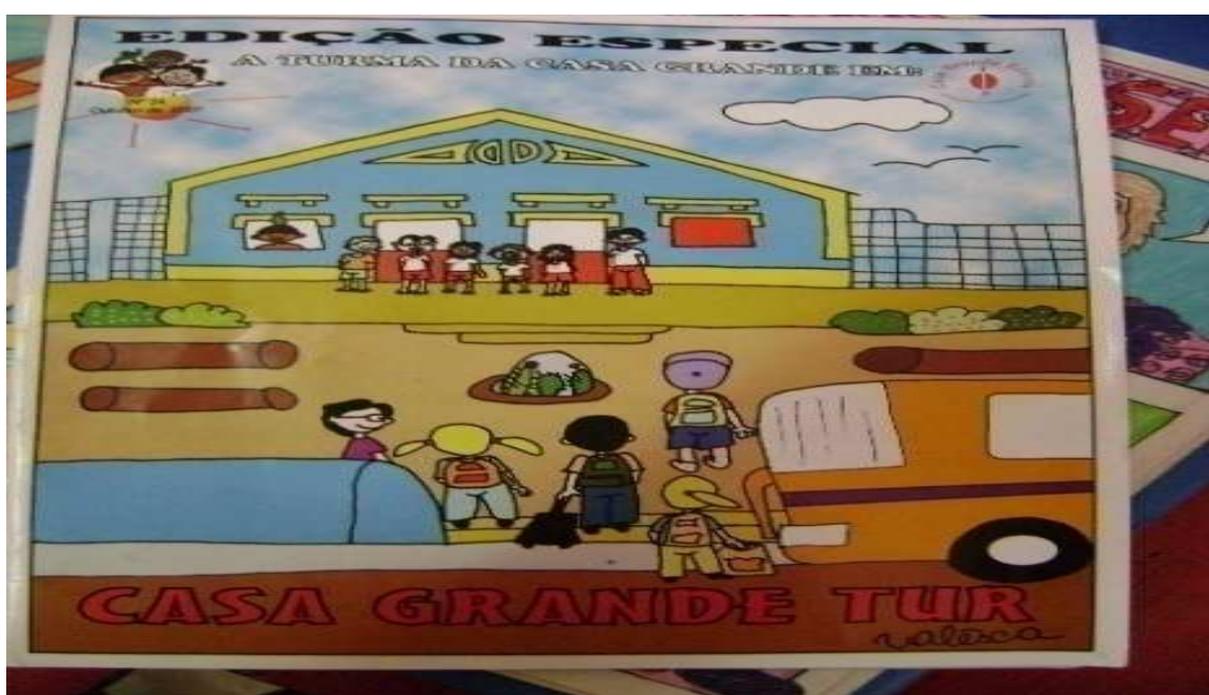


Foto 33 - Revista N.º 24, de 2007, ilustrada pela atual desenhista - arquivo pessoal da pesquisadora 14/11/2007.

Verificamos que, embora os modernos equipamentos tenham facilitado e até profissionalizado a produção das HQs pelos meninos, eles não modificaram o que essas revistas possuem de único, isto é, as histórias são retiradas do cotidiano de quem as produz ou das lendas que estão no museu e também fazem parte do cotidiano da FCG.

A atual gerente da editora (16 anos) chegou e nos mostrou o esboço da revista em quadrinhos que eles estão produzindo, explicou-nos que, “após a criação do roteiro, faz ilustrações nos quadrinhos e, a seguir, as folhas são escaneadas para serem coloridas no computador e enviadas ao Crato para os diretores revisarem até que tudo esteja bem para impressão definitiva” (D.C. 07/07/2007).

...a arte final da revista, colorida no computador, ajudou a ampliar o conhecimento do nosso grupo porque, juntos com a turma da Casa Grande Editora, estamos tendo uma oficina de artes gráficas que está nos ajudando bastante e deixando nossas produções com qualidade. (menino da FCG, Casa Grande, Jornal Mural, Ano 1, nº 1, julho/2005).

Atualmente, os gibis são considerados por educadores como um excelente material para desenvolver nas crianças o gosto pela leitura. Segundo Kaufman (1995), HQs são textos humorísticos que têm como intenção provocar o riso. Para tanto, utilizam recursos lingüísticos e iconográficos. Além de proporcionarem prazer e entretenimento, constituem uma fascinante demonstração de criatividade humana.

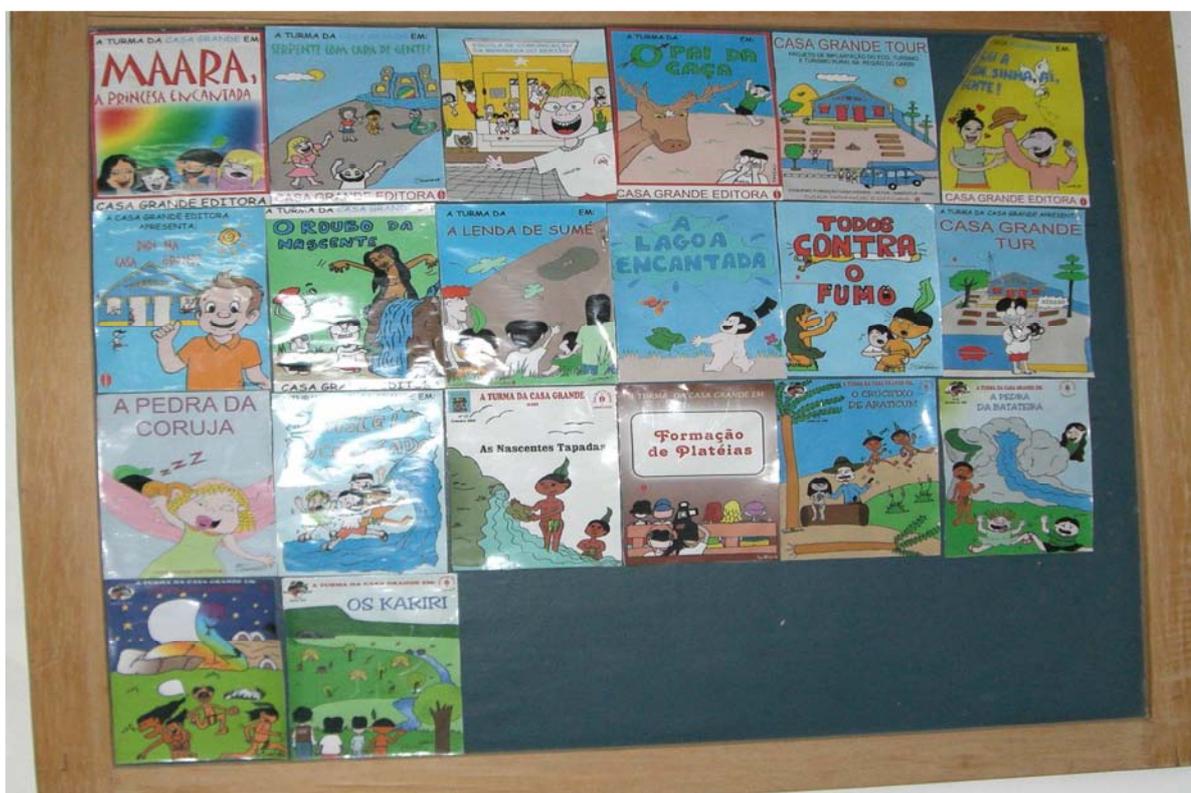


Foto 34 – Algumas produções da editora da FCG – Arquivo pessoal da pesquisadora – 16/10/2007

Ao compor as HQs (foto 34), os meninos desenvolvem as suas criatividadeas ao tempo em que expressam uma “leitura de mundo”, o mundo da FCG do qual fazem parte (ONG, colegas, pessoas que visitam a Fundação) e o que aprendem no museu com relação às lendas locais. Eis alguns temas das revistas: Maara, a princesa encantada (janeiro 2000): a história começa como um dia normal na Casa Grande até que um menino sonha conhecer Maara e o Kariuzinho aparece para realizar esse desejo. A partir daí, a lenda é narrada; O roubo da nascente (junho, 2000): os meninos juntam-se ao kariuzinho e vão roubar as nascentes para ver se a lenda é verdadeira; Olha a camisinha aí, gente! (maio/2000): fruto de um trabalho (programa de rádio: “papo-cabeça”) que era realizado à época por uma jovem (17 anos), com o objetivo de incentivar ao combate a AIDS. Através dele, a jovem participou do encontro “Os jovens na mídia: o desafio da AIDS – camisinha, uso indevido de drogas e mudanças de comportamento”, promovido pela Agência Nacional de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), Ministério da Saúde, UNESCO e UNICEF.

Encontramos o seguinte depoimento da jovem, justificando a importância do programa de rádio “Papo-cabeça”, numa reunião em Brasília: “minha mãe nunca me falou nada sobre sexo. Aqui, menina que anda com preservativo dentro da bolsa é mal vista por todo mundo”. (Correio Brasiliense, Brasília, terça-feira, 14/11/2000, p. 20)

Na sala de cinema para pequenos grupos, meninos/meninas têm acesso à TV por assinatura. Através dela, costumam assistir a programas que, segundo eles, “ajudam a produzir melhor seus próprios documentários”. Enfatizam que o conteúdo serve de guia não de modelo, posto que o que fazem está atrelado à realidade local.

Na editora, além das HQs, os meninos editam o “Casa Grande Jornal Mural”. Este, é editado com muito esmero. Depois de impresso e exposto por certo período de tempo, como nos relatou um menino, constatamos que fica guardado numa pasta, para ser exibido aos visitantes. No Anexo B, encontra-se a primeira edição do Jornal Mural que substituiu o Jornal “Kariuzinho”, primeiro jornal a ser publicado em fevereiro de 2000, como forma de enriquecimento de nossa discussão. Para Freinet (2001), o jornal constitui-se em uma das formas de desenvolvimento de textos livres com um significado de vida, unindo educação e trabalho. O fato de “ficar guardado” reduz a importância do jornal como instrumento educativo de aprendizagem. Por ter uma excelente editoração, consideramos que o mesmo poderia ter uma maior abrangência⁶⁷.

⁶⁷ Antes do final desta pesquisa, informaram-nos na FCG que os jornais deixaram de ser publicados. As notícias, novidades, ou seja, os atrativos que o jornal trazia agora são disponibilizados no site da instituição.

Com a finalidade de ter edições quinzenais, o primeiro número do Casa Grande Jornal Mural, ano I, N.º 1, de Julho de 2005, registrou as visitas ilustres que estiveram na FCG, como a do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, que esteve na Fundação acompanhado do governador do Estado do Ceará, em 18 de Junho de 2005. À época, o ministro comentou a dimensão arqueológica do projeto. Trazemos um pequeno fragmento de sua fala, que constou no referido jornal,

...uma das dimensões do projeto é uma dimensão arqueológica, enfim, que está trazendo à vista toda uma riqueza arqueológica que tem aqui na região, e fora todas as outras coisas, e o uso das tecnologias modernas, da televisão, do rádio, do disco, a capacidade de descobrir talentos, de formar novos músicos, novos pintores, etc. É um centro cultural de extraordinária pujança com um fator turístico importante também pra região, pra cidade. (Ministro da cultura, s/p).

Registrar as visitas e entrevistar as pessoas que por lá passam é tradição no jornal, assim como a sessão Cinema de Arte. Com comentários de filmes, os meninos são os comentadores; meninos e meninas elaboram poesias e realizam oficinas, como podemos acompanhar por meio dos depoimentos que seguem:

Nós aprendemos programas de desenhos, como *CorelDraw*, bem como outros, como o *Adobe Photoshop*, que trabalha no tratamento de fotos, e o *Adobe PageMaker*, que usamos para fazer cartazes, folders, boletins, arte final das revistinhas e jornais, como este que é a nossa primeira edição. (Menino s/p.).

Histórias da comunidade:

Um Santo protetor para a eternidade é o que diz dona Toinha, avó de Aécio, um dos meninos da Casa Grande. Quem não acredita continua inquieto porque a crença é a vida real, que é um mistério a ser vivido. Foi da fé que D. Toinha buscou ajuda para se curar da sua doença – feridas nas pernas – através de promessas para São Lázaro. O ritual é feito no dia três de junho em sua residência, e organizado pelas suas netas. Elas arrecadam alimentos no comércio e casas de moradores de Nova Olinda. Após a preparação da comida para cachorros e pessoas, logo começa a ornamentação para os animais e, com eles alimentados, chega a hora de preparar o prato para as pessoas e, por fim, vem a reza do santo. Fé é, antes de tudo, e não exige e nem adianta explicação.” (menino s/p.)

O jornal ainda evidencia a programação do teatro e da rádio; a relação dos aniversariantes do mês, edição de revistas em quadrinhos, a organização do acervo da biblioteca, tirinhas de humor, piadas e os agradecimentos.

Toda essa construção é coletiva, alguém entrevista o visitante, outro faz as tirinhas, outro pesquisa determinado assunto, enfim, todos têm uma tarefa a cumprir para que o jornal, de fato, aconteça e cumpra sua dupla função de entretenimento e de informação.

Ao tempo em que os meninos e meninas vão cumprindo as suas tarefas próprias da editoração do Casa Grande Jornal Mural, vão aprendendo a ler e a escrever melhor. Descobrem, por exemplo, que, antes de escrever as notícias, os jornalistas fazem anotações e depois reproduzem as informações do entrevistado por ordem de importância e da maneira mais correta possível; que precisa haver recortes na editoração, elegendo o que deve ir ou não para o jornal, conforme a sua relevância e, desta forma, desenvolvem também a leitura crítica das mensagens veiculadas pela mídia.

Na educação, o uso de jornais murais, falados e impressos, bem como aulas-passeio, uso de correspondência, cinema e rádio, estão entre as principais técnicas desenvolvidas por Celestin Freinet (1896-1966) que fundamenta sua pedagogia em quatro eixos: a cooperação (para construir o conhecimento comunitariamente), a comunicação (para formalizá-lo, transmiti-lo e divulgá-lo), a documentação, com o chamado livro da vida (para registro diário de fatos históricos) e a afetividade (como vínculo entre as pessoas e delas com o conhecimento). A pesquisa apreendeu que, no cotidiano da FCG, estão presentes estes quatro eixos definidos por Freinet, o qual consideramos como o primeiro educador que propôs um trabalho educativo para e pela comunicação.

Outro espaço dedicado à produção textual são os *blogs*. No *site* da FCG, cada menino compõe/está compondo o seu *blog*, que é atualizado permanentemente com textos sobre livros lidos, filmes assistidos e outros. Este dado é interessante porque incentiva a leitura, inclusive desfazendo o mito de que o computador pode interferir negativamente no contato com os livros. Nos *blogs*, os meninos e meninas expõem as suas opiniões, sem preocupar-se com a ortografia, desenvolvem a criatividade, vão compreendendo o que lêem e assistem. Vejamos, por exemplo, um fragmento do *blog* de uma das meninas da casa:

Sábado, 23 de Fevereiro de 2008



Eu entendi que Maria não gostava de ficar no escuro ela tinha uma boneca que gosta muito. A menina dormia muito a mãe dela foi acordada para ir para a aula a mãe pegou a criança no colo e foi caçar o vestido azul para ela ir a aula Maria pediu para levar a boneca para a escola e a mãe não deixou ela pegou a menina e colocou no colo e levou para ir tomar o café da manhã e a Maria perguntou para o papai eu posso sentar no seu colo o pai respondeu filha você não tem mais idade de criança de colo e todos tomaram o café e foram deixar a Maria na escola quando chegou Maria ficou com sua melhor amiga e a professora Joana passou uma atividade de arte e depois quando terminaram de fazer sua arte foram brincar nos brinquedos da escola em quanto todos brincavam Maria com sua amiga Coleiram Flores e quando todos terminaram de brincar voltaram para a aula e a professora pediu para todos sentar no tapete que tinha na sala chegou a hora de eles irem lancha e a mulher foi dar merenda na mesa onde estava a Maria e o Alberto e o Alberto perguntou para a servidora o que era a sobremesa ela disse que a merenda era Pudim e a sobremesa era gelatina e a Maria deu risada e o Alberto com a cara ruim e a Maria falou eu quero Pudim e eles terminaram de lancha e chegou a hora de ir para casa a mãe de Maria chegou para buscar ela e Maria correu para os braços da mãe e disse que a escola foi muito bom e quando chegou em casa ela brincou com a sua boneca e o urso de pelúcia e falando pelos os bonecos e imitando o personagem e chegou a hora de ela dormir a mãe e o pai foram deixá-la na cama e ela não queria dormir porque a luz estava apagada e o pai abriu a porta e foi dormir e a Maria ainda continuava acordada e ficava pensando em besteirinhas e quando ficou muito tarde da noite ela sentiu sono e dormiu e de repente pensou que um anjo estava cuidando do sonho dela.

Retirado do *Blog* – a autora é uma menina de 10 anos – Disponível em: www.fundacaocasagrande.org.br – Acesso em 13/03/2008.

A autora do texto acima demonstra sua compreensão acerca de uma obra literária infantil. As leituras são livres, o menino/menina escolhe o que lê na biblioteca e na gibiteca e também o que assiste na DVDteca. Entretanto, manter o *Blog* atualizado é uma exigência da ONG. Tal ação impulsiona o uso do acervo da ONG, também serve ao acompanhamento das atividades que cada menino/menina desenvolve nos espaços da FCG, contribuindo para sua aprendizagem.

Quarta-feira, 20 de Fevereiro de 2008

Nosso primeiro CD

Eu e os meninos da bandinha de lata gravamos nosso primeiro CD , foi tão legal. A gente tocava, depois cantava, fasia solo e nós senpre ficavamos com aquela anciedade do cd ficar pronto

Todas as musicas eram nossas, mas, na ultima musica, quem deu uma ajudinha foi Alenberg e só faltava essa musica para o cd ficar pronto e a gente está muito feliz com isso.



Retirado de Blog- Menino de 11 anos – Disponível em www.fundacaocasagrande.org.br – Acesso em 13/03/2008

No caso da primeira criança, retiramos a parte do *blog* que ela fala de um livro que leu da biblioteca. Não leu para fazer uma ficha de leitura, mas para atualizar a sua página pessoal na Internet, trabalhando, dessa forma, a sua auto-estima e a “comunicação”. Mais uma vez lembramos Freinet que embora não tenha conhecido os atuais meios de comunicação, com certeza, os aprovaria como canais da livre expressão, pois este autor soube traduzir a aprendizagem que resulta de uma relação dialética entre ação e pensamento ou teoria e prática.

O fato é que, sem separar a teoria da prática, os meninos e meninas da FCG aprendem e também ensinam através da leitura de livros, da Internet, do cinema, do contato com o outro no teatro.

Com relação ao teatro, este é concebido como um “espaço para formação de platéia e gestores culturais nas áreas de direção de espetáculos, sonoplastia, iluminação, cenário e *roadie*”. Há objetivos pedagógicos explícitos e implícitos nos seus fazeres.

Utilizando o recurso da fotografia e das anotações no diário de campo, trazemos uma seqüência⁶⁸ de situações que indicam como esses meninos e meninas conhecem/aprendem quando há espetáculo no Teatro.

Uma das primeiras providências é convidar as escolas. Eles vão até elas e distribuem ingressos que eles confeccionam no computador, bem como as entradas nos espetáculos. Quando há exibição de filmes ou shows, eles são gratuitos⁶⁹, no entanto, o horário é rigorosamente cumprido. Após o seu início, as portas são fechadas e algumas regras devem

⁶⁸ Tais fotos pertencem ao arquivo pessoal da pesquisadora e foram tiradas no dia 14/11/2007 em diferentes horários, indicando uma rotina de como as relações de aprendizagem desenvolvem-se.

⁶⁹ A maioria dos espetáculos dá-se através do Centro Cultural Banco do Nordeste e/ou do SESC, parceiros da FCG; Também há aqueles propiciados por artistas que, através de amizade com os diretores, vêm conhecer o ambiente e deixam as suas contribuições.

ser cumpridas: Exemplo dessa regra é o texto abaixo, lido no local de exibição: “informamos que não admitimos nesse recinto educativo pessoas alcoolizadas, nem barulhentas”. Não se pode comer, nem tirar fotografias com flash (porque prejudicam as filmagens); a comunidade é convidada pela difusora, que divulga, a partir das 17:00h, quando o espetáculo é às 19:00h. A segunda providência é a preparação do ambiente, como pode ser observado nas fotos 35 e 36. Os meninos colocam-se junto à equipe de produção, ajudam a preparar a iluminação, o som, ao tempo em que vão fazendo isso, vão aprendendo ou, como eles dizem, “sugando dos profissionais”.



Foto 35 – Meninos ajudam a equipe de produção do espetáculo a organizar o Teatro Violeta Arraes – arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007.



Foto 36 – Meninos cuidam do som, das luzes, do aparelho de filmagem - arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007.

Todo material do teatro é organizado em prateleiras devidamente codificadas (um almoxarifado), há planilhas para o material que entra e o que sai e um menino ou menina é destacado para fazer o controle.

O teatro como recurso didático-pedagógico proporciona um rico material de discussão, é também utilizado na educação formal como técnica de ensino, tornando as aulas mais significativas, desenvolvendo, além da aprendizagem dos conteúdos, a criatividade e a oralidade.

Na FCG, além do conteúdo transmitido nas peças teatrais, que traz um teor educativo muito forte, pois lida, na maioria das vezes, com cenas do cotidiano, trabalhando com a emoção, o riso e a razão, há a possibilidade de fomentação de uma aprendizagem técnica com relação à produção, ao fazer teatro por parte daqueles que ficam nos bastidores.



Foto 37 - Escola local convidada: as professoras, meninos e meninas, ajudam as crianças a se posicionarem em fila para a entrada no Teatro — arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007.



Foto 38 – Pouco antes do espetáculo, meninos e meninas orientam público com relação aos lugares – arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007.

Quando o público começa a chegar, eles organizam a entrada em filas permitindo a entrada de cinco pessoas a cada vez, estas, no interior do teatro, são orientados com relação ao lugar de sentar (Foto 38). Vale ressaltar que os meninos e meninas tomam o cuidado para que ninguém fique em pé e, como em uma casa, costumam acolher o espectador do teatro.

Durante o espetáculo, eles também não descansam, observam se está tudo em ordem: um fotografa, outro filma (foto 39), outro cuida do som e da iluminação e, por vezes, outro acompanha estes afazeres e vão aprendendo com a prática (foto 40), na prática.



Foto 39 – Menino filma o teatro durante a realização do espetáculo - arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007.



Foto 40 – Jovem ensina a um menino a usar o aparelho de som e de luzes do teatro– arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007

Na FCG, meninos e meninas trabalham, mas sempre encontram um tempo para assistir ao espetáculo, seja para criança...



Foto 41– Espetáculo infantil o soldado e a florista -- arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007

(...) Seja para adolescentes e adultos...



Foto 42 – Monólogo, peça teatral “Copo de leite” para adultos e adolescentes - arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007.

(...) A arte é sempre bem-vinda.

Ao término do espetáculo, como uma rotina, dois meninos são escalados para entrevistar os artistas. Essas entrevistas são editadas e, com elas, os meninos e meninas produzem o 100 canal e vão compondo o acervo da FCG, que também retrata sua história. Como profissionais, eles não descuidam dos detalhes: roupas, roteiro de perguntas, ordem nos equipamentos.



Foto 43 – Após o espetáculo, meninos e meninas entrevistam o grupo teatral de Campinas-SP - arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007

De forma autônoma, os meninos e meninas realizam todo trabalho anteriormente descrito e ilustrado, cobram-se mutuamente e atuam como profissionais.

Enquanto tudo isso acontece, alguns pais da COOPAGRAN⁷⁰ organizam-se para aumentar a renda (familiar e da FCG) com a venda de lanches e comidas típicas.

⁷⁰ Cooperativa de Pais e Amigos da Casa Grande



Foto 44 – Pais de meninos e meninas ao lado do Teatro, vendendo comidas típicas - arquivo pessoal da pesquisadora – 14/11/2007.

Continuando o processo de aprendizagem, alguns escrevem nos seus *blogs* as impressões que tiveram do espetáculo. O que aprenderam socializam.

O Soldado e a Florista

SEXTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 2007 “Hoje **esteve** aqui na Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri se apresentando o espetáculo “O Soldado e a Florista” onde vão conta um emocionante história que vai envolver todas as crianças que assistirem essa magnífica historinha. O espetáculo vai contar a história do soldado João e da florista Maria recém-casados; ela adora flores e quer construir um jardim suspenso. O lugar escolhido e nem um pouco comum é “A Floresta das Árvores Cantoras”; João adora aventuras, será ele o guia até a floresta, mas para um herói atrapalhado a missão torna-se difícil, pois conseguir realizar os sonhos de uma esposa exigente não é uma tarefa simples. Maria é uma mulher muito especial, pois ela diz que consegue faz poções mágicas. Uma delas é a de brotar flores, a que serve para dor de cabeça, dor nas costa e muito mais. João não confia nem um pouco nessas porções e Maria vai ter de provar que as suas porções são verdadeiras. Como será que acaba essa historia”.

Menino de 14 anos, fonte: www.fundacaocasagrande.org.br – Acesso em 15/03/2008.

A rotina descrita acontece sem a presença física do adulto que ordena. Segue o que Muños (2004) designou como “relações entre os cês e as etapas” na pedagogia da vida cotidiana: comunicação, conhecimento, conflito, cumplicidade, colaboração, compromisso, co-responsabilidade e constância, aliado a: informação, opinião, planejamento, decisão, gestão e avaliação. Um processo que, segundo este autor, requer trabalho conjunto.

Será preciso levar em conta, desde cedo, o início do processo de transformação da proposta de anteprojeto em projeto, que todos e todas estamos aprendendo (ou apreendendo, incorporando) a participar juntos (crianças, adolescentes, jovens e adultos). Conseqüentemente, haverá erros por parte de todos; diante dos quais teremos, todos e todas, de adotar uma atitude de desculpa, de compreensão e de saber aprender dos erros como uma conseqüência lógica e positiva provocada pelo fazer, provar, arriscar-se, para, ao final, saber (Muños, 2004, p. 80)

Há todo um processo de aprendizagem que ultrapassa os muros da FCG, chega à comunidade que assiste ao teatro e atinge um número incalculável de pessoas pelo *site* da FCG. O que significa que o ato educativo, além de ser processual, também é expansivo, nunca é restrito, posto que as pessoas encontram-se e se organizam socialmente, compartilham do que são e de como vivem, podendo influenciar e/ou também serem influenciados.

2.2. Aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser dentro e fora da FCG

O tesouro está na educação.

La Fontaine

A educação como processo requer cotidianamente a integração de conhecimentos com habilidades, valores e atitudes.

Como já enfatizamos ao longo deste trabalho, na FCG, a aprendizagem acontece concernente aos ideais de educação ao longo da vida e/ou educação permanente, de acordo com os preceitos do Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Os aprenderes/saberes que o citado relatório compõe, aclamados pela UNESCO como “fundamentos”, “pilares” de uma formação geral e ampla, considera a educação formal e não-formal como instrumentos que favorecem a difusão do saber e da ciência, colocando o conhecimento ao alcance de todos. Tais princípios são úteis ao cenário mundial dos anos 1990 que traz múltiplos desafios à humanidade nos campos: econômico, político, ambiental e social. Eles podem contribuir para uma melhor inserção do educando num mundo de trabalho instável, mutante e complexo. Assim, meninos e meninas:



Foto 45 – Jovem filma meninos para compor documentário - Arquivo pessoal da pesquisadora – 11/09/2007.



Foto 46 – Jovens entrevistam artista local – Arquivo pessoal da pesquisadora. – 11/09/2007

Aprendem a fazer documentários fazendo. Um dos meninos da bandinha de lata “Os Cabinha”, sendo entrevistado pelos colegas (foto 45), que também observam como se manuseiam os equipamentos audiovisuais. Dois meninos entrevistam um artista local (foto 46). Os equipamentos que eles manuseiam com facilidade fazem parte de seus aprendizados na FCG. Ao tempo em que vão praticando, vão internalizando a forma como estes funcionam e o poder que eles detêm.

A produção de vídeo popular é praticamente constante no cotidiano da FCG⁷¹. Os meninos e meninas procuram registrar fatos e situações do cotidiano como, por exemplo, uma vez, acompanhei-os numa filmagem da feira da cidade. Eles buscavam imagens das pessoas comuns de Nova Olinda, mas eles também documentam aquelas que fazem feitos “diferentes”, tais como um senhor da comunidade que descobre água no subsolo usando apenas gravetos e, assim, marca o local de construção de cacimbas, e segundo os meninos, “ele não costuma errar”.

Em Meksenas (2002), encontramos que foi com a atuação de videastas independentes que, a partir da década de 1980, o vídeo passou a ser utilizado como meio de documentação aliado à produção artística. Como instrumento didático, ele é utilizado em pesquisas, sem perder a dimensão lúdica, inerente à linguagem imagética.

Neste sentido, o aprender a fazer possibilita aos educandos da FCG a descoberta e o desenvolvimento de habilidades que, potencializadas, vão ajudar na sua qualificação profissional e prepará-los para enfrentar e superar os obstáculos que possam surgir na vida.

⁷¹ Acompanhando esta dissertação há um DVD produzido pelos meninos da FCG.



Foto 47 – Menino apresenta programação na rádio – Arquivo pessoal da pesquisadora – 26/07/2008



Foto 48 – Menina edita gibis no computador – arquivo pessoal da pesquisadora – 26/09/2007.

Os meninos e meninas aprendem a *conhecer* cada espaço do museu, as peças indígenas, as formas como estas estão agrupadas, os quadros, as fotografias, os santos, a história da

Casa, prestando atenção no seu colega: no que diz e na maneira como se porta, perguntando, *conhecendo*.



Foto 49 - Crianças recebendo visitantes no Memorial do Homem Kariri - Arquivo pessoal da pesquisadora - 17/11/2007

Aprender para conhecer supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento (DELORS, 2000, p. 92).

É isso o que eles fazem: exercitam a memória. Mesmo quando não sabem com certeza uma resposta, eles arriscam um palpite, vão aprendendo com as perguntas, não estão preocupados com o erro, mas com o aprender a fazer certo. Tal atitude demonstra dois movimentos do processo de aprendizagem: o primeiro efetiva-se como uma imitação na presença de um modelo, o segundo como uma imitação na ausência do modelo, que, concebendo o conhecimento como dinâmico, gera uma re-criação do modelo. Eles aprendem com o corpo, com a mente e com o coração porque encontram o sentido na ação de aprender.

O sentido está na não dissociação entre teoria e prática. O fazer mobiliza competências e, no relatório supracitado, diz respeito ao mundo do trabalho.



Foto 50 - Momento de descontração - Arquivo pessoal da pesquisadora – 08/10/2007.

Aprendem a *conviver* vivendo juntos, na hora do jogo, da limpeza, das reuniões, dos trabalhos, *convivendo* no dia-a-dia. Não se trata uma convivência de “contos de fadas”, ou seja, eles são personagens reais e, como em todo cotidiano, os conflitos também existem, fazem parte do aprendizado, do ser gente.

O *aprender a ser*, ao que parece, identifica que a educação utiliza duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro, num segundo e ao longo de toda vida, a “participação em projetos comuns”, que parece “ser um método eficaz para resolver conflitos latentes” (DELORS, p. 97). Tendo isto, acrescentamos que é na cooperação que se descobre a riqueza das diferenças. O menino/menina da FCG é um ator/atriz coletivo(a), um sujeito único do grupo na criação cultural. Esforçam-se por vê-la crescer, porque se sentem parte dela, é como se ela fosse o sujeito, como enfatizamos anteriormente.

As reflexões, dinâmicas e vivências que o ambiente propicia ajudam a interiorização de valores, identidade, auto-estima, autoconfiança, responsabilidade, solidariedade, convivência e cidadania, conforme pudemos perceber pela observação participante e entrevistas realizadas com vários sujeitos da FCG.



Foto 51 – Um menino ensina ao outro sua lição de casa - arquivo pessoal da pesquisadora – 27/07/2007.

Mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, o problema será, então, fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e comportar-se nele como atores responsáveis e justos. (DELORS, 2000, p. 100).

Na FCG, os meninos aprendem a *ser* recepcionistas, leitores, radialistas, companheiros, meninos e meninas, *sendo*. Constatamos em campo que o saber de “experiência feito”, como nos ensinou Paulo Freire (2000), permeia as práticas educativas da Fundação Casa Grande e que tais práticas são movidas por um aparato disciplinar e disciplinador em um ambiente socializador.

Esta complexa relação disciplina x autonomia a FCG faz parecer viável. Na pesquisa de campo, observamos que a Casa Grande está sempre aberta a novos aprendizados. Sempre algum menino ou menina pergunta alguma coisa ou toma o que você diz e aprimora, transforma numa idéia ou em uma ação.

Acrescentamos que a FCG estendeu seu ambiente educativo às casas dos seus meninos e meninas, através da Cooperativa de Pais e Amigos da Casa Grande – COOPAGRAN, que veio a atender a dois desenvolvimentos locais: o econômico (em termos de ajuda financeira à FCG e geração de renda familiar) e o turístico (a região do Cariri cearense concentra um potencial turístico que cresceu com a edificação da Fundação Casa Grande).

2.3 As relações da Casa Grande com a cidade e a comunidade de Nova Olinda

Estima-se que, em 2006, estiveram na FCG cerca de vinte e quatro mil, setecentas e setenta pessoas. Esta estimativa é feita com base no livro de registro de visitantes da FCG, na frequência ao teatro e nos seus espaços de forma geral.

Durante o período da pesquisa, pudemos constatar que a FCG constitui-se num local bastante procurado por escolas, universidades, ONGs e turistas que, de alguma forma, já ouviram falar do projeto ou tiveram algum contato com os seus fundadores e vão à busca de conhecê-lo com os mais diferentes objetivos: estudo, busca de um trabalho integrado junto a outras ONGs. No estatuto, encontramos que a FGC está aberta aos pesquisadores e pessoas que buscam a realização de um trabalho sério, quando se propõe a “oferecer um ponto de apoio para pesquisadores”, no entanto, a ONG também se resguarda, por meio do seguinte artigo “fica assegurado o direito de opinião desfavorável, de crítica literária, científica, política e cultural, salvo inequívoca intenção de injúria ou difamação, nestes casos, ficam assegurados o direito de resposta conforme determina o artigo 29, da lei N.º 5.250, de 09.02.67.” Tal ação busca evitar críticas infundadas, bem como, coibir os argumentos pejorativos, que possam danificar a imagem da ONG no cenário local, nacional e internacional.

A cidade, como já colocamos no início desse trabalho, não dispõe sequer de um hotel municipal. As hospedagens são as residências das pessoas, transformadas em local de refeição e dormitórios, iniciativas individuais que buscam geração de renda familiar.

Com a criação das pousadas domiciliares, via COOPAGRAN, a FCG incluiu, como nos disse o seu diretor, uma nova “matéria” a ser aprendida na ONG,

Daí é que vem a quarta matéria, que é o Turismo. Turismo social, turismo de conteúdo. Aqui entra o moral da história, que é trazer os pais para dentro da Casa Grande. O moral é a cooperativa e, nas páginas da cooperativa, temos o turismo. São os pais dos meninos estudando nesta escola.

A Casa Grande, ela não é uma escola formada ainda, ela está em formação, como todos nós, que estamos ali. E a gente é muito caçador, sai buscando, não sabe? Isto é des-isolando (não sei se existe nem essa palavra!), mas é des-isolando nossa comunidade desse contexto só de Cariri, sabe? (ALEMBERG, entrevista concedida em 03/12/2007 no escritório da FCG em Crato).

O fato de a FCG estar no mundo perpassa toda fala do seu diretor. Assim, o turismo é tomado não apenas como geração de renda, mas como intercâmbio cultural, através das pousadas domiciliares, rurais e urbanas. Estas envolvem familiares da comunidade local,

aqueles que têm filhos presentes na FCG e jovens que se desligaram das atividades educativas da Casa Grande, mas continuam a ela ligados através do trabalho na Cooperativa.

As pousadas domiciliares recebem estudiosos, artistas, professores, dentre outros profissionais e/ou turistas que querem apenas conhecer o lugar. Para entender o seu funcionamento, hospedamo-nos numa dessas pousadas. É como se a família recebesse um amigo ou amiga com quem compartilha as refeições e as conversas. Nesta relação, estabelece-se um tipo de aprendizagem, que resulta da troca de vivências, de maneira que o turista não só influencia, mas também é influenciado.

Como tudo na FCG, as pousadas domiciliares também têm as suas normas. Os hóspedes são lotados em sistema de rodízio dentre os associados que possuem pousadas. As normas falam de horários, como em uma casa residencial, onde não é permitido chegar depois de 22h, portar bebidas alcoólicas, etc. No quarto, além das camas, há uma TV e um vídeo com fitas e documentários da FCG. Há também um rádio, mas, segundo as normas, só é permitido ser ligado na Casa Grande FM. Quanto à TV, só é permitido assistir aos vídeos da TV Casa Grande, que se encontram sobre o aparelho. Para assistir a outros canais, senta-se na sala com a família.

Com relação às regras acima citadas, a dona da pousada em que nos hospedamos falou-nos que elas não são cumpridas “à risca”. Na casa dela, por exemplo, é permitido que o hóspede fique à vontade com relação à televisão, inclusive já fez uma extensão da sua antena para o quarto da pousada, a fim de que seja possível que o visitante possa ver outros canais televisivos. Pela nossa experiência e relatos de outras pessoas em conversas informais, cria-se um vínculo afetivo entre a família que hospeda e o visitante, que vai além das relações comerciais, ou seja, há uma troca de experiências de vida em conversas informais e passeios pela cidade, que levam a um conhecimento do meio físico e social do lugar, um sertão que ensina e aprende, que busca dignidade, que quer ser admirado e respeitado.

No aspecto físico, as pousadas também compartilham das cores e símbolos da FCG.



Foto 52 – Pousada domiciliar - Arquivo pessoal da pesquisadora – 08/09/2007

Tivemos a oportunidade de acompanhar uma reunião entre os pais que possuem pousadas e representantes do Banco Interamericano que estavam avaliando o investimento feito,

Estela Maris e Juliana, da Fundação Interamericana (IFA), fizeram uma reunião com o pessoal da COOPAGRAN e os meninos e meninas da FCG para avaliar os 04 anos de parceria firmados para o projeto Turismo (2003-2007). Os presentes pronunciaram-se que o projeto da pousada tem sido um sucesso. Uma das associadas colocou que já está fazendo um andar em sua casa para a construção de um novo quarto, o que aumentará o seu espaço, permitindo-lhe receber mais hóspedes. Outros falaram que já modificaram algumas normas, fazendo extensão da antena, para que as pessoas possam assistir à televisão nos quartos, porque, às vezes, a timidez impede que o hóspede fique na sala ou, às vezes, eles gostam mesmo de ter privacidade. Perguntados sobre os problemas e dificuldades, eles calam-se, é como se eles não existissem. Uma menina expressou seu desejo de ter uma pousada em casa, mas os seus pais não entravam em acordo, um queria, outro não. (D.C. 24/08/2007).

Não falar dos problemas é uma característica da FCG. Eles trabalham com muito otimismo e dizem saber que, às vezes, as coisas estão muito bem (financeiramente), em outras não, mas eles estão sempre na luta, acreditando que é possível a realização dos trabalhos que executam. Este trabalho é uma construção coletiva em que juntos eles se ajudam e mostram a cada dia o que é possível ser feito.

Os espaços de discussão, ou mesmo de avaliação de projetos, como no caso acima especificado, funcionam como uma “ágora”, possibilitam o diálogo, a troca de experiências, a discussão de conquistas e de fatos que são comuns a todos. Embora os problemas não sejam revelados explicitamente, eles aparecem nas entrelinhas, quando se fala, por exemplo, em propiciar “privacidade” ao hóspede, que, por vezes, não se sente à vontade em ter que “assistir televisão junto com a família”.

Podemos afirmar que há, neste relacionamento ou entrecruzamento de relações (pais, hóspedes, meninos, meninas, FCG e parceiros), uma troca de aprendizagem que revela uma atuação baseada no pensamento prático, mas com capacidade reflexiva.

Dentre suas atividades, a COOPAGRAN também mantém, no interior da “Casa”, uma loja que comercializa produtos próprios do artesanato local, feito pelos pais e amigos da FCG e pelos próprios meninos e meninas, os recursos obtidos destinam-se à manutenção básica da cooperativa, bolsas-transporte para universitários e geração de renda familiar.

A pesquisa demonstrou haver certa distância entre a FCG e o seu entorno, chegando a mesma a ser “melhor compreendida” “fora” do que “dentro” de “Nova Olinda nas palavras do seu diretor”.⁷²

Hoje, a Casa Grande, ela é casa do mundo, não é mais uma casa local assim de Nova Olinda. A gente quis criar isso pra se fortalecer mesmo. É tanto que, assim, a gente vê que existe mais incompreensões locais sobre a Casa Grande que até mesmo externo, sabe? Por isso que eu acho importante esses trabalhos, porque esses trabalhos é que ajudam a trazer, é que ajudam a gente a nível regional a mostrar mais a intenção da gente.

No depoimento, percebemos dois pontos interessantes: a distância que a FCG tomou ao crescer para além dos limites territoriais nacionais e a certeza de que isso fortalece as ONGs em termos financeiros e conceituais.

No início da pesquisa, de posse do diário de campo (DC), dirigimo-nos à biblioteca pública na tentativa de descobrir algo sobre a história de Nova Olinda e sobre a FCG fora dos seus muros. Fomos informadas pela funcionária de que nada constava neste ambiente e de que não sabia me informar nada da FCG. Em outras palavras, disse-nos ainda que, para ela, a FCG era um mistério, “inclusive para as pessoas que iam sempre para lá”.

Essa fala tem um significado especial para a pesquisa porque, quando estamos mergulhados no universo da FCG, ela parece o centro de tudo e da vida da cidade. Entretanto, quando atravessamos os seus limites e fomos conversar com as pessoas a respeito da Casa, percebemos, em uma cidade tão pequena, formas diversas de se olhar a Casa Grande. Foi

⁷² Entrevista concedida em 03/12/2007 no escritório da FCG em Crato.

preciso então, sair da FCG e tentar olhar para ela do lado de fora, ou melhor, do outro lado da rua, do olhar daqueles que não pertencem ao seu “universo próprio”.

De acordo com Meihy e Holanda (2007), consideramos que, na História Oral, é uma atitude profissional e democrática contemplar argumentos contraditórios sobre um mesmo tema ou assunto,

É importante ter em mente que muitos projetos, para serem mais completos, exigem que sejam integrados no conjunto das entrevistas pessoas que se colocam em linhas ideológicas, pessoais, posições diferentes dos diretores dos entrevistadores. Isso, em vez de significar motivo de contraste, deve ser visto como fator de enriquecimento do projeto, posto ser uma forma de completar visões de fenômenos que ficariam comprometidos sem o outro lado. (MEIHY, HOLANDA 2007, p. 59)

Dentre as pessoas que conversamos informalmente, a cidade pareceu-nos um pouco dividida entre aqueles que reconhecem o trabalho e aqueles que o criticam de forma negativa. Como o pai e a mãe de um “ex-menino” que teceram duras críticas ao projeto, principalmente com relação ao fato de o diretor da ONG não morar em Nova Olinda e as crianças ficarem “trabalhando de graça, sem ter direito sequer de fazer um lanche”. Alegaram preocupação de ordem moral quando o filho ia para lá, não gostavam de o ver pegando na vassoura, fazendo coisas que “ele não precisava fazer em casa”. O interessante é que, mesmo tecendo tais críticas, ao final, assumem ser o projeto um bem para Nova Olinda, pois leva “famosos” à cidade e movimenta dinheiro.

A mãe disse-nos que participava de reuniões lá quando o filho estava freqüentando e que ambos nunca impediram o filho de ir. Ele saiu por vontade própria, mas enfatizam que ficaram aliviados.

O filho disse-nos que saiu “porque estava sem tempo”, que nada aprendeu lá que pudesse levar para sua vida, que gostava de lá, mas, se pudesse mudar algo, mudaria a “prepotência de alguns meninos”, para que eles “pudessem ser menos rigorosos com atrasos e falta das crianças”.

Termos como “a falta de tempo” está presente no depoimento de quase todos os ex-meninos e ex-meninas com quem conversamos, mas, diferente do caso acima citado, uma menina contou-nos que tudo que aprendeu lá leva para a vida, principalmente o desenvolvimento de sua oralidade. Hoje, ela trabalha no comércio e diz que conversar com as pessoas no museu e fazer programas de rádio ajudou-a bastante a ser mais desinibida e a conversar melhor.

Duas mães falaram-nos⁷³ que haveria certo “pacto” entre os meninos, que eles não revelavam os segredos da Casa Grande “nem sob tortura”. Este fato já foi ressaltado por outra pesquisadora, que o destacou como uma espécie de “código de honra”,

Comprovei isso várias vezes nas minhas observações. O episódio mais significativo foi quando procurei uma das meninas selecionadas para a pesquisa e obtive a informação de que ela havia saído da Casa Grande, o que me deixou aflita, pois ela tinha uma atuação de peso. Procurei-a na sua casa e, apesar de se mostrar magoada, a ponto de encher os olhos de lágrimas quando disse que não voltaria mais à Casa Grande, em nenhum momento, comentou sobre o motivo de sua saída. Indaguei outros jovens sobre o episódio e todos negaram a falar sobre o assunto ou deram respostas evasivas: “porque ela quis; “não sei, não falei com ela”; “ela tá meio perdida, é a fase” e “ela cansou de adquirir conhecimento” (OLINDA, 2005, p. 118-119).

Estivemos em contato com outro menino que nos disse ter acontecido “alguns problemas” que o fizeram sair, mas este, apesar das minhas inúmeras tentativas, várias visitas a sua residência, não me revelou quais seriam “esses problemas”.

Compartilhamos das considerações de Olinda (2005) quando afirma:

Apesar de falarem fluentemente sobre suas experiências de vida, os jovens da Casa Grande sabem quando é conveniente calar; também demonstram autonomia em suas formulações e, por não terem a presença física dos fundadores diariamente na instituição, eles parecem internalizar essa presença da autoridade adulta, que não necessariamente é autoritária, mas que também pode ser. (OLINDA, 2005, p. 119).

Como diria Foucault (1987), é a disciplina empregada como uma “tecnologia de poder”. Nessa direção, descrevemos uma situação que nos deixou perplexas e nos fez pensar com mais cuidado acerca dos códigos de conduta e de uma possível ação disciplinadora na concepção foucaultiana. Ela aconteceu no dia 22/10/2007,

Hoje, houve uma reunião ao meio-dia, como eles fazem toda segunda-feira, da qual participei e até gravei, mas, na reunião da tarde, eles me impediram de entrar. Disseram ser uma reunião para tratar de “assuntos mais profundos”, insisti o quanto pude, mas disseram “não”, porque a “Casa Grande, de fato, fecha-se nestas horas”. “Não é permitido a pessoas de fora participar”, é uma reunião só para meninas, para falar de certas coisas que estão sendo observadas (quem está observando é o Conselho Cultural, formado por alguns dos meninos mais antigos da instituição). (D.C. 22/10/2007)

O episódio levou-nos a pensar que a Casa Grande seria “um mundo em outro mundo”, como nos relatou, com essas palavras, uma de suas meninas. Ela disse-nos que lá tudo é diferente: as músicas que escutam e também o que fazem. Isto nos remeteu a algumas críticas

⁷³ Diário de campo - 22/10/2007.

que ouvimos em conversas informais e nas entrevistas com pessoas da comunidade, a de que, por exemplo, “ninguém sabe o que, de fato, acontece lá”. E que “a Casa atende mais a meninos ricos que pobres”.

Também nos remeteu a idéia de Casa, que abordamos no início do capítulo 1. A organização da Casa é própria de seus habitantes. Neste universo, o acesso é sempre uma concessão que pode ou não ocorrer.

A FCG pareceu diferenciar-se do seu contexto. Ouvimos de várias pessoas da comunidade, até de vizinhos à sede da FCG, que afirmaram nunca ter entrado lá depois que ela ficou “famosa” e que não têm vontade de fazer isso. No entanto, para os seus habitantes, a FCG tenta reverter este quadro desde a sua abertura. Segundo eles, tudo o que ela faz é trazer benefícios para a cidade e consideram que sem ela Nova Olinda não teria visibilidade nem nos cenários local, nem nacional e nem internacional.

Os “meninos da Casa Grande” quando perguntados, em um grupo de discussão, o que eles mudariam na FCG, um deles falou: “eu traria todas as pessoas que estão fora aqui para dentro, para conhecer de fato o que é isto aqui”. No decorrer de nossa pesquisa, eles disseram ter consciência das críticas que recebem, como, por exemplo: “trabalhar de graça para Alemborg” e outras, afirmaram também preferir não dar atenção a elas, muito embora alguns evidenciem mágoa no falar. A mágoa de acreditarem que o trabalho que fazem é bom e, por isso, só pode causar o bem àqueles que dele participam, mas não serem reconhecidos, ao menos por uma parte da comunidade local.

Engendrada no cenário turístico do Cariri cearense, que engloba história, religiosidade, festas populares, poetas populares, riquezas ecológicas, paleontológicas e arqueológicas, parques temáticos, dentre outros valores materiais e imateriais, percebemos que, observando os projetos desenvolvidos, os arquivos de textos e documentários feitos, a experiência educacional da FCG trabalha substancialmente com a cultura local sem abdicar dos conhecimentos globais. Com esta percepção, demos um novo encaminhamento ao nosso projeto inicial de pesquisa e resolvemos investigar a questão da valorização ou não da Casa Grande como bem cultural para a cidade e para a região do Cariri cearense. Disso trataremos no terceiro capítulo.

3. EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E AS INTERFACES COM O PATRIMÔNIO CULTURAL

Este capítulo analisa a Fundação Casa Grande como bem cultural: local de salvaguarda e de difusão de valores culturais. Busca compreender como a educação patrimonial perpassa os fazeres cotidianos dessa ONG, que continuamente utiliza-se da metodologia de projetos.

3.1 A FCG como bem cultural: local de salvaguarda e de difusão de valores culturais

O sentimento profundamente arraigado no indivíduo de pertença a uma comunidade e a consciência que dele decorre dos direitos e deveres que nos ligam aos outros não se aprendem nas cartilhas ou nos manuais de civismo, mas na experiência cotidiana de relacionamento e colaboração com os que estão mais próximos de nós.

Rubem Alves

No Brasil, a instituição de referência de salvaguarda do patrimônio é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, criado em 1937⁷⁴ e atualmente (a partir da criação do Ministério da Cultura) vinculado ao MinC. Tem por objetivo identificar, proteger, restaurar, documentar, preservar, divulgar e fiscalizar o Patrimônio Cultural Brasileiro.

Ao falarmos em patrimônio, é importante salientar que estamos lidando com os conceitos inter-relacionados de História, Memória e Identidade, cujos conteúdos são definidos e modificados ao longo dos tempos.

Sem a pretensão de discorrermos detalhadamente sobre o patrimônio como política cultural no Brasil⁷⁵, trazemos para nossa reflexão a concepção de patrimônio que permeou tais

⁷⁴ A idéia de defender os monumentos históricos no Brasil começou a ganhar visibilidade nos anos 1920 com as inspetorias estaduais de monumentos históricos em Minas Gerais (1926), na Bahia (1927) e em Pernambuco (1928). A Inspeção dos Monumentos Nacionais, primeiro órgão de proteção ao patrimônio do país, foi criado em 1934, no Museu Histórico Nacional. Em 1936/1937, com a criação do Sphan, esta Inspeção foi desativada.

⁷⁵ Indicamos para aprofundamento deste tema a leitura das seguintes Obras: CURY, Cláudia Engler. *Políticas culturais no Brasil: subsídios para lembrar construções de brasilidade*. Campinas, SP: [s.n.], 2002. 175 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas; TARGINO, Maria Ivonilde Mendonça. *Uma experiência de Educação Patrimonial na Cidade de João Pessoa: o processo de elaboração das Cartilhas do patrimônio pelo IPHAEP, 1980/2003*. João Pessoa: PB. [s/n], 2007, 324 f. Dissertação (mestrado

políticas em momentos/tempos determinados para situarmos a educação patrimonial presente, hoje, no Brasil e na FCG:

QUADRO 2 - FASES DAS CONCEPÇÕES DE PATRIMÔNIO CULTURAL NO ÂMBITO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE PRESERVAÇÃO

1ª FASE 1930/ 1945	2ªFASE 1960 /1970	3ª FASE 1970/ 1980	4ª FASE 1980/1990	5ª. FASE A PARTIR DE 1990
Denominada de momento fundador/criador da concepção de patrimônio cultural como preconizadora do ideário elitista dominante, demarcada por dois momentos distintos: De 1930 a 1940 e de 1937 a 1945. Podendo, ainda, ser estendida até a década de 1950, quando se iniciou o processo de transformações no território do patrimônio, identificadas pelas mudanças introduzidas nas cidades pela crescente industrialização.	Fase de transformação e descentralização das políticas públicas de preservação, pela presença de intervenções nos espaços urbanos e nas ações de seus diferentes sujeitos sociais, marcando através de profundas mudanças operadas nas cidades, os processos de urbanização e democratização do patrimônio cultural brasileiro.	Denominada de momento renovador do patrimônio: A partir de 1970, a preocupação com a memória histórica caracteriza essa fase como ampliadora do conceito de patrimônio cultural e da introdução de uma noção de memória social mais abrangente e plural.	Nesse período é estatuído novo conceito de patrimônio cultural, consolidando-o como coletivo e passa a ser reivindicado pela sociedade, como “direito social”, garantindo pleno direito de cidadania.	Alargamento do campo do patrimônio, por meio de mediações com a educação e a cultura, vinculando seu conhecimento aos demais saberes, articulado à ciência e à consciência desse patrimônio, em relação a sua preservação

Fonte: Targino (2007, p. 44)

Aferimos, a partir do quadro acima descrito, que houve, na década de 1980/1990, uma ampliação da noção de patrimônio, principalmente no que concerne à categoria de patrimônio imaterial, e que, no campo da preservação, são tomadas como valores as noções de referência cultural e de continuidade histórica. Assim, concordamos com Oriá (1999), que afirma que a preservação do patrimônio histórico, hoje, é uma questão de cidadania e, como tal, interessa a todos por se constituir em direito fundamental do cidadão e esteio para a construção da identidade cultural.

Concernente a tal pensamento, o artigo 216, da Constituição Federal de 1988, utiliza a expressão “Patrimônio Cultural”, dando-lhe conteúdo, ao especificar os bens culturais que ela abriga – “Os bens de natureza material e imaterial, tombados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. A seguir, nos incisos deste mesmo artigo, enumera-os. Assim, temos, no inciso V “os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” e, no parágrafo 3.º, “a lei estabelecerá incentivos para a produção e conhecimento de bens e valores culturais”.

Entendemos, então, que o patrimônio cultural engloba tanto o histórico, como o ecológico, o artístico e o científico, desde que sejam portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes elementos étnico-culturais formadores do Brasil.

Para Oriá (1999), a categoria “bens culturais” refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber-fazer, compreendendo, pois, toda capacidade de sobrevivência do homem em seu meio ambiente. Inclui, portanto, os elementos não tangíveis do patrimônio cultural.

No Decreto N.º 3.551, de 04 de agosto de 2000, encontramos, no artigo 1.º, “fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro”. São estes, segundo os incisos deste artigo, os Livros de Registros dos Saberes; das Celebrações; das Formas de Expressão e dos Lugares. O mesmo artigo adverte: “§ 2º A inscrição num dos Livros de Registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.”

O presente Decreto (art. 8º) institui o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI, um programa de fomento que busca estabelecer parcerias com instituições dos governos federal, estadual e municipal, universidades, organizações-não-governamentais, agências de desenvolvimento e organizações privadas ligadas à cultura, à pesquisa e ao financiamento.

Para que um “bem cultural” seja devidamente registrado⁷⁶, deve-se ter a descrição do seu surgimento, história, trajetória, bens associados, contexto, rede de atores e relações sociais que propiciam sua existência, além de documentos visuais, fonográficos e audiovisuais. Sobre o processo de reconhecimento, o mesmo passará a ser avaliado, levando-se em conta a importância da manifestação como referência cultural para grupos sociais e a fragilidade ou situação de risco em que se encontra a localização, como em regiões distantes e pouco

⁷⁶ Maiores detalhes sobre o processo de registro, consultar o número 6 da série de “Encontros e Estudos”, publicação do IPHAN de 2005.

atendidas por outras políticas no campo da cultura. Após registro, o bem passa a ser protegido legalmente, o que permite que o mesmo passe a receber apoio da Prefeitura ou de outro poder, passando também a ser acompanhado/avaliado.

O tombamento ontem, o registro hoje, ações que inscreveram/inscrevem os bens culturais no patrimônio nacional. Segundo Oliveira (2008, p. 135), isto “lhes confere reconhecimento”, o que é extremamente importante na luta simbólica que envolve lembrança/esquecimento, poder econômico e social.

A UNESCO detém a direção de uma política mundial de cultura, que se efetiva através das Comissões Nacionais de cada país, com ONGs e organismos internacionais, como o PNUD e o Banco Mundial. Em sua Conferência Geral, realizada em dezembro de 1989, listou recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, da qual destacamos:

Deve-se sensibilizar a população para a importância da cultura tradicional e popular como elemento de identidade cultural. Para que se tome consciência do valor da cultura tradicional e popular e da necessidade de conservá-la, é essencial proceder a uma ampla difusão dos elementos que constituem esse patrimônio cultural. Numa difusão desde tipo, contudo, deve-se evitar toda deformação, a fim de salvaguardar a integridade das tradições.

As recomendações da UNESCO para com a cultura tradicional popular são de difusão, proteção, conservação e salvaguarda. Para tanto, deve ser seguida a política de registro de bens culturais.

Warnier (2003, p. 97) considera que as políticas culturais baseiam-se em três constatações. A primeira denota a sua “importância econômica”. Os museus, além da preservação da memória como uma dimensão da identidade, também podem ser um potencial turístico importante. A segunda refere-se ao uso da mídia “que permite que grupos privados e o Estado exerçam um maior ou menor controle sobre a comunicação cultural e a informação”. A terceira constatação é que a “transmissão cultural” está estreitamente ligada à educação, à conservação e à renovação do patrimônio que se dá pelo ensino, estando ele em qualquer contexto.

Na educação escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) de História destacam como um dos objetivos do Ensino Fundamental a valorização do patrimônio sociocultural e o respeito à diversidade, considerando-a como elemento de fortalecimento da democracia.

No contexto do Cariri cearense,⁷⁷ e mais especificamente na cidade de Nova Olinda, a FCG abriga as três características acima citadas (econômica, cultural e educativa) com ênfase no caráter educativo de suas ações, objeto de nossa pesquisa.

A região do Cariri cearense, como parte da Bacia Cultural do Araripe⁷⁸, abrange um território culturalmente rico. No entanto, não encontramos registros desse patrimônio nos sites do IPHAN⁷⁹ e da UNESCO, mas constatamos que estas instituições não o desconsideraram a partir de um fragmento de jornal de 2004, que evidencia:

Iphan inicia estudo para fazer do Cariri a primeira região incluída no Livro do Patrimônio Imaterial do país, condição também única do mundo; a produção cultural das cidades do sertão inclui música popular e erudita, cordel, escultura, tecelagem, pintura e dança. (MEDEIROS, 2004, p. D3)

Desse estudo resultou em 2007 a cartilha “Região do Cariri: patrimônio de todos”. Evidencia-se, num roteiro para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, um guia de procedimentos. Estranhamos, porém, a ausência da FCG na cartilha.

A região do Cariri Cearense caracteriza-se por apresentar clima diferenciado com temperaturas amenas, mesmo estando dentro do semi-árido. Sua riqueza climática advém da Chapada do Araripe, que abriga a FLONA, Floresta Nacional do Araripe, primeira criada por decreto em 1945. Possui um solo aquífero e de rica cobertura paisagística. Na década de 1920, o professor Lourenço Filho, incumbido de reorganizar o ensino público no Estado do Ceará, percorreu os sertões e afirmou com relação ao Cariri que “a região é o verdadeiro oásis do Nordeste, com fontes perenes, vegetação farta e sempre verde, culturas rindosas e abundante variedade de frutos”.

A extração indiscriminada de calcário, gipsita e carvão vegetal, atividades de caça e poluição ambiental modificaram, ao longo dos anos, a paisagem descrita por Lourenço Filho. Achados arqueológicos que poderiam esclarecer fatos do cotidiano dos índios na região não são valorizados. Muitos dos que hoje se encontram no museu da FCG foram encontrados nas mais diversas situações: pedras utilizadas para lavar roupas, outras jogadas em quintais, outras guardadas como objeto “sem seuentia”. Também existem achados que advêm de escavações

⁷⁷ Composto pelas seguintes cidades: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririáçu, Crato, Farias Brito, Grangeiro, Jati, Jardim, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre.

⁷⁸ A área da Bacia Cultural do Araripe engloba o Cariri, a Chapada do Araripe e o Alto Sertão Paraibano. Espaço interestadual, com características geográficas comuns, que abrigam condições climáticas, econômicas e culturais diferenciadas, numa zona de transição entre os vales úmidos e o semi-árido nordestino.

⁷⁹ Entramos em contato com o IPHAN por e.mail e não obtivemos retorno. Depois conversamos pessoalmente com uma funcionária que nos informou que o *site* está desatualizado.

feitas em reformas ou construções de casas, estradas etc. Cada peça do museu é identificada com o nome do seu doador, isto, conforme um dos meninos, constitui-se numa forma de incentivar a pessoa a doar a peça. Aferimos que há um processo de troca, quando a FCG obtém o conhecimento de que existe determinado achado em tal lugar, tenta resgatá-lo. No entanto, há também pessoas da comunidade local que, encontrando as peças, já entram em contato com a FCG, evidenciando que esta representa um local de salvaguarda dessa cultura.

Almeida e Vasconcellos (1998), ao tratarem da ação educativa dos museus, fazem referência ao percurso de um objeto adquirido pela instituição até a sua extroversão, através das exposições, enfatizando que muitas escolhas, advindas de determinadas áreas, temas ou épocas a serem estudadas, incluem e excluem objetos, constituindo, por vezes, coleções lacunares significativas apenas para aqueles que as coletaram ao longo do tempo. Adverte da necessidade de transformação do “objeto-testemunho” em “objeto-diálogo”.

Dessa maneira não basta apresentar objetos em uma seqüência que só faz sentido para o pesquisador da área de História, Arqueologia e Etnologia, pois, nesse momento – que já não é mais o da preocupação da pesquisa básica dessas áreas -, os objetos devem estar reunidos para produzirem um discurso museográfico inteligível para os leigos, através dos documentos materiais ali apresentados. (ORIÁ, 1998, p. 107).

Aferimos que o Memorial do Homem Kariri apresenta uma linguagem compreensiva e de fácil acesso, inteligível para leigos. Nele, a memória é entendida como objeto de conhecimento. Na pesquisa que empreendemos nos jornais, nas entrevistas e nas conversas informais, no ambiente e nas produções da FCG, pudemos verificar que a FCG transmite/trabalha com um conteúdo que está intrinsecamente ligado ao entorno do qual faz parte, o patrimônio cultural local.

Na mídia, ela aparece associada à Região do Cariri Cearense. De forma análoga, quando a mídia aborda o “potencial turístico” do Cariri Cearense, apresenta também a FCG ao mesmo tempo inserida e como local de salvaguarda da cultura do Homem Kariri. Enfatiza-se que nela há o desenvolvimento de um projeto educativo substancialmente diferente das tradicionais formas de educar, trazemos, pois, alguns exemplos para a nossa discussão:

A revista *Horizonte Geográfico* (foto 53) apresenta a Região do Cariri como um “sinônimo de cultura popular”, enaltecendo também suas riquezas naturais:



Foto 53 – Revista Horizonte Geográfico, Ano 18, n. 98, 2005, p. 40-41 – Arquivo pessoal da pesquisadora, s/d.

O Cariri é sinônimo de cultura popular, outra marca trazida pela privilegiada localização geográfica e pela pulsante vida religiosa que transforma o lugar numa espécie de santuário nordestino. Assim, com uma história de mais de 100 milhões de anos, a Chapada do Araripe apresenta um retrato do passado, eternizado nos fósseis que brotam do solo, como um exemplo presente da criatividade e imaginação popular, por meio da pulsante tradição cultural, e como uma semente para o futuro, exemplificada nas iniciativas de preservação e nos olhos de quem, nem mesmo em sonho, pensa em deixar a região. O último pau-de-arara, cantado na voz de Luiz Gonzaga, pelo jeito vai ter de partir sozinho. (Horizonte Geográfico, Ano 18, n. 98, 2005, p. 40-47).

É válido salientar que estas mídias (como a acima citada), embora não tenham um caráter científico, ajudam a formar opinião e atingem estudantes de vários níveis ou simples aventureiros amantes da natureza, pessoas que passam a ter interesse em conhecer e/ou explorar o ambiente que lhes é apresentado. Um público diferenciado da grande mídia, através da qual, tradicionalmente, o Nordeste é enfatizado apenas em seu aspecto mais seco, pobre e sem vida.

Dando continuidade à citação acima, a reportagem que aborda o roteiro ecológico, folclórico e religioso do Cariri cearense, percebemos que ela anuncia também sua riqueza arqueológica e denuncia o contrabando de fósseis. À época, mostra um menino da FCG (foto 54) que, com a arte da serigrafia, imprime em camisas as pinturas rupestres encontradas na região.



Foto 54 – Horizonte Geográfico, Ano 18, n. 98, 2005, p. 42-43 – Arquivo pessoal da pesquisadora s/d.

O menino⁸⁰ que aparece na reportagem acima, já não está na FCG, mas a serigrafia, enaltecendo as riquezas da Chapada do Araripe, ainda faz parte do cotidiano da Casa. A arte da serigrafia gera renda, para a FCG e para os meninos/as, as camisetas são vendidas na lojinha, elas transmitem mensagens de preservação (da história, da chapada, das pinturas rupestres...). Tal fato indica que os meninos e meninas aprendem a valorizar sua história e cultura, com auto-estima e identidade.

Os registros rupestres da Chapada do Araripe foram tema da dissertação de mestrado de Rosiane Limaverde⁸¹. Para catalogá-los, ela contou com a ajuda dos meninos da FCG, que a ajudaram e aprenderam mais sobre a região e suas riquezas.

Na FCG, os saberes estão conectados às práticas de vida e de trabalho. Enquanto estávamos realizando nossa pesquisa, dois meninos da Fundação estavam participando “como bolsistas” da ampliação da Transnordestina⁸² na cidade de Missão Velha. Segundo um deles,

⁸⁰ O menino em questão participou de um documentário em comemoração aos 500 anos do Brasil em 1998. Segundo ele, ficaram dois meses entre as aldeias dos índios Kaiowá, no Mato Grosso do Sul e Krahô, em Tocantins. “Foi uma coisa boa, porque a gente já trabalhava com índios aqui na região e a gente foi conhecer essas duas aldeias, fui eu e Samara, a gente viveu na aldeia por dois meses” (entrevista concedida em 27/09/2007).

⁸¹ Atualmente (2008) está cursando doutorado pela Universidade de Coimbra e continua estudando a Arqueologia da região.

⁸² Segundo o Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes, a Transnordestina cortará o Nordeste pelo interior, fazendo um “Y”, que ligará o sul do Piauí aos portos de Pecém (CE) e Suape (PE), além de unir

o trabalho que faziam estava relacionado com as escavações para a construção da ferrovia. Eles verificavam se havia resquícios de civilizações passadas, algo que eles considerassem ser preciso preservar e que pudesse ser parte importante do quebra-cabeça da história do Cariri e de seus primeiros habitantes.

Através de suas vivências, meninos e meninas adquirem o hábito de preservar os achados arqueológicos para a história da humanidade, sabem por que o fazem e explicitam esse fato nos diálogos empreendidos com os visitantes, principalmente quando estão apresentando as peças do museu.

Um dos meninos, como parte dos estudos e atividades da FCG, já participou de escavações em São Raimundo Nonato⁸³, no Piauí, e nos afirmou, em entrevista, que esta experiência “o fez sonhar em ser arqueólogo”. Seguindo por um caminho diverso, este jovem demonstrou na sua fala a respeito do assunto interesse de conhecimento pelo seu local de vida. O fato de não se encontrar mais na FCG não lhe fez esquecer-se do que aprendeu. A instituição, por seu turno, continua o trabalho, com os novos meninos e meninas.

O aprendizado resulta da experiência vivida e a conscientização de que é preciso preservar para melhor estudar e conhecer a região do Cariri ultrapassa os muros da FCG, porque há toda uma educação que a evidencia: no museu, nos estudos científicos da sua diretora-fundadora e nos documentários que os meninos e meninas fazem e na produção de HQs.

Entendemos, de acordo com Oriá (1998), por educação patrimonial a utilização de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas – os lugares e suportes da memória - no processo educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos e futuros/atuais cidadãos da importância da preservação desses bens culturais. Assim, consideramos que há, no contexto da FCG, a execução da educação patrimonial proposta pelo IPHAN, que preconiza as seguintes etapas metodológicas, que devem ser seguidas, uma vez definido o objeto/fenômeno/tema de estudo:

três pontos considerados “mortos” do sistema ferroviário da região: Missão Velha, no Ceará, e as cidades de Salgueiro e Petrolina, ambas em Pernambuco.

⁸³ Declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1991, o Parque Nacional da Serra da Capivara foi criado para preservar um dos maiores tesouros arqueológicos do mundo: milhares de inscrições pré-históricas com idades de 6 a 12 mil anos, gravadas em paredões de rocha. As pinturas representam aspectos do dia-a-dia, danças, ritos e cerimônias dos antigos habitantes da região, além de figuras de animais, alguns já extintos.

QUADRO 3 - ETAPAS METODOLÓGICAS: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – IPHAN

Etapas	Recursos/Atividades	Objetivos
Observação	Exercícios de percepção visual/sensorial por meio de perguntas, manipulação, experimentação, medição, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive...	- Identificação do objeto/função/significado; - Desenvolvimento da percepção visual e simbólica.
Registro	Desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas.	- Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; - Desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.
Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes, como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas.	- Desenvolvimento da capacidade de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.
Apropriação	Recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão, como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.	- Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.

Fonte: Guia básico de Educação patrimonial, IPHAN, 3 ed. 2006.

As etapas descritas no quadro acima podem ser visualizadas no programa Memória, cujo ícone é o Memorial do Homem Kariri. No museu, as peças expostas propiciaram/propiciam a “observação”, que levou/leva ao “registro”, descrição escrita de cada objeto, feita pelas crianças da Casa. As peças continuam a ser “exploradas”, mesmo depois de expostas, pois é apropriando-se de seus significados (em constante construção) que meninos e

meninas passam a compor historinhas, músicas, desenhos e compartilhar todo aprendizado com os visitantes que adentram a ONG (fotos 55 e 56), como já nos referimos no capítulo 02.

Ao serem perguntados por alguns visitantes “o que ganham com isso”, isto é, trabalhando no museu, meninos e meninas respondem: “conhecimento”. É desta forma que eles e elas encaram o trabalho que fazem na ONG.



Foto 55 - Menino fala sobre as peças do museu a visitantes – Arquivo pessoal da pesquisadora – 26/07/2008



Foto 56 – Menino explica a visitantes os significados das peças do museu – Arquivo pessoal da pesquisadora – 13/10/2007.

Acompanhamos o primeiro Seminário de Arqueologia e Educação Patrimonial do Cariri, realizado pela FCG de 04 a 06 de Julho de 2008, que teve a participação do IPHAN, da Universidade de Coimbra (Portugal), da Universidade Federal do Piauí, da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Regional do Cariri (URCA). Os meninos e meninas receberam, durante a realização do Seminário, informações teóricas⁸⁴ e práticas sobre Arqueologia e Educação Patrimonial. Meninos e meninas compartilharam com os palestrantes e com as pessoas que participaram do Seminário (estudantes, professores, representantes de ONGs) suas experiências, exibiram seus vídeos, tocaram com a bandinha de lata e também fizeram visitas aos sítios arqueológicos para aulas práticas, como podemos observar na foto (57) que segue:



Foto 57 – Em campo, a professora da Universidade Federal do Piauí ensina ao menino da FCG sobre a forma de limpeza que se deve ter com um registro rupestre - Arquivo pessoal da pesquisadora - 06/07/2008.

⁸⁴ Palestras realizadas: “A conservação de sítios de registros rupestres” (Prof^a. Conceição Menezes Lage – UFPI); “As pesquisas arqueológicas no Nordeste do Brasil: uma retrospectiva” (Prof^a Dra. Jacionira Coelho Silva – UFPI); “A política de Educação Patrimonial do IPHAN” (Prof^a Dra. Sônia Rampim Florêncio – IPHAN); “A gestão do Patrimônio Arqueológico, políticas de preservação e Educação” (Prof^a Dra. Maria da Conceição Lopes – Universidade de Coimbra, Portugal). Mesas-redondas: “A Chapada do Araripe no contexto das pesquisas arqueológicas do Nordeste do Brasil”; “O estudo da cerâmica na Chapada do Araripe”; “Os registros rupestres da Chapada do Araripe”; “Resultado das pesquisas arqueológicas no eixo da ferrovia Transnordestina – trecho Missão Velha, CE e Salgueiro, PE”.

Na foto 57, a professora da UFPI ensina a um dos meninos como limpar a inscrição rupestre para obter uma melhor visão, sem, no entanto, danificá-la, compreendendo que a Arqueologia estuda o homem através de sua cultura material, e que esta deve ser preservada, pois são bens culturais que formam o patrimônio. Simultaneamente, na foto seguinte (58), observamos uma outra criança, escrevendo um texto em que conta como está sendo o seminário. Enquanto isso, outra faz o registro fotográfico dos acontecimentos, ao tempo em que outros filmam (foto 59) e outros escutam. Assim, todos e todas aprendem no coletivo e, individualmente, apreendem conforme suas experiências de vida e interesse. As fotografias que seguem procuram dar uma idéia do que acabamos de desenvolver.



Foto 58 – Atento aos acontecimentos, este menino registra espontaneamente o que vive em texto, que, na pedagogia de Freinet, encontra-se como livre expressão ou textos livres, cheios de significado para quem os produz – Arquivo pessoal da pesquisadora – 06/07/2008.



Foto 59 – Menina fotografa, menino filma para compor o acervo intelectual e material da ONG. Tudo, enfim, é registrado – Arquivo pessoal da pesquisadora – 05/07/2008.

Além do Memorial do Homem Kariri, há vários museus na região do Cariri cearense, indicando a riqueza cultural desta localidade. Citamos alguns deles para que o leitor possa avaliar o potencial da região no que diz respeito às inúmeras possibilidades de desenvolvimento da metodologia de educação patrimonial.

Em Juazeiro do Norte, encontra-se o “Museu Vivo do Pe. Cícero”, com réplicas (imagens em tamanho original de cera e cenário) de momentos importantes de sua vida; o Memorial Pe. Cícero, cuja organização e cuidado com as peças lembram a FCG; o Museu Histórico do Crato, com peças que relembram a história do município e o cangaço; o Museu de Artes Vicente Leite; o Memorial Patativa do Assaré, em Assaré, trazendo a história de nosso principal poeta, cordelista e repentista, cujo acervo é estudado e respeitado no Brasil e fora dele, como na Universidade de Sorbonne, França; o Museu de Ciências Naturais, em Jardim, onde estivemos e nos deparamos com fósseis empilhados e pouco cuidados; o Museu de Paleontologia, em Santana do Cariri, com réplicas de dinossauros que viveram nesta região e muitos fósseis (de peixes, insetos, plantas, dentre outros), tem como guias crianças e adolescentes que recebem bolsa no valor de R\$ 150,00 e, obrigatoriamente, precisam estar matriculados na rede formal de ensino. No referido museu, eles aprendem e ensinam sobre paleontologia.

Além dos museus, há muitos e diversificados grupos folclóricos na região do Cariri cearense, tais como bandas cabaçais, reisados, quadrilhas, maneiro pau, coco das mulheres da Batateira, este último na cidade do Crato; os Penitentes do Sítio Cabeceiras em Barbalha, e as Guerreiras Joana D´arc em Juazeiro do Norte. Há ainda a difusão da Literatura de Cordel, uma das sedes é a Lira Nordestina em Juazeiro do Norte, nela, por exemplo, os artesãos/poetas fabricam o cordel utilizando os tipos móveis e a xilogravura.

Aprendemos que os meninos da FCG passam a conhecer os museus da região do Cariri cearense, bem como a sua tradição popular, não como uma coisa imediata e obrigatória, mas sentida e escutada, na convivência, nos shows que acontecem no Teatro Violeta Arraes, nos documentários que fazem e/ou na mídia que assistem. Assim, o conhecimento sobre a história local vai se formando sem pressa, “sem manuais de civismo”,

Em 22/08/2007, um menino estava estudando no pátio da FCG. Dirigi-me até ele e me pus a observar o que estava fazendo. Era um dever de casa, de Português, da escola em que ele estuda. A tarefa escolar traz como tema as lendas da Amazônia. Era uma interpretação de texto, cujo título “Irapuru: o canto que encanta”, fazia alusão à semana em que se comemorava o folclore. Diante de sua dificuldade em responder as questões, como “de acordo com a lenda, por que a ave Irapuru tem um belo canto?”, ele me falou, sem que eu perguntasse, que conhecia a lenda da Maara, pois tinha lido no gibi da FCG. Pedi e ele me contou a lenda, conversamos sem dificuldades sobre ela. (D.C. 22/08/2007).

O relato acima pôde indicar que, se a criança estava sentido dificuldade de interpretação conforme os ditames escolares, talvez, para justificar diante do adulto que a observava, no caso, a pesquisadora, o fato de não estar entendendo o texto, lembrou que conhecia outras lendas e que poderia explicá-las. Tal atitude evidencia que a atividade de leitura livre, espontânea e com características locais faz-se mais presente na memória daqueles que a realizam. Lembrando que Dias (2001), sugere, para o trabalho com a leitura e a escrita, o uso de diversos portadores sociais de texto, para que o aluno possa dispor de informações e opções para encaminhar o seu processo de escolarização e inclusão na sociedade. Isto, poder ser verificado no episódio descrito anteriormente. Neste sentido, a educação formal pode valer-se de práticas da educação não-formal, valorizando o repertório de conhecimentos que ambas constroem/possuem e são importantes na construção do ser humano e do cidadão.

Dentre o acervo de HQs produzidas pela própria FCG, encontramos, como já mencionamos no capítulo 02, três grandes temas: as lendas locais, associadas aos lugares que a geraram, que não necessariamente se concentram na cidade de Nova Olinda, mas engloba toda a Região do Cariri cearense; A Casa Grande no seu cotidiano e temas educativos direcionados a adolescentes.

A experiência de narrar as lendas, para produzir as HQs, possibilita a apropriação de saberes pelos envolvidos nesse processo. São práticas postas em exercício pela ação da escrita que possibilitam o desenvolvendo da criatividade, memória, cultura e conhecimento do local.

Trazemos para nossa reflexão a história da HQ “A turma da Casa Grande em: Casa Grande Tur” (Anexo C), onde os meninos e meninas, com o objetivo de tornarem-se “melhores recepcionistas”, pedem ajuda ao Kariuzinho, que, prontamente, desafia-os a descobrir o que é o “gondwana”. Usando os laboratórios da FCG, eles exploram o tema, encontrando como a região do Cariri Cearense foi formada, refletem as lendas e, utilizando conhecimentos geográficos, falam dos lugares que guardam/contam a história local: o museu de Paleontologia, o Geopark e a Chapada do Araripe. Outrossim, inserem a FCG e suas atividades neste cenário turístico que envolve, dentre outros conhecimentos, como Ecologia, Geografia, Cultura popular e Ciência.

Um traço marcante em toda a região do Cariri cearense é a religiosidade e a fé, principalmente com relação ao Pe. Cícero Romão Batista⁸⁵. Em Nova Olinda, esta religiosidade está muito evidente porque, em uma simples volta por suas ruas, percebe-se, ao se olhar as casas (principalmente as mais humildes), que a primeira sala é dedicada ao Coração de Jesus, com muitos santos enfeitados com flores de papel ou naturais. Anualmente, como parte de um costume próprio do Cariri e que remonta às andanças do Pe. Ibiapina na região, celebra-se a “Renovação do Coração de Jesus⁸⁶”, um ritual em que as famílias renovam sua fé, renovam sua casa⁸⁷ e a entregam, juntamente com suas vidas, nas mãos de Deus. Para tanto, fazem festas, algumas servem até almoço, porém o sequilho com café e/ou suco são itens praticamente obrigatórios depois da reza.

Percebemos que a FCG não foge do universo religioso local. Realiza anualmente sua festa de Renovação no dia 19 de dezembro, data em que se comemora o aniversário de nascimento e de casamento dos seus fundadores e também o aniversário da ONG, que nasceu oficialmente em 19 de dezembro de 1992. Assim, há toda uma simbologia que envolve a Casa num universo místico, religioso e católico.

Os meninos responsabilizam-se por pintar a casa, ajudam na decoração do altar do santo. Juntamente com Rosiane, colaboram com a organização de filas para distribuição do almoço e do bolo. Recebem também os visitantes, convidam a comunidade pela Rádio Casa Grande FM (“a Rádio que educa!”) e atualizam seus *blogs* na Internet. O dia é de festa, mas o

⁸⁵ Aclamado santo pelo povo, mas oficialmente não reconhecido como santo pela Igreja Católica.

⁸⁶ Ritual católico, feito ano após ano, sempre no mesmo dia, depois da celebração da “entronização do Coração de Jesus” nas casas de famílias católicas.

⁸⁷ Faz parte do ritual das famílias que celebram a Renovação a pintura de suas casas antes da acolhida festiva.

lúdico não se faz separado da disciplina que se traduz na responsabilidade dos meninos para com a Casa Grande e sua organização.

Por volta das 10h, uma adolescente chamou-me para mostrar que tinha feito, no seu *blog*, uma homenagem à FCG pelos seus 15 anos. No texto, ela colocou fotos do casal fundador da Instituição. Eu lhe perguntei por que ela gostava deles. Ela disse que Alemberg era muito sincero e, quando tinha que falar alguma coisa, “dizia mesmo”. E Rosiane estava sempre “sorrindo” para eles. (D.C. 19/12/2007)

Temos, conforme o relato acima, dois lados do ato educativo: a “repreensão” e o “carinho”, que, no olhar de uma adolescente de 14 anos, demonstram segurança e apoio.

Agora, no dia 19, nós temos que estar com a casa pintada e passou uma semana e os meninos não se mobilizaram para pintar. Foi uma semana perdida. Eles apropriaram-se da Casa, e isto é como um pai comprando uma roupa para o filho ou um filho tirando uma boa nota para o pai na escola. Então, eu disse o seguinte: “Eu estava lá em Porto Alegre, quer dizer que vocês não iniciaram?”. Responderam: “Não”. É o seguinte: “Não vão mais iniciar agora”. “Vocês só vão iniciar quando eu chegar aí e tiver uma conversa com vocês”. “Então, até lá, está suspenso”. O que eu falarei nessa conversa é sobre a importância de saber trabalhar e aproveitar o tempo da gente. Eu chego lá e aí o diálogo vai ser sobre o tempo, porque a gente perde muito tempo. O tempo, como diz Raul Seixas, “quando eu sei que tem tanta estrela por aí”. Eles precisam saber disso. A gente merece o melhor presente do mundo. Qual é o melhor presente do mundo? É dar tudo que a gente merece para a gente. Então, por que é que eu faço a Casa Grande? Não é pelos outros, é por mim, e cada um faz a Casa Grande por eles, porque eu mereço essa Casa Grande, o outro merece essa Casa Grande e todos nós merecemos uma Casa Grande boa. (Alemberg, entrevista concedida em 03/12/2007).

O depoimento fala de tempo e de cuidado com a FCG que pertence àqueles que nela habitam. É a responsabilidade cobrada com a justificativa do afeto. Assim, o usufruto do bem deriva do zelo que se tem sobre ele.

Alemberg é querido pelos jovens, adolescentes e crianças da FCG. Eles o temem, pois dizem que ele sabe exigir, e o respeitam, mas, acima de tudo, gostam dele. Ele impõe limites, aconselha, brinca, seu carisma consegue a confiança e o apoio dos meninos e meninas, que o procuram para conversar sobre os mais diversos assuntos. Disse-nos uma jovem:

A gente pelega para ter raiva de Alemberg. às vezes, quando ele diz determinadas coisas com a gente, mas não dá, porque, mesmo quando ele dizia as coisas mais duras para mim, eu podia até chorar, mas, depois, eu ia parar para pensar e via que ele estava certo. (ex-menina, entrevista concedida em 19/10/2007).

Com relação ao tempo, descrito no depoimento de Alemberg como algo que se deve “aproveitar”, ele lembra-nos Foucault (1987) e o “tempo disciplinar”. Na FCG, tudo tem o seu tempo. Os meninos que cuidam da Casa têm agendados os horários em que a limpeza deve ser

feita diariamente; o horário dos programas da rádio, os horários de visitas. Sempre há uma equipe deles disponível para receber os visitantes na entrada do memorial, que fica aberto o dia inteiro; até as brincadeiras possuem os seus tempos: há o tempo do pião e do jogo de bila, dentre outros.

O tempo também aparece como um empecilho no depoimento daqueles que deixaram a casa. Apesar de não falarem claramente sobre o assunto, a questão da “falta de tempo”, porque precisam estudar ou porque querem se dedicar a outras atividades, está sempre presente na fala das crianças e dos adolescentes que entrevistamos e/ou convivemos: “tenho que estudar”, “estava sem tempo, mas pretendo voltar”, “meu pai não deixa, porque tenho que ajudar minha mãe e estudar”.

Com relação à disciplina, ela não é um fim em si mesma. Está atrelada aos objetivos maiores da instituição, que, pelo que entendemos, é formar o “menino” e ou “menina” como um ser capaz de pensar, criar, dirigir ambientes e pessoas, daí ela apresentar-se também como uma escola de gestão e ser, ao mesmo tempo, dirigida por eles. Mais uma vez, lembra-nos Foucault (1987) que a disciplina internalizada funciona como a idéia de um “panóptico”, um olhar que tudo vê. Uns vigiam os outros e quem foge “do caminho certo” é imediatamente “convidado” a voltar. A decisão, no entanto, cabe apenas ao sujeito da ação. É uma escolha dele ou dela permanecer na FCG, com toda responsabilidade que isto acarreta.

Freinet (2001) alerta que uma organização excessiva pode vir a prejudicar a iniciativa, a adaptação ao trabalho e ao ambiente e prejudicar o ato criativo, mas enfatiza que, quando crianças são submetidas a trabalhos que lhes interessam profundamente, pois partem de suas necessidades funcionais, a disciplina reduz-se à organização desses trabalhos e só requer o mínimo de vigilância que, na maior parte do tempo, é obra da equipe ou do grupo.

Segundo os meninos e meninas, pelo que pudemos inferir em nossa inserção no cotidiano da Casa Grande, a disciplina é tida para eles como uma “ação fundamental em tudo na vida” e consideram que, na “Casa Grande, não pode ser diferente”.

Não existe pai que matricula o menino na FCG. Presenciamos uma mãe indagando a um dos meninos o que poderia fazer para matricular seu filho. Ao que obteve como resposta: “mande ele vir para ele saber se quer mesmo ficar”. Outra forma de acesso é ser convidado pelos próprios meninos e meninas ou pelo pessoal da Cooperativa de Pais e Amigos da Casa Grande (COOPAGRAN). Cada menino e menina da FCG tem uma história para contar com relação a sua entrada, de como veio, de como recebeu a sua farda, de como resolveu sair (alguns) e voltar de novo (alguns), de como convenceram seus pais de que a Casa grande era um bom lugar e de como trouxeram seus pais para a COOPAGRAN.

Percebemos, ao longo das reportagens que lemos, que as notícias que trazem a FCG como ONG que atende a meninos “carentes”, “pobres”, “excluídos”, “necessitados”, foram poucas e praticamente desapareceram ao longo dos anos. O que indica que sua política de atuação não se vale de tais prerrogativas para manter-se em pauta. O que encontramos *in loco* foram meninos e meninas à procura de sonhos, que buscam superar seus problemas, que, por não serem de uma classe abastada, também não se julgam inferiores, mas capazes.

No dia da festa da “Renovação do Coração de Jesus”, os meninos, assim como os pais que participam da Cooperativa de Pais e Amigos da Casa Grande, brincaram de “amigo secreto”. Os Irmãos Aniceto⁸⁸ chegaram ao final da tarde, tocaram, dançaram, homenagearam os santos antes e depois da reza. É uma tradição de quinze anos da qual a comunidade participa.

Vejam as fotos a seguir (60, 61, 62,63 e 64) que, feitas pela pesquisadora, tentam traduzir melhor para o leitor, esta Festa da Renovação do Coração de Jesus, na FCG:



Foto 60 – No pátio coberto, os meninos e meninas brincam de amigo secreto, ressaltamos que o pessoal da COOPAGRAN também brinca de amigo secreto – Arquivo pessoal da pesquisadora – 19/12/2007

⁸⁸ Banda cabaçal proveniente dos índios Kariris.



Foto 61 – Meninas junto aos pais da COOPAGRAN ajudam na organização do almoço coletivo - Arquivo pessoal da pesquisadora – 19/12/2007.



Foto 62 – Depois da Renovação, foi feito o batizado⁸⁹ do mais novo integrante da Casa. Os padrinhos foram Alembert e Rosiane.

⁸⁹ O batismo é o primeiro dos sete sacramentos da Igreja Católica Apostólica Romana, no qual a imersão do batizando na água, junto com a recitação de determinadas palavras sacramentais, confirma a alma do batizando

Com relação à foto n.º 62, temos a considerar que, embora Alemberg e Rosiane tenham sido os padrinhos da criança, o que é uma prática comum entre os meninos da FCG, quando casam e têm os seus filhos, é colocarem seus colegas da Casa como padrinhos. Este fato é interessante porque, contrariando o que ainda comumente se faz no sertão, que é a entrega dos filhos para apadrinhamento de doutores, pessoas com um poder social mais elevado, a quem os pais devem favores, os meninos e meninas, desenvolvendo laços de amizade na FCG, consideram importante serem compadres uns dos outros, ressignificando tal prática.



Foto 63 – A comunidade local reza antes da Renovação - Arquivo pessoal da pesquisadora – 19/12/2007.

em Cristo, purificando-a do pecado original. O ritual exige a presença de pais e de padrinhos responsáveis por conduzir a fé do batizando até a idade adulta quando ele irá confirmar os votos no sacramento da Crisma.



Foto 64 – Há quinze anos, a Banda Cabaçal, dos Irmãos Aniceto, toca e dança (antes e depois da reza) na Renovação da FCG – Arquivo pessoal da pesquisadora – 19/12/2007.

A banda cabaçal dos irmãos Aniceto (foto 64) é um conjunto formado por seis integrantes da mesma família. Foi tombado (em nível municipal) como patrimônio imaterial do município do Crato, Ceará. Descendentes diretos dos índios Kariris, os Aniceto fabricam seus próprios instrumentos e criam suas músicas e danças observando a natureza. Sua arte é reconhecida nacional e internacionalmente. No interior da Casa, encontram-se esculturas em madeira (uma arte também da região⁹⁰), retratando as bandas cabaçais (foto 65) tão próprias do Cariri cearense.

⁹⁰ O Centro Cultural Mestre Noza, em Juazeiro do Norte, é uma referência em arte na madeira e no barro, retratando a cultura local. Comumente, as peças lá fabricadas são vendidas no exterior do Brasil.



Foto 65– Exposição permanente de arte na madeira, retratando as bandas cabaçais da região do Cariri cearense – Arquivo pessoal da pesquisadora – 26/07/2008.



Foto 66 – Alemberg, ao lado de sua filha, fala aos presentes. Depois, canta-se “Parabéns” à FCG e aos aniversariantes – Arquivo pessoal da pesquisadora – 19/12/2007.

A festa da Renovação do Coração de Jesus é uma tradição regional e local. Segundo Oliveira (2008), as tradições são uma invenção humana. Busca-se, através delas, apoio para enfrentar o futuro, o desconhecido.

Em certo sentido, toda tradição é mesmo inventada, já que se seleciona o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Já se disse também que, se a tradição inventa patrimônios culturais, são os ‘patrimônios culturais’, por sua vez, que nos inventam. (OLIVEIRA, 2008, p. 10).

Há, portanto, uma construção histórica, teórica e prática numa luta constante das organizações sociais por reconhecimento de símbolos, nos quais se traduzem as tradições.

O conjunto simbólico que compõe a FCG é assunto que trataremos mais adiante no texto. Agora, trazemos à reflexão um texto de um dos meninos, que, após toda vivência da festa, escreve em seu *blog*:



PARABÉNS CASA GRANDE

Neste dia 19 de Dezembro, a nossa casa grande fez aniversário , foi mais um dia impa na minha vida. Sabe por quer! tenho em minha consciência que a cada ano que se passa estamos procurando construir um lugar de igualdade para tudo e todos, um lugar onde criança e jovens ver e mostra que tem vocação e capacidade para melhorar sua visão de mundo Quero neste dia agradecer a tados os nossos parceiros que vem unindo forças com agente ,todos os meus companheiros casa grande.Em especial a duas pessoas que tem extrema importância em nossas vidas , Francisco Alemborg e Roseane Limaverde. Entam parabéns casa grande por mais um ano de existência, e que os seus projetos do ano de 2008 continue a mostrar pro mundo que a sua gestão e a pedagogia vem mudando a mentalidade de um tanto de criança e jovens na cidade de Nova Olinda.

PARABÉNS CASA GRANDE.

Postado por (jovem – 25 anos) às 07:04 1 comentário

Marcadores: [EU PENSO](#)

Disponível em: www.fundacaocasagrande.org.br. Acesso em: 21/03/2008.

Há um conteúdo que é intrínseco a qualquer ato de ensino e aprendizagem: a afetividade. Nas palavras de Freire (2000), um “ato educativo” é um “ato amoroso”. Também,

só é possível a existência de um determinado grupo social quando há afetividade entre seus membros. Destacam-se, no depoimento do/da jovem, palavras que indicam confiança no poder de “ser mais”. Isso foi constante no depoimento e fala dos meninos e meninas com os quais convivemos. Citando Fernando Pessoa (1980), os meninos e meninas acreditam que de sua “aldeia”, a FCG, podem ver todo o “universo”, “por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer, porque sou do tamanho do que vejo”. Eles vêem o mundo pela tela do cinema, pelo teatro, pelo que trazem os visitantes, pelas viagens que fazem, pelas ações que cotidianamente executam.

Tal amorosidade e/ou afetividade é tratada aqui não como uma coisa romântica, mas como uma força que move as ações destas crianças, adolescentes e jovens na construção de sua identidade cultural, como pertencentes a um grupo social que aprende cotidianamente a interagir com este grupo, inicialmente, imitando os modelos culturais que observa para poder mais adiante ultrapassá-los e recriá-los.

Observamos, nos jornais que selecionamos para esta pesquisa, que, com relação ao número de crianças atendidas pela FCG, as reportagens tratam sempre de 50, 70, 80 e até 200 crianças, mas, no dia-a-dia, percebemos que os meninos não são tantos. Há um grupo constante, outros que esporádica e/ou constantemente a visitam sem serem um “menino” ou “menina” da Casa Grande.

No *site* da instituição, constam, dentre meninos e meninas, 28 pessoas, numa lista de presença que estava de posse de um dos meninos, o qual controlava o horário de entrada. Contamos 30 pessoas, mas a contagem nunca está pronta. É muito difícil contabilizá-la, porque percebemos um constante ir e vir destes meninos e meninas e, como nos disse Rosiane,

A gente não tem muito menino lá dentro e nem vai ter, nunca vamos ser uma casa para atender 200 meninos, 300 meninos porque não é a realidade. Então, chega a cinquenta, às vezes, quando junta muito, chega a setenta, às vezes, chega a trinta e pouco. Vamos analisando o porquê de termos menos meninos. Por quê? Então, a gente vai observando quais são os fatores, ou seja, o que é que puxa esses meninos para fora da Casa Grande? Por que, às vezes, eles não agüentam a pressão de estar lá dentro? Sim. Porque tem uma pressão de estar lá dentro, porque, quando eles tão lá, são diferentes dos que não estão: no que querem, no que fazem... Às vezes, isso traz conflitos para eles e alguns não conseguem permanecer. São puxados para fora. Esta saída, por vezes, é temporária. Depois da experiência, eles voltam e começam tudo de novo.

Às vezes, a gente acha que não valeu a pena, que não está valendo a pena.... Às vezes, a gente pensa isso. Será que o que eu estou ensinando realmente está sendo aprendido? Porque, às vezes, a gente se depara com coisas que a gente acha que não. Às vezes, também, a gente se surpreende e fica feliz porque ver que o que ensinamos está sendo aprendido. É como a vida mesmo, cheia de baixos e de altos, como a relação do pai e do filho, tem hora que está mais satisfeito, tem hora que está preocupado. Vamos ver no que isso vai dar. (Rosiane, entrevista concedida em 14/12/2006)

Dentre os meninos que participam, destacamos um casal de irmãos. O menino é assíduo e fica na Casa Grande em tempo integral. Só sai para ir à escola, alimentar-se e dormir. A menina, no entanto, diz que nunca se habituou. Quando tem alguma coisa no Teatro, participa, mas ficar indo ela não quer, “exige muito tempo”. Este fato é bastante comum entre os meninos e meninas da FCG.

Para efetivamente ser um “menino da Casa Grande”, primeiramente, a criança, jovem ou adolescente tem que “provar” que já pode receber a sua farda.

Uma criança de 10 anos falou-me: moro na rodovia Santana do Cariri. Eu comecei aqui com minha outra irmã. Eles desistiram, eu também, depois eu vim de novo. Desisti, agora, eu vim de novo e ganhei uniforme.

- Por que você desistiu?

-Porque eu não ganhava uniforme ligeiro, uma vez eu vim, vinha eu e Jardeane .Aí ela ganhou uniforme e eu não ganhei. Aí eu vim um tempo. Aí desisti. Pego, vim de novo e ganhei uniforme.

- Por que você veio? (diante do silêncio, insisti) O que você mais gosta de fazer aqui?

- O que eu mais gosto é tocar. Às vezes, eu toco na bandinha de lata, mas estou aprendendo ainda. (D.C. 09/03/2007).

A criança com quem conversamos faz a terceira série na educação formal. Ela não sabe explicar por que voltou, mas sabe dizer o que gosta de fazer na FCG. Ela vem todos os dias. Diz que gosta de usar o computador, aprender na rádio, na TV, na editora, também de tocar na bandinha de lata. Diz que receber o uniforme para ele foi “um milagre”, no entanto, depois de um tempo, ele deixou de ir. Em nossas conversas, havíamos criado um vínculo afetivo com ele. Quando insisti em saber o motivo de sua saída, ele alegou que estava “sem tempo” e ficamos sabendo pelos outros meninos que ele não foi mais para a FCG porque “o pai não deixou”.

Antes de concluirmos a nossa pesquisa, ele retornou. Reencontramo-lo no mês de Janeiro/2008. Ele nos afirmou que o pai não permitiu mais que ele fosse porque achava que “os meninos lá trabalham demais”, queria que ele fosse para outro lugar aprender “capoeira”. Ele disse que preferia ficar na FCG, então voltou. Estava no começo de um novo ciclo, em que ele deveria “provar” para os outros e para ele mesmo que poderia receber seu uniforme de volta.

A questão do “trabalho” na FCG é polêmica. Algumas pessoas da comunidade não aceitam e dizem que os meninos “trabalham de graça”. Isto nos foi dito muitas vezes. Um comerciante local alegou que muitas mães queixam-se em conversas, no seu estabelecimento, que os filhos trabalham muito e não têm alimento para eles na FCG, precisam comer em casa.

Esta inquietação também foi observada por Azevedo (2000) e Acioli (2005) em seus trabalhos. Pelo que aferimos, podemos considerar que o que é visto na cidade de forma contraditória, na ótica dos meninos e meninas da FCG, o trabalho, “o cuidar da Casa”, ocorrem de forma natural e naturalizada: “limpamos porque está sujo”, “fazemos porque está precisando”, “nós cuidamos da nossa Casa”. Eles acreditam que, com o trabalho que fazem, ajudam a manter a Casa Grande aberta e funcionando. Esse cuidado ultrapassa os muros da FCG. Eles levam para suas casas (residências) e cidade, desenvolvem uma consciência que, por vezes, falta na escola formal, quando nos deparamos com carteiras quebradas, riscadas, papéis pelo chão e lixo jogado fora do lixo. Certa vez, durante nossa pesquisa de campo, observamos a chegada de um ônibus de uma cidade, com estudantes e professores entrando na FCG para conhecer e almoçar. Haviam trazido suas refeições e nos chamou a atenção o fato de muitos desses adolescentes jogarem papéis no chão, enquanto os meninos da Casa, sem dizer uma palavra, iam apanhando e colocando no lixo. O que eles ensinam com esta atitude?

Para o seu fundador, o que os meninos fazem não pode se configurar como um trabalho infantil ou exploração de mão-de-obra, posto que eles estão aprendendo para a vida. Diz que, ao se apropriarem da Casa, os meninos e meninas usufruem dela e adquirem também responsabilidade sobre ela. Acrescenta que, “se algum deles vai ser pedreiro, vai ser um pedreiro diferente, com informação, com habilidades interpessoais, com capacidade para entender de plantas e linguagem arquitetônica”. Para ele, “as crianças brincam de se capacitar”. Este brincar envolve, além do cuidado com a manutenção da Casa, o funcionamento dos laboratórios, o que exige trabalho intelectual. Portanto, propicia o desenvolvimento de saberes próprios a cada ambiente da casa.

O tema de fato é controverso, o que nos leva a indagar: o que faz com que estas crianças (as que estão lá) permaneçam trabalhando, convivendo e aprendendo a lidar com as críticas que, por vezes, recebem dentro da própria família?

Mais uma vez, encontramos na pedagogia de Freinet (1998) uma possível explicação para essa questão. Para o referido autor, só o trabalho é realmente formador porque propõe as motivações mais fortes para a aprendizagem e porque as aquisições do trabalho é que são mais úteis à vida social e profissional. Esta pedagogia, consiste em técnicas constituídas a partir da experimentação e da documentação que, para ele, fornecem à criança instrumentos para aprofundar seu conhecimento e desenvolver sua ação.

Queremos a educação pelo trabalho, uma cultura saída da atividade laboriosa das próprias crianças, uma ciência filha da experiência, um pensamento incessante definido no nível da matéria e da ação. É por isso que oficinas de trabalho, sala comum, auxílio do professor são as condições inseparáveis de um mesmo todo, que é a formação da criança e, além dela, a formação do homem, do cidadão, da nova sociedade popular. (FREINET, 1998, p. 55-56)

Freinet (2001) propôs as seguintes oficinas para o desenvolvimento de atividades educativas: quatro para o trabalho manual de base (lavoura e criação; forja e marcenaria; fiação, tecelagem, costura, cozinha e trabalhos domésticos; construções, mecânica e comércio), e quatro oficinas de atividade evoluída, socializada e intelectualizada (pesquisa, conhecimentos, documentação; experimentação, criação, expressão e comunicação gráficas; criação, expressão e comunicação artísticas).

Ele afirma que uma criança não hesita entre uma atividade manual e intelectual ao menos que tenha sido corrompida por uma formação que lhe provocou repulsa anormal por um esforço manual.

Assim, ele trata do trabalho como um todo (manual e intelectual). Este deve ser uma atividade verdadeira e não um trabalho para brincar. Em sua proposta, os instrumentos e os meios são importantes para propiciar participação. São mediadores para liberar e despertar o interesse para o trabalho. A experiência é a possibilidade para que a criança chegue ao conhecimento. Assim, criação, trabalho e experiência, por sua ação conjunta, resultam em aprendizagem. O que vai de encontro com o que pensam os meninos e meninas, diretores e pais da FCG. Para eles, o fazer tem um sentido social presente e também futuro. Muitos nos afirmaram que, quando estiverem adultos e constituírem suas famílias, querem que a Casa esteja aberta para que seus filhos possam também aprender (fotos 67 e 68) o que eles aprenderam.



Foto 67 - Alembert ensina aos meninos sobre Gestão – Arquivo pessoal da pesquisadora – 26/07/2008



Foto 68 – Meninos e meninas aprendem, ensinam e organizam o laboratório de produção – Arquivo pessoal da pesquisadora - 25/07/2008.

Foi aprendendo a confeccionar revistas em quadrinhos que uma jovem que está na FCG há quinze anos foi lecionar um curso para professores da rede municipal, do Ensino Fundamental, na cidade de Sobral. Com as competências e habilidades adquiridas⁹¹, elaborou apostilas, fez apresentação do curso em *PowerPoint*, estudou autonomamente e realizou a sua oficina de quadrinhos⁹². Acompanhamos esse processo e percebemos toda a dedicação e profissionalismo com o qual a jovem atuou. O que fora por muito tempo objeto de sua aprendizagem torna-se renda e reconhecimento social.

Outra preocupação de Freinet (1998) diz respeito ao desenvolvimento máximo das possibilidades de cada criança, o que exige necessariamente a valorização de suas qualidades pessoais, e, finalmente, o fato de fazer com que a criança saiba que não está só, mas é parte de uma coletividade.

A educação deve ser móvel e flexível na forma; deve forçosamente adaptar suas técnicas às necessidades variáveis da atividade e da vida humana. Nem por isso deve deixar de cumprir plenamente o seu duplo papel: exaltar no indivíduo o que ele tem de especificamente humano, a parcela de ideal que ilumina uma razão de viver, mesmo nas piores degradações; enriquecer e fortalecer o acervo comum de conhecimentos, que é como que nossa terra nutriz, o substrato essencial de nosso devir. Além disso, a educação deve, no âmbito dessa dignidade, preparar tecnicamente, poderíamos dizer, o indivíduo para suas tarefas imediatas. Uma coisa depende da outra. (FREINET, 1998, p. 175).

O que as crianças fazem na FCG é valorizado. Eles sentem-se à vontade para expor seus desejos, dar suas opiniões, participam ativamente de suas atividades, que, pelo que percebemos, dão-se por meio de projetos.

Aferimos que tais projetos vão ao encontro do que o IPHAN chama de educação patrimonial. Para este organismo, trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento, que objetiva a preservação sustentável dos bens culturais e o fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

⁹¹ A jovem concluiu o curso de Pedagogia na Universidade Regional do Cariri no Crato e, atualmente, (2008) mora na Itália.

⁹² A oficina pode ser vista no site da FCG: www.fundacaocasagrande.org.br.

3.2 A aprendizagem através de projetos e as interfaces com a educação patrimonial

A pesquisa demonstrou que as ações da FCG efetivam-se basicamente através de projetos. Como parte das parcerias conquistadas, mencionadas no capítulo 1, trata-se de resultados de projetos que concorreram em editais públicos. Estes, por sua vez, são possibilitados pelas leis de incentivo à cultura, também tratadas no decorrer deste trabalho.

O diferencial é que as ações da FCG não são pensadas apenas quando os editais são abertos/expostos, mas no seu cotidiano, como nos disse o seu diretor. “O dinheiro é que vem em busca do projeto”. Esta fala, no contexto de outros depoimentos que versam sobre o mesmo assunto, demonstra que há um compromisso ininterrupto com a FCG independentemente de recursos, muito embora estes sejam indispensáveis. Percebemos isso quando pedimos para observar os arquivos dos projetos desenvolvidos na FCG e nos foi entregue uma grande quantidade de pastas de projetos que foram aprovados, executados, tiveram a prestação de contas ratificadas pelos órgãos financiadores e, por fim, foram arquivados. Nestas pastas, também constam aqueles que não receberam aprovação.

Ressaltamos que a “prestação de contas” do projeto efetiva-se para a comunidade em grandes quadros fixados na FCG, conforme as fotos (69-70) que seguem:



FUNDAÇÃO CASA GRANDE-MEMORIAL DO HOMEM KARIPI													
PLANO BÁSICO 2008													
ITEM	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
RSOS HUMANOS	849,87	838,47	838,47	886,70	886,70								
SERVICIOS	3.426,95	3.347,65	2.920,18	2.810,75	3.178,95								
MATERIAL DE LIMPEZA	438,00	672,80	0,00	151,30	0,00								
MATERIAL DE ESCRITORIO INFORMATICA E MULTIMIDIA	395,00	0,00	235,45	0,00	0,00								
TOTAL	5.109,82	4.858,92	3.994,10	3.848,79	4.065,65								
CUSTO 2007													
RSOS HUMANOS	SERVICIOS	MATERIAL DE LIMPEZA	MATERIAL DE ESCRITORIO INFORMATICA E MULTIMIDIA	TOTAL									
8.729,61	35.991,85	2.770,95	3.349,95	50.842,36									
RSOS HUMANOS	SERVICIOS	MATERIAL DE LIMPEZA	MATERIAL DE ESCRITORIO INFORMATICA E MULTIMIDIA	TOTAL									
7.312,56	37.306,66	4.226,57	8.317,14	57.162,93									

Foto 69 - Quadro identificando a destinação dos recursos da ONG – Arquivo pessoal da pesquisadora – 26/07/2008.

ATENDIMENTO DO ANO DE 2008													
ATIVIDADE	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
CINEMA	105	83	76	0	0								
ESPETACULOS	78	280	130	196	268								
MUSEU	277	322	447	713	1.273								
PARQUINHO	321	150	310	146	191								
INTERNET	0	73	153	111	117								
GIBITECA	150	61	287	221	254								
BIBLIOTECA	0	85	269	218	264								
DVDTECA	0	76	206	52	144								
TOTAL	930	1.130	1.878	1.707	2.511								

RESUMO	CINEMA	ESPETACULOS	MUSEU	PARQUINHO	INTERNET	GIBITECA	BIBLIOTECA	DVDTECA	TOTAL
2007	5.041	6.100	9.569	2.672	1.973	0	520	480	25.814
2006	6.999	5.456	9.956	4.872					28.050

Foto 70 – Quadro identificando o atendimento da ONG – Arquivo pessoal da pesquisadora – 26/07/2008.

Retornando aos projetos, um dos meninos contou-nos, durante o tempo em que estivemos presentes na FCG, que, todos os dias, ele olha os sites do MinC, BNB e outros em busca de editais, para que possam mandar seus projetos. Estes programas, como o “Rumos do Itaú Cultural”, é que possibilitam financeiramente a concretização de ações, como, por exemplo, a gravação do DVD da Bandinha de lata “Os cabinha”, que foi feito em São Paulo neste ano de 2008. Os meninos da bandinha foram acompanhados por dois jovens para viver a aventura de ser artista, gravar CD em estúdio profissional. E tudo começou com a brincadeira que fazem constantemente: reúnem-se, tocam para os visitantes nos finais de semana, criam suas músicas e utilizam aquelas de “domínio público”, como nos disse um de seus integrantes (10 anos), também estudam com seriedade/concentração e divertem-se na hora dos ensaios.

Ao serem questionados por nós acerca dos projetos educativos, percebemos, nas falas dos meninos/meninas e diretora, que não é dessa forma que os projetos são descritos. Constatamos que a metodologia de projetos é adotada. A própria FCG é um grande projeto educativo, mas eles não possuem uma orientação educacional própria, explicitada, não é este o foco. O foco é conseguir angariar recursos e melhorar a FCG em termos materiais e também intelectuais (daí a educação se fazer presente em todos eles). Os projetos servem para que a Casa Grande continue crescendo. Assim, anualmente, eles estabelecem metas e fixam na

parede o que querem conseguir (foto 71). Os projetos surgem como uma concretização de ações, indicando o melhor caminho a ser seguido. Pelo que entendemos, planejar e projetar para os meninos e meninas da FCG significam pensar o futuro com base nas experiências do passado e nas vivências do presente, com um pé na realidade e outro no sonho.



Foto 71 – Quadro fixado na FCG, em que é colocado o que se objetiva alcançar no ano em curso – Arquivo pessoal da pesquisadora – 16/04/2008.

Os projetos, disse a diretora à pesquisadora, “servem para melhorar o ambiente, adquirir recursos para melhorar os equipamentos, obter novos livros para a biblioteca, biblioteca e melhorar outros laboratórios”, ou seja, é através dos projetos que a FCG estabelece suas parcerias. Para os propósitos dessa pesquisa, vamos tratá-los, conforme nossa compreensão, “como educativos”.

Os projetos executados na FCG têm um período de vida, tempo que limita sua ação, mas são também, no nosso entender, permanentes, posto que constantemente são alimentados na lembrança e ações daqueles que dele participaram/participam e também na matéria (ou material) deixado. Tentamos, então, investigar tais projetos e perceber a ligação destes com o entorno da FCG, bem como o desenvolvimento de um sentimento de pertença dos meninos e meninas com a região do Cariri cearense, ou seja, encontrar as interfaces destes com a questão da educação patrimonial.

A metodologia de projetos adentrou o campo educacional no início do século XX. Aqui no Brasil, com os chamados “Pioneiros da Educação Nova”, consiste numa atividade intencionada em que os próprios aprendizes mobilizam competências e saberes no desenvolvimento de ações que objetivam a integração teoria/prática, onde o conhecimento da realidade e a intervenção nesta tornam-se elementos do mesmo processo educativo.

John Dewey (1859-1952) foi o grande mentor da pedagogia de projetos, mas foi William Kilpatrick (1974), seu discípulo, que deu encaminhamento a esta proposta e a popularizou. Ele classificou os projetos em quatro grandes grupos: de produção, no qual se produzia algo; de consumo, no qual se aprendia a utilizar algo já produzido; de resolução de um problema; e de aperfeiçoamento de uma técnica. Para tanto, quatro características concorrem para um bom projeto didático: uma atividade motivada por meio de uma conseqüente intenção; um plano de trabalho, de preferência manual; que implica uma diversidade globalizada de ensino num ambiente natural.

Celestin Freinet (2001) também se utilizou da pedagogia de projetos como meio de organizar as atividades que tinham por meta permitir que as crianças analisassem a realidade em que estavam inseridas, para, a partir dela, encontrar seu lugar no mundo, transformando-o quando necessário.

Os projetos que encontramos na FCG desenvolvidos e em desenvolvimento pertencem ao grupo de “produção” e partem de uma “leitura de mundo”: o mundo do sertão, do Cariri. Partem de um fazer cotidiano que integram teoria e prática. Como dizem os seus mentores, são os “laboratórios de conteúdo” que servem de instrumentalização e favorecem uma melhor execução de planos nos “laboratórios de produção”.

Diante da grande quantidade de projetos desenvolvidos, em desenvolvimento e esperando aprovação, selecionamos, de acordo com os objetivos desta pesquisa, três projetos sob os seguintes critérios: relevância histórica, importância atual e por terem sido mencionados em depoimentos colhidos durante a pesquisa.

Percebemos, logo na entrada da FCG, que os seus muros contam a história de um de seus primeiros projetos que ganhou repercussão nacional. Este aglutinou educação, arte e regionalidade: o Projeto Anna Mariane⁹³, que teve por objetivo a revitalização das fachadas populares, envolvendo a comunidade local e o grupo de universitários da cidade de Nova Olinda. Segundo depoimentos, ao perceberem que as casas da cidade de Nova Olinda traziam platibandas, houve uma identificação entre a realidade vivida (leitura de mundo) e o livro “Pinturas e platibandas”. A partir disto, surgiu o projeto e a sua execução teve como norte este livro. Antes de continuarmos a refletir sobre a realização deste projeto, trazemos à nossa discussão (fotos 72, 73,74) que podem ajudar a melhor compreensão de nossa análise:



Foto 72 – Fachada das mesmas casas da foto 73 à época do projeto (1997), feita a partir de um quadro exposto na FCG, em seu escritório na cidade do Crato – Arquivo Pessoal da pesquisadora – 06/05/2008.

⁹³ Anna Mariane é uma fotógrafa que, em 1976, começou o registro de fachadas coloridas e detalhes da arquitetura de habitações populares nos sertões nordestinos, resultando no livro “Pinturas e platibandas”, editado pela Mundo Cultural, em 1987. Este serviu de inspiração para o projeto supracitado.



Foto 73 – Fachada das casas de Nova Olinda como se encontram hoje (2007) – Arquivo pessoal da pesquisadora – 04/07/2007.



Foto 74 - Muro da FCG, reproduzindo o projeto em seu espaço - Arquivo pessoal da pesquisadora – 16/04/2008.

Comparando as duas primeiras imagens (72 e 73), percebemos o quanto mudou o cenário local. Nas casas, embora as platibandas ainda existam, a pintura já não a destaca e uma das casas foi reformada. Um jovem da casa explicou-nos que, após a realização desse projeto, com o tempo, as casas foram sendo vendidas e os novos donos não cuidaram da conservação das pinturas, daí eles resolveram transpor as pinturas para os seus muros (foto 74). “Onde tinha um espaço que não era utilizado, a gente fez isso, para resgatar o projeto de uma forma mais protegida. Aqui dentro, a gente pinta, conserva e ninguém vai derrubar”⁹⁴.

O projeto “Anna Mariane” foi realizado em 1997. Onze anos depois, em 2008, os meninos ainda o recordam como um trabalho gratificante, que envolveu a associação dos universitários da cidade de Nova Olinda, a comunidade local, os donos de casas que foram pintadas e aqueles que, por meio do projeto, sentiram-se incentivados a também pintar as suas casas. O jovem contou-nos ainda que eles conseguiram as tintas levando o projeto até as lojas e solicitando apoio das mesmas. Por ocasião do desenvolvimento do trabalho, receberam a visita da autora do livro que inspirou o projeto. “Eu estava pintando quando ela chegou. Até hoje, ela é amiga aqui da Fundação Casa Grande”.

Quanto à metodologia, ele informou-nos que, sem improvisar nada, o desenho da casa era feito e pintado primeiramente no computador e, só depois de conversar com os moradores, mostrar cores e formas, é que as casas eram pintadas. Hoje, o referido projeto transformou-se em uma oficina de arte, que é ministrada por um de seus jovens que, à época, participou de sua execução. É o conhecimento significativo que, vivenciado, atualiza-se sempre.

Eu era muito pequeno. Lembro que tudo foi feito junto com os universitários, mas a gente também pintava, porque essa coisa da gente praticar, de cuidar, de organizar e de gerenciar, a gente já faz desde pequeno. A gente transformou esse projeto em uma oficina de fachadas populares. A primeira turma foi formada na cidade de Sobral. Fui ministrá-la o mês passado (março/2008), é uma maneira de disseminar mais ainda a idéia desse projeto, não é? (Jovem, entrevista concedida em 15/04/2008).

O planejamento na FCG é feito de forma participativa. A eficácia das ações comprova seu êxito. Este se constitui num espaço privilegiado para a construção de saberes. Para eles, a organização e a responsabilidade de cada um no desenvolvimento das atividades são fundamentais para a aquisição dos objetivos propostos.

A escolha do tema de um projeto parte sempre de uma idéia de algum dos freqüentadores da FCG. O desenvolvimento do projeto, a busca e o tratamento das informações recolhidas, a execução, bem como a documentação resultante, efetivam-se de

⁹⁴ Jovem, entrevista concedida em 15/04/2008.

forma conjunta. Meninos e meninas participam das atividades de acordo com suas habilidades e aptidões.

A educação ambiental é também parte da educação patrimonial. Segundo Oriá (1998, p. 133), foi o francês Hugues de Vaine-Boham, quem primeiro se preocupou em encarar o patrimônio cultural de forma interdisciplinar, dividindo-o em três grandes categorias de elementos: aqueles pertencentes à natureza, ao meio ambiente, o chamado “habitat natural”; a segunda categoria seria os “bens culturais”, incluindo todos os elementos não tangíveis do patrimônio cultural; o terceiro grupo de elementos seria os “bens culturais propriamente ditos: objetos, artefatos, obras e construções obtidas a partir do próprio meio-ambiente e do saber-fazer-humano”. Neste sentido, a educação ambiental, parte da educação patrimonial, também está presente no cotidiano da FCG.

Considerando, pois, que a educação ambiental tem por objetivo a disseminação do conhecimento sobre o ambiente, a fim de ajudar a sua preservação e utilização sustentáveis dos seus recursos, percebemos que, na área da FCG, esta educação é feita de diversas formas.

Em todo o entorno da FCG, há árvores plantadas e o seu espaço interno abriga um canteiro com “ervas medicinais” que os meninos cuidam e as utilizam quando sentem necessidade, de acordo com as características de cura de cada uma delas.

As ervas e plantas também são utilizadas para fabricação de produtos, como sabonetes e xampus que são vendidos na lojinha da COOPAGRAN. O cuidado para que este saber não se perca também está relacionado ao replantio. Eles cultivam as mudas para uso próprio e também para a comunidade quando esta solicita.

A foto (75) mostra parte do canteiro de ervas medicinais da FCG. Acrescentamos que há o cuidado de identificar cada uma delas com plaquinhas (Alfavaca, erva-cidreira...). Lembrando Freinet (1998), este autor considera que a natureza é o ambiente mais rico e o que melhor se adapta às necessidades variáveis do indivíduo, daí suas oficinas incluem o trabalho na lavoura e a criação de animais. Para ele,

Há trabalho todas as vezes que a atividade – física ou intelectual – suposta por esse trabalho atende a uma necessidade natural do indivíduo e proporciona por isso uma satisfação que por si só é uma razão de ser. Caso contrário, não há trabalho, mas serviço, tarefa que se cumpre apenas por obrigação - o que é totalmente diferente. (FREINET, 1998, p. 316)

Na FCG, o trabalho de regar as plantas, fazer mudas, fabricar produtos diversos a partir delas envolvem conhecimentos científicos e ambientais, envolvem vida. Sua política vai ao encontro do que primam os temas transversais (1997), propostos para o currículo do ensino

formal (ética, pluralidade cultural, meio-ambiente, saúde, orientação sexual e temas locais) e ao que objetiva o IPHAN em termos de educação patrimonial, quando considera que,

O Patrimônio Cultural Brasileiro não se resume aos objetos históricos e artísticos, aos monumentos representativos da memória nacional ou aos centros históricos já consagrados e protegidos pelas instituições e agentes governamentais. Existem outras formas de expressão cultural que constituem o patrimônio vivo da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares, revelam os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente de uma comunidade. (HORTA, GRUNBERG, MONTEIRO, 2006, p.07).

Para o IPHAN (2006), a educação patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita leitura de mundo, reforço da auto-estima do indivíduo e valorização da cultura múltipla e plural do Brasil.



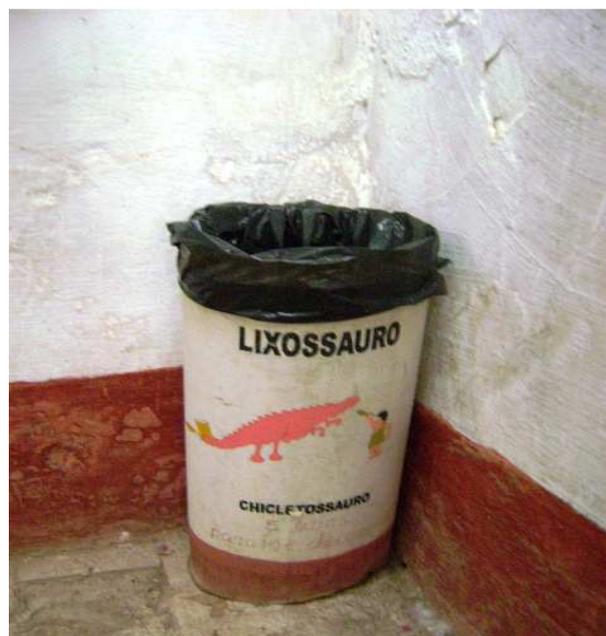
Foto 75 – Parte do canteiro com ervas medicinais – a comunidade de Nova Olinda também se utiliza delas - Arquivo Pessoal da pesquisadora – 02/06/2007

Além do canteiro, o cuidar do meio ambiente está relacionado ao cuidar de si, do outro, cuidar da Casa, mantendo-a sempre limpa, da cidade, dos rios, das pinturas rupestres, da floresta, etc. A FCG abriga 02 pousadas domiciliares rurais para aqueles hóspedes que querem desfrutar de um contato maior com a natureza, uma inclusive numa área de agrofloresta, no vale, e outra no sopé da Chapada, próxima à Floresta Nacional do Araripe – Flona. Meninos e meninas falaram-nos que há um projeto a ser desenvolvido que, ao que entendemos, pelas

falas, é uma espécie de “turismo ciclístico”, em que a FCG disponibilizará aos turistas bicicletas e guias, para que os visitantes possam conhecer os lugares de Nova Olinda e seus sítios e, assim, vivenciar experiências ecológicas sem poluir o meio.

Projetos que buscam a preservação do meio-ambiente também já foram realizados na Casa. Um deles foi o “projeto lixossauo”. Segundo um dos meninos, foi a forma encontrada de trabalhar a “educação ambiental” aqui na Casa Grande,

Eu lembro que a gente fez pesquisa, viu os tipos de lixo e o tempo que eles passavam na natureza para se decompor. Então, a gente desenhava um personagem. Assim, por exemplo, o chicletossauo a partir do chiclete. Era feito um bichinho, um animal tipo um monstro. Daí espalhávamos os lixeirinhos de papelão que a gente mesmo pintava pela Casa Grande inteira. Até hoje, eles estão aqui. (Jovem, entrevista concedida em 15/04/2008).



Fotos 76 e 77 – Lixeiras confeccionadas pelos meninos a partir do Projeto Lixossauo – Arquivo pessoal da pesquisadora – 04/07/2007.

De posse de conhecimentos sobre lixo, reciclagem, tempo de decomposição dos objetos jogados na natureza, meninos e meninas dizem fazer a parte que lhes cabe na preservação do meio ambiente. Assim, vão tentando não poluir, nem sujar o lugar onde vivem. Há, inclusive, na FCG, o “gerente do lixo”, aquele menino responsável por coletar o lixo das lixeirinhas. Ele explicou-nos que tem que ter cuidado com os sacos, usar apenas o que for necessário e disse que cuidar disso é responsabilidade dele.

No desenvolvimento deste projeto, a necessária educação ambiental fez-se com a ajuda do lúdico (construção de lixeiros), aliado à história da região do Cariri, que num passado distante já abrigou dinossauros.

Poderíamos relatar vários outros projetos desenvolvidos e em desenvolvimento pela ONG nesses seus quinze anos de existência. Os dois supracitados datam do início de sua história e ainda se efetivam como atuais. Todavia, dentro dos limites desse trabalho, destacamos aqueles que nos pareceram mais significativos e que apareceram mais nas falas de meninos e meninas, porque estão relacionados/articulados com a história local.

No ano de 2007, o projeto Cine-Club Casa Grande objetivou a formação cultural através da arte do cinema e adquiriu equipamentos que permitem aos meninos e meninas assistirem a filmes na própria DVDteca em cabines individuais.

Na DVDteca, meninos e meninas (fotos 78 e 79) podem assistir a documentários produzidos pela própria Fundação, que tratam da cultura local.



Foto 78 – Menino assiste a um filme na cabine individual da DVDteca – Arquivo pessoal da pesquisadora – 15/04/2008



Foto 79 - Menino escolhe um DVD produzido pela própria FCG. Dentre os temas, encontramos “Campeonato de pião”, uma competição que se deu na própria FCG com os meninos da cidade – Arquivo pessoal da pesquisadora – 26/07/2008.

Para finalizarmos esta discussão, acrescentamos, Anexo D, um projeto de educação patrimonial que se chama “**ARQUEOLOGIA DA CHAPADA DO ARARIPE: conhecer, preservar e formar gestores de educação patrimonial**”, enviado ao MinC, em 2007, que já está sendo executado pela FCG. O objetivo geral desse projeto é:

Identificar os bens culturais de natureza material e imaterial, os sítios arqueológicos e mitológicos do Cariri para formação de um banco de dados que revelará o Patrimônio Cultural e a evolução da ocupação populacional da Chapada do Araripe em sua pré-história, servindo de instrumento para a aplicação das políticas públicas de preservação do IPHAN. (PROJETO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, FCG, 05/11/2007).

Trazemos este projeto para nossa reflexão, porque ele sintetiza o que estamos tentando mostrar com relação às interfaces da educação não formal com a educação patrimonial, presentes na Fundação Casa Grande. É a própria FCG que (re)afirma o compromisso com a cultura local a partir da concretização de um projeto de Educação Patrimonial.

3.3. Educação, identidade e cultura: ser um “menino” ou uma “menina” da FCG

A metodologia da História Oral proporciona o registro de uma quantidade diversificada de narrativas e de experiências de vida. Estas, no conjunto, formam um todo democrático que o pesquisador leva ou deve levar em conta na construção do seu trabalho de pesquisa. A amplitude de fontes, no entanto, exige recortes e escolhas que constituem uma seleção não arbitrária, posto que está de acordo com os objetivos da pesquisa e com os preceitos metodológicos escolhidos, mas que, mesmo assim, implicam em lacunas.

Falar de educação, identidade e cultura faz-nos lembrar Brandão (1995) quando afirma não existir uma única forma, nem um modelo único de educar, que a escola não é o único e talvez não seja o melhor lugar onde a educação aconteça. Por tudo que vivenciamos e escrevemos até aqui, podemos dizer que a FCG tem um jeito próprio e diferente de fazer educação e que este jeito está atrelado a uma construção simbólica que lhe dá identidade. Compreendemos que a mesma é organizada tal como uma região, a partir da “idéia de região” dada por Bourdieu (2007). A FCG possui bandeira, hino, farda,

Mas, mais profundamente, a procura dos critérios ‘objetivos’ de identidade ‘regional’ ou ‘étnica’ não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) são objeto de *representações mentais*, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objetivas em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter desta propriedade e dos seus portadores. (BOURDIEU, 2007, p.112).

Aferimos que a prática social de seus membros atribui sentido aos seus símbolos quando, por exemplo, abordamos uma adolescente que havíamos selecionado para entrevistar, sem marcar dia e hora, devido à proximidade que tínhamos com a jovem por causa de nosso relacionamento no dia-a-dia na FCG. Pensando também na espontaneidade das falas, perguntamos a ela se poderíamos conversar “agora”. Ela disse “hoje não, deixa para quando eu vir de farda (era uma segunda-feira, dia de lavar a farda), tá?”

Podemos dizer que a farda identifica o menino/menina da FCG. Ele/ela está apto a recebê-la quando: cumpre horários, chega limpinho, participa das atividades, não falta sem justificativa, é disciplinado. Nas palavras de um ex-menino, “a farda é a medalha da Casa Grande” e, assim como se ganha, também se perde se passar a descumprir as normas da Casa.

A entrega da farda é um momento solene. As fotos (80 e 81) a seguir representam este momento, que acontece na primeira sala do Memorial do Homem Kariri. Lembrando ao leitor que, em momento anterior, destacamos a importância desta sala para os frequentadores da FCG. Para eles, as decisões importantes, as reuniões acontecem lá no “lugar onde tudo começou”.



Fotos 80 e 81 – Dois momentos: Antes e depois da entrega da farda. No primeiro momento, o diretor entrega a farda a um menino, que sai com sua sacola para trocar de roupa. Depois, num segundo momento, o menino retorna ao local da festa vestido com o uniforme. Vestir o uniforme representa para a criança passar a ser efetivamente um menino da FCG, portanto, é motivo de orgulho e de responsabilidade. - Arquivo pessoal da pesquisadora - 19/12/2007.

Em Souza (2007, p. 169), podemos apreender que os artefatos são produtos do trabalho humano e apresentam sempre duas facetas: uma função primária (utilidade prática) e funções secundárias, que são simbólicas. Assim, implica considerá-los como parte da cultura material que confere aos objetos um significado humano. A farda da FCG abriga, pois, ambas as funções citadas: sua utilidade prática e sua simbologia, que é expressa nas cores vermelha e branca, e com o que eles consideram ser o símbolo das pinturas rupestres da região do Cariri cearense. Também o ritual de entrega é parte do simbolismo que ela representa. Assim, segundo o seu fundador, o uniforme simboliza “a leitura antropológica” do lugar.

As cores com as quais a FCG é pintada também expressam significados, segundo Rosiane⁹⁵, o azul e o amarelo são as cores originárias da Casa Grande, da fazenda Tapera. O vermelho (ocre), que está na parte interna das paredes da ONG, é a cor da pintura rupestre e o branco, que também está no interior da casa, representa o homem. O amarelo, que é a cor (externa) do educandário XV de Novembro, cujo conjunto arquitetônico foi incorporado à FCG, como mencionamos no capítulo 1, foi preservado. Para que o leitor possa visualizar melhor o que acabamos de descrever, colocamos em seguida o selo da FCG, que traz as cores: azul, amarela, branca, vermelha e, no centro, uma representação das pinturas rupestres, que também estão na entrada da Casa Grande.



Foto 82 – Insígnia da Fundação Casa Grande - FCG

Ainda segundo Rosiane, o símbolo tem o azul e o amarelo da Casa. Na parte central, as platibandas e a união do símbolo da pintura rupestre (em vermelho), que é o mesmo símbolo da farda dos meninos e a estrelinha acima é do Educandário.

Então, a Casa Grande é assim, um país, tem o hino, tem a bandeira, tem também sua filosofia, seu pensamento, que é o que permeia tudo. Aqueles meninos e meninas que crescem ali dentro, não possuem só uma escola em que se vai para aprender, mas adquirem um vínculo sentimental com a Casa. Os que estão lá há mais tempo eles já têm esse vínculo sentimental com a Casa (Rosiane, entrevista concedida em 14/12/2006).

⁹⁵ Entrevista concedida em 14/12/2006.

Através do processo educativo da FCG, meninos e meninas passam a ter outro olhar sobre as coisas e sobre o ambiente em que vivem. Percebem e passam a valorizar o que o artefato cultural representa.



Foto 83 – Bandeiras do Brasil e da FCG. Gravado em pedra, na base, música “Essa Casa” de Moraes Moreira adotada como hino da ONG.

Na produção de gibis, nos documentários, nas entrevistas, no contato com o outro que vem de fora, podemos inferir que a atitude de ser um menino ou menina da Casa Grande implica, dentre outras coisas, desenvolvimento do sentimento de pertencimento à ONG.

Um jovem universitário, menino da FCG, hoje, contou-me sobre ser a Casa Grande, para ele, uma escola sem sala de aula e sem tempo prévio para aprender. Falou da importância da união entre teoria e prática nas atividades que eles fazem na FCG. Contou e já me mostrou no computador uns documentários em vídeo que estão fazendo para a TV Futura. Estão com quatro documentários prontos sobre: Telma (uma artista do Crato, que teve seus quadros expostos em Paris); Patativa do Assaré (poeta); Potengi (a cidade dos ferreiros); e o Geopark Araripe. Este último deixou-me preocupado por não saber o que significava, mas aprenderam ouvindo os professores para filmar e filmando na Chapada, identificando, ao longo do Geopark os geotopos. (D.C. 15/02/2008).

Dentre os documentários que tratam da cultura local produzidos na FCG para serem exibidos na TV Futura, até 16/04/2008, podemos citar, dentre outros “A Mitologia no Cariri: a “Retratista Saraiva”; “Assaré do Patativa”; “Geopark Araripe”; “Maneiro Pau”; “Potengi, a Cidade dos Ferreiros”; “Exu, de Luiz Gonzaga”. A foto a seguir (84) foi feita durante a edição de um desses documentários, em que o jovem falou-nos do desafio que é filmar cada um desses temas sem dominá-los. Porém, no processo de execução do trabalho, é que aprendem sobre eles, unindo prática e teoria. O que não quer dizer que o trabalho não tenha um plano a ser seguido, pois as ações da FCG exigem disciplina e organização.

Um tema novo para ele foi o “Geopark”, o primeiro da América Latina. Foi concebido com o apoio da UNESCO e tem por objetivo, como os demais 53 Geoparks do mundo: dar visibilidade à riqueza existente sobre o solo e estimular o desenvolvimento da pesquisa, do turismo e das culturas regionais.



Foto 84 – No laboratório de produção, jovem edita vídeo-documentário para o canal de televisão Futura - Arquivo pessoal da pesquisadora – 16/04/2008.

Como uma identidade é definida a partir do que lhe é exterior, segundo as leituras que fizemos e conversando com a comunidade local, abstraímos dos depoimentos colhidos que os meninos da FCG são diferentes, porque “aprendem muita coisa lá”. Para o pároco local, eles ajudam quando há a necessidade de revisão do som da igreja. Na visão dos professores, a

responsabilidade deles é maior, porque são do projeto e daí devem ser mais “cobrados”. Também compreendem quando eles precisam faltar para comparecer a alguma atividade da FCG. Os pais consideram-nos organizados e acreditam que, com o que aprendem, eles/elas vão conseguir melhores condições de vida no futuro. A comunidade reconhece-os, mesmo aqueles que criticam o fazer da FCG. Admitem a potencialidade dos seus meninos e meninas. Os turistas e estudiosos encantam-se, vêem a FCG como possibilidade de transformação social. Parte da mídia aponta-os ora como crianças em situação de risco, ora como protagonistas de uma história que une sertão e tecnologia, numa alusão ao antigo (arcaico) e ao novo (moderno).

As escolas torcem o nariz para um menino da Casa Grande quando ele apresenta dificuldades (conversas, notas baixas...). Dizem: “mas esse menino é da Casa Grande!”. Eu acho que é um menino como outro qualquer, que erra, tem dificuldade em Matemática. Na hora da aula, tem vontade de conversar com um colega. Por outro lado, é um menino que você não vai encontrar numa festa, de porre, não vai falar sobre bebida na hora da aula (Professora e ex-menina, entrevista concedida em 19/10/2007).

Meninos e meninas da FCG vêem-se como crianças, adolescentes e jovens que querem ser reconhecidos e valorizados por suas conquistas, que advêm do esforço pessoal de cada um, embora haja a disponibilidade do conhecimento adquirido na FCG. Uma dúvida permeia o pensamento de uma jovem, quando nos conta que o seu irmão passou em um concurso público por esforço próprio, e as pessoas comentam que foi “só porque Alemberg deu um empurrão, é a questão do estigma do nome da Casa Grande”. “Até quando ele é bom e até quando ele prejudica a gente?” E ela mesma responde: “o nome da Casa Grande é um nome que abre muitas portas, até hoje abre as portas para mim”⁹⁶. Consideramos interessante colocar que seu irmão, hoje, diretor cultural do SESC-Crato, no final de semana, de farda, volte a ser menino da Casa Grande.

O grupo que é parte de sua primeira geração, professores, diretores culturais, jovens universitários, evidenciam que a ação educativa da FCG foi fundamental em suas conquistas. E aqueles que saíram deixaram e levaram as marcas de suas passagens pela Casa Grande.

Por isso que eu digo, não tem nada que eu tenha aprendido na Casa Grande que eu não use na minha vida. Tudo o que eu uso, seja na vida profissional ou na pessoal, faz parte de lá, local em que fiquei por treze anos. A parte que mais gostei foi da TV e da editora. Era o meu irmão que me acompanhava como câmera. (jovem, professora, entrevista concedida em 19/10/2007)

⁹⁶Entrevista concedida em 19/10/2007

Hoje, eu, com essa convivência, com esse sistema de gestão da Casa Grande, aprendi a lidar com pessoas, a interagir, a chegar aos lugares, a tomar de conta de eventos, de festivais. Outra coisa que a gente aprendeu foi chegar e se colocar no lugar do chefe. Isso é uma questão de cidadania. Cumprir com as responsabilidades, chegar nos locais nos horários certos. Freqüentar ambientes legais, assim, a gente chega aonde é solicitado, tipo: vamos precisar aqui de serviço de beltrano ou de cicrano que é da Casa Grande. Assim, a gente tem chegado nesses lugares e já assume responsabilidades bem avançadas e sentimos um certo, porque, hoje, alguns jovens aqui da Casa Grande já vão prestar serviços aqui para o SESC, BNB. A gente está começando a entrar no mercado de trabalho, porque tem tudo isso e, de certa forma, você vai se destacando em determinada área, isso, naturalmente, vai acontecendo porque você passa por uma série de laboratórios aqui na Casa Grande e, no final, você se identifica com algum e se dedica mais a ele, certo? (Jovem, entrevista concedida em 19/10/2007)

Os depoimentos evidenciam o que tratamos no decorrer desta pesquisa e reafirma a questão “trabalho X educação”, “educação patrimonial” e “disciplina”. A educação que um menino ou menina da FCG recebe dos objetos, das coisas, da realidade física, intelectual e moral em que vive, torna-o corporalmente aquilo que é e será por toda a vida. No *blog* da FCG, os meninos mostram-se ao público. São eles por eles:

“Oi! Sou lêdo, tenho 11 anos faço parte da Casa Grande a 1 ano. Sou recepcionista e gerente do memorial gosto muito de brincar de bola, bila, no parquinho e etc. Mas uma das coissas que mais gosto e das minhas amizades na Casa Grande com meus amigos e tambem gosto de fazer novas amizades com o pessoal que vem nos visitar”.

“Olá, sou aécio tenho 23 anos e venho nessa minha caminhada em busca dos meus ideais, sonhos e fazer aquilo que me faz bem de verdade. Gosto de viajar, fazer novas amizades, brincar, lêr, assistir, ouvir música e tocar música. São coisas que faço no meu dia-a-dia. Sou gerente do Teatro Violeta Arraes Engenho De Artes Cênicas e faço um programa de rádio onde toco músicas instrumentais! Toco contrabaixo, faço parte do concelho cultural da Casa Grande! uma ONG que já venho estudando há um tempo. E por aí vai, O blog vai ser mais um meio de conhecer pessoas legais ampliando minha visão das pessoas. Valeu!”

“Sou Aureliano Souza tenho 22 anos faço parte da Fundação Casa Grande de Nova Olinda Ceará, gosto de arqueologia e de fazer Amizade e de ler gibi, brincar, assitir filme, jogar Xadrez e ouvir música. Sou Gerente do

Memorial do Homem Kariri e Membro do Concelho Cultural da Fundação Casa Grande”.

“Meu nome é Felipe e tenho 9 anos, faço parte da Casa Grande e aqui eu faço programa de rádio, acesso a internet e a minha função é receber os turistas e também eu me divirto com meus amigos. Aqui eu aprendi muitas coisas novas e isso é o que eu tenho para falar e espero que vocês tenham gostado!”

Cada criança tem uma razão individual para sua entrada/permanência no projeto, mas há uma razão que perpassa todas as existentes: a busca por melhores oportunidades de vida que, numa cidade pequena, sem muitos atrativos, é suprida na FCG.

Gerentes, auxiliares, membros do conselho, recepcionistas do museu, músicos... Crianças, adolescentes e jovens, ensinando e aprendendo, praticando a grande lição a nós dada por Paulo Freire, “a de que ‘ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo’”. Os meninos e meninas constroem conhecimentos, mas estes também os constroem. São as transformações que sofrem do ponto de vista cognitivo e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas já falei demais, não é? Não pretendo ter dito tudo, mas não se deve deixar a outros a alegria da descoberta? Ficaria bem satisfeito se tivesse conseguido, com meus raciocínios de bom senso, instigar os educadores para os métodos de vida...

Celestin Freinet

São duas sensações extremas e conflitantes quando se inicia um trabalho de pesquisa: a escrita de um texto e a sua realização no ato da entrega. A primeira traduz euforia, alegria, entusiasmo, a segunda, receio, dúvida se, entre o planejado e o feito, as ações foram efetivamente realizadas. Se houve clareza, lucidez, cuidado científico na escrita. Em meio a isto, há todo um período laboral em que o desafio de decifrar o objeto a ser pesquisado, na leitura das coisas, nas paisagens, nos gestos, nos atos, nas palavras e nas imagens, descortina possibilidades, impossibilidades, encantamentos e desencantamentos que, ao longo do percurso, o pesquisador, imbuído de seus objetivos, com referenciais teóricos e metodológicos definidos, tenta administrar: fazendo melhores seleções, optando por fontes que permitam uma melhor análise e interpretação que, na escrita final do texto, será sempre uma escolha do pesquisador, envolvendo permissões, opções, omissões, às vezes consciente, às vezes não.

A opção pela metodologia da História Oral, além das inúmeras possibilidades de abordagem que esta sugere, deu-se também, neste trabalho de pesquisa, em virtude da complexidade do nosso objeto. As experiências dos integrantes e não integrantes da FCG, reveladas em narrativas do presente, condensam passado e futuro, formam/revelam o cerne da FCG, sua identidade, sua história, sua cultura cotidiana traduzida em suas práticas educativas.

Do pesquisador também depende a forma como irá refletir seu objeto de pesquisa no texto final, se com fotografias, desenhos, com a textualização da falas. Na escrita do texto, há todo um processo em que se busca transmitir uma mensagem e que, ao fazê-lo, os limites éticos fazem-se presentes e, ainda assim, ao expor os sujeitos pesquisados e seus contextos de vida, corre-se o risco de ouvir falas que questionem o tempo de pesquisa, a distância real entre o pesquisador e o contexto. Afinal, quem é o pesquisador? Aquele que, em determinado período, convive com um grupo, interage com ele, estabelece diálogos, teoriza silêncios, mas que não pertence ao grupo. No entanto, esse “não pertencer” é o que permite o “pasmó essencial” do olhar, que não se efetiva de forma aleatória, mas com focos pré-determinados.

O que essa pesquisa procurou mostrar é como, nas práticas educativas da FCG, as vivências e relações entre crianças, jovens e adultos estão permeadas por uma lógica específica, fortemente marcada pela racionalidade administrativa, em um ambiente educativo não-formal que contém vieses de formalidade.

No cotidiano dessa ONG a maleabilidade em relação aos conteúdos de aprendizagem, liberdade de ação e de criação, não se dão separadas do planejamento, da disciplina e da ordem. As vivências proporcionadas em seus espaços educativos contribuem na formação de valores de auto-estima, autoconfiança, identidade e edificação de projeto de vida.

Um menino/menina da FCG tem sonhos, projetos a serem concretizados. Estes sonhos atrelados a união teoria e prática nos fazeres cotidianos dessa ONG produzem no nosso entender os ingredientes necessários ao ensino em qualquer contexto: auto-estima, identidade, sentido, ética, autonomia e segurança. Daí que a educação formal tem muito a aprender com a chamada “educação não-formal”, na escola é preciso dar oportunidade para que o desejo possa surgir; incitar o potencial criativo da criança, adolescente, jovem e adulto; gerar circunstâncias favoráveis ao diálogo entre idades, gêneros, etnias, na certeza de que todos têm algo a ensinar e a aprender; encontrar o sentido do conhecimento veiculado e acreditar que a educação de fato promove cidadania.

Segundo Bunales (2002, p. 71) “uma crise sempre é prenúncio de um nascimento”, fazemos uso dessa frase, para lembrarmos a crise da escola formal que discutimos no primeiro capítulo desse trabalho e ressaltarmos que esta pode anunciar o nascimento de uma escola que valorizando as experiências advindas da chamada educação não-formal, utilizando-se dos seus espaços, possa encontrar novos caminhos para ser mais democrática; produzir conhecimentos com sentido aliando teoria e prática; valorizar e contribuir na preservação dos saberes do povo (empíricos) sem deixar de difundir o chamado conhecimento científico, que como já dissemos, em nossa sociedade, é condição de cidadania.

A observação da construção dos processos educativos da FCG mostrou que as crianças precisam dos jovens para ir aprendendo, o jovem necessita da criança para projetar-se e ir adquirindo segurança em seu processo de responsabilização como membro/líder de um grupo. Os adultos precisam das idéias das crianças e dos jovens para dar continuidade aos seus sonhos de criança. E, no diálogo com/entre todos estes atores e protagonistas sociais, facilmente descobrimos a importância da FCG em suas vidas, como local de realização de sonhos e projetos.

No processo de conhecimento, eles/elas significam a teoria que aprendem e até mesmo a reformulam quando necessário, numa relação dialética em que prática não pode abdicar de teorias, mas pode, quando necessário criar/ressignificar conhecimentos.

Tomando por empréstimo os passos metodológicos da educação patrimonial, que foram constantes em todo o percurso: a *observação*, o olhar atento e aguçado, que busca descobrir e “estranhar” no “cotidiano” aquilo que é “habitual”; o *registro*, feito no diário de campo, nos cadernos de anotações, na filmadora, no gravador e na máquina fotográfica, que têm o poder de registrar o indizível. Com todo o aparato utilizado na tentativa do não esquecimento que possibilita a exploração e a apropriação, passamos a discorrer os caminhos que esta pesquisa trilhou e as direções a que estes apontam.

O entrar na Casa, mencionado no capítulo I, implicou em uma leitura de sua história, quando optamos por analisar o seu crescimento a partir da ótica do chamado “terceiro setor” e das políticas culturais. Apreendemos, com a discussão posta, que, quando bem efetivada, a parceria Estado e sociedade civil organizada, retratada em ONGs, pode gerar um trabalho sério e comprometido com a questão social. A FCG faz isso, de maneira que os meninos e meninas, que nela entram/permanecem, encontram, em seu meio, segurança e confiança. É como se ela desse oportunidade para que seus desejos e sonhos pudessem/possam fluir. Eles/elas sentem que são reconhecidos na sua capacidade de criar, fazer, de ter direitos e deveres. Eles/elas vivenciam cidadania.

Na busca de compreendermos a FCG como um espaço educativo não-formal, evidenciamos que, embora os conceitos desta modalidade educativa estejam sendo trabalhados por muitos e diversos autores, eles ainda não dão conta de explicá-lo. A FCG constitui-se num bom exemplo desta afirmativa: a não formalidade de suas práticas educativas evidencia contradições, quando, por exemplo, a questão disciplinar faz-se presença constante. A disciplina nesta ONG é evidenciada num código de condutas, escrito e/ou verbalizado, mas efetivamente vivenciado, que lhes dá sustentação, mas que, ao mesmo tempo, e isso consideramos uma fragilidade do projeto, limita o seu público. A limitação de pessoas atinge especialmente o público feminino, posto ser a mulher mais requisitada no ambiente familiar, na ajuda dos afazeres domésticos e no cuidado com os irmãos mais novos, o que pode vir a justificar o fato de a FCG possuir mais meninos que meninas em seu ambiente educacional.

Os elementos da educação formalizada também são partes do aparato disciplinar da FCG, como o controle de horário, o fardamento, as sanções diante das faltas cometidas, regras que contrariam os princípios da educação não-formal explicitados pelos autores trabalhados ao longo desta pesquisa. Tais elementos evidenciam que a educação não-formal não se faz

independentemente da educação formal, ao que defendemos que a troca entre ambas é uma necessidade do mundo atual, posto o reconhecimento mútuo do valor de cada uma no desenvolvimento integral de meninos e meninas no âmbito da FCG e das escolas que constantemente a visita.

No cotidiano, os saberes e os fazeres da FCG estão atrelados ao mundo do trabalho, com as concepções que traduzem este mundo: planilhas, planejamento, metas, constância, resultados e gerentes de ambientes. É o funcionamento da “escola de gestão”, onde o aprender está ligado ao desenvolvimento de habilidades e competências, não desvincilhando o saber do conhecer, do fazer e do conviver. Pretende-se, com isso, que os meninos e meninas, internalizando saberes e valores, pratiquem-nos também em ambientes externos à FCG, como na família, na escola, na sociedade em que vivem; que, no futuro/presente, ao assumir trabalhos reais, estes meninos e meninas sejam “modelos” e consigam galgar sempre novos horizontes.

Os pais devem concordar com a filosofia da FCG, que, pelo que podemos aferir, adota uma metodologia participativa em que todos, meninos, meninas e familiares, participam do processo educativo. Embora não exista um pedido formal de matrícula por parte dos pais, pois é o menino e/ou menina que decide querer ir/ficar na ONG, os pais devem conhecer e aceitar a proposta socioeducativa da FCG, assinando um termo de “solicitação de matrícula de dependente”, conforme tratamos no capítulo II.

O envolvimento dos pais via cooperativa de pais e amigos da Casa Grande, evidencia um emaranhado de relações que envolvem a comunidade local e influencia suas vidas, posto que as pousadas domiciliares estão espalhadas por toda a cidade.

O aparato comunicativo (rádio, cinema, teatro, notícias e documentários) da FCG também atinge toda a cidade. Embora a pesquisa tenha evidenciado haver “certa” distância entre a FCG e seu entorno, imaginar (para aqueles que a consideram em alta conta ou não) a cidade de Nova Olinda sem ela é praticamente impossível. Os seus meninos e meninas são da cidade e estudam nas escolas da cidade. Seus pais trabalham e vivem na cidade. Dessa forma, o que acontece na FCG ultrapassa seus muros, movimenta e dá vida ao local, trazendo novas perspectivas de ação aos seus habitantes. Também, projeta a cidade em âmbito nacional e internacional.

A educação patrimonial, presente em seus saberes e fazeres cotidianos, propicia aos meninos e meninas o desenvolvimento de um sentimento de pertença que, ao longo de suas vidas, pode se traduzir em práticas de cidadania consciente e atuante na preservação do patrimônio material e imaterial na região do Cariri cearense.

O que essa pesquisa quis mostrar foi como, no cotidiano da FCG, engendram-se práticas educativas não-formais, permeadas por uma lógica específica que lhe dá autenticidade. Freire (2000) definiu que o ato de ensinar efetiva-se na criação de oportunidades e possibilidades de criação e produção própria de saberes e fazeres. Foi isso que encontramos em meio a toda complexidade do nosso objeto pesquisado.

REFERÊNCIAS

a) Bibliográficas:

ACIOLI, Socorro. *Fundação Casa Grande: comunicação para a educação*. Fortaleza-CE, 2000. 75 p. Monografia (Curso de Comunicação Social) Universidade Federal do Ceará.

AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da Educação não-escolar: reatualizar um, objecto ou construir uma nova problemática? In: A. J. Esteves e S. R. Stöer (orgs.), *A sociologia na escola – Professores, educação e desenvolvimento*, biblioteca das ciências do homem. Porto: Afrontamento, 1989.

ALBERTI, Verena. História Oral e Arquivos. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, Patrimônio e Memória, Trajetórias e Perspectivas*. 3 reimp. São Paulo: UNESP: FAPESP, 1999. (Seminários e Debates)

_____. *Ouvir e Contar*, Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Melo. Por que visitar museus. In: BITTNECOURT, Circe (org.), *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1998 (repensando o ensino)

ALVES, Rubem. *A Escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir*. 9 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

AMADO, Janaína. *A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral*. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo: PUC. N15, abril 1997.

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. 14 ed.: São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção primeiros passos; 36)

ARAÚJO. Pe. Antonio Gomes de. *Povoamento do Cariri*. Crato – Fortaleza- Ceará: Imprensa universitária da Universidade Federal do Ceará, 1973. (Coleção estudos e pesquisas, volume VI)

AZEVEDO, Fábio Giorgio Santos. *Tecnologias de transmissão cultural: a experiência da “escola” de comunicação Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri*. Salvador – BA. 2005. 250 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal da Bahia.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BARREIRO, Júlio. *Educação Popular e Conscientização*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

BEBBINTON, Anthony. Reflexões sobre a relação norte-sul na construção de conhecimentos sobre as ONGs na América Latina. In: *ONGs e universidades, desafios para a cooperação na América Latina*. São Paulo; Abong; Petrópolis, 2002.

- BENCOSTTA, Marcus Levy (org.) *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BINTTENCOURT, Circe (org.). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 3 ed. São Paulo: contexto, 1998 (Repensando o Ensino)
- BOUDENS, Emile. *Homeschooling No Brasil*. Câmara dos Deputados. Consultoria Legislativa. Brasília, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *As Flores de Abril, movimentos sociais e educação ambiental*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005 (Coleção Educação Contemporânea)
- _____. *O que é educação*. 33ª. São Paulo: Brasiliense, 1995 (Coleção primeiros passos)
- BRASIL Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997.(v.5)
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF,1997.(v.8)
- BUNALES, Roger. Saberes e Cidadania na Cidade. In: APAP, Georges [et al]. *A construção dos saberes de cidadania: da escola a cidade*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história, novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992 (Biblioteca Básica).
- _____. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- COSTA, Frederico Lustosa da. *Plano de Ação da Bacia Cultural do Araripe para o Desenvolvimento Regional*.Fortaleza, SECULT, 2006.
- CRUZ, Anamaria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. *Trabalhos acadêmicos, dissertações e teses: estrutura e apresentação*. (NBR 14724/2002) Niterói: Intertexto, 2003.
- CURY, Cláudia Engler. *Políticas culturais no Brasil: subsídios para lembrar construções de brasilidade*. Campinas, SP: [s.n.], 2002. 175 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas.
- DAMASCENO, Maria Nobre. A Formação da Juventude: Educação e Cidadania no Contexto da Diversidade Cultural. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. (Org.) *Movimentos Sociais Educação Popular e Escola: a favor da diversidade*. Fortaleza: Editora UFC, 2003. (Coleção Diálogos Intempestivos, v. 13)

- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral*, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006 (Leitura, escrita e oralidade)
- DELORS, Jaques. *Educação, um tesouro a descobrir*. Trad. José Carlos Eufrázio. 4 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2000.
- DIAS, Ana Iorio. *Ensino da Linguagem no currículo*. Fortaleza, CE: Brasil Tropical, 2001 (Coleção para professores nas séries iniciais; v 5)
- DIMENSTEIN, Gilberto [et al]. *Escola sem sala de aula*. Campinas, SP: Papyrus, 2004 (Coleção Papyrus Debates).
- DOWBOR, Ladislau. *Tecnologias do Conhecimento*, os desafios da educação. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- EBOLI, Terezinha. *Uma Experiência de Educação Integral*, Centro Educacional Carneiro Ribeiro. 4 ed. Rio de Janeiro, Grynphus, 2000.
- FAURE, Edgar. *Aprender a ser*. Trad. Maria Helena Cavaco, Natércia Paiva Lomba. 2 ed. São Paulo: Difusão Editorial do Livro; Lisboa, Portugal: Livraria Bertrand; UNESCO, 1972.
- FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2008 9Biblioteca da educação, Série I, Escola; v.11)
- FERNANDES, Renata Sieiro. *Entre Nós o Sol*: relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não-formal. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente*: desafios. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.
- FILHO, José Lourenço. *Juazeiro do Padre Cícero*. 3 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. (obras completas de Lourenço Filho, v. 1)
- FILHO, Luciano Mendes de Faria (Org.). *Arquivos, fontes e novas tecnologias*, questões para a história da educação. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000 (Coleção Memória da Educação)
- _____. Fazer História da educação com E. P. Thompson: trajetórias de um aprendiz. In: FILHO, Luciano Mendes de Faria (org). *Pensadores Sociais e História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 32 ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FRAGO, Antonio Viñao & ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade*: a arquitetura como programa. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 1998.

- FRANCO, Luis A. C. A Disciplina na Escola. In: *Problemas de Educação Escolar*. São Paulo CENAFOR, 1986.
- FREINET, Celestin. A educação do Trabalho. Trad. Maria /Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (Psicologia e Pedagogia)
- _____. *Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular*. Trad. Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Psicologia e Pedagogia)
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa*. 16 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 2000.
- FREITAS, Marcos Cesar de. História da Infância no pensamento social brasileiro. Ou, fugindo de Gilberto Freyre pelas mãos de Mário de Andrade. In: FREITAS, Marcos Cesar de. (org.). *História Social da Infância no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FRONZA-MARTINS, Aglay Sanches. Museu de Arte e Educação Não-formal: aproximações ou afastamento? In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs.). *Educação Não-Formal: Contextos, Percursos e Sujeitos*. Campinas, SP: Unicamp CMU; Holambra, SP: Editora Setembro, 2005.
- GADOTTI, Moacir. *A educação contra a educação. O esquecimento da educação e a educação permanente*. 4 ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Pedagogia da Práxis*. 4 ed. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.
- _____. *Perspectivas Atuais da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- GARCIA, Pedro Benjamim...[et al]. *O Pêdulo da Ideologias: a educação popular e o desafio da pós-modernidade*. Tradução Jorge Vicente Muñoz, Cristiane Menezes Muñoz. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. (Educação Popular hoje;1)
- GARCIA, Valéria Aroeira. Um sobrevôo: o conceito de educação não-formal. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs.) *Educação Não-Formal: Contextos, Percursos e Sujeitos*. Campinas, SP: Unicamp CMU; Holambra, SP: Editora Setembro, 2005.
- GENTILI, Pablo. A complexidade do óbvio: a privatização e seus significados no campo educacional. In: SILVA, Luiz Heron da. (org.). *A Escola cidadão no Contexto da globalização*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação Não-Formal e Cultura Política*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005 (Coleção questões da Nossa época; v. 71)
- _____. *Movimentos sociais e Educação*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção Questões de Nossa Época, v. 5)

- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9 ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1995
- GRUNBERG, Evelina. *Manual de atividades práticas de Educação patrimonial*. Brasília,DF: IPHAN, 2007.
- GRUPPI, Luciano. *Tudo começou com Maquiavel*; Trad. Dario Canali. 14 ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- HADDAD, Sérgio (org.). *Banco Mundial, OMC e FMI: o impacto nas políticas educacionais*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. (org.) *ONGs e Universidades, desafios para a cooperação na América Latina*. São Paulo: Abong; Petrópolis, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. J. *O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo*. Trad. Heloísa Buarque de Almeida. *Revista Novos Estudos*, São Paulo, CEBRAP, n43, Nov. 1995, p. 103-112.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. 3 ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 2006.
- ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. 3 ed. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1973
- INSTITUTO Itaú Cultural. *Educação de saberes, poderes e querereres*. São Paulo: Itaú Cultural, 2006 (Rumos Educação Cultura e Arte, 1)
- JUNKER, Buford H. *A importância do trabalho de campo*. Rio de Janeiro: Lidador, 1971. (Coleção Societas. Introdução às Ciências Sociais. v. 9)
- KAUFMAN, Ana Maria. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- KILPATRICK, Willian H. *Educação para uma Civilização em Mudança*. 12ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.
- KRAWCZYK, Nora; CAMPOS, Maria Malta; HADDAD, Sérgio (orgs.). *O cenário educacional latino-americano no limiar do século XXI, reformas em debate*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000 (Coleção educação contemporânea)
- LANDIM FILHO, Raul. *Educação e Conscientização*. In: Fávero, Osmar. (org.). *Cultura popular e educação popular memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- LANDIM, Leilah. *Múltiplas Identidades das ONGs*. In: Haddad, Sérgio (org.) *ONGs e Universidades: desafios para a cooperação na América Latina*. São Paulo: Abong; Petrópolis, 2002.

- LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; Toschi, Mirza Seabra. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003 (Coleção Docência em Formação)
- LIMA, Licínio C. *Educação ao longo da vida, entre a mão direita e a mão esquerda de Miró*. São Paulo: Cortez, 2007.
- LIMAVERDE, Rosiane. *Os registros Rupestres da Chapada do Araripe, Ceará - Brasil*. Recife, 2006. 356f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia e Preservação do Patrimônio) – Universidade Federal do Pernambuco.
- LOPES, Eliane Maria Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001 (O que você precisa saber sobre).
- MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2006. (série pesquisa v.15)
- MANFREDI, Silvia M. *A educação Popular no Brasil: uma Releitura a Partir de Antonio Gramsci*. In: Bezerra, Aínda; Brandão, C. R. (org.). *A questão política da Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. *Pesquisa Educacional, o prazer de conhecer*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.
- MEGALE, Nilza B. *Folclore Brasileiro*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MEKSENAS, Paulo. *Cidadania, poder e comunicação*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MELO NETO, José Francisco. Educação popular: uma ontologia. In: SCOCUGLIA, Afonso; MELO NETO, José Francisco (orgs.). *Educação popular: outros caminhos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.
- MESQUITA, Ana Carolina [et al]. Educação de saberes, poderes e querereres. São Paulo: Itaú Cultural, 2006 (Rumos Educação Cultura e Arte, 1)
- MEYHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *História Oral, como fazer, como pensar*. São Paulo: contexto, 2007.
- MÉZÁROS, István. *A Educação Para Além do Capital*; trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MONTAGNER, Rosângela; CUNHA, Jorge Luiz da. *História Oral: uma metodologia para a história da educação*. In: IV Congresso Iberoamericano de História de La Educación Latinoamericana. *Anais*. Chile: Universidad Católica de Santiago de Chile, 05, 1998.
- MONTAÑO, Carlos. *Terceiro Setor e Questão Social, crítica ao padrão emergente de intervenção social*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1994 (Caminhos da História)
- MUÑOZ, César. *Pedagogia da Vida Cotidiana e Participação Cidadã*. São Paulo: Cortez, 2004.
- NAJJAR, Rosana. *Arqueologia Histórica: manual*. Brasília: IPHAN, 2005.
- NORONHA, Isabelle de Luna Alencar; CURY, Cláudia Engler. Educação não-formal, experiência do interior cearense. In: Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 18. 2007. Maceió. *Anais...Maceió:UFAL*, 2007.
- OLINDA, Ercília Maria Braga de. Narrativas juvenis na reconstrução da história de uma instituição educativa: o caso da Fundação Casa Grande. In: DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celecina de Maria Veras (coord.). *O caminho se faz ao caminhar*, elementos teóricos e práticos na pesquisa qualitativa. Fortaleza: Editora UFC, 2005.
- _____. A construção coletiva de um objeto de estudo a partir da integração entre ensino, pesquisa e extensão. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Movimentos Sociais*, Educação Popular e Escola, a favor da diversidade. Fortaleza: Editora UFC, 2003.
- _____. *Participação autônoma e solidária: caminho para a constituição do ser mais juvenil*. In: OLINDA, Ercília Maria Braga de; FIGUEIREDO, João Batista de A. (orgs.) *Formação Humana e Dialogicidade em Paulo Freire*. Fortaleza: Editora UFC, 2006.
- OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. *Escuta sonora: educação não-formal, recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias*. Campinas, SP: [s.n.], 2002. 262 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cultura é patrimônio: um guia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. In: BITTNECOURT, Circe (org.), *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1998 (repensando o ensino)
- ORTIZ, Renato. *Um outro território, ensaios sobre a mundialização*. 2 ed. Ampl. São Paulo, SP: Olho d'água, 2000
- OZMON, Howard A.; CRAVER, Samuel M. *Fundamentos Filosóficos da Educação*. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PACHECO, José. *Escola da Ponte, Formação e Transformação da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 (coleção Transições)
- PADILHA, Paulo Roberto. *Educar em Todos os Cantos, Reflexões e Canções Por Uma Educação Intertranscultural*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2007.

- PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs.) *Educação Não-Formal: Contextos, Percursos e Sujeitos*. Campinas, SP: Unicamp CMU; Holambra, SP: Editora Setembro, 2005.
- PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino, identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.
- PESSOA, Fernando. *O Eu profundo e os outros eus*. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PINTO, Ana Lúcia Guedes; PARK, Margarete Brandini. Ética e história Oral: subsídios para um trabalho com populações em situação de risco. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs.) *Educação Não-Formal: Contextos, Percursos e Sujeitos*. Campinas, SP: Unicamp CMU; Holambra, SP: Setembro, 2005.
- PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho*. Algumas reflexões sobre ética na História Oral. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo: PUC. N15, abril 1997
- PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História*, novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992 (Biblioteca Básica)
- REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- RODRIGUES, André Figueiredo. *Como elaborar referência bibliográfica*. 6 ed. Ampliada. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007. (Coleção metodologias, v.1)
- _____. *Como elaborar citações e notas de rodapé*. 4 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007. (Coleção metodologias, v.2)
- _____. *Como elaborar e apresentar monografias*. 2 ed. Atualizada. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. (Coleção metodologias, v.3)
- ROSSETTI-FERREIRA, Fernando. *Mídia e Escola – Perspectivas para políticas públicas*. São Paulo: Edições Jogo de Amarelinha, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. 33 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; v.5)
- _____. *Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v. 40)

- SEMLER, Ricardo; DIMENSTEIN, Gilberto; COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Escola sem sala de aula*. Campinas, SP: Papirus, 2004 (Coleção Papirus Debates)
- SILVA, Aínda Maria Monteiro [et al.]. *Educação formal e não-formal, processos formativos e saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social*. Recife: ENDIPE, 2006.
- SILVA, Fernando Fernandes da. *As cidades brasileiras e o patrimônio Cultural da humanidade*. São Paulo: Petrópolis: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- SILVA, Luiz Heron. (org.) *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Ática, 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na Sala de Aula*, uma introdução aos estudos culturais em educação. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995 (Coleção Estudos Culturais em Educação)
- SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, Patrimônio e Memória*, trajetórias e perspectivas. 3 reimp. São Paulo: UNESP:FAPESP, 1999 (Seminários & Debates)
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs). *Educação Não-Formal, Cenários da Criação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von [et al.]. *Não-fronteiras: universos da educação não-formal*. 2 ed. São Paulo: Itaú Cultural, 2007 (Rumos Educação Cultura e Arte, 2)
- _____ [et al.]. *Visões singulares conversas plurais*. São Paulo: Itaú Cultural, 2007 (Rumos Educação Cultura e Arte, 3)
- SOARES, Ismar de Oliveira. *A contribuição das ciências sociais para a avaliação dos programas de Educação para a Comunicação*. Tese de livre-docência, São Paulo, ECA/USP, 1990.
- SOARES, Maria Inez Lemos. A história oral como princípio educativo. In: *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, MG, v.3, n 16, jul/ago. 1997
- TARGINO, Maria Ivonilde Mendonça. *Uma experiência de Educação Patrimonial na Cidade de João Pessoa: o processo de elaboração das Cartilhas do patrimônio pelo IPHAEP*, 1980/2003. João Pessoa: PB. [s/n], 2007, 324 f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba.
- TEIXEIRA, Anísio. *Pequena Introdução a Filosofia da Educação*, Escola Progressiva ou a Transformação da Escola. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*, história oral. 3 ed. São Paulo: Paz e terra, 2002

- THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo: PUC, n. 15, abril 1997
- TOSCANO, Moema. *Introdução à Sociologia Educacional*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- UNESCO. Conferencia Geral da UNESCO, 25ª Reunião. Recomendação sobre a Salvaguarda da cultura Tradicional e Popular. Paris, Unesco, 1989.
- VALE, Ana Maria do. *Educação Popular na escola pública*. São Paulo: Cortez, 1992 (Coleção Questões de Nossa Época, v. 8)
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (pensadores e educação, 4)
- VIDIGAL, Luis. *História Oral, experiências de aprendizagem e enraizamento sociocultural – um projeto em curso*. In: *Educação & Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade*. Campinas: CEDES, n.52,dez. 1995, p.474-503.
- VIEIRA, Sofia Lerche. *História da Educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos*. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2002.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991
- WANIER, Jean-Pierre. *A mundialização da Cultura*. Trad. Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- ZABALA, Antoni. *A Prática Educativa, como ensinar*; Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

b) Jornais

- A DESBRAVADORA oficial do país do Suingue. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 8-9, 07 abr. 1996.
- A HISTÓRIA do passado escrevendo o futuro. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 21 dez. 2006. Especial, 6 p.
- ACIOLI, Socorro. O Caçador de cacimbas. *O Povo*. Fortaleza, sessão Vida e Arte, 01 nov. 2000, p. 4.
- _____. Quem manda são eles. *O Povo*. Fortaleza, sessão Vida e Arte, 02 out. 2000, p. 1.
- AFONSO, Almerindo Janela Há mais vida para além da escola da ponte. *A Página da Educação*, Porto, Portugal, Maio 2004, p. 21.

- _____. A crise da escola e a educação não-escolar. *A Página da Educação*, Porto, Portugal, Mar. 2002, p. 27.
- ALBUQUERQUE, João Luiz de. Regina Casé conversou com figuras maravilhosas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B - Televisão, 02 mai. 1996, p. 6.
- ALEMBERG ensina cidadania as crianças de Nova Olinda. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, p. 04, 08 out. 1997.
- ALEMBERG Quindins documenta posse da reitora Violeta Arraes. *A Província*, Jornal do Interior, Ano 1, mar. 1997, nr. 4
- ALEMBERG Quindins, presidente da Fundação Casa Grande. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 3, 10 jun. 2006.
- ALENCAR, Amaury. Fundação Casa Grande vai receber comenda do mérito cultural. *O Povo*. Fortaleza, 04 nov. 2004. Sessão Ceará, p. 10.
- _____. Rede de comunicação será lançada dia 18. *O Povo*. Fortaleza, p. 10, 06 nov. 2000.
- ALMEIDA, Carol. Uma casa onde mora a cultura. *Jornal do Comércio*. Recife, 09 abr. 2006. Caderno C. p.1
- ANATEL lacra TV comunitária da Fundação Casa Grande. *O Povo*. Fortaleza, 24 set. 1999, p. 9 A.
- ARARIPE, Flamínio. Fundação Casa Grande, 200 crianças aprendem história. *O Povo*. Fortaleza, Caderno 3,01 out. 1995, p. 01.
- ARQUEOLOGIA aponta diversidade na pré-história. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 23 jul. 2006. Regional, p.1-2-3.
- BRASIL Ponto a Ponto. A Cultura da diversidade. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p.1; 3-5, 03 out. 2004.
- CADEIA de ONGs integra iniciativas pela educação. *O Povo*. Fortaleza, p. 7, 17 nov. 2000.
- CALENDÁRIO retrata cultura popular no Cariri. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Regional, 17 jan. 2000, p. 1.
- CARIRI ligado na juventude. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p.3, 05 nov. 2000.
- CARIRI, região carente de TVs comunitárias. *Folha da manhã*. Juazeiro do Norte, p. 01, 28 set. 1999.
- CARPEGIANI, Schneider. Chance: O Grupo Meninos da Casa Grande, do Ceará, Apresentou-se no Calendário Paralelo de Shows do MinC. *Jornal do Comércio*. Recife, 11 fev. 2007. Caderno C, p. 6.
- CARVALHO, Eleuda. Entrevista com o Cantor Lucas Santana. *O Povo*. Fortaleza, 03 jul. 2005. Vida e Arte, p. 6.

- _____. Quem manda nesta Casa. *O Povo*. Fortaleza, Infantil, 7 a 13 ago. 2005, p. 1; 4-5.
- CASA Grande amplia capacidade educativa com inauguração de teatro. *Jornal do Cariri*, Região do Cariri, p. 1; 4, 21 dez. 2002.
- CASA Grande faz 12 anos e passa a ser ponto de cultura do MinC. *Jornal do Cariri*, Região do Cariri, p.1;8, 19 dez. 2004.
- CASA Grande na telinha. *O Povo*. Fortaleza, p. 8 B, 04 ago. 2008.
- CASA Grande no Ação. *Diário do Nordeste*. Fortaleza.Regional, 05 set. 2008, p. 03
- CASA Grande recebe prêmio de projeto mais criativo do Ceará. *Jornal de Negócios do Cariri*. Região do Cariri, p. 5, 31 out. 2000.
- CASA Grande tem futuro. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p.4, 03 dez. 1999.
- CASA Grande Violeta Arraes são homenagiados pelo MinC. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, Ce. 7 nov. 2004, Cultura, p. 6.
- CASA Grande. *O Povo*. Fortaleza, sessão Vida e Arte, 10 jul. 2000, p. 4B.
- CASA Laboratório. *Diário do Nordeste*.Fortaleza, Regional, 20 set. 2006, p. 03.
- CEARÁ legal. *O Povo*. Fortaleza, Sessão Vida e Arte, 14 abr. 1996, p. 1
- COMUNICAÇÃO para educar. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 5, 07 nov. 2000.
- CONHECENDO o Ceará. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Ce, 24 mar. 2006. Turismo, p.6.
- COSTA, Fernando. Justiça para quem precisa. *O Povo*, 27 set. 1999, p. 5B.
- CRIANÇAS de Nova Olinda registram em vídeo parque temático. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Regional, 08 out. 1999, p. 04.
- CRIANÇAS ganham escola de comunicação. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Regional, 25 abr. 1998, p. 01.
- DA LATA para o jazz, xote e baião. *Jornal O Povo*. Fortaleza, p. 6, 28 set. 2006.
- DE CRIANÇA para criança. *Jornal DEMOS*. Maputo, África. p 2, 26 jun 2002.
- DIRETOR da Casa Grande Recebe Comenda no III Encontro do Ministério Público. *Jornal do Cariri*, Região do Cariri, p. 4, 16 set. 2003.
- DUMARESQ, Carolina. Educação no ar. *Jornal O Povo*. Fortaleza, p. 6, 05 abr. 2004.
- É BRASIL Legal. *O Povo*. Fortaleza, sessão Vida e Arte, 11 jul. 1997, p. 1B.
- EDUCAÇÃO pela via da comunicação. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, sessão cidades, 15 nov. 2000, p. 4.
- EM CAMPANHA publicitária em nome do “Ceará, eu trago comigo essa força”. *Jornal do Cariri*. Região do Cairi, p. 5, 23 nov. 2001.
- ENCONTRO ensinará técnicas de comunicação a jovens. *O Povo*. Fortaleza, p. 7ª, 14 set. 2000.

- ENCONTRO reúne ONGs na região do Cariri. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 5, 21 set. 2000.
- ENTIDADES discutem a valorização de museus no Cariri Oeste. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 5, 13 jun 2001.
- Entrega do Prêmio Chapéu de Couro. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 7, 01 set. 2000.
- ENTREVISTA: Alemberg Quidins. *Jornal do Cairiri*. Região do Cariri, p. 5, 07 out. 1999.
- ESCRITOR e fotógrafos revelam detalhes da arte do Cariri. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p.13, 10 dez. 1999.
- FAHEINA, Rita Célia. Casa Grande de Nova Olinda é exemplo de resgate da cultura. *O Povo*. Fortaleza, Cidades, 06 nov. 1997, p. 18 A.
- FAHEINA, Rita Célia. Crianças de Nova Olinda ganham gibiteca. *O Povo*. Fortaleza, p. 10, 18 fev. 2007.
- _____. Lendas da Mãe D'água em Nova Olinda. *Jornal O Povo*. Fortaleza, 16 out. 1997. Turismo, p. 4.
- FALANDO de cultura popular. *O Povo*. Fortaleza, sessão infantil, O clubinho, 19 ago. 200, p. 8.
- FILME conta mitos e lendas do Cariri, documentário será apresentado no Rio de Janeiro, São Paulo e na Europa. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, Regional, 15 mar. 1999, p. 04.
- FUNDAÇÃO Casa Grande é sede de encontro. *O Povo*. Fortaleza, p. 9, 18 nov. 2000.
- FUNDAÇÃO Casa Grande é tida como referência. *O Povo*. Fortaleza, p. 8, 30 set. 2002.
- FUNDAÇÃO Casa Grande faz 14 anos e ganha gibiteca. *A banca o nosso jornal*. Campos Sales, 15 jan. 2007.
- FUNDAÇÃO Casa Grande inaugura rádio FM. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p.1; 3, 01 fev. 2002.
- FUNDAÇÃO Casa Grande recebe concessão de rádio educativa. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, 14 dez. 2005. Cidades, p. 2.
- FUNDAÇÃO casa grande recebe prêmio. *O Povo*. Fortaleza, p 10 A, 02 jul. 2000.
- FUNDAÇÃO Casa Grande terá apoio do Ministério das Comunicações. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Regional, 20 nov. 1999, p.04.
- FUNDAÇÃO Casa Grande: uma janela para a arte. *Diário do Nordeste*. Fortaleza. Regional, 17 out. 2007, p. 09.
- FUNDAÇÃO Casa Grande: jovens talentos do Cariri representarão do Brasil na Europa. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 1, 10 ago. 2005.
- GERAÇÃO de renda em Nova Olinda. *O Povo*. Fortaleza, sessão turismo, 13 jul. 2000, p. 4.

GRUPO Inglês do UNICEF visita a Fundação Casa Grande. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 6, 23 mar. 2001.

HIRSZMAN, Maria. O Sertão do Brasil No Tempo dos Dinossauros. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 28 ago. 2004. Caderno 2, p. D1.

HOMEM Cariri, Alembert Quindins da Fundação Casa Grande, conversa sobre lendas e aposta na criação de uma TV comunitária. *O Povo*. Fortaleza, p. 10-11, 09 nov. 1996.

HOMEM Kariri, ganha memorial. *Jornal Informativo*. Instituto Brasileiro do patrimônio Cultural, CE/RN. Mai 1993.

INTERCÂMBIO permite troca de experiências. *O Povo*. Fortaleza, p. 14, 06 jul. 2002.

INTERCÂMBIO reúne italianos e Cearenses. *Diário do Nordeste*. Fortaleza. Regional, 19 set. 2006, p. 4.

JOVENS vão visitar tribos indígenas. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Regional, 06 jul 1999, p. 04.

KOTSCHO, Ricardo. Crianças na direção. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Ilustrada, 11 jul. de 2001, p. E1.

LACERDA, Alessandra. A noite da Lenda. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 06, 28 jan. 2000.

_____. Cinema em cena. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, Cultura, 19 jan. 2000, p. 4.

_____. Nova Olinda, o berço lendário do Cariri. *Jornal do Cariri*, Região do Cariri, p. 5, 29 fev. 2000.

LEONEL, Marcos. A comunicação como fator de interação. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, Sessão Educação, 26 nov. 2000, p.1.

_____. Casa Grande no programa Ação. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p.4, 04 ago. 2000.

_____. Casa Grande tem o seu trabalho reconhecido. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, sessão cidades, 06 jul. 2000, p. 3.

_____. Crianças da Fundação Casa Grande viajam para a fama. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 3, 21 set. 2000.

LIGADO Na juventude. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Regional, 18 nov. 2000, p. 4.

MARINHO, André. Um oásis de cultura em pleno Cariri. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Caderno 3, 16 dez. 1997, p. 07.

MEDEIROS, Jotabê. O sertão vai ser tombado. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 11 ago. 2004. Caderno 2 Cultura Popular, p. D3.

- MENINOS da Casa Grande no teatro Rachel de Queiroz em Guaramiranga. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 6, 09 fev. 2005.
- MINISTÉRIO da Cultura, Fundação Casa Grande ganha honraria. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, p. 1, 04 nov. 2004.
- MINISTRO Gilberto Gil visita a Casa Grande e se emociona. *O Regional Especial*. Região do Cariri, p. 2 A, 19 jul. 2005.
- MIRANDA, Cidicley. Dez anos depois. *O Povo*, Fortaleza, p. 9, 19 dez. 2002.
- _____. Engenho Cênico. *O Povo*. Fortaleza, p. 1, 24 nov. 2002.
- MISSÃO Cultural Moçambicana visita a Fundação Casa Grande. *Jornal do Cariri*, Região do Cariri, p. 6, 09 de mar. 2001.
- MISSÃO de representantes de Universidades de Colônia quer manter intercâmbio com o Ceará. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 28 fev. 1994, p. 17.
- MOÇAMBICANOS recebem experiência da Fundação Casa Grande. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p.3, 07 jul 2002.
- MOURA, Dalton. Pelos passos da Mostra. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 21 nov. 2006. Caderno 3, p. 6.
- _____. Pontes para a música. Os meninos em Berlim. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 22 set. 2006. Caderno 3, p. 1 ; 6.
- MUNICÍPIOS recebem selo UNICEF. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p.03, 30 jun. 2000.
- NOVA Olinda ganha teatro e homenageia a reitora da URCA. *Jornal dia-a-dia*. Região do Cariri, 07 jan. 2003. Regional, p. 3A.
- NOVA Olinda ganha Teatro Violêta Arraes. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, p. 4, 21 dez. 2002.
- Nova Olinda, 42 anos de emancipação política. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Regional, 10 mar. 1999.
- NOVA Olinda, Kariuzinho em pauta. *O Povo*. Fortaleza, sessão Vida e Arte, 16 maio 2000, p. 2B.
- NOVA Olinda, oficina de futuro. *O Povo*. Fortaleza, 04 out. 1999.
- O ADOLESCENTE do Brasil faz bonito. *O Povo*. Fortaleza, p. 04, 28 dez. 1997.
- O BRASIL que não passa na TV. *Jornal da Cidadania*, IBASE, RS, 01 A 15 NOV. 1997.
- O CEARÁ no mapa. Os garotos da Casa Grande de Nova Olinda, presença no Popkomm em Berlim. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Caderno 3, 20 set. 2006, p. 06.
- O ESPETÁCULO a Lenda vêm angariar recursos. *O Povo*. Fortaleza, p. 7B, 25 ago. 2000.

- O PROJETO Cidadão XXI educa crianças e jovens através da comunicação. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 4, 12 nov. 2000.
- O SERTÃO já era pós-moderno. *O Povo*. Fortaleza, Vida e Arte, 01 fev. 1998, p. 1B
- ONG promove resgate da cultura Regional do Cariri. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Regional, 10 mai. 1997, p. 04.
- ONGs do Cariri se reúnem no lançamento da Reducom. *Jornal de Negócios do Cariri*. Região do Cariri. Sessão Cidadania, 05 dez. 2000.
- ONU incentiva jovens no combate a AIDS. *Correio Brasiliense*. Brasília, p. 20, 14 nov. 2000.
- OS CIDADÃOS da Casa Grande. *O Povo*. Fortaleza, Infância II, 12 out. 1999, p. 04.
- OS DEZ anos de Casa Grande. *Jornal Vitrine*. Região do Cariri, p. 7, Jan. 2003.
- OS MENINOS em Berlim. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, Caderno 3, 22 set. 2006, p. 03.
- PARA PENSAR e fazer Cultura. *O Popular*. Goiânia, 07 mai. 2007. Sessão 2, Magazine, p.02.
- PARENTE, Cláudia. ONG é dirigida por crianças no Cariri. *Jornal do Comércio*. Recife, p. 20, 09 ago. 1998.
- PESSOA, Augusto. Jovens do Cariri aprendem a arte da comunicação. *O Povo*. Fortaleza, p 9, 21 nov. 2000.
- _____. Uma viagem rupestre. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 06, 15 jul. 1999.
- PESSOA, Luis Valério. A Casa dos sonhos. *Jornal do Cariri*, Região do Cariri, Especial Criança, 03 out. 1999, p. 6.
- PRÊMIO especial. *O Povo*. Fortaleza vida e Arte, 28 fev. 1998, p. 1B.
- PREPARANDO o Jovem do Século XXI. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 4, 18 nov. 2000.
- PRESIDENTE da Fundação Casa Grande depõe na polícia federal. *O Povo*, Fortaleza, 25 set. 1999, p. 10 A.
- PROJETO casa grande será destaque no programa da globo. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p.01, 25 jul. 2000.
- PROPOSTA de perdão das dívidas é rejeitada. *O Povo*. Fortaleza, sessão Brasil, 16 dez. 2000, p. 16.
- PROTAGONISMO: Casa Grande ganha concessão de rádio educativa. *Cariri News*. Região do Cariri, p. 14, Dez. 2005.
- RASTREANDO nossa identidade. *O Povo*, Fortaleza, especial 500 séculos, 22 abr. 2000, p. 11.
- REDES culturais em ação. *Diário de Pernambuco*. Recife, 27 Nov. 2003. C6, Viver, p. 6.

RIQUEZA cultural ao alcance das crianças. *Em Ação, UNICEF*. Rio de Janeiro, mai. 1999, p. 14.

RODA viva, jornalistas de suplementos juvenis, especialistas em saúde e jovens de todo Brasil discutem temas relacionados à doença durante o encontro. *Correio Brasiliense*. Brasília, sessão X-tudo, 05 jun. 2000, p. 24

SÁ, Rosa. Missão alemã quer intensificar intercâmbio entre universidades. *O Povo*. Fortaleza, Cidades, 28 fev. 1994, p. 10A

SANTOS, Elisângela. Da casa Grane para o mundo. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p. 12, 14 jul. 1998.

_____. O mundo encantado do cidadãozinho. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, Cidades, 21 dez. 1997, p. 12.

_____. Teatro Violêta Arraes, a linguagem das artes cênicas na educação em Nova Olinda. *Jornal do Cariri*, Região do Cariri, p. 6, 8 de dez. 2002.

SANTOS, José Anderson. Engenho de Teatro. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 6, 12 nov. 2002.

SEMINÁRIO debate turismo no Cariri. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, p.03, 27 fev. 2000.

SILVA, Danniela. Na trilha do turismo sustentável. *Jornal a Tarde*, Salvador, 06 dez. 2004. Sessão Economia, p. 14.

SONHOS realizados. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 3, 06 out. 2002.

TODOS contra o fumo. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p.2, 17 abr. 2002.

TV Comunitária de Nova Olinda. É lacrada pela ANATEL. *Jornal do Cariri*. Região do Cariri, Cidades, 26 set. 1999, p.6.

VICELMO, Antonio. Cariri é redescoberto como opção de lazer. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 09 nov. 2003. Turismo, p. 4.

VÍDEO relata mitos do Cariri. *O Povo*. Fortaleza, Vida e Arte, 23 jun. 1999.

VISITA do grupo de jornalistas moçambiquenhos à Casa Grande. *Jornal do Cariri*, Região do Cariri, p. 7, 09 jan. 2001.

VIVIANE Senna visita projetos apoiados pelo IAS no Ceará. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, p.13, 19 maio 2000.

c) Revistas

A REDE. O sertão vai virar luz. São Paulo: Momento Editorial, n. 20, nov. 2006.

- BOLETIM TÉCNICO. Crianças de Nova Olinda têm uma rádio própria. Brasília: FUNDESCOLA, Ano II, n. 17. 1997.
- BRASIL, Almanaque de cultura popular. Especial Cariri. São Paulo: Andreato, comunicação e cultura, Ano 9, nr. 99, jul 2007.
- CAPRICHOS. VIDA de índio. São Paulo: Editora Abril, 23 abr. 2000, p. 115.
- CLÁUDIA. Prêmio Cláudia, 2002, nossa homenagem ao talento da mulher brasileira. São Paulo: Editora Abril. Ano 41, n. 10, out./2002.
- CLÁUDIA. Prêmio Cláudia, 2002, nossa homenagem ao talento da mulher brasileira. São Paulo: Editora Abril. Ano 42, n. 10, out./2003.
- COMÉRCIO. Nova Olinda muda perfil econômico. Fortaleza: Fecomércio, Ano V, n 52, jan 2004.
- COMÉRCIO. Um complexo de Comunicação em Pleno Sertão. Fortaleza: FECOMÉRCIO. Ano IV, n. 42. Fev. 2003.
- CUIDADOS PELA VIDA. Um olhar sobre saúde e cidadania no Brasil. São Paulo: Terra Virgem Editora. 4 vol. 2001.
- EDUCAÇÃO. Click, Fundação Casa Grande. São Paulo: Editora Segmento, n 80, dez. 2003.
- GLOBO RURAL. Sertão Digital. São Paulo: Editora Globo. Ano 15, n 168, out. 1999.
- HORIZONTE GEOGRÁFICO. Dinos no Ceará – Os animais incríveis da pré-história brasileira. São Paulo: Editora Audichromo. Ano 2005, n. 98.
- II SEMINÁRIO mídia, criança e adolescente. Violência em foco. Fortaleza: Ano II, n. 2, fev. 2003.
- INTERVIEW.COM. Cariri histórico: tradição, cultura e fé. Ano 01, n. 01, II trimestre 2000.
- MANDACARÚ. Fundação Casa Grande Nova Olinda – Aqui as crianças são personalidades. Fortaleza: Associação dos Municípios do Estado do Ceará, Ano II, n. 13, dez. 1995.
- NOVA ESCOLA, a revista do professor. Chuva Cultural No Sertão. São Paulo: Fundação Victor Civita. Edição 135, set. 2000.
- RAÍZ, cultura do Brasil. Cariri, a cultura ferve no sertão cearense. São Paulo: Editora cultura em ação, n. 4, Abr 2006.
- TERRA. O dia que o sertão foi varrido por uma onda gigante. São Paulo: editora Peixes, n. 154, fev. 2005.
- UNIVERSIDADE PÚBLICA. O Ceará na pré-história. Fortaleza: UFC, n. 19, nov., dez. 2003.
- VEJA. Brasil Legal. São Paulo: Editora Abril. Ano 31, n. 32. 12 ago. 1998.

VEJA. Nova Olinda é um exemplo de como grandes problemas podem ser enfrentados com pouco dinheiro. São Paulo: Editora abril, Ano 31, n. 20. Maio 1998.

d) Filmes/ Vídeos (VHS/ DVD)

QUANTO VALE OU É POR QUILO? Direção de Sérgio Bianchi. Agravo Produções Cinematográficas S/C Ltda.: São Paulo, 2005. 1 DVD (35 min). Sonoro, digital. Português.

BEYOND BORDERS (Amor sem Fronteiras). Direção de Martin Campbell. Produção de Dan Halsted e Loyd Phillips: EUA, 2003. 1 DVD (127 min.). Sonoro, digital. Legendado. Inglês/Português.

A MÁQUINA. Direção de João Falcão. Produção de Estúdio: Diler & Associados: Brasil, 2005. 1 DVD (93 min.). Sonoro, digital. Português.

DOCTORES DA ALEGRIA – O FILME. Direção de Mara Mourão. Produção de Mamo Filmes e Grifa Mixer. Brasil, 2006. 1 DVD (97 min.). Sonoro, digital. Legendado: português/inglês/espanhol e Francês.

e) Legislação citada

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988. Brasília, D.O.U. 05 out. 1988.

BRASIL. Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Brasília, D.O.U. 24 dez. 1991.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 24 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, D.O.U. 26 dez. 1996.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília, D.O.U. 04 ago. 2000.

BRASIL, Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998. Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências. Brasília, D.O.U. 20 fev. 1998.

CEARÁ. Lei n.º 13.811 de 16 de agosto de 2006, Institui, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Sistema Estadual da Cultura - SIEC, indica suas fontes de financiamento, regula o Fundo Estadual da Cultura e dá outras providências. Fortaleza, D.O. 22 ago. 2006.

CEARÁ. Lei nº 13.400, de 17/11/2003. Cria o Conselho Estadual da Cultura do Ceará e dá outras providências. Fortaleza, D.O. 08 mar.2004

CEARÁ. Lei nº 12.464 de 29 de junho de 1995. Lei de incentivos fiscais à cultura. Fortaleza. D.O. 29 de junho de 1995.

f) Consultas aos portais na Internet

www.bnb.gov.br – Acesso em 26 abr. 2008

www.cpdoc.fgv.br – Vários acessos

www.cultura.gov.br – Acesso em 13/07/200

www.educomradio.com.br – Acesso em 15 jul 2007.

www.filantropia.org.br – Acesso em 15 mai 2007

www.fundacaocasagrande.org.br- Vários acessos

www.iphan.gov.br - Vários acessos

www.mapa.org.br – Acesso em 16 abr 2007

www.portaldovoluntario.org.br - Vários acessos

www.rbrasil.org.br – Acesso em 16 abr 2007

www.rits.org.br – Acesso em 16 abr. 2007

www.secult.ce.gov.br - Vários acessos

www.unesco.org – Vários acessos

www.unicef.org - Vários acessos

g) Composições Musicais

HOLANDA, Chico Buarque de. A cidade ideal. Disponível em:

<http://www.letras.terra.com.br> Acesso em: 28 mai. 2008.

MOREIRA. Moraes. Essa Casa. Disponível em: <http://www.letras.terra.com.br> Acesso em: 12 fev. 2008.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevistas

Sujeito: Prefeito da cidade de Nova Olinda à época da estruturação da Casa Grande.

- Fale um pouco sobre o que o senhor lembra-se das origens da Casa Grande.
- Naquela época, parece que o senhor tinha algumas críticas à casa, pode falar um pouco sobre isso?
- E, agora, passado algum tempo, como o senhor vê a "casa" aqui em Nova Olinda?

Sujeito: Atual prefeito da cidade de Nova Olinda.

- Como o senhor vê os trabalhos desenvolvidos pela "Fundação Casa Grande" para a cidade de Nova Olinda?
- Há alguma relação entre os trabalhos lá desenvolvidos e ações da prefeitura? Se existem, quais seriam?

Sujeito: Padre

- O que o senhor lembra das origens da Fundação Casa Grande aqui em Nova Olinda?
- Como o senhor vê esta instituição?

Sujeito: Fundadores da "Casa Grande"

- Como vocês percebem as várias atividades educativas da Casa Grande?
- Qual das atividades vocês consideram mais interessante/aquela que envolve mais as crianças e adolescentes, por quê?
- Todas as crianças podem participar das atividades da Casa Grande? Como isso acontece? Há normas?
- Quando uma criança, jovem ou adolescente apresenta algum problema/quais seriam esses problemas e como vocês procedem?
- É possível acontecer de alguma criança não poder mais frequentar a Casa Grande?

Sujeitos: Pais de alunos da Casa Grande (que não fazem parte da Cooperativa da Casa Grande)

- O que vocês acham de seus filhos frequentarem a Casa Grande?
- Vocês acham que houve alguma mudança nos seus filhos depois que passaram a ir para a Casa Grande?
- Vocês já fizeram parte de alguma atividade promovida pela Casa Grande?

Sujeitos: Pais de alunos da Casa Grande (que fazem parte da COOPAGRAN)

- O que vocês acham de seus filhos freqüentarem a Casa Grande?
- Vocês acham que houve alguma mudança nos seus filhos depois que passaram a ir para a Casa Grande?
- Como vocês vêem o trabalho aqui na COOPAGRAN?
- O que representa estar presente aqui na Casa Grande junto com seus filhos?

Sujeitos: Crianças da Casa Grande

- Você vem sempre à Casa Grande? Por quê?
- O que você mais gosta de fazer aqui na Casa Grande?
- E à escola? Você vai?
- O que você mais gosta de fazer lá?
- Há alguma coisa que você não gosta aqui na Casa Grande, por quê?

Sujeitos: Adolescentes e Jovens da Casa Grande

- O que significa para você fazer parte da Fundação Casa Grande?
- O que você aprendeu/aprende Na Casa Grande?
- O que você mais gosta na Fundação e o que você mudaria, caso pudesse?

Sujeitos: Ex-integrantes da Fundação Casa Grande

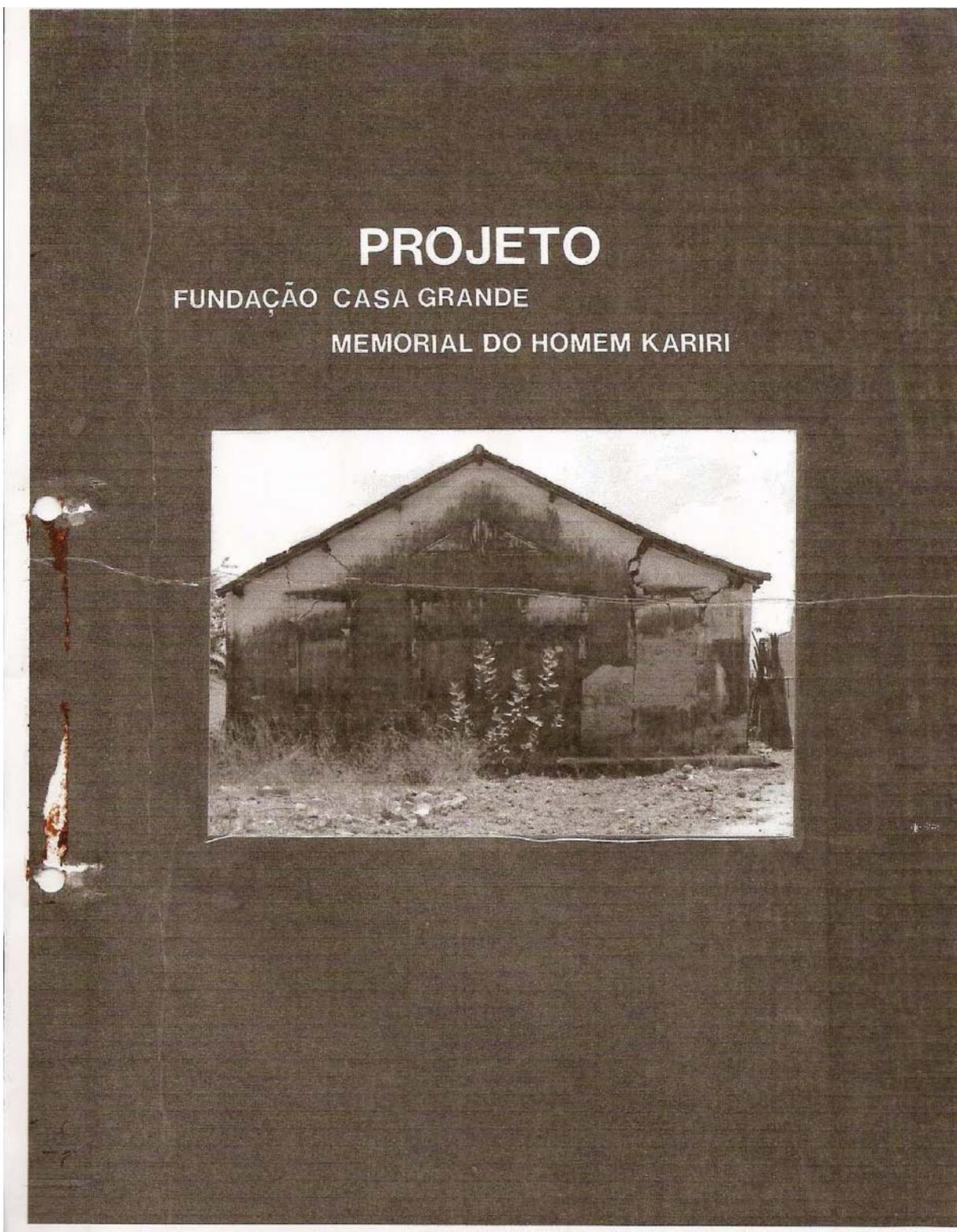
- Você freqüentou a Fundação Casa Grande por um tempo e certamente aprendeu algumas coisas lá. Você pode dizer o que aprendeu de mais significativo?
- Esse aprendizado lhe ajudou de alguma forma, mesmo depois que você saiu de lá?
- O que fez você sair da Casa Grande?
- Como você vê a Casa Grande hoje?

Sujeitos: Professores da rede municipal

- Como você vê a Fundação Casa Grande aqui em Nova Olinda?
- Você tem alguns alunos que são "meninos da Casa grande", como você os percebe?
- Há alguma integração entre o trabalho da escola e as atividades da Casa Grande?

ANEXOS

ANEXO A - Projeto Inicial de Restauração da Casa Grande



J U S T I F I C A T I V A:

Como marco de limite entre dois tempos: tempo que no Vale do Rio Carrius reinava a Família Kariú da Nação Kariri, nação responsável pela lenda de diferenciação peculiar da cultura do Nordeste, e tempo que surgiria à margem direita do rio, os pastos de gado da fazenda que mais tarde formaria o povoado de Tapera e conseqüentemente a cidade de Nova Olinda, ergue-se a Casa Grande para abrigar desde padres que vinham celebrar na capela ao lado, até professores, pesquisadores e viajantes.

A fim de resgatar o patrimônio cultural e histórico, a mesma Casa Grande, como por um capricho natural vem resistindo ao tempo e a depredação numa espera personalizada pelo rigor das edificações de seu século.

Abrigar o MEMORIAL DO HOMEM KARIRI é elucidar a memória viva do passado e promover a tecnologia do futuro.

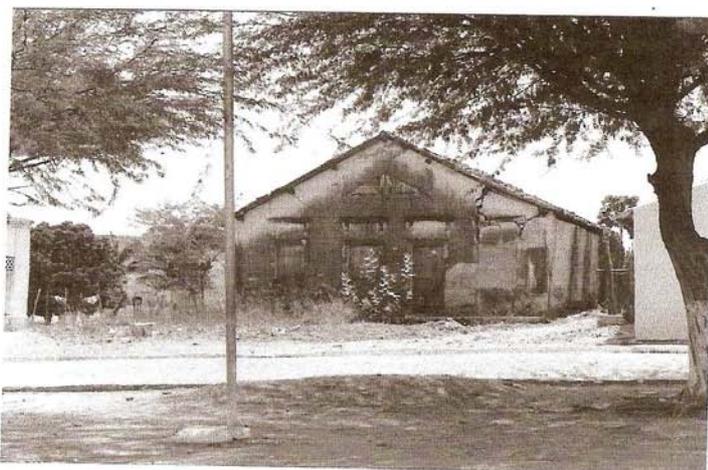
ALEMBERG QUINDINS

Fls. 2

OBJETIVO:

I - Instituir a FUNDAÇÃO CASA GRANDE - MEMORIAL DO HOMEM KARIRI.

II - Resgatar o patrimônio histórico de Nova Olinda, através da restauração e tombamento da Casa Grande da Fazenda.



Fls.3

METAS:

- A) Da Fundação Casa Grande
- B) Da Casa Grande
- C) Do Memorial do HOMEM KARIRI
- D) Da Manutenção

Fls.4

METODOLOGIA:I . DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE

- a) Elaborar Estatuto
- b) Criar Regimento Interno
- c) Registrar o Estatuto em Cartório
- d) Tirar CGC
- e) Aprovar na Câmara Municipal como Utilidade Pública
- f) Publicar no Diário Oficial
- g) Assinar Ata de Fundação

II. DA CASA GRANDE

- a) Restaurar
- b) Ampliar
- c) Inaugurar

III. Do MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

- a) Projetar
- b) Equipar
- c) Funcionar

IV. DA MANUTENÇÃO

- a) Conveniar
- b) Buscar Recursos

Fls.4

METODOLOGIA:I . DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE

- a) Elaborar Estatuto
- b) Criar Regimento Interno
- c) Registrar o Estatuto em Cartório
- d) Tirar CGC
- e) Aprovar na Câmara Municipal como Utilidade Pública
- f) Publicar no Diário Oficial
- g) Assinar Ata de Fundação

II. DA CASA GRANDE

- a) Restaurar
- b) Ampliar
- c) Inauguar

III. Do MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

- a) Projetar
- b) Equipar
- c) Funcionar

IV. DA MANUTENÇÃO

- a) Conveniar
- b) Buscar Recursos

Fls.5

DA LOCALIZAÇÃO:

A Fundação Casa Grande do Homem Kariri tem como sede a casa Grande da Rua Jeremias Pereira, Nº 444 da cidade de Nova Olinda, Vale do Cariri-Ceará-Brasil.



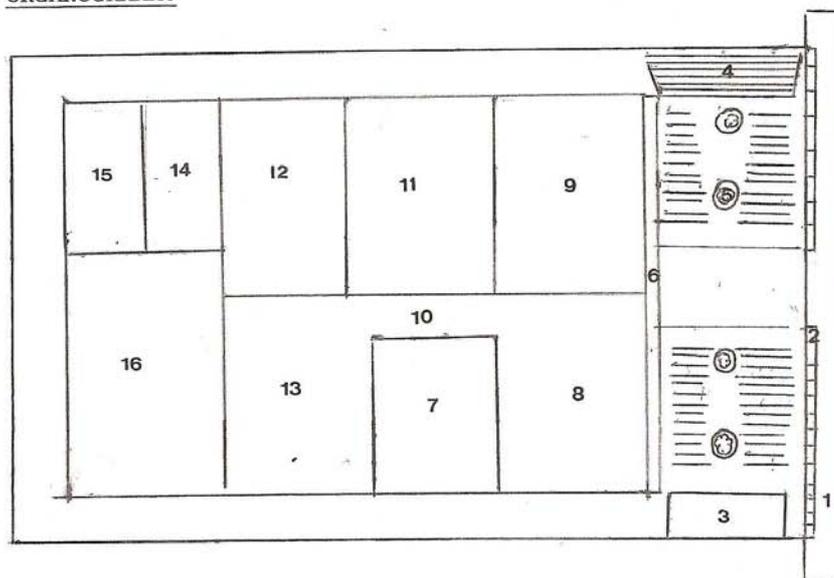
Fls.6

ORÇAMENTO:

- a) Do que se trata ao registro legal da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri.
- b) Do que se trata da restauração e empliação da Casa Grande.
- c) Do que se trata ao projeto de montagem do Memorial do Homem Kariri.



Fl.7

ORGANOGRAMA:

- | | |
|--------------------------------|----------------------|
| 01. Calçada da rua | 11. Sala expositora |
| 02. Muro | 12. Sala expositora |
| 03. Palco | 13. Sala de pesquisa |
| 04. Bancos | Biblioteca |
| 05. Árvoes | Imagem e Som |
| 06. Calçada da casa | 14. Cozinha |
| 07. Secretaria | Almoxarifado |
| 08. Sala expositora | 15. Alojamento |
| 09. Quarto de Antonio Maranhão | 16. Quintal |
| 10. Paiol das espingardas | 17. WC |

FASL/vmlb

ANEXO AB – Organograma Atual da Fundação Casa Grande



Foto 85 – Organograma exposto em muro da FCG – Arquivo pessoal da pesquisadora – 26/07/2008

ANEXO B – Edição do Jornal Mural –Julho de 2005



Casa Grande Jornal Mural

Ano I • nº I

Julho de 2005

Editorial

Olá, pessoal! É com muita alegria que nós, os meninos da equipe Casa Grande Editora, apresentamos o nosso 1º **Casa Grande Jornal Mural**, quinzenal, onde você vai ficar por dentro de tudo que acontece na Fundação. Uma das matérias mais importantes do nosso jornal é a visita do Ministro da Cultura Gilberto Gil à Casa Grande, a fim de conhecer um ponto de cultura. Disse o ministro: ***“No ano passado nós distinguimos o projeto com o prêmio do Mérito Cultural do ministério, e eu nunca tinha vindo aqui. Ver tudo isso é uma coisa extraordinária, um exemplo da força brasileira”***. Espero que você goste do nosso jornal e tenha uma ótima leitura.

Expediente



CASA GRANDE JORNAL MURAL É UMA PUBLICAÇÃO
DOS ALUNOS DA OFICINA DE ARTES GRÁFICAS
(CASA GRANDE EDITORA)

Textos: Cristiano Souza, Demontiêr Souza,
Elvira Cardoso, Jenfte Alencar, João Paulo
Marôpo, Jussamiris Ferreira, Mariana
Oliveira e Valésca Moura.

Fotografia: Elvira Cardoso

Reportagem: Alane Neves, Jussamiris
Ferreira, Mariana Oliveira e Valésca Moura.

Tratamento de imagens: Cristiano Souza,
Elvira Cardoso, Mariana Oliveira e Valésca
Moura.

Ilustração: Valésca Moura

Coordenação: Paulo Monteiro

Visitas à Casa Grande



Gil é recepcionado por Alemberg e Rosiane

Gilberto Gil, Ministro da Cultura, visita a Casa Grande



Gil e o governador

No dia 18 de junho, o ministro da Cultura Gilberto Gil e o governador do Ceará, Lúcio Alcântara, visitaram a Casa Grande, para um café da manhã. Fato excepcional para Nova Olinda pois, pela primeira vez, um ministro de Estado veio a esta cidade.

No Teatro Violeta Arraes, Gil assistiu a um documentário sobre a arqueologia da nossa região. A banda "Os Meninos da Casa Grande" tocaram para o ministro e, no final, convidaram o ministro para "dar um palhinha". Gil tocou e cantou junto com a banda a música "Palco".

Durante o café, Gilberto Gil assistiu à apresentação da "Som in Banda de Lata", com os meninos da escolinha da Casa Grande.



"Logo que o uso das tecnologias visuais começaram a ser usadas aqui, eles produziram um vídeo e eu tinha visto. Então eu tive notícias ao longo desses anos todos sobre o trabalho que era feito aqui. No ano passado nós distinguimos o projeto com o prêmio do Mérito Cultural do ministério, mas eu nunca tinha vindo. Vim aqui, ver isso tudo, é uma coisa extraordinária. É bem o exemplo da força brasileira, da sua diversidade, da potência cultural mesmo, que passa, que jaz no subsolo brasileiro, que enfim, emerge em muitos momentos, como em erupção, muitas vezes, como um vulcão, em várias manifestações no Brasil inteiro e isso aqui é um exemplo, um projeto extraordinário que junta a responsabilidade social, o envolvimento da comunidade, o trabalho de qualificação de resgate da dignidade humana das pessoas que vivem aqui hoje, mas tudo isso com base na memória, com base no respeito profundo à tradição no levantamento, até arqueológico, como tem um projeto. Uma das dimensões do projeto é uma dimensão arqueológica, enfim, que está trazendo à vista toda uma riqueza arqueológica que tem aqui na região, e fora todas as outras coisas, e o uso das tecnologias modernas, da televisão,

A íntegra da entrevista que o ministro Gilberto Gil deu para o "100 Canal", da TV Casa Grande.

do rádio, do disco, a capacidade de descobrir talentos, de formar novos músicos, novos pintores, etc. É um centro cultural de extraordinária pujança com um fator turístico importante também pra região, pra cidade. São 3000 turistas por mês que visitam essa cidade aqui, o museu, todo esse complexo. A cidade hoje gira em torno das atividades que são realizadas aqui, do processo, do projeto que é tocado aqui pela casa e, não só a cidade, mas a região toda, então tem uma importância, é um exemplo pro Brasil e pro mundo.

Mas é isso, é a excepcionalidade mesmo, a importância, o valor disso aqui, é enfim, é uma coisa referencial, exemplar mesmo pro resto do Brasil. Quer dizer, se nós tivermos capacidade nas regiões brasileiras, todas elas, no Sul, Centro-este, no Nordeste e no Norte. Se nós tivermos capacidade de identificar comunidades interessadas, envolvidas num trabalho como essa daqui e pudermos reproduzir mesmo acumulações que já foram feitas, se a gente puder reproduzir em outros lugares do Brasil, a gente está com um projeto de futuro, no sentido das relações entre cultura e desenvolvimento, cultura e turismo, cultura e educação, cultura e aperfeiçoamento humano, cultura e solidariedade, todas essas coisas, nós estamos com um exemplo magnífico pro resto do Brasil. Isso aqui é um projeto exemplar."



Visitas à Casa Grande



O cantor e compositor Falcão, visitou, pela segunda vez, a Fundação Casa Grande, no dia 20 de julho. Na ocasião, Falcão deu uma entrevista para o "100 Canal" e falou um pouco da sua vida e da sua impressão sobre os dois momentos em que esteve na nossa entidade. Nascido na Serra do Perepo, no vale do Jaguaribe, Falcão esteve aqui em meados dos anos 90 para conhecer a fundação que o seu amigo Alemberg havia fundado há poucos anos.

Falcão faz nova visita à Casa Grande

As impressões do cantor ao rever a Fundação



Transcrevemos um um trecho desse nosso encontro com o músico cearense.

"Estive aqui na Casa Grande, para conhecer o trabalho que o Alemberg, que já era meu amigo há algum tempo estava desenvolvendo junto a essa garotada de Nova Olinda, e chegando aqui eu vi que os meninos estavam querendo formar uma banda, então eu dei pra eles uma bateria que por sinal nem

prestava, mas os meninos não sabiam tocar mesmo. Mas hoje rapaz, voltando aqui eu fiquei surpreso de ver todos eles mexendo em câmeras, fazendo edições, programas de rádio, vi até que eles estão com novos instrumentos, e tocando muito, acho até que aquela bateria velha deve ta se escondendo com vergonha da nova. "E eu tenho certeza que um dia não só ceará, mas todo Brasil irão tomar conhecimento dos grandes homens que estão se tomando os meninos da Casa Grande".



Nelson da Rabeca: A vitória da persistência

Há dez anos o grupo Nelson da Rabeca vem fazendo shows em todos os Estados do Brasil. O grupo é composto por uma família de cinco pessoas: Nelson dos Santos (pai), Benedita Duarte (mãe), Gilson Duarte (filho), Eliene Duarte (filha) e José Francisco (sobrinho).

Eles são de Alagoas, da cidade de Marechal Deodoro. A idéia

do grupo surgiu através de Nelson que, pela televisão, viu pela primeira vez uma rabeca, instrumento no qual lhe despertou muito interesse e ele decidiu que iria construir a sua própria rabeca. Sua mulher Benedita riu e disse que era muito difícil e ele não iria conseguir. Mesmo assim, ele não desistiu da idéia, fez uma, duas, três e muitas outras até que um dia fez uma rabeca perfeita. Sua mulher se admirou e deu todo o apoio pra que ele conseguisse realizar mais um dos seus desejos, que era viajar para outros lugares mostrando o seu trabalho para outras pessoas.

Até hoje ele se orgulha de ter se tornado um músico que teve seu trabalho reconhecido e prestigiado pelo público.

Bandinha de Lata vai para Fortaleza

Os meninos da bandinha "Som in Banda de Lata" da Casa Grande neste mês de julho, estão se preparando para apresentar o seu show pela segunda vez na cidade de Fortaleza e também no Crato.

A formação da bandinha conta com: Rodrigo Alves (guitarra e voz), Aldeir Patrick (sax, flauta e teclado), Artur Davison (baixo e voz), Edson Diniz (guitarra e voz), Rivaldo Souza (bateria e vocais), Samuel Souza (percussão). Toda a garotada está muito entusiasmada, E esperando que dê tudo certo.

Antonio Alencar

Cinema de Arte

Bons roteiros elevam a qualidade dos filmes infantis

Roteiros impressionantes de tirar lágrimas dos olhos do espectador não são encontrados apenas em filmes de adultos para adulto. Prova disso é o que algumas produtoras estão investindo no público infantil, não só por simples entretenimento, mas também produzindo filmes onde possa se tirar pequenas lições e aprendizado. Um exemplo disso é o filme de animação “José, o Rei



dos Sonhos (da DreamWorks), um épico retirado do Antigo Testamento, que conta a história de um garoto que tem o dom de prever o futuro através de seus sonhos. Através desses sonhos vão acontecendo grandes histórias interessantes. O filme é indicado para toda a família e tem tudo para se tornar um clássico infantil.

João Paulo Marôpo

Poesia

A saudade

Vós que sois meu sol em dias nublados, que sois o meu vento em dias quentes, que me abris um sorriso para me alegrar, que me dais carinho e me consolais em dias que não acredito em mim mesmo. Foi assim que vivi esses dias, hoje me lembro e me vejo partido pela eterna saudade; saudade que me faz lembrar ainda mais de vós.

Voltareis logo, eu sei, mas até lá não sei o que faço para me tranquilizar e espantar de mim essa saudade que me mata, que me faz gelar o coração só de pensar em vós. Voltai logo, pois não posso agüentar o que me faz correr sem rumo por um mundo de nefastas decisões; o que me consola é a lua que me traz vossa lembrança.

Vós, senhorita, abalastes meu coração, e saístes deixando em cacos toda a minha vida. Sinto saudade de vós, do vosso jeito e do vosso olhar, e como opção escrevi em poucas palavras “À doce e solitária paixão que sinto por vós”.

Cristiano Souza

Oficinas

Editoração eletrônica e artes gráficas



Na oficina de Artes Gráficas nós aprendemos programas de desen-

nhos como CorelDraw e também outros programas como o Adobe Photoshop, que trabalha no tratamento de fotos e o Adobe PageMaker, que usamos para fazer cartazes, planfetos, folders, boletins, arte final das revistinhas e jornais, como este que é a nossa primeira edição. A oficina está sendo muito benéfica e proveitosa para o nosso dia-a-dia.

História Viva

A música na minha vida!



Antiga formação da Bandinha de Lata

Nunca vou me esquecer do período em que fiz parte da bandinha "Som in Banda de Lata". Naquela época não só pra mim, mas para todos os meninos que faziam parte do grupo, era mais que legal tocar aquelas músicas que nos davam alegria para, cada vez mais, ter o prazer de mostrar o nosso show para as pessoas.

Outra coisa que não dá pra esquecer é dos amigos que também faziam parte da bandinha: Luizinho (bateria), Guilherme (baixo), Danda (percussão) e eu (Tontonho) sempre gostei de cantar e tocar guitarra. Hoje a bandinha de lata está com uma nova geração de músicos. Nosso ciclo de amizade não mudou, no entanto cada um tomou rumos diferentes. Danda agora está se dedicando à sonoplastia, Luizinho continuou na música, mas passou para a banda "Meninos da Casa Grande" e hoje toca instrumentos mais percussivos. Somente eu e Guilherme continuamos tocando os mesmos instrumentos, buscando cada vez mais novos conhecimentos sobre música.

Antonio Alencar

Festa Junina

Viva São Pedro!



No dia 29 de junho nós comemoramos o São Pedro da Casa Grande. Nos reunimos para organizar a quadrilha, a decoração, a fogueira e as comidas.

Primeiro teve a quadrilha dos pequenos e depois a quadrilha dos grandes, que é improvisada. Depois a gente aproveitou para dançar um forrozinho e, por último, como é de costume, nos reunimos ao redor da fogueira para conversar. Foi muito divertido.



Festa de São Lázaro

"Um santo protetor para a eternidade", é o que diz dona Toinha, avó de Aécio, um dos meninos da Casa Grande.



Quem não acredita, continua inquieto, porque a crença é a vida real que é um mistério a ser vivido. Foi da fé D. Toinha buscou ajuda para se curar da sua doença – feridas nas pernas – através de promessas para São Lázaro. O ritual é feito no dia três de junho em sua residência, e organizado pelas

suas netas. Elas arrecadam alimentos no comércio e casas de moradores de Nova Olinda. Após a preparação da comida para cachorros e pessoas, logo

começa a ornamentação para os animais e, com eles alimentados, chega a hora de preparar o prato das pessoas e por fim, vem a reza do santo. Fé é antes de tudo um sentimento e não exige e nem adianta explicação.

Demontier Souza

Teatro

ROSA NEGRA - Uma Saga Sertaneja

O grupo teatral Companhia dos Sonhos, de Brasília, formado há seis anos, veio à Casa Grande no dia 18 de julho fazer a apresentação da peça “Rosa Negra – Uma Saga Sertaneja”. O

elenco é composto por 14 pessoas e dirigido por Hugo Rodas. Rosa Negra, que dá nome ao título, segundo o diretor, é uma flor que dá poder e nasce na encruzilhada e é uma rosa do mal.

A única apresentação no Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas, teve lotação completa, com grande aceitação do público presente.

O espetáculo conta, através de muita música, dança e textos curtos, a história



de adultério que gera uma seqüência de violência bem no interior do país. Nele estão personagens reais da vida brasileira, como o violeiro que participa de disputas de viola, o vaqueiro, a mulher

bonita, e o jovem agricultor que sofre com a falta de dinheiro, as carpideiras que são chamadas para cuidar dos mortos, o balseiro que transporta gente e histórias, as benzedeiças que dominam e conhecem a cura pelas plantas, o patrão poderoso e cruel. Um Brasil que vive pulsando dentro deste outro Brasil que está na televisão. Um Brasil que gosta de acordar cedo, de ficar na beira do fogão contando *causos*, de puxar um canto em noite tem lua cheia.

A nova produção da Casa Grande



Primeiro quadrinho da revista Formação de Platéias

Nesta seção “A Nova Produção da Casa Grande” vamos falar sobre a revista em quadrinhos “Formação de Platéias”. Esse

projeto que surgiu na Casa Grande está sendo encaminhado em um dos laboratórios de artes que é o Teatro Violeta Arraes - Engenho de Artes Cênicas. A arte final da revista, colorida no computador, ajudou a ampliar o conhecimento do nosso grupo porque, juntos com a turma da

Casa Grande Editora, estamos tendo uma oficina de artes gráficas que está nos ajudando bastante e deixando nossas produções com qualidade.

Leia Mais...



A biblioteca da Casa Grande possui um grande acervo, com centenas de livros dos mais variados assuntos, abrangendo desde os escritores clássicos da literatura brasileira e internacional, como Machado de Assis, Monteiro Lobato, bem como os escritores modernos, entre eles, Luís Fernando Veríssimo e os de literatura infantil como Ana Maria Machado, Lígia Bojunga Nunes e Ruth Rocha, entre outros. O acervo conta ainda com muitos volumes sobre música, saúde, educação, poesia, fotografia, cordel, revistas semanais e de quadernhos.

Plugue-se

Oi, eu sou Anderson, sou mais conhecido por Danda. Estou na oficina de Sonoplastia com Alexandre e eu quero aprender, para repassar meus conhecimentos para outras crianças futuramente.

Eu estava na locução do programa Moda de Viola, às 6:00 horas da manhã, de segunda a sábado, mas o que eu gostaria mesmo era de ficar na locução do programa Música Popular Brasileira, um programa de segunda a segunda, que é apresentado por Miguel, o primeiro menino a entrar na Casa Grande.

A Casa Grande FM está sempre procurando informações e músicas de qualidade para os ouvintes. Plugue-se.

Anderson Lima

Programação da Casa Grande FM

SEGUNDA A SEGUNDA

5:00 às 7:00 • Seu Luiz e o Sertão (Aureliano)
 7:00 às 9:00 • Estação da Música (Aécio)
 9:00 às 11:00 • Papo Cabeça (Meirês)
 11:00 às 13:00 • Música Popular Brasileira (Miguel)
 13:00 às 14:00 • Submarino Amarelo (Meninos da Escolinha)
 14:00 às 16:00 • Som da Rua (Samuel)
 16:00 às 17:00 • Repentes e Violas (Luiz Antonio)
 17:00 às 18:00 • Forró de Pé de Serra (Alexandre)
 18:00 às 19:00 • Terço (Luizinho)
 19:00 às 20:00 • Horário da Voz do Brasil (não é transmitido)
 20:00 às 22:00 • Usina do Som (Helhinho)

DOMINGO

6:00 às 8:00 da noite - terço e missa

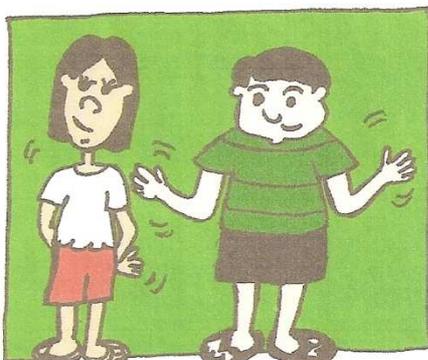
Aniversariantes do mês

Mariana Cristiano
 dia 18 dia 18

Luizinho
 dia 29

A turma da Casa Grande Editora em:

Boin, o Comilão



Valêsca Moura

Humor

O freguês entrou na loja de animais e disse ao vendedor:

— Queria um papagaio que fosse especial.
— Chegou na hora certa! Temos um Bilingüe, se levantar a patinha direita, ele fala inglês. Se levantar a esquerda, fala em francês:

— E se eu levantar as duas patinhas?

O papagaio respondeu:

— Aí eu caio, seu idiota!

João passa horas diante do espelho de olhos fechados.

— O que você está fazendo, João?

— Quero ver com que cara eu fico quando durmo.

O louco liga para o corpo de bombeiros e diz que está pegando fogo no hospício.

Os bombeiros chegam em dois minutos, perguntando logo onde era o fogo.

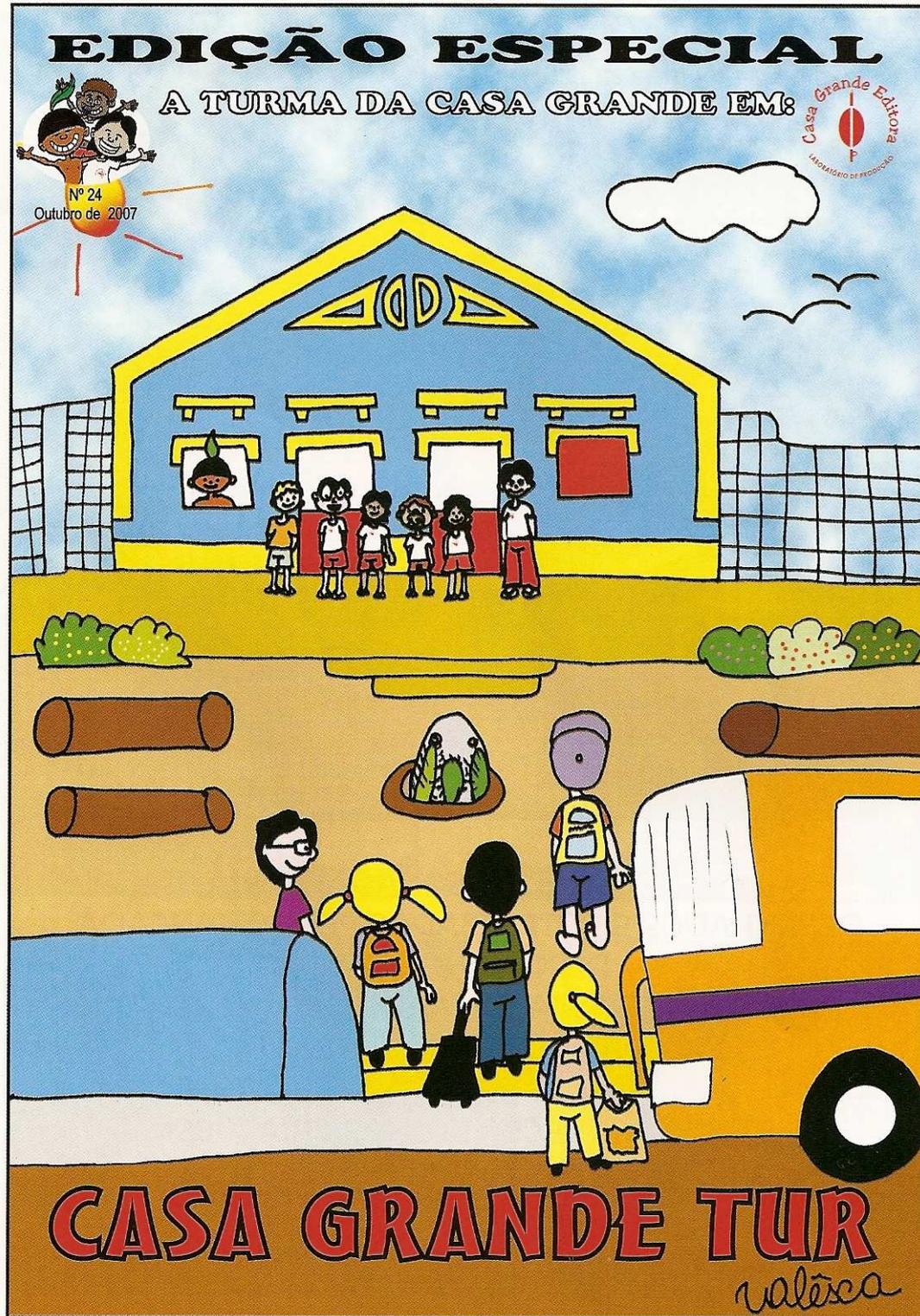
E o maluco:

— Vocês vieram tão depressa que eu nem acendi!

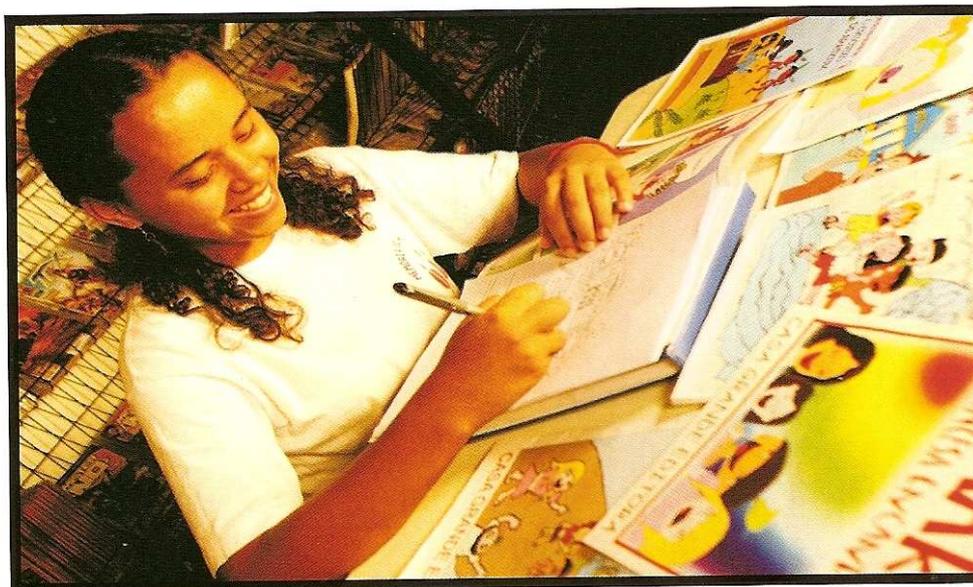
AGRADECIMENTO

Nós que fazemos parte da equipe do Casa Grande Jornal Mural agradecemos a você leitor que leu o nosso primeiro informativo. Este é o resultado da oficina de artes gráficas que está sendo ministrada já há seis meses pelo Paulo Monteiro. A oficina acontece todos os finais de semana, com a finalidade de profissionalizar os jovens da Fundação na área de Artes Gráficas. Esperamos que tenham gostado e contamos com você na próxima quinzena.

ANEXO C – HQ A turma da Casa Grande em: Casa Grande Tur

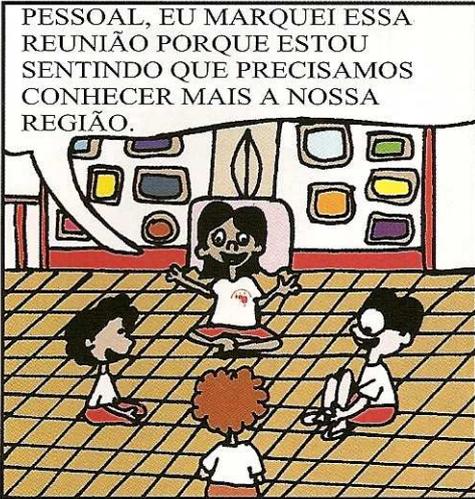


CONHEÇA A CASA GRANDE EDITORA!



O UNIVERSO DOS PERSONAGENS CRIADOS,
DESENHADOS E ROTEIRIZADOS PELA CRIANÇA DA
DE NOVA OLINDA.
A CADA MÊS, UMA NOVA EMOÇÃO NO REINO
ENCANTADO DA CASA GRANDE!

VENHA CONHECER NOSSAS CRIAÇÕES!



POSSO. MAS VOU LOGO DIZENDO QUE VAI DEPENDER MAIS DE CADA UM.



EU VOU DAR ALGUMAS DICAS E AÍ VOCÊS VÃO PESQUISAR. DEPOIS PODEMOS NOS REUNIR PARA CADA UM FALAR O QUE APRENDEU, COMBINADO?



EU SABIA! LÁ VEM TRABALHO!



TAIOCA, DEIXA DE SER PREGUIÇOSO! A HISTORINHA MAL COMEÇOU E TU JÁ QUER BOTAR O CORPO FORA?



CALMA, VOCÊS DOIS! VAMOS PRA FRENTE!

QUEREM DEIXAR KARIUZINHO FALAR, POR FAVOR?

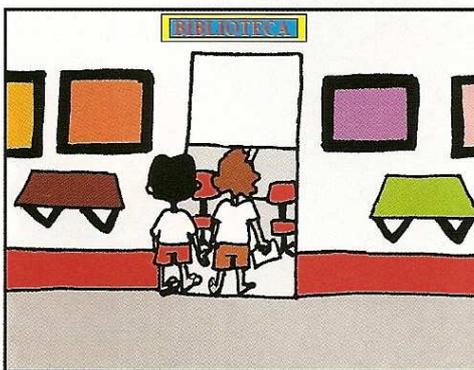
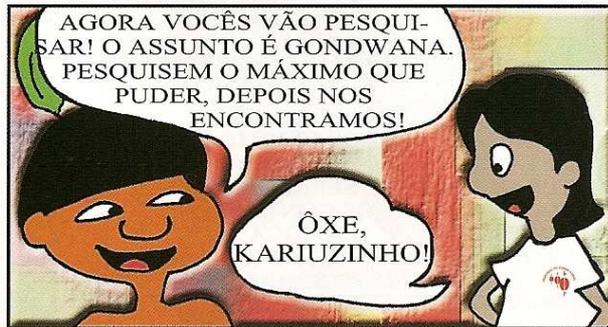


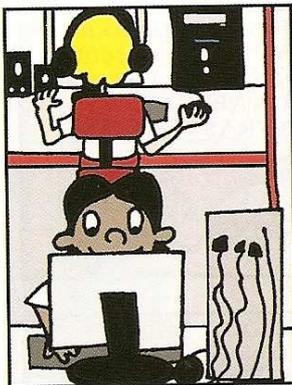
DESCULPE AÍ... TÔ PRONTO PARA O QUE DER E VIER!!!



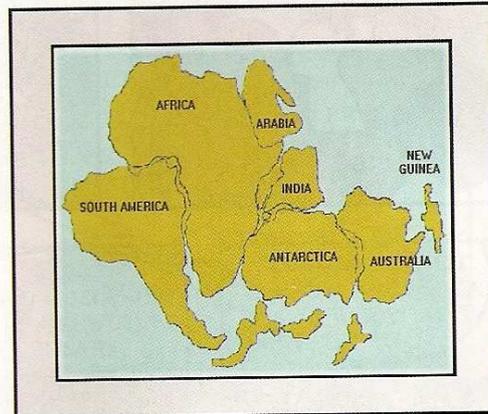
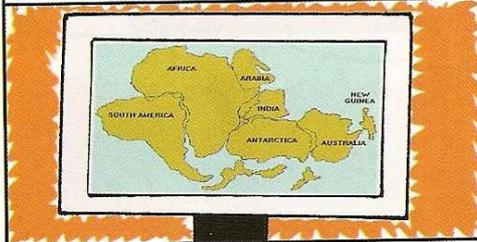
TURMA, A PRIMEIRA COISA QUE TEMOS QUE TER SEMPRE NA MEMÓRIA É: SER UM BOM RECEPCIONISTA SIGNIFICA SABER ENCANTAR...



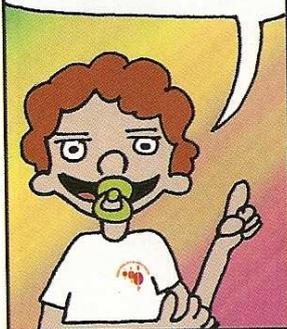




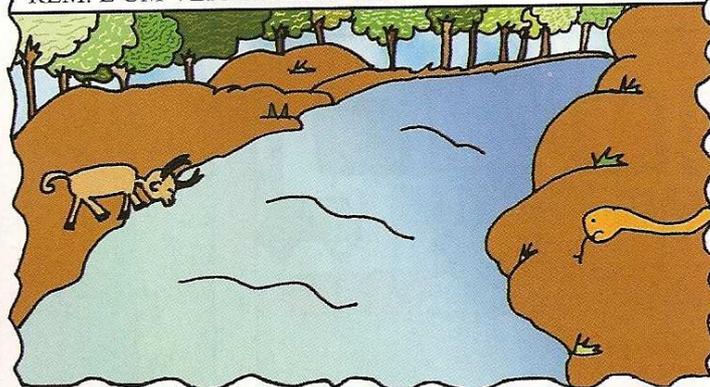
HÁ MILHARES DE ANOS EXISTIA NO PLANETA UM SÓ CONTINENTE: A GONDWANA, QUE SE SEPAROU, FORMANDO TODOS OS CONTINENTES QUE EXISTEM HOJE. A ÁFRICA SE SEPAROU DA AMÉRICA E SURTIRAM OS OCEANOS QUE CONHECEMOS.



EITA! UMA VEZ LEVEI UM GEÓLOGO AO SÍTIO DA MÃE D'ÁGUA. E ELE ME DISSE QUE AQUELA FENDA QUE EXISTE ENTRE AS SERRAS FOI DESSE TEMPO.

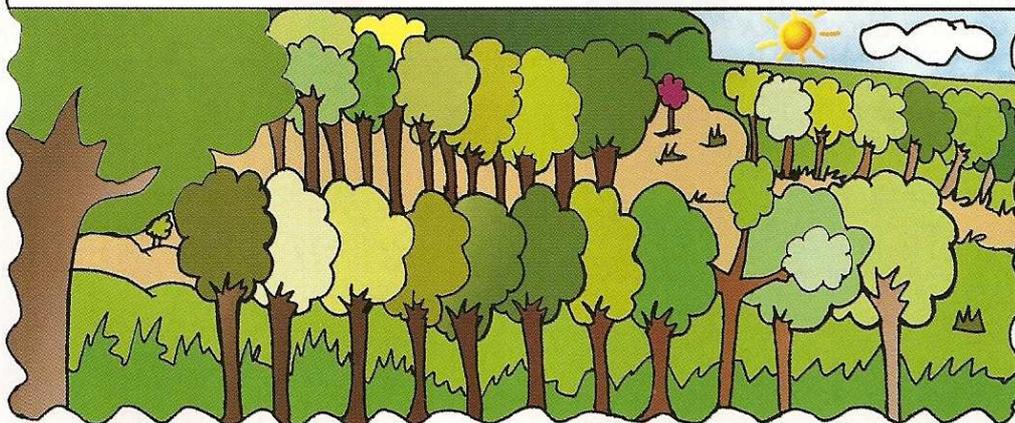


NUMA REUNIÃO FORMATIVA, KARIUZINHO FALOU QUE É POR ISSO QUE O RIO KARIÚS SECA DURANTE O VERÃO, MAS NA CAMA DA MÃE D'ÁGUA TEM ÁGUA O ANO TODO PARA OS ANIMAIS SILVESTRES BEBEREM. É UM VERDADEIRO CALDEIRÃO DE PEDRAS.

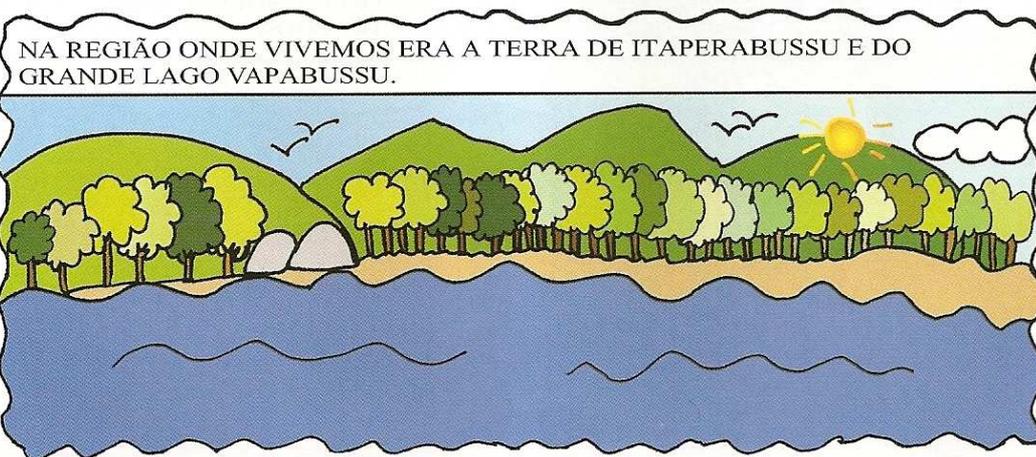




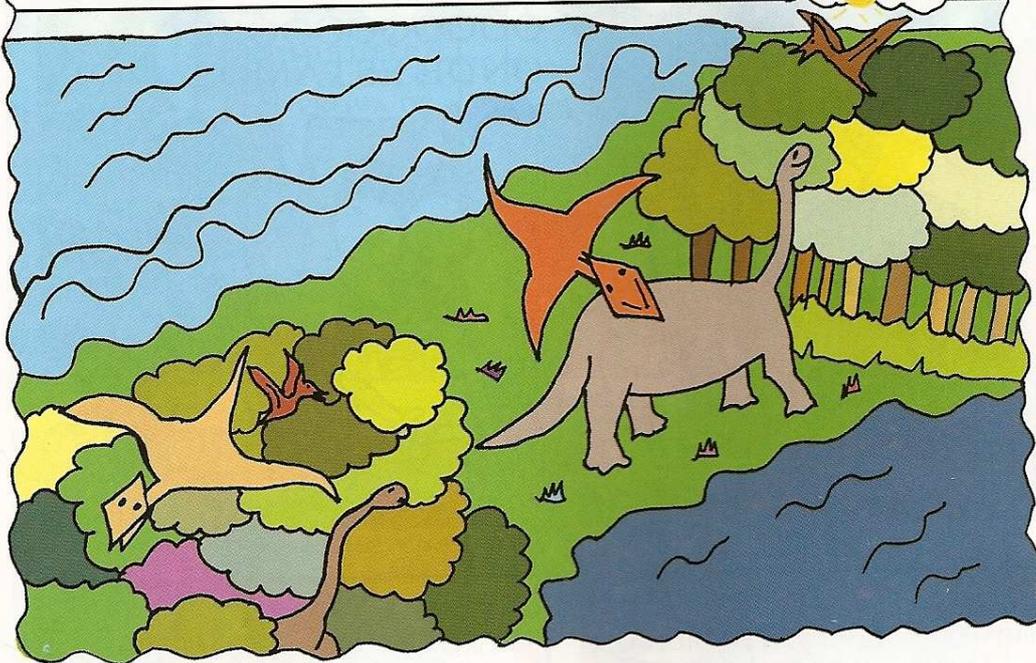
GEOPARQUE É UMA ÁREA TERRITORIAL QUE TEM LIMITES BEM DEFINI-
 DOS E UM NÚMERO SIGNIFICATIVO DE SÍTIOS IMPORTANTES PARA
 O ESTUDO GEOLÓGICO.



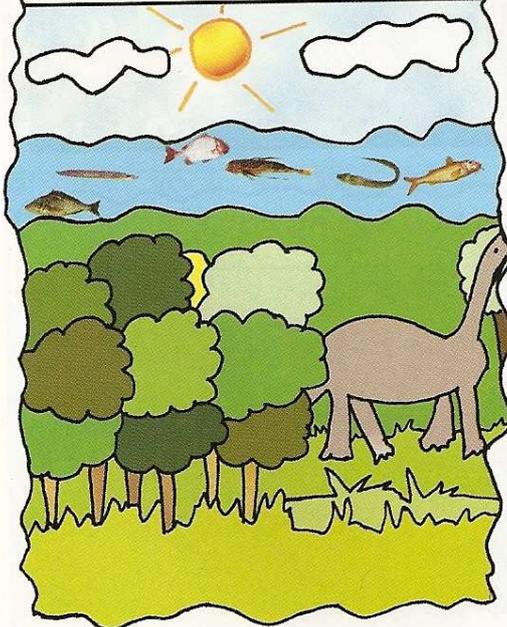




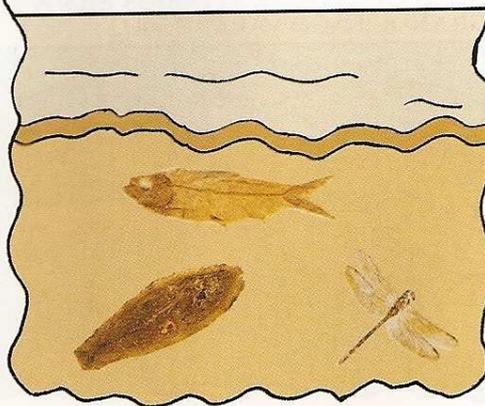
UM DIA O MAR ENTROU AQUI E TRANSFORMOU O LAGO DE ÁGUA DOCE EM LAGO DE ÁGUA HIPER SALINA...



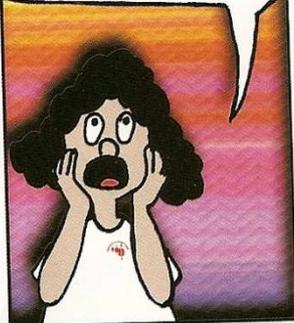
...MATANDO TODOS OS PEIXES...



...COM O TEMPO, O MAR SE RETIROU E OS PEIXES DO LAGO SALGADO FORAM PARA A LAMA DO FUNDO, E OS SEDIMENTOS OS COBRIU TRANSFORMANDO-OS EM FÓSSEIS. AÍ, A REGIÃO SOFREU MAIS UMA TRANSFORMAÇÃO. O FUNDO DO LAGO FOI SOERGUENDO FORMANDO TODA ESSA CHAPADA.



VALEI, MEU PADIM
CIÇO! E EU PENSANDO
QUE O FUNDO DO
LAGO ERA O VALE.

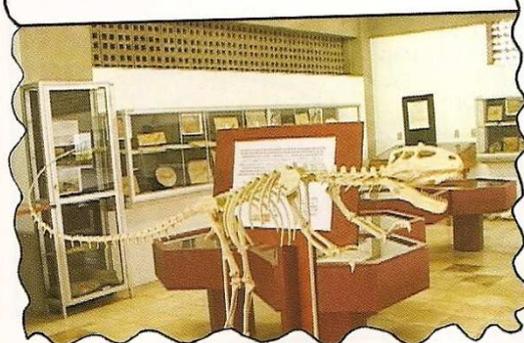


AGORA ESTOU ENTENDENDO
PORQUE A LENDA DIZ QUE A
LAGOA ENCANTADA APARE-
CE EM CIMA DA CHAPADA
DO ARARIPE.

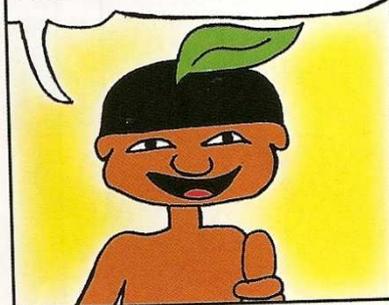


KARIUZINHO,
VOCÊ FALOU DOS
PEIXES E EU LEM-
BREI DO MUSEU DE
PALEONTOLOGIA
DE SANTANA DO
CARIRI.

LÁ É CHEIO DE OSSOS DE DINOSSAUROS
E PEDRAS COM OS PEIXES PETRIFICADOS.



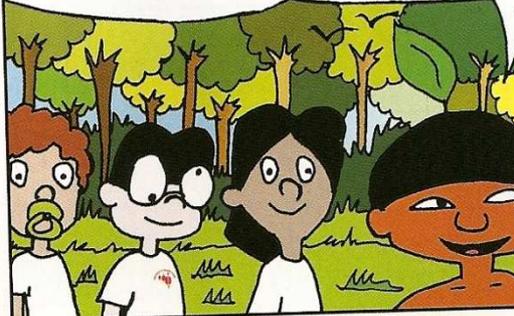
BOA LEMBRANÇA, LINDALVA!
O POVO CHAMA DE PEDRA DE
PEIXE E OS ESTUDIOSOS DE
FÓSSEIS.



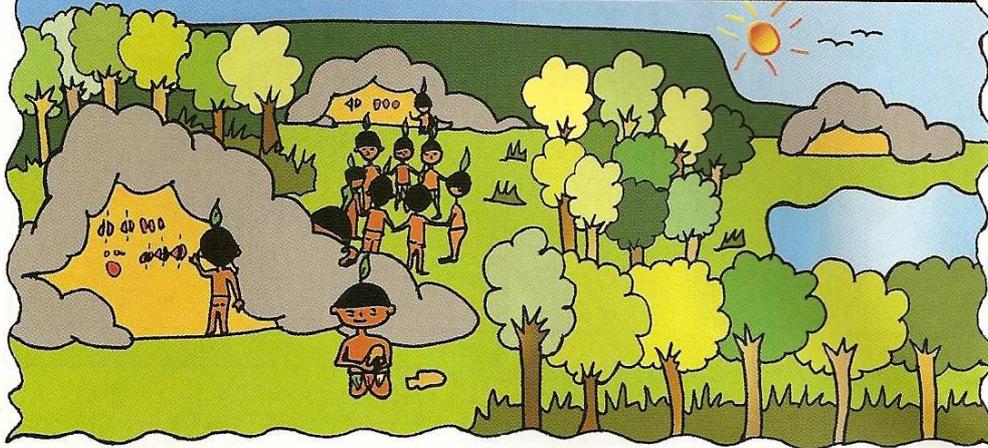
CONTA MAIS, KARIUZINHO!
ESTOU ADORANDO APRENDER
MAIS SOBRE O CARIRI.



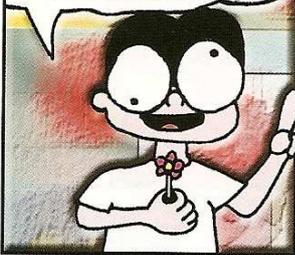
O NOSSO POVO SURTIU AQUI, NA ÉPOCA
EM QUE A HUMANIDADE CIRCULAVA A
TERRA EM BANDOS NÔMADES.



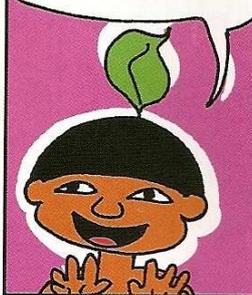
ESSA É A NOSSA TERRA PROMETIDA, A TERRA SEM MALES DOS KARIRI, NOSSO OÁSIS. AQUI NÓS PINTAMOS E GRAVAMOS NOS ABRIGOS ROCHOSOS, DEIXANDO OS REGISTROS RUPESTRES.



EI, TIVE UMA IDÉIA! PRA ESSA HISTÓRIA FICAR AINDA MAIS ANIMADA, QUE TAL A GENTE CANTAR ALGUMAS MÚSICAS?

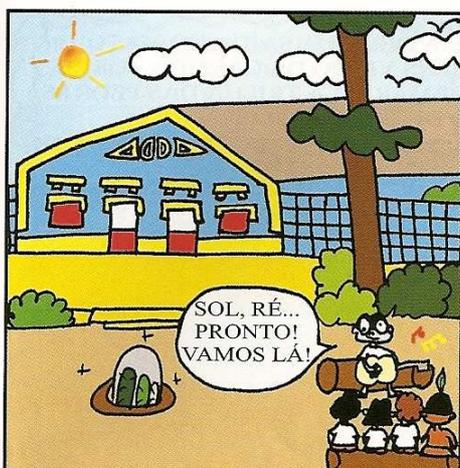


ENTÃO, SE PREPAREM, VAMOS VOLTAR PRA CASA GRANDE!

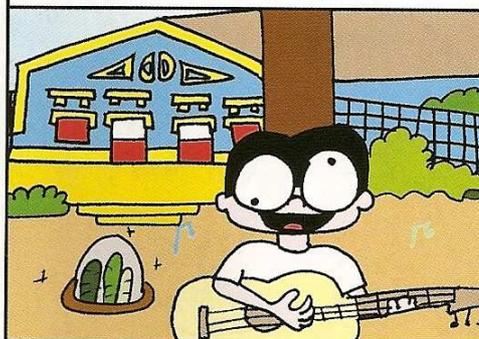


E NA CASA GRANDE...

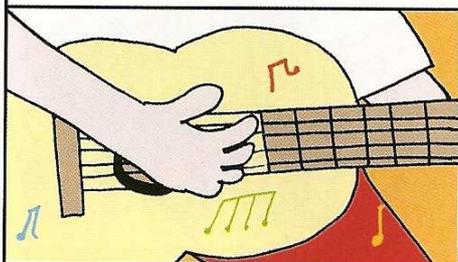




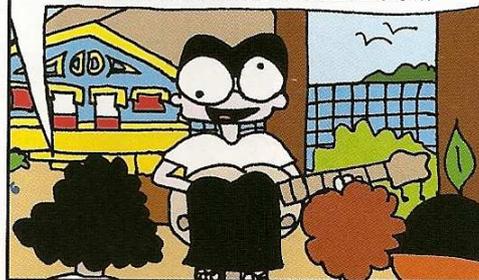
KARIUZINHO É MUITO SAPECA,
QUEM ME CONTOU FOI KARIUZÃO,
O SEU AVÔ O HOMEM DA CAVERNA,
QUE JÁ SABIA FAZER A LIÇÃO...



...KARAKAKA, KEREKEKE, KIRIKIKI,
KOROKOKO, KURUKUKU,
A, E, I, O, U.
SOLETRAVAM OS KARIÚ!



EI, TEM A MÚSICA WAIUCÁ!
EU ACHO QUE EU SEI A LETRA,
É ASSIM: "MANACÁ, JUREMA FORTE,
PEDRA BONITA ENCANTOU..."

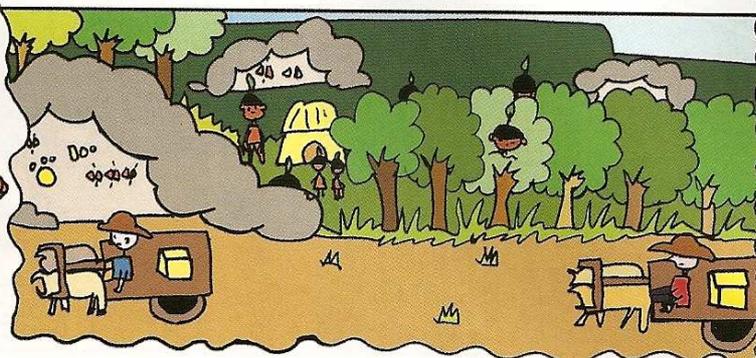


...DANDO A CHAVE IN CANTO IN
BREVE E A PEDRA DE INGÁ
CRAVOU, SELADO EM CLARANÃ,
O PORTAL SE ENCANTOU..."

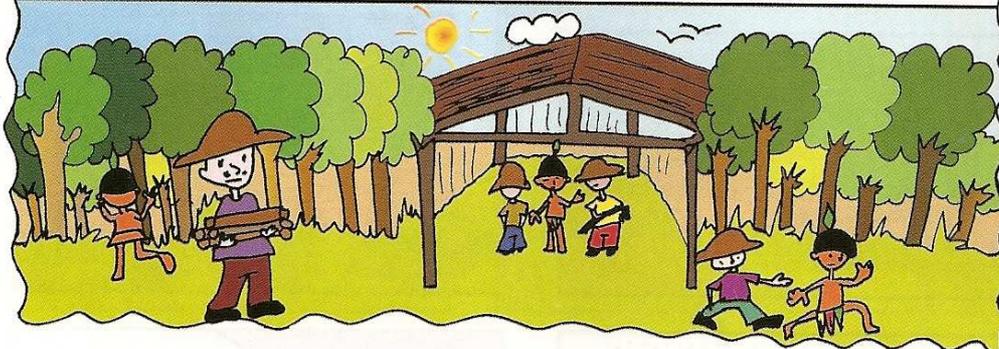




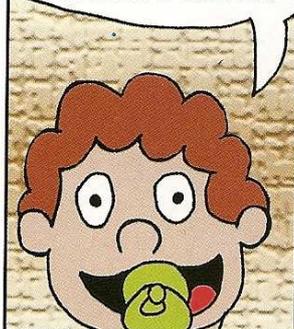
UM DIA, NA NOSSA ALDEIA DE ÁGUA SAÍDA DO MATO, APARECERAM UNS HOMENS VINDO DA CASA DA TORRE DA BAHIA QUE TRANSFORMARAM A TRILHA DAS PEDRAS PINTADAS EM CAMINHO DE GADO.



ESSES HOMENS ERGUERAM UMA TAPERA ENCRUZADA, SEM PAREDES LATERAIS, E OS NOSSOS PARENTES, QUE NÃO QUISERAM SER TRANSFORMADOS EM VAQUEIROS, FUGIRAM PARA A NOSSA DERRADEIRA MORADA, O BURACÃO DOS AZEDO... ENTÃO FOMOS PROIBIDOS DE ADORAR AS ÁRVORES, AS PEDRAS E AS ÁGUAS.



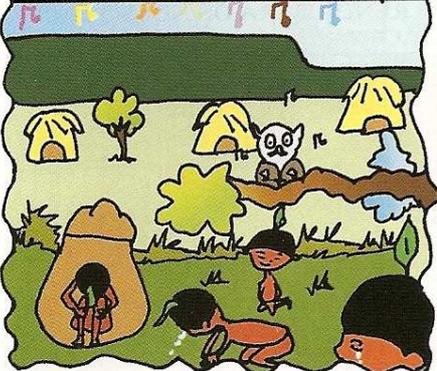
KARIUZINHO, EXATAMENTE COMO DIZ NA MÚSICA A HÓSTIA E CAUIM.



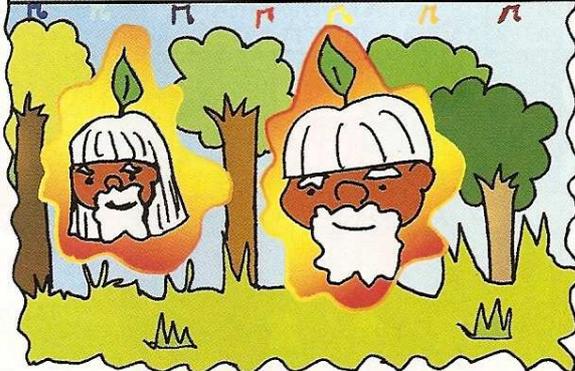
FERRARA, BOTA A SANTA NA OCARA, USA A CRUZ COMO UIRAPARA CATEQUIZA OS KARIRI.



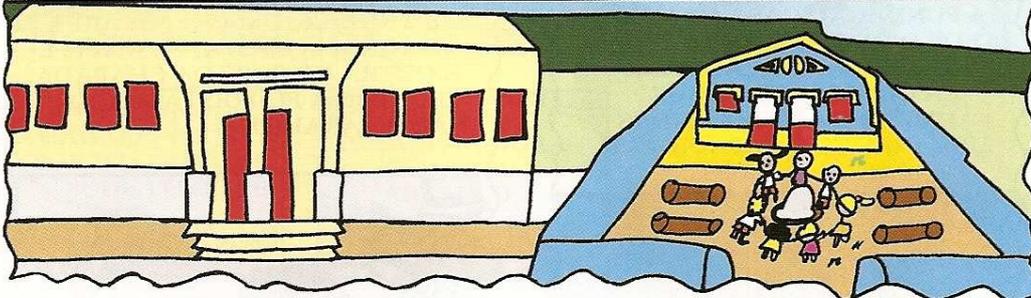
TORÉ, OITIBÓ ROUBOU TUA FA-
LA E GUARDOU NO IGAÇABA,
ANHANGÁ, JURUPARI....



KARIU, KIXERÉU, KURIANENSE, ICÓ, KALA
BAÇA, JUCÁ, A TINGUI E TIMBÓ. NA FAU-
NA, NA FLORA, VAGUEIAM OS CAIPORAS...



DAÍ, NÓS RESOLVEMOS TAPAR AS NASCENTES E NOS INVULTAMOS NA ENERGIA
CULTURAL DO POVO QUE VIVEU PARA RESSURGIR, EM 1992, QUANDO FOI
CRIADA A FUNDAÇÃO CASA GRANDE - MEMORIAL DO HOMEM KARIRI...



POR ISSO APRENDEMOS QUE AQUI
É A MORADA DA LENDA.



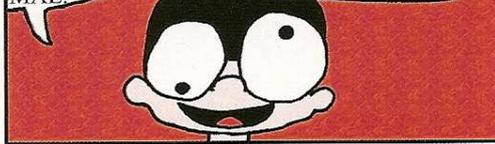
ISSO MESMO, LINDALVA! EU ACHO
QUE VOCÊS APRENDERAM BASTANTE
E ACREDITO QUE VAI AJUDAR
QUANDO FOREM RECEBER OS
VISITANTES QUE VÊM AQUI.



VAI MESMO! AGORA SABEMOS BEM
PORQUE O GRAU MAIS ALTO DA
CASA GRANDE É O DE BOM
RECEPCIONISTA.



ISSO É IMPORTANTE MESMO, POIS TODA
SEMANA TEM VISITANTE SE HOSPEDANDO
LÁ NA POUSADA DOMICILIAR DA MINHA
MÃE.



É KARIUZINHO, DE TANTO VIR GENTE PRA CASA GRANDE, NOSSOS PAIS CRIARAM A COOPAGRAN (COOPERATIVA MISTA DE PAIS E AMIGOS DA CASA GRANDE). SÓ EM 2006 FORAM 28.000 VISITANTES E TURISTAS. A COOPAGRAN É UMA FONTE DE RENDA PARA OS NOSSO PAIS, AJUDANDO SOBRETUDO, NA NOSSA EDUCAÇÃO.



A FUNDAÇÃO CASA GRANDE CEDE O DIREITO DE IMAGEM E COMERCIALIZAÇÃO PARA A COOPERATIVA, QUE ADMINISTRA 10 POUSADAS URBANAS COM CAPACIDADE PARA 40 LEITOS...



... E 2 RURAIS, UMA NUMA ÁREA DE AGROFLORESTA, NO VALE, E A OUTRA NO SOPÉ DA CHAPADA, PRÓXIMO A FLORESTA NACIONAL DO ARARIPE.



E A MINHA MÃE TEM UMA CANTINA DENTRO DA FUNDAÇÃO, QUE SERVE ALIMENTAÇÃO CASEIRA PARA AS TURMAS QUE NOS VISITAM.



SEM ESQUECER QUE NOSSOS PAIS TAMBÉM TÊM AS FÁBRICAS CASEIRAS QUE PRODUZEM ARTESANATO COM A IMAGEM DA CASA GRANDE PRA VENDER NA LOJINHA...



...O PESSOAL QUE NOS VISITA GOSTA MUITO DE COMPRAR PARA PRESENTEAR OU LEVAR DE LEMBRANÇA.



E PRA QUEM QUER CONHECER A REGIÃO, A COOPERATIVA TEM UMA VAN QUE ESTÁ DISPONÍVEL PARA ESPERAR NO AEROPORTO EM JUAZEIRO DO NORTE OU ONDE A PESSOA ESTIVER AQUI NO CARIRI, ALÉM DE CONDUZIR PARA OS OUTROS PONTOS TURÍSTICOS DA REGIÃO.



MENINOS, VOCÊS ESTÃO BEM INFORMADOS, JÁ SOU EU QUE ESTOU COM VOCÊS.



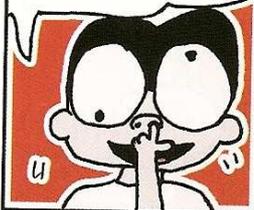
POR ISSO QUE A CIDADE DE VOCÊS GANHOU O SELO DE MUNICÍPIO TURÍSTICO DA EMBRATEL E É O PÓLO TURÍSTICO DO CARIRI OESTE.



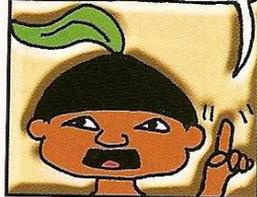
E A CASA GRANDE GANHOU O PRÊMIO UNICEF DE MELHOR PROJETO DE EDUCAÇÃO E O MAIS CRIATIVO DO ESTADO E A ORDEM DO MÉRITO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA.



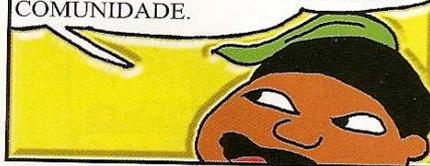
É, KARIUZINHO, NOSSA CIDADE É O PORTAL TURÍSTICO DO CARIRI.



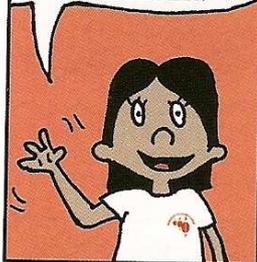
POIS TIRE O DEDO DO NARIZ! QUE TEMOS MUITO AINDA PARA FAZER!



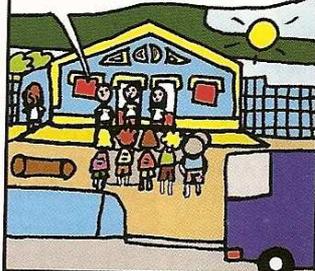
NÃO PODEMOS NOS DESCUIDAR, VAMOS SEMPRE PROCURAR FAZER COM QUE AS PORTAS DA CASA GRANDE CONTINUEM ABERTAS MAIS UM ANO PARA O MUNDO E, ESPECIALMENTE PARA A NOSSA COMUNIDADE.



EI, TURMA, ESTA CHEGANDO UM ÔNIBUS, VAMOS LÁ RECEBER?



BOM DIA E SEJAM BEM-VINDOS À CASA GRANDE.



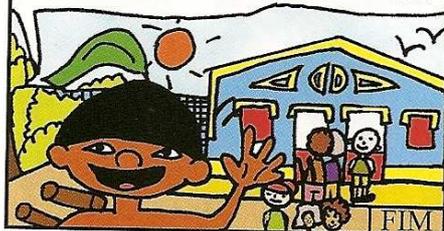
SOU A PRESIDENTE DA COOPERATIVA, E VOCÊS VÃO FICAR HOSPEDADOS NAS NOSSAS POUSADAS.



JÁ FIZEMOS A DIVISÃO DE ONDE VOCÊS VÃO FICAR. ANA, RITA E CICERA NA CASA DE JOANA. PEDRO, LUIZ E JOSÉ...



VOCÊS ACABARAM DE CONHECER O TURISMO DE CONTEÚDO DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE. ATÉ A PRÓXIMA!



A TURMA DA CASA GRANDE EM:

CASA GRANDE TUR

Nº 24 OUTUBRO DE 2007

UMA PRODUÇÃO:



Roteiro: Meires Moreira
 Desenho: Valêscia Moura
 Arte Finalização: Jenfte Alencar
 Diagramação: Jenfte Alencar
 Meires Moreira
 Músicas: Alemberg Quindins
 Rosiane Limaverde

Esta revista é um produto pedagógico elaborado pelos alunos dos laboratórios de produção da Escola de Comunicação da Meninada do Sertão da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri. CNPJ 41.337.569/0001-24

CONHEÇA A GIBITECA DA CASA GRANDE!



MAIS DE 2.600 TÍTULOS DE GIBIS DE REFERÊNCIA
POR AUTORES, ROTEIRISTAS E DESENHISTAS.
RARIDADES, LIVROS SOBRE O UNIVERSO DOS
QUADRINHOS E BONECOS ARTICULADOS,
FORMANDO GESTORES E LEITORES.

VENHA NOS FAZER UMA VISITA!

E aí pessoal,
gostaram do gibi?
Não percam, em
2008, o documentário
"Casa Grande Tur"

Nós da TV
Casa Grande já
estamos gravando
um DVD bem
legal!

Também com a
parceria do
SEBRAE - CE!



UM PROJETO:



PRODUÇÃO:



APOIO:



ANEXO D – Projeto em desenvolvimento na FCG de Educação Patrimonial



PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL:

ARQUEOLOGIA DA CHAPADA DO ARARIPE

'Conhecer, preservar e formar gestores de educação patrimonial'.

Nova Olinda, Ceará/ 05 de Novembro 2007



PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL:

ARQUEOLOGIA DA CHAPADA DO ARARIPE

'Conhecer, preservar e formar gestores de educação patrimonial'.

Nova Olinda, Ceará/ 05 de Novembro 2007

1-Introdução

O Projeto: *ARQUEOLOGIA DA CHAPADA DO ARARIPE*, 'Conhecer, preservar e formar gestores de educação patrimonial' aqui apresentado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, é uma proposta de educação patrimonial com a finalidade de implantar uma política de preservação regional dos sítios arqueológicos e de conservação dos registros rupestres.

Unindo educação e pesquisa, o projeto pretende através de um dinâmico e sistemático programa de formação, trabalhar para a identificação dos bens culturais de natureza material e imaterial, os sítios arqueológicos e mitológicos do Cariri, para *formação de um banco de dados que revelará o patrimônio cultural e a evolução da ocupação populacional da Chapada do Araripe em sua pré-história, servindo de instrumento para a aplicação das políticas públicas de preservação do IPHAN.*

As Linhas de Ações do Projeto são:

- A pesquisa e elaboração do Inventário de bens culturais arqueológicos e mitológicos dos Municípios que compõe a região do Cariri, Ceará, integrantes da APA Araripe, para a implantação de uma política cultural de educação, preservação e difusão.
- A efetivação do Memorial do Homem Kariri (Nova Olinda, Ceará) como o espaço cultural (*museu*) que reunirá todas as informações inventariadas para fins de guarda em acervo, pesquisa e análise laboratorial; educação patrimonial e divulgação.
- A formação de gestores de educação patrimonial:
 - A Capacitação de crianças para o receptivo dos Museus do Cariri.
 - A capacitação e valorização dos gestores de educação patrimonial autodidatas, para a realizações de monitoria nos Municípios da região.
 - A capacitação de monitores para a conservação dos sítios de registros rupestres.

Este projeto é uma proposta da Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri e será gerido:

- Em convênio de parceria com a Universidade Regional do Cariri- URCA,
-

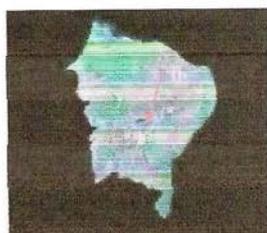
- O Ministério da Cultura, através do programa **Pontão de Cultura**¹ e IPHAN.
Terá como parceiros para ações de preservação e capacitação:
- Às prefeituras dos Municípios que compõe a região do Cariri, Ceará, integrantes da APA Araripe,
- A Fundação Araripe,
- O Geo Park Araripe,
- O Museu de Paleontologia de Santana do Cariri,
- O Memorial do Patativa do Assaré,
- A Secretaria de Educação do Estado do Ceará
- *Com apoio técnico científico dos pesquisadores e alunos da Fundação Casa Grande, Universidade Regional do Cariri, URCA, Geo Park Araripe e equipe do Núcleo de Estudos arqueológicos da Universidade Federal do Piauí-NEA.*

¹ Projeto aprovado em primeiro lugar com a nota máxima 10, no edital de Pontão de Cultura 2007.

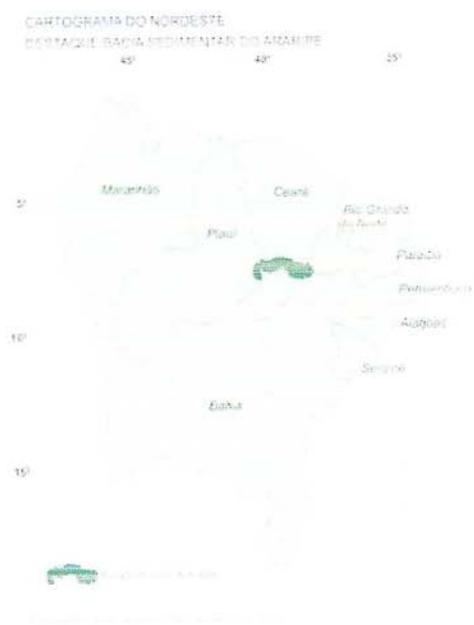
2- Justificativa

2.1. Apresentação da área de pesquisa.

O nosso projeto se desenvolverá tendo como objeto de estudo e preservação os sítios arqueológicos e mitológicos localizados nos municípios que integram a Área de Proteção Ambiental do Araripe- APA Araripe.



* Embrapa



A Chapada do Araripe delimita geograficamente três estados: Ceará, Pernambuco e Piauí; tem uma forma tabular, medindo cerca de 180 quilômetros de comprimento no seu maior eixo leste/oeste, e com uma variação de cerca 30 a 70 quilômetros de largura no seu eixo norte/sul. No topo da Chapada, a sua área é de 7.500 quilômetros quadrados e sua altitude varia de 1000 a 700 metros. Suas coordenadas geográficas são: 38o30' a 40o55' de longitude Oeste de Greenwich e 7o07' a 7o49' de latitude sul. O seu território envolve em termos geográficos dois espaços do Nordeste:

- A bacia sedimentar do Araripe: constituída de uma zona comprida, alta, que é o topo da chapada, e de uma zona mais limitada, que é o sopé das encostas da chapada. *Esta zona limitada é mais ampla ao norte, no estado do Ceará.*
- Os setores em volta da bacia: ao norte, a depressão sertaneja setentrional; ao sul, parte da depressão sertaneja meridional; ao oeste, parte do complexo Ibiapaba.

Em termos ambientais, a Chapada do Araripe envolve três tipos de territórios:

- A Área de Proteção Ambiental do Araripe (APA- 1997) no centro com uma vegetação mais abundante: a Floresta Nacional do Araripe (FLONA- 1946).
- Áreas extensas no entorno da APA, semi-áridas, que devido à ação antrópica estão passando por um processo de desertificação parcial.
- Áreas urbanas, em processo de modernização.

Ao norte, a natureza do subsolo dessa bacia sedimentar torna a Chapada do Araripe um grande reservatório de água (aquíferos), dando origem às inúmeras fontes de pés de serra: O Cariri cearense.

2.2. Antecedentes históricos:

As pesquisas arqueológicas atualmente desenvolvidas no Nordeste do Brasil, têm o objetivo de conhecer os caminhos migratórios percorridos pelo homem pretérito e estudar os vestígios de sua cultura material e imaterial.

A Chapada do Araripe representa no contexto arqueológico nordestino um lugar ímpar para a vida humana desde a pré-história, quando bandos de caçadores e coletores em busca de um refúgio ambiental fugiam da aridez do sertão. Foi nesse contexto que se manifestou uma cultura material e intangível diversificada, oriunda de diferentes grupos

humanos que no ambiente do Araripe conviveram atraídos pelas fontes perenes do sopé da chapada que alimentavam o fértil vale do Cariri.



- Sítios de Registros Rupestres do Araripe, CE.
- Sítios líticos e Cerâmicos do Araripe, CE.

Desde os meados do século XX que os achados casuais da arqueologia do Cariri foram publicados por historiadores da região. Alguns desses achados hoje integram a coleção do Museu Histórico do Crato, outros achados porém perderam-se nas mãos de particulares sem que fossem sequer estudados. Em 1992, A **Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri**, criou um **Museu** para contar a história do indígena e sua cultura, juntando em acervo uma coleção de referência sobre a pré-história do homem na Chapada do Araripe, apresentados em acervo lítico, cerâmico e de registros rupestres. Todas as peças pertencentes ao acervo do Memorial foram encontradas em descobertas fortuitas e doadas por particulares para formar uma coleção de referência.



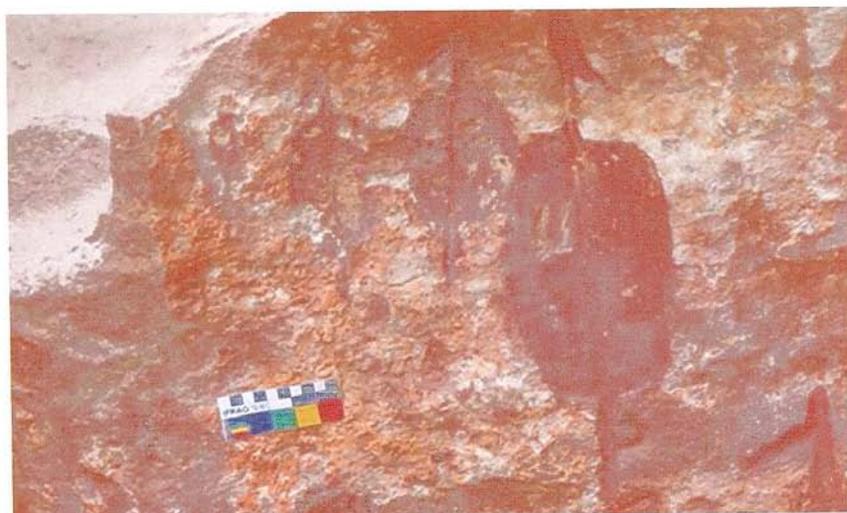
-Aula de Educação patrimonial no Memorial do Homem Kariri



- Cerâmica pintada- Barbalha-CE

A Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri com seus objetivos estatutários de juntar em acervo; mas também, preservar, divulgar e difundir para fins de estudo e recreação a cultura material e imaterial do homem Kariri, recebeu em 2006 uma visitação 28 mil turistas, em sua maioria estudantes, contribuindo assim com a socialização da ciência e da cultura.

Para a consolidação dos seus objetivos a Fundação Casa Grande investiu com apoio da ASHOKA e Interamerican Foundation, a partir de 2004, na formação de profissionais na área da ciência arqueológica. Em 2006 foi apresentado a dissertação de Mestrado em Arqueologia e Preservação do Patrimônio de Rosiane Limaverde, que teve como tema "Os registros rupestres da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil. Esta pesquisa concluiu através dos dados geomorfológicos e ambientais levantados, que o Araripe com suas vertentes úmidas, no Pleistoceno Final e início do Holoceno constituiu-se sempre uma paisagem de exceção o que facilitou e atraiu grupos humanos para o seu ambiente. Através da análise dos registros rupestres, foram segregadas as identidades gráficas diversas na área em estudo que não se enquadraram no contexto das Tradições de pinturas e gravuras já pesquisadas no Nordeste do Brasil. A referência foram as pesquisas à cerca da Tradição Nordeste de Pinturas que tem cronologicamente suas primeiras representações a 12.000 BP, evoluindo durante os 10.000-8.000 anos seguintes, quando surgem dispersões populacionais para outras áreas.

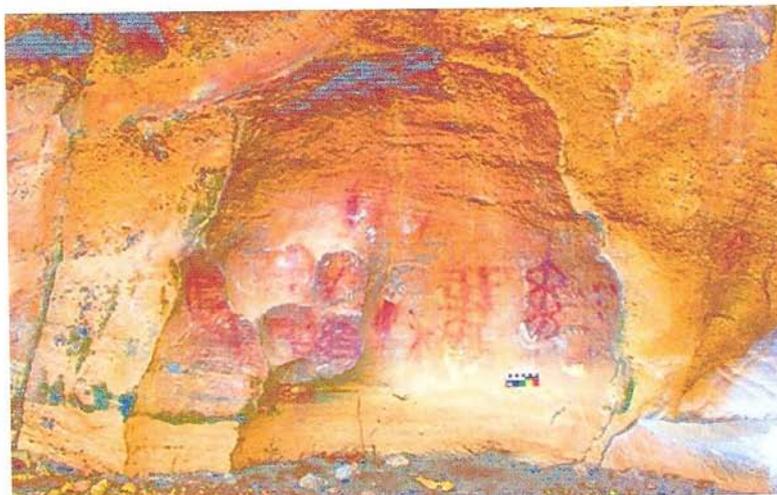


As Gravuras Pintadas de Santa Fé, em Crato- Ce

Foi confirmado à hipótese de uma diversidade gráfica para os registros rupestres da área em estudo, através da variedade de características dos perfis gráficos analisados e do estudo das superposições gráficas presentes nos painéis de registros rupestres gravados e/ou pintados. Essa diversidade gráfica foi o produto pictórico de grupos sociais distintos que alcançaram o Araripe em busca de um refúgio ambiental para suas sobrevivências, em tempos cronológicos diversificados, provavelmente durante as várias flutuações climáticas no Pleistoceno Final ou início do Holoceno .

Como não foi trabalhado diretamente as cronologias, não foi possível precisar quando chegaram esses grupos e nem tão pouco as rotas de acesso utilizadas para adentrar o Araripe. Apenas foram assinalados tempos gráficos distintos, de acordo com a análise dos suportes e das superposições gráficas presentes nos painéis de registro rupestres.

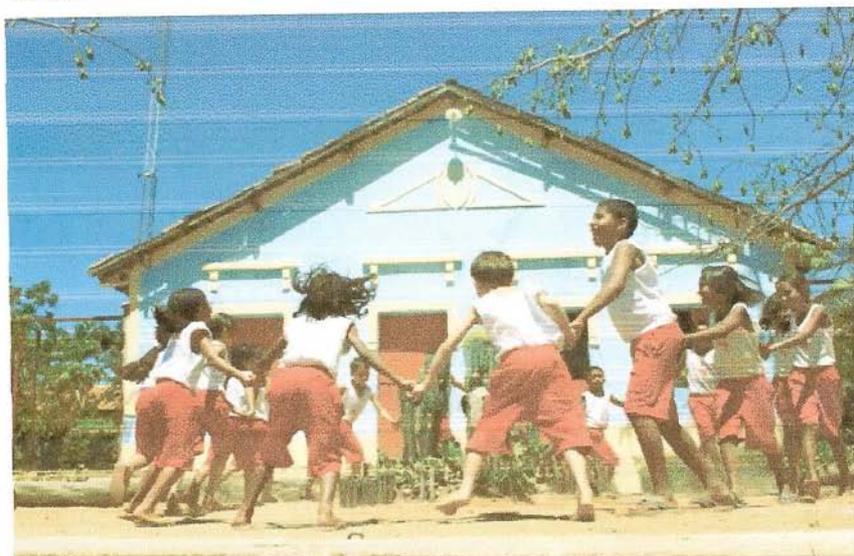
No resultado da análise gráfica, pode-se observar que os grafismos da área pesquisada fazem parte de um contexto arqueológico onde predomina a diversidade de identidades gráficas.



Sítio Olho D'Água, Nova Olinda-Ce.

Esperamos que esse projeto possa contribuir para os estudos futuros dos grupos humanos pretéritos que habitaram o Araripe antes da chegada da colonização ao sul do Ceará, no século XVIII. Segundo relatos proto-históricos e históricos, foram encontrados no Cariri cearense os grupos humanos pertencentes à família tronco-linguística Kariri. Apesar dessa referência, encontram-se no acervo do Memorial do Homem Kariri uma coleção lítica e cerâmica que aponta também para uma diversidade cultural. Se faz necessário que no Cariri, as pesquisas arqueológicas avancem para preenchermos uma lacuna existente hoje na pré-história do Nordeste do Brasil.

2.3. A Fundação Casa Grande e sua formação de crianças e jovens gestores do patrimônio cultural



Crianças brincando na frente do Memorial do Homem Kariri

São os pequenos meninos e meninas do sertão do Cariri, os recepcionistas e guias do Memorial. Desde que a Fundação surgiu através da restauração do primeiro casarão “a Casa Grande”, (como é conhecida), as crianças foram atraídas por aquela novidade, um museu na pequena cidade de três mil habitantes; e se identificaram com o acervo coletado de lendas e mitos regionais. Com o passar dos dias, a novidade do museu foi dando lugar ao sentimento de *apropriação do espaço*, um ambiente onde os mitos e lendas contadas pelos os avós, estavam personificados e justificado em sua importância conjuntamente com o cachimbo e a machadinha dos antigos parentes indígenas. A comunidade com sua auto-estima valorizada através dos seus mais dignos representantes, às crianças, apreenderam o significado do Memorial do Homem Kariri como parte de suas vidas.

difusão e experimentação do conhecimento junto à comunidade, foram criados os laboratórios de produção: laboratório do museu, rádio FM, estúdio de TV, estúdio de gravação, editora, brinquedoteca, parquinho e o Teatro Violeta Arraes- Engenho de Artes Cênicas, voltado a produção de espetáculos e formação de platéia.



TV Casa Grande



Casa Grande FM



Teatro Violeta Arraes- Engenho de Artes Cênicas



Com o tempo, os programas da Fundação além da Memória, também se ampliaram para as Artes, a Comunicação e o Turismo. Em 2002 a Fundação Casa Grande recebeu do Governo do Estado do Ceará e equipado pelo BNDES, o Teatro Violeta Arraes ampliando o atendimento à comunidade nas áreas de música, cinema, teatro e dança. A comunicação foi inserida nesse contexto como mais uma ferramenta de *ampliação do repertório*. Foi criada a *Rádio comunitária FM* e a *TV Casa Grande*. Com a entrega da medalha da Ordem do Mérito Cultural em 2004 e a inclusão como “Ponto de Cultura” do MINC, foi possível criar uma DVDteca com um acervo de mais de 1.200 títulos de cinema para pesquisa. O ano passado com recursos da Fundação Kellogg, uma Gibiteca foi montada para o estudo e produção da arte seqüencial. Outros espaços como biblioteca, brinquedoteca e até o parquinho rústico vem somando o espaço que se tornou uma referência nacional. Hoje a fundação atende 70 crianças e jovens que se formam e multiplicam o conhecimento.

Como resultado desse trabalho, Nova Olinda se tornou a cidade da Fundação Casa Grande. O trabalho educacional se tornou uma referência, no Brasil e fora dele. Uma cooperativa de pais e mães foi criada para o gerenciamento das atividades turísticas no município, gerando renda para as famílias. Com apoio do UNICEF, a pedagogia da Casa Grande chegou a países pares, como Moçambique e Angola (África), capacitando crianças comunicadoras de língua portuguesa naqueles países, dando voz e vez na criação de programas de rádio de criança para criança. A injeção de recursos estaduais e federais foi crescendo, à medida que os braços da Casa Grande foram alargando sua área de abrangência. Com isso, a cidade ficou mais limpa, mais bonita, mais cuidada. Os habitantes desse pequeno e longínquo município passaram, a partir do conhecimento de sua história e de sua origem, a ter escolhas e propósitos de vida mais amplos, horizontes mais largos. O caminho até a universidade ficou mais curto.

Passados 15 anos, os habitantes de Nova Olinda entenderam que um povo que conhece sua identidade é um povo mais feliz. E aprenderam que o grande mérito de quem é feliz é ajudar o mundo a ser mais feliz também.

3- Objetivos

3.1. Objetivo geral:

Identificar os bens culturais de natureza material e imaterial, os sítios arqueológicos e mitológicos do Cariri, para formação de um banco de dados que revelará o patrimônio cultural e a evolução da ocupação populacional da Chapada do Araripe em sua pré-história, servindo de instrumento para a aplicação das políticas públicas de preservação do IPHAN.

3.2. Objetivos específicos:

- Elaborar inventário de bens culturais arqueológicos e mitológicos dos Municípios que compõe a região do Cariri, Ceará, integrantes da APA Araripe. para a
- Implantar de uma política cultural de educação, preservação e difusão.
- Efetivar o Memorial do Homem Kariri (Nova Olinda, Ceará) como o espaço cultural (eco-museu) que reunirá todas as informações inventariadas para fins de guarda em acervo, pesquisa e análise laboratorial; educação patrimonial e divulgação.
- Formar gestores de educação patrimonial.
- Capacitar crianças para o receptivo dos Museus do Cariri.
- Capacitar e valorizar os gestores de educação patrimonial, autodidatas, para ações de monitoria nos Municípios da região.
- Capacitar monitores para a conservação dos sítios de registros rupestres.

4- Plano de Trabalho

4.1. Etapas de Realização do Programa:

PLANO

O conhecimento é o princípio da preservação. Sua realização se dará em quatro etapas: *Plano, inventário, formação e divulgação.*

- O Plano de Inventário define os objetivos e critérios de identificação específicos para cada município que indicarão áreas e bens a serem inventariados priorizados por meio de um cronograma. A Fundação Casa Grande e URCA em acordo com os municípios indica no cronograma o que inventariar e quando.

- A metodologia do plano de inventário adotada pelo programa apresenta três atividades vinculadas em um período definido: a capacitação de agentes para identificação de bens culturais, cadastro e atualização dos dados levantados e arquivamento de documentos de pesquisa.

INVENTÁRIO

Será elaborado um Roteiro de Preenchimento com orientações sobre o preenchimento das fichas cadastrais para as categorias de bens culturais de acordo com a legislação do IPHAN e ICOMOS . A Fundação Casa Grande poderá adotar suas fichas em formatação própria, apresentando no mínimo os campos de informação indicados para cada categoria, podendo, no entanto, ser complementado com outros campos a critério e necessidade locais. Desde a década de 80, novos campos de informação foram acrescentados às fichas de identificação e outras categorias foram incluídas - cartografia, arquivos, patrimônio arqueológico e sítios naturais. O cadastro de patrimônio imaterial apresenta um roteiro específico de acordo com a manifestação a ser cadastrada. Será incluído um amplo acervo de áudio visual sobre os bens cadastrados que comporão o banco de imagens na Fundação Casa Grande.

A FORMAÇÃO

O objetivo da formação é a implantação de uma política regional de educação, preservação e difusão que tem como formador o Memorial do Homem Kariri (Nova Olinda, Ceará) como o espaço cultural (eco-museu) que reunirá todas as informações inventariadas para fins de guarda em acervo, pesquisa e análise laboratorial; educação patrimonial e divulgação.

As ações de formação serão voltadas a capacitação de:

- Gestores de educação patrimonial atuantes nos municípios.
- Crianças para o receptivo dos Museus do Cariri.
- Gestores de educação patrimonial, autodidatas, para ações de monitoria nos Municípios da região.
- Monitores para a conservação dos sítios de registros rupestres.

As capacitações acontecerão com apoio da equipe técnico científica da Fundação Casa Grande e Núcleo de estudos arqueológicos da Universidade Federal do Piauí ou outras instituições congêneres.

A DIVULGAÇÃO

A etapa final é a divulgação, fundamental para a validação de todo o trabalho. A difusão do conhecimento se dá pela veiculação de informações sobre o acervo cultural junto ao poder público e diversos setores da sociedade civil por meio de diferentes mídias - textos, imagens, vídeos, áudio - e produtos tais como cd-rom, vídeos, publicações, exposições, educação patrimonial, e exposição do acervo no Memorial do homem Kariri.

5- Fonte dos Recursos

Linhas de ação	Materiais	Institucionais	Humanos
A pesquisa e elaboração do Inventário de bens culturais arqueológicos e mitológicos dos Municípios que compõe a região do Cariri, Ceará, integrantes da APA Araripe, para a implantação de uma política cultural de educação, preservação e difusão.	Fundação Casa Grande e Municípios	Municípios envolvidos, URCA, MINC/IPHAN	Equipe técnica científica do projeto: Fundação Casa Grande, NEA-UFPI e Geo Park Araripe
A efetivação do Memorial do Homem Kariri (Nova Olinda, Ceará) como o espaço cultural (museu) que reunirá todas as informações inventariadas para fins de guarda em acervo, pesquisa e análise laboratorial; educação patrimonial e divulgação.	Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri através dos seus parceiros	URCA, MINC/IPHAN	Equipe técnica científica do projeto: IDEM
A formação de gestores de educação patrimonial	Fundação Casa Grande-Projeto Pontão de Cultura do MINC	URCA, MINC/IPHAN; Fundação Araripe	Equipe técnica científica do projeto: IDEM
A capacitação e valorização dos gestores de educação patrimonial "autodidatas" para ações de monitoria nos Municípios da região.	Fundação Casa Grande-Projeto Pontão de Cultura, Municípios	URCA, MINC/IPHAN, Geo Park Araripe	Equipe técnica científica do projeto: IDEM
Capacitação de Monitores para a conservação dos sítios de registros rupestres	Fundação Casa Grande/Municípios/IPHAN	URCA, MINC/IPHAN	Equipe técnica científica do projeto: IDEM



6 -Bibliografia

- FIGUEIREDO FILHO, José. (1964). História do Cariri. Crato. Faculdade de Filosofia.
- GOMES, Antonio Gomes de. (1971). A cidade de Frei Carlos. Faculdade de Filosofia. Crato.
- LIMAVERDE, Rosiane. (2006). *Os Registros rupestres da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil*. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio, Recife, UFPE.
- PINHEIRO, Irineu.(1950). O Cariri. Fortaleza, Editora Fortaleza.Instituto Cultural do Cariri.
- STURDART, Carlos.(1939). As tribus indígenas do Ceará. In GIRÃO, Raimundo & MARTINS FILHO, Antônio. O Ceará. Fortaleza, Editora Fortaleza.Pág. 124-130.

Rosiane Limaverde

Arqueóloga responsável pelo projeto

Francisco Alembert de Souza Lima

Diretor-Presidente da Fundação Casa Grande